Eleito o livro jovem do ano

Time | Entertainment Weekly | Publishers Weekly



Redoma

MEG WOLITZER

GLOBO Alt

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

SILVIA PLATH
A REDOMA DE VIDRO

Redoma

Meg Wolitzer

Tradução
Alexandre Raposo



Copyright © 2014 Meg Wolitzer
Copyright da tradução © 2015 Editora Globo S.A.

Publicado segundo acordo com a William Morris Endeavor, Nova York.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

Título original: *Belzhar*

Editor responsável: Amanda Orlando
Editor assistente: Lucas de Sena Lima
Editor de arte: Diego de Souza Lima
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Diagramação: Dito e Feito Comunicação
Tradução: Alexandre Raposo
Preparação: Silvia Massimini Felix
Revisão: Huendel Viana e Erika Nakahata
Projeto gráfico original do miolo: Laboratório Secreto
Capa: Kristin Smith
Foto da capa: Michael Miranda

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Wolitzer, Meg
W842b

A redoma / Meg Wolitzer ; tradução Alexandre Raposo. – 1ª ed. –São Paulo : Globo Livros, 2015.
il.

Tradução de: Belzhar
ISBN 978-85-250-6165-2

1. Ficção juvenil americana. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

14-18786 CDD: 028.5
CDU: 087.5

1ª edição, 2015

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Jaguaré, 1.485 — 05346-902 — São Paulo — Brasil
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Ilustração
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
Agradecimentos
Notas

Para os meus filhos, Gabriel e Charlie

Prólogo

Fui mandada para cá por causa de um garoto. Seu nome era Reeve Maxfield, eu o amava e então ele morreu, e quase um ano se passou e ninguém sabia o que fazer comigo. Por fim, ficou decidido que o melhor seria me enviarem para cá. Mas, se você perguntar a qualquer funcionário ou membro do corpo docente, eles insistirão que fui matriculada aqui por causa dos "efeitos remanescentes do trauma". Essas são as palavras que meus pais escreveram no meu pedido de admissão no Celeiro, que é descrito no folheto como um internato para adolescentes "emocionalmente frágeis e altamente inteligentes".

Na linha onde se lê "motivo para o aluno estar ingressando no Celeiro", seus pais não podem escrever "Por causa de um garoto".

Mas é a verdade.

Quando pequena, eu amava minha mãe, meu pai e meu irmão, Leo, que me seguia por toda parte dizendo: "Jammy, *espere*". Quando fiquei mais velha, eu adorava meu professor de Matemática do nono ano, o sr. Mancardi, mesmo que minhas aptidões na discilplina fossem muito abaixo do normal.

— Ah, Jam Gallahue, bem-vinda — dizia o sr. Mancardi quando eu chegava atrasada à primeira parte da aula, com o cabelo ainda molhado do banho; às vezes, no inverno, com as extremidades congeladas como pequenos gravetos. — Fico emocionado por você ter decidido se juntar a nós. — Ele nunca dizia isso num tom de voz desagradável. Na verdade, eu acho que ele ficava emocionado mesmo.

Eu me apaixonei por Reeve de um modo selvagem como nunca me apaixonara antes em meus quinze anos de idade. Depois que o conheci, o tipo de amor que eu sentia pelas outras pessoas de repente me pareceu básico e incompleto. Percebi que existem diferentes níveis de amor, assim como há diferentes níveis de matemática. Naquela época, na sala de Matemática Avançada ao fim do corredor, um grupo de gênios compartilhava as últimas fofocas sobre paralelogramos. Enquanto isso, na aula de Matemática para Idiotas do sr. Mancardi, nos sentávamos em meio a um nevoeiro matemático, com a

boca semiaberta enquanto olhávamos confusos para o chamado, de modo irônico, quadro “inteligente”, uma geringonça interativa que não nos ajudava em muita coisa.

Daí que eu andava imersa num nevoeiro de *amor* muito idiota, mesmo sem saber. E então, de repente, compreendi que havia uma coisa chamada Amor Avançado.

Reeve Maxfield era um dos três estudantes de intercâmbio do décimo ano, alguém que decidira dar um tempo da sua vida em Londres, Inglaterra, uma das cidades mais excitantes do mundo, para passar um semestre no nosso subúrbio em Crampton, Nova Jersey, vindo morar com o entediante e jovial atleta Matt Kesman e sua família.

Reeve era diferente dos meninos que eu conhecia — todos aqueles Alexes, Joshes e Matts. Não era apenas o nome. Ele tinha uma aparência diferente da dos outros: muito elegante, descontraído e esbelto, calça jeans skinny preta e baixa sobre os ossos salientes do quadril. Parecia um membro de uma dessas bandas punk inglesas da década de 1980 que meu pai ainda adora e cujos álbuns preserva em capas especiais de plástico porque tem certeza de que valerão muito dinheiro algum dia. Certa vez procurei no eBay por um dos álbuns que meu pai mais valoriza e descobri que alguém oferecera dezesseis centavos por aquilo, o que por algum motivo me deu vontade de chorar.

As capas dos discos do meu pai quase sempre mostram um bando de garotos numa esquina compartilhando uma piada particular com expressões irônicas. Reeve se encaixaria ali perfeitamente. Ele tinha o cabelo castanho-escuro sobre um rosto muito pálido, porque pelo que parece não há luz solar na Inglaterra.

— Sério? Nenhuma? Escuridão total? — perguntei quando ele insistiu que isso era verdade.

— Praticamente — disse ele. — O país inteiro é como uma casa grande e úmida onde a eletricidade foi cortada. E todo mundo tem carência de vitamina D. Até mesmo a rainha. — Ele disse tudo isso com uma expressão séria. A voz dele era áspera. E embora eu não tenha nenhuma ideia do que as pessoas em Londres pensavam a respeito dele, onde esse tipo de sotaque é comum, para mim sua voz soava como um fósforo aceso junto à borda de um pedaço de papel quebradiço. Aquilo irrompia numa explosão silenciosa. Quando ele falava, eu

desejava ouvir.

Eu também queria olhar para ele sem parar: o rosto pálido, os olhos castanhos, o cabelo esvoaçante. Ele era como uma proveta numa aula de Química, com o topo sempre borbulhando graças a algum processo interessante que estava ocorrendo ali dentro.

Já comparei Reeve Maxfield com matemática e química. Mas, no fim das contas, a única aula que acabou importando foi a de Inglês. Não minha aula de Inglês na Crampton Regional, e sim aquelas às quais assisti muito mais tarde, no Celeiro, em Vermont, quando Reeve já tinha morrido e eu mal conseguia viver.

Por motivos que jamais compreendi, eu era um dos cinco alunos selecionados para comparecerem a uma aula chamada Tópicos Especiais em Inglês. O que aconteceu nessa aula é algo que nenhum de nós jamais conversou com outra pessoa. Mas é claro que pensamos nisso todo o tempo, e acho que continuaremos a pensar pelo resto da nossa vida. E a coisa que mais me espanta, a coisa que me deixa obcecada: se eu não tivesse perdido Reeve, se eu não tivesse sido mandada para aquele internato, e se eu não tivesse sido um dos cinco adolescentes “emocionalmente frágeis e altamente inteligentes” em Tópicos Especiais em Inglês, cujas vidas tinham sido destruídas de cinco maneiras diferentes, então eu jamais teria ouvido falar na Redoma.

1

— Meu Deus, Jam, é melhor você se levantar — diz minha colega de quarto, dj Kawabata, uma garota emo de Coral Gables, Flórida, com “certas questões alimentares”, como ela mesma afirma de modo vago. Ela paira sobre minha cama, com o cabelo preto pendurado sobre meu rosto. Por causa de dj, nosso quarto é uma caça ao tesouro de comida escondida: Twizzlers, barras de granola, caixas de passas, até mesmo um frasco de alguma marca de ketchup vagabundo, *Hind’s*, creio eu, como se a empresa esperasse que as pessoas confundissem o nome e a comprassem. Tudo isso plantado estrategicamente para as assim chamadas emergências.

Estou morando no Celeiro há apenas um dia e ainda não testemunhei nenhuma das emergências da minha colega de quarto, mas ela me assegura que estão a caminho.

— Elas sempre vêm — disse ela, dando de ombros, quando tentou me explicar pela primeira vez como seria dividir um quarto com ela. — Você vai ver umas merdas que desejaria nunca ter visto. Mas não se preocupe, eu estou falando merda no sentido *figurativo*. Eu não sou seriamente desequilibrada.

Gente “seriamente desequilibrada” não é admitida no Celeiro Este lugar não é um hospital, e eles fazem questão de dizer que são contra a medicação psiquiátrica. Em vez disso, insistem que a experiência escolar serve para unir as pessoas e ajudá-las a se curarem.

Não consigo imaginar que isso seja verdade. Eles nem mesmo te deixam acessar a internet. É terminantemente proibido, o que me parece cruel. Eles também confiscam seu celular. Há um antigo telefone público no dormitório das meninas, outro no dos meninos. Não há nenhum acesso à rede wi-fi, de modo que você pode usar seu laptop para fazer os deveres, mas não pode pesquisar nada. Você pode ouvir música, mas não pode baixar músicas novas. Você é isolado de tudo, o que não faz o menor sentido porque todo mundo nesta escola já é isolado de um modo ou de outro.

Embora ninguém diga com clareza, o Celeiro é uma espécie de meio-termo

entre um hospital e uma escola comum. É como uma enorme vitória-régia sobre o qual você pode se deter antes de dar um pulo de sapo e voltar à vida normal.

dj me disse que já esteve num hospital especial para transtornos alimentares. Os pacientes ali eram todos meninas, prosseguiu, e elas sempre eram pesadas por enfermeiras que usavam jalecos pediátricos estampados com motivos de cachorrinhos ou ursos panda. Às vezes, quando seu peso estava muito baixo, as meninas eram forçadas a se alimentar através de tubos.

— Aconteceu comigo uma vez — disse dj — Uma das enfermeiras me segurou, e os peitos dela estavam apertados contra meu rosto, e, quando olhei para cima, tudo que eu conseguia ver era um oceano de golden retrievers minúsculos.

Quando cheguei ao Celeiro, dj já estava aqui havia dois anos. E, nesta manhã, no primeiro dia de aula, com seu cabelo pendurado sobre meu rosto como uma cortina, eu só desejo que ela vá embora. Mas ela não vai.

— Jam, você já perdeu o café da manhã — diz ela, como se fosse minha mãe ou algo assim. — É hora da aula. Qual é sua primeira?

— Não faço ideia.

— Você não consultou sua grade?

— Minha *grade*? Se você se refere à minha grade de horários, não.

Cheguei na véspera, depois de uma viagem de carro de seis horas com meus pais e Leo. Minha mãe meio que chorou o caminho inteiro, mas fingia dizendo que era alergia, e meu pai ouvia à npr com uma estranha intensidade.

— Hoje, dedicaremos todo o nosso programa às vozes reprimidas pelo Talibã — disse a mulher no rádio.

Meu pai aumentou o volume e meneou a cabeça, pensativo, como se aquilo fosse a coisa mais fascinante do mundo, enquanto minha mãe fechou os olhos e chorou, não por causa das vozes reprimidas pelo Talibã, mas por minha causa.

Meu irmão, Leo, estava apenas sendo ele mesmo, sentado ao meu lado, apertando botões de um celular encardido que trazia sobre o colo.

— Ei! — exclamou ao passar de nível no jogo e olhar para mim.

— Ei.

— Vai ser um saco sem você lá em casa.

— É melhor você ir se acostumando — falei. — Nossa infância juntos

acabou.

— Isso é mau — disse ele.

— Mas é verdade — prossegui. — Depois, um de nós vai acabar morrendo. E o outro terá que ir ao enterro. E fazer um discurso.

— Jam, *pare* — disse Leo.

Eu me arrependi na hora, e nem sabia por que dissera aquilo. Eu estava de mau humor o tempo todo. Leo não merecia ser tratado assim. Ele tinha apenas doze anos e parecia ainda mais jovem. Alguns garotos da sua idade aparentavam estar prontos para ter filhos; Leo parecia com um dos filhos que aqueles garotos poderiam ter. De vez em quando o derrubavam no corredor, mas nada o incomodava muito porque ele descobriu uma maneira de não se importar. Ao fazer dez anos, ficou obcecado com o mundo alternativo de um video game chamado *Dream Wanderers*, que tem a ver com cubos mágicos, aprendizes e personagens chamados driftlords.

Ainda não faço ideia do que é um driftlord. Na época, eu nem mesmo entendia o que era um mundo alternativo, mas agora está claro que entendo. E, assim, entendo o que meu irmão mais novo já sabe há algum tempo: às vezes, um mundo alternativo é muito melhor que o mundo real.

— Não estava tentando ser má — falei para Leo no carro. — Eu sou assim.

— Mamãe e papai me disseram que quando você age dessa maneira eu devo apenas deixar para lá porque…

— Porque o quê? — alterei a voz.

— Por causa do que você está passando — disse ele, inquieto.

Ele e eu mal tínhamos falado sobre aquilo. Ele é muito jovem e não poderia entender o que eu passei, o que eu senti.

A conversa não tinha mais para onde ir, de modo que cada um de nós olhou para fora da sua janela, e, por fim, Leo fechou os olhos e adormeceu com a boca aberta. O interior do carro foi tomado pelo cheiro dos salgadinhos de milho que ele estava comendo. Senti pena dele, que agora seria tipo um filho único. Ele não tinha mais uma irmã mais velha normal. Em vez disso, tinha uma irmã que ficou arrasada o bastante para ter que ir morar numa escola especial em outro estado, a seis horas de distância.

A despedida no Celeiro foi muito tensa. Minha mãe ficava tentando arrumar

meu quarto, enquanto dj ficou deitada na cama, em silêncio, observando toda a cena, claramente se divertindo com aquilo.

— Todos os dias, certifique-se de dar uns bons socos no seu *study buddy*[1] para que o enchimento fique por igual — disse minha mãe enquanto eu guardava minhas coisas nas gavetas.

Tirei da mala o pote de geleia de morango da marca Tiptree Little Scarlet Strawberry Preserve que Reeve me dera na noite em que nos beijamos pela primeira vez, e segurei o frio cilindro de vidro por um instante. Eu sabia que jamais abriria aquele pote. Era quase como uma urna com as cinzas de Reeve guardadas ali dentro. O lacre permaneceria intacto para sempre. O pote era sagrado para mim, e eu o guardei na minha gaveta de cima e o cobri cuidadosamente com uma confusão de sutiãs, calcinhas e um velho pijama do Piu-Piu.

— Apenas bata, está bem, Jam? — prosseguiu minha mãe. — Agrida-o como se fosse um predador que saltou de um beco.

— *Mãe* — falei, enquanto dj continuava a olhar, sem nem mesmo disfarçar. Aquela garota me incomodava muito e eu não conseguia acreditar que teria de conviver com ela.

— Quero dizer, apenas lhe dê umas boas porradas no fundo ou nas laterais — prosseguiu minha mãe, demonstrando como eu deveria atacar o *study buddy*, que ela insistiu que comprássemos para o meu quarto na loja de descontos Price Cruncher, em Crampton.

A mulher do caixa sorriu quando conseguimos içar a coisa sobre a esteira rolante. Então, cantarolou:

— Será que alguém está indo para a Academia Fenster?

A Academia Fenster é um internato metido a besta não muito longe da minha casa, em Nova Jersey, onde as meninas têm cavalos, todas usam uniforme azul-celeste e cantam músicas bregas com rimas ruins do tipo: “Ó Fenster, querida Fenster, nunca esqueceremos nossos semestres…”. Mamãe e eu balançamos a cabeça em negativa.

O *study buddy* era enorme, laranja e coberto com veludo. Eu o odiara na loja e voltei a odiá-lo ao vê-lo na minha cama no Celeiro com seus braços abertos. Odiei até mesmo o nome “*study buddy*”. Todo mundo sabia que eu ainda não

estava em condições de estudar.

Aparentemente, porém, era hora de “trabalhar duro” ou “seguir o programa”, como as pessoas diziam. E já que eu não conseguia fazer isso, então era hora de ingressar no Celeiro, onde uma combinação de ar de Vermont, xarope de bordo e nenhuma medicação psiquiátrica ou internet talvez me curasse. Mas eu não sou curável.

Outra coisa que faz o nome “*study buddy*” parecer terrível é que eu não tenho mais “colegas”. Antes de conhecer Reeve e querer estar com ele todo o tempo, minhas amigas mais próximas em Crampton eram duas outras meninas discretas e simpáticas com cabelo longo e liso, assim como eu. Estudávamos muito na escola, mas não éramos nerds, e fumávamos um pouco de maconha, mas não éramos doidonas. Principalmente éramos consideradas bonitinhas, doces e um tanto tímidas.

Na verdade, não creio que alguém pensasse em nós com muita frequência. Éramos um tipo de meninas que, quando mais jovens, faziam tranças no cabelo das amigas, praticavam movimentos sincronizados de dança e dormiam na casa umas das outras todo fim de semana. Nessas ocasiões, falávamos com muita franqueza sobre diversos assuntos, incluindo “relacionamento”, é claro, mas entre nós apenas Hannah Petroski tinha um namorado firme, Ryan Brown. Ambos realmente levavam aquilo a sério, e quase fizeram sexo.

— Chegamos a um *milímetro* de fazer — revelou Hannah certo fim de semana. E embora eu não tivesse certeza do que aquilo significava, balancei a cabeça e fingi que sabia. Hannah e Ryan eram apaixonados desde o jardim de infância da sra. Delahunt. Trocaram o primeiro beijo deitados num tapetinho no canto da soneca.

Logo depois de perder Reeve, minhas amigas me visitavam muito, aparecendo solenemente na nossa casa. Eu podia ouvi-las do meu quarto quando ainda estavam no vestíbulo conversando com meus pais.

— Olá, sr. Gallahue — diria uma delas. — Jam está melhor? Não? Nem um pouco? Nossa, eu não sei mesmo o que dizer. Bem, assei algumas rosquinhas para ela…

Mas quando batiam à porta do meu quarto eu não tinha vontade de conversar com elas por muito tempo.

— Eu só queria que você já tivesse superado isso — disse Hannah certo dia, sentada à beira da cama. — Vocês nem se conheciam direito. Quanto tempo durou, um mês?

— Quarenta e um dias — corrigi.

— Bem, eu sei que você está passando por um momento difícil — disse ela. — Quero dizer, Ryan é a minha vida, de modo que eu a entendo de *certa* forma. Mas ainda assim… — acrescentou, baixando a voz.

— Mas ainda assim o *quê*, Hannah?

— Não sei — disse ela. E acrescentou, com um tom de piedade: — Preciso ir, Jam.

Se Reeve estivesse lá eu teria dito para ele:

— Você não odeia o modo como as pessoas dizem "mas, *ainda assim*, pontinho-pontinho-pontinho" e baixam a voz, como se realmente tivessem acabado a frase? "Mas ainda assim" não quer dizer nada, certo? Significa apenas que você não consegue explicar o que está sentindo.

— Eu odeio isso — diria Reeve. — As pessoas que dizem "mas ainda assim" têm *Satanás* dentro delas.

Ele e eu tendíamos a ver o mundo da mesma forma. Depois que eu o perdi, fiquei no meu quarto, cochilando na cama. Certa vez, usei meu pijama do Piu-Piu por cinco dias seguidos. Meus amigos deixaram de aparecer. Sem mais visitas, nada de rosquinhas. Meus pais me fizeram tentar voltar à escola, mas todos ficavam olhando para mim, porque sabiam o quanto eu amava Reeve. Eu apenas ficava sentada na sala de aula com os olhos fechados e quase não ouvia o que diziam.

— Olá — dizia um professor. — Jam, *olá*?

Às vezes, no meio de um dia de aula, eu ficava de pé sob a luz vermelha da placa de saída do ginásio, ou sentada num pufe no canto da biblioteca. Então, de repente me lembrava que aquele era um dos lugares onde eu estivera com Reeve, e ficava totalmente em pânico. A respiração se esvaía do meu peito, eu corria pelo corredor, atravessava as portas corta-fogo e continuava correndo.

No início, um professor ou algum funcionário da escola sempre corria atrás de mim. Contudo, depois de algum tempo, se cansaram.

— Estou muito velha para isso! — gritou certa vez a enfermeira da escola do

outro lado da quadra de esportes.

— Se Jamaica não consegue permanecer na escola durante o dia, então talvez vocês devessem arranjar outra coisa para ela — disse a diretora para os meus pais.

Então, tentaram que eu estudasse em casa. Contrataram um ex-professor de História que, todos sabíamos, fora despedido por ter dado aula bêbado de vodca. Ele era um cara legal, com um semblante triste e enrugado, como um daqueles cães da raça shar-pei, e embora ele nunca estivesse bêbado nas nossas aulas, eu nunca conseguia prestar atenção. Me dispersei mais de uma vez.

— Oh, Jam — disse ele. — Tenho a impressão de que isso não está funcionando.

Então, depois que minha mãe, meu pai e meu irmão, Leo, se despediram de mim no quarto — todos eles muito perturbados e eu com uma espécie de profundo vazio interior — e depois que me sentei diante de um prato de frango assado, feijão-verde e quinoa no refeitório, intimidada pelos novos rostos e vozes ao meu redor, mas me mantendo distante e não falando com ninguém, e depois de uma noite quase não dormida, fico enrolada na cama na primeira manhã de aulas no Celeiro.

E dj, já completamente vestida e com os cabelos sobre meu rosto, pede para ver minha “grade”. Aponto em direção à mesa onde, sem nenhuma ordem particular, estão empilhados alguns dos meus pertences que não são roupas. dj vasculha tudo aquilo e, por fim, tira dali um pedaço de papel dobrado. Sua expressão muda quando olha para o papel.

— O que foi? — pergunto.

dj olha para mim de forma estranha. Ela é meio asiática, meio judia, com cabelo escuro reto e brilhante e sardas espalhadas pelo rosto.

— Você está em Tópicos Especiais em Inglês? — diz ela, aumentando a voz em tom de descrença.

— Não sei.

Não verifiquei quais seriam minhas aulas. Não faz diferença para mim.

— Sim, você está — diz ela. — É sua primeira aula do dia. Você sabe o quanto isso é incomum?

— Não. Por quê?

dj se senta aos pés da minha cama.

— Antes de mais nada, essa é uma matéria lendária. A professora, a sra. Quenell, só dá essa aula quando quer. No ano passado, por exemplo, ela decidiu que não daria. Disse que aquela não era a "mistura" certa de alunos, seja lá o que isso queira dizer. E mesmo quando ela dá essa aula, quase *ninguém* é aceito na turma. Você tem o trabalho de se candidatar, mas eles sempre lhe dão outra matéria. Neste verão, cheguei a escrever um bilhete especial para ela, dizendo o quanto era importante para mim conseguir participar da aula neste outono. Disse que, quando entrasse na faculdade, queria me especializar em inglês, e que, "se eu conseguisse ser aceita em Tópicos Especiais, isso com certeza ajudaria". Realmente usei essas palavras para puxar o saco dela. Mas não adiantou. Fiquei na aula de Inglês comum, assim como quase todos os outros. É uma grande piada.

— Bem, talvez você tenha tido sorte de não entrar — falei.

— É o que as pessoas sempre dizem — afirma dj, irritada. — Mas isso só me dá mais vontade de estar lá. A propósito, dura um semestre inteiro. Termina pouco antes do feriado de Natal. E você só lê um escritor.

— Um único escritor o semestre inteiro?

— É. E toda vez ela muda o escritor. A sra. Quenell é muito velha — prossegue dj. — Ela é uma das únicas professoras no Celeiro que são chamadas de "senhora". No primeiro dia de aula, todos os outros professores dizem: "Meu nome é Heather" ou "Meu nome é Ishmael", como quem diz: somos-seus-melhores-amigos-e-vocês-podem-nos-contar-qualquer-coisa. Mas a sra. Quenell não. Outro fato estranho: há algumas pessoas na turma que nem mesmo *se candidatam*. Como, ao que parece, é o seu caso. Em geral há apenas cinco ou seis alunos na classe. É a menor e a mais elitizada turma da escola.

— Fique à vontade para ocupar meu lugar — digo.

— Gostaria de poder. Durante o semestre, todos na classe agem como se não fosse grande coisa. Porém, quando tudo acaba, falam como aquilo mudou sua vida. Estou louca para saber de que forma aquilo mudou a vida deles. Mas não dá para perguntar porque todos que frequentaram essa aula não estão mais aqui. É uma aula de graus mistos, mas todos que a frequentaram ou se formaram ou

foram embora da escola. Eu juro, é como uma dessas sociedades secretas.

dj olha para mim com uma expressão em parte impressionada, em parte hostil e pergunta:

— Então, diga-me. O que há de tão especial a seu respeito?

Penso um segundo e respondo:

— Nada.

Reeve foi a coisa mais especial que já me aconteceu. Agora, sou apenas uma menina apática de cabelo comprido que não se preocupa com outra coisa a não ser a própria dor. Não faço ideia de por que fui escolhida para a aula de Tópicos Especiais em Inglês da sra. Quenell. Nem mesmo *quero* estar numa classe avançada onde você obviamente terá que estudar ainda mais para se sair bem. Prefiro ser autorizada a me sentar nos fundos de uma sala de aula durante todo o período letivo e dormir um pouco enquanto o professor fica todo exaltado e prestes a ter um derrame ao discutir se *Huckleberry Finn* é um livro racista.

Em vez disso, provavelmente terei que "participar". Mas eu não quero participar de nada. O mundo pode continuar sem mim e me deixar em paz para que eu possa fechar os olhos e descansar durante o dia escolar. Pelo que parece, o Celeiro não entendeu a mensagem.

Mas dj, que também não entende a mensagem que eu quero ficar sozinha, quer me fazer sair da cama e me vestir.

— De pé — diz ela, fazendo movimentos de "levante-se" com as mãos. Suas unhas, percebo, estão pintadas de verde-acinzentado.

— Você é minha mãe? — pergunto.

— Não. Sou sua colega de quarto.

— Eu não sabia que era sua obrigação me acordar — digo friamente.

— Bem, agora sabe — diz dj. Apesar da sua aparência e da forma reptiliana como se comportou quando meus pais me deixaram aqui, ela parece muito interessada em ser minha colega de quarto. Ela consegue me tirar da cama e ainda insiste que eu coma alguma coisa antes do início da aula de Tópicos Especiais em Inglês.

— Você vai querer que sua mente esteja alerta — diz ela.

— Não mesmo.

— Acredite em mim, você vai. Aqui. Coma.

Isso, é claro, é profundamente irônico — a garota que tem problemas alimentares insistindo que sua colega de quarto que não tem problemas alimentares se alimente — mas dj não parece notar. Ela enfia a mão embaixo do colchão e tira dali uma barra de granola achatada.

Pego a barra e a engulo, mas tem gosto de terra velha compactada com pequenos pedaços de cascalho. Não pergunto por que deveria ouvi-la quando nada sei a seu respeito, além de perceber que dj deve ser uma pessoa realmente perturbada que acabou no Celeiro. Mas, afinal de contas, eu também devo ser uma pessoa assim.

— É o melhor a fazer — disse meu pai algumas noites atrás, quando eu estava arrumando a mala que costumava levar para o acampamento Swaying Spruce a cada verão.

Então, minha mãe, que sempre deixa escapar a verdade quando está sob estresse, acrescentou:

— Nós não sabemos mais o que fazer com você, querida!

Então, agora, depois de ter sido banida para o Celeiro e de ter comido uma barra de granola achatada e insípida, minha colega de quarto, dj, me apressa para sair. O campus rural é mesmo muito bonito, embora eu ainda não me importe com isso. Tudo bem: então, em vez de morar numa casa azul-clara no número 11 da Gooseberry Lane, no subúrbio de Crampton, Nova Jersey, meu eu meio morto agora mora no campus de um internato anormal na Nova Inglaterra feito para parecer normal. Há muitas árvores, caminhos sinuosos e jovens com mochilas.

dj aponta para uma grande estrutura de madeira vermelha e diz:

— Vê aquele edifício? Era um celeiro… daí o nome da escola, *dãã*… mas agora abriga várias aulas. É o mais bonito de todos os prédios. Claro que a aula de Tópicos Especiais acontece ali. — Ela me leva para dentro e me orienta através de um longo corredor. Os antigos pisos de madeira polida rangem e gemem sob nossos pés. As pessoas caminham a esmo, matando tempo antes da aula.

— Ei, dj, você está na aula de Física 1 do Perrino? — pergunta um garoto.

— Sim — responde ela, desconfiada. — Por quê?

— Eu também.

— Que coincidência impressionante.

dj parece popular aqui, o que nunca teria ocorrido em Crampton. Por outro lado, é muito surpreendente que eu tenha me tornado popular por lá, depois de ter passado tantos anos como uma daquelas meninas identicamente legais e de cabelo comprido. Contudo, quando comecei a ficar com Reeve, algumas pessoas no grupo de alunos que decidiam quais eram os outros alunos que importavam começaram a prestar mais atenção em mim. Todos notaram a maneira como certa vez Reeve se sentou ao meu lado durante uma aula de Arte, e como eu o desenhei. Sentamos muito perto naquele dia, e a notícia de que havia algo entre nós se espalhou.

O que explica por que Dana Sapol, a garota que provavelmente era a mais popular em Crampton e que nunca foi legal comigo, olhou por cima do seu armário e disse:

— Meus pais e Courtney, a fedelha, vão para a casa dos meus avós neste sábado e, por isso, vai rolar uma festa. Você devia vir. Os intercambistas mais gostosos estarão lá.

Fingi não dar importância ao que ela dissera. Mas é claro que dei. Dana não gostava de mim desde aquele dia no segundo ano, quando ela esqueceu de vir de calcinha para a escola. Eu só descobri porque naquele dia ela se pendurou de cabeça para baixo no trepa-trepa, embora, felizmente, eu tenha sido a única a ver.

— Dana, você esqueceu a *calcinha* — sussurrei, bloqueando com meu corpo a visão das outras pessoas.

Era de esperar que ela ficasse grata. Afinal, percebi aquilo antes que alguém mais pudesse ver. Em vez disso, era como se de repente eu soubesse de algo escandaloso que poderia usar contra ela para sempre. Não que eu pretendesse usar, é claro, mas era o que ela pensava. Os anos se passaram e o incidente da calcinha de Dana poderia ter se tornado um fato engraçado sobre o qual poderíamos dar boas risadas, mas isso nunca aconteceu. Ela apenas me tratou de modo cruel ou me ignorou — até aquele momento em que, de repente, fui convidada para a sua festa.

Girei a combinação do cadeado do meu armário e fiz cara de vago interesse. Como se eu não me importasse em estar sendo convidada, ou como se eu não me importasse se Reeve estaria lá. Como se talvez eu tivesse outra coisa para fazer

na noite de sábado além de dormir na casa de Hannah ou Jenna, ou ir ao shopping para procurar por um jeans skinny, ou passar a noite jogando com meus pais e Leo. De fato, eu não via nenhum problema nessas noites — até gostava delas —, mas, de repente, não conseguia acreditar que passara tanto tempo fazendo isso.

Agora eu só queria estar com Reeve. Ele era tudo em que eu pensava. Ele disse que os Kesman, sua família anfitriã, estavam preocupados que ele fizesse as amizades "certas", o que era compreensível. No ano anterior, os Kesman receberam uma menina da Dinamarca que não fazia outra coisa além de usar tamancos e fumar maconha. Então, quando Reeve veio morar com os Kesman, eles revistaram sua bagagem em busca de substâncias ilícitas.

— Ou de tamancos — acrescentou Reeve.

Mas ele não usava essas coisas. Nem eu.

— Se eu quiser ficar paranoico e devorar uma barra inteira de Cadbury ao Leite e um saco de batatas chips, eu não preciso de nenhuma erva para me obrigar a fazer isso — disse ele certa vez, o que achei muito engraçado.

— Uma barra de Cadbury ao Leite — repeti. — Batatas chips. E o modo como você pronuncia o "r" da palavra "erva". Adoro essas coisas britânicas que você diz.

— "Na porta" — disse Reeve, tentando continuar a me divertir com outras expressões tipicamente britânicas. — "Aborrecido." "Maldição." "Custa doze libras." "O duque e a duquesa de preencha-a-maldita-lacuna."

De pé no corredor do lado de fora da minha sala de aula no Celeiro, estou imersa em pensamentos sobre Reeve — sua voz, seu rosto —, mas dj acaba com isso.

— Concentre-se. A aula está prestes a começar. É melhor você me contar tudo mais tarde — diz ela antes de me empurrar para dentro da sala.

2

— Sejam bem-vindos — diz a sra. Quenell quando todos nós nos sentamos ao redor da mesa. “Todos nós” são apenas quatro pessoas. A classe é ainda menor do que dj disse que seria. Para a minha surpresa, aqui não toca uma campainha estridente na sua cara para anunciar que a aula começou. Acho que as pessoas no Celeiro são tão frágeis que uma campainha tocando poderia levá-las ao pânico. Em vez disso, nossa professora olha para o minúsculo mostrador do relógio de ouro no seu pulso esguio e franze a testa ligeiramente, do modo como fazem as pessoas quando consultam as horas.

A sra. Quenell é como a avó elegante e graciosa de alguém, com cabelo cor de neve derretida penteado para trás. Deve ter uns setenta e poucos anos. Ela ergue a cabeça, olha para nós e diz:

— Eu tinha esperança de que todos estariam aqui no início da aula, mas creio que não é o caso. Temos muito trabalho a fazer, então gostaria de começar, mesmo com uma aluna ausente.

Imagino quem seria essa aluna. Talvez alguma novata como eu que não tem uma colega de quarto para tirá-la da cama e empurrá-la até a sala de aula. Agora, ela poderia ainda estar dormindo, querendo que todos fossem embora, assim como eu.

— Como todos bem sabem, esta aula se chama Tópicos Especiais em Inglês — continua a sra. Quenell. — E agora eu gostaria que todos vocês nesta sala me dissessem seus nomes e algo a respeito de si. Mesmo que vocês já se conheçam, lembrem-se de que não conheço nenhum de vocês. A não ser no papel.

Os outros três alunos sentados à mesa de carvalho oval naquela sala pequena e iluminada são: um menino do tipo engomadinho, com cabelo negro recém-cortado e uma camisa social listrada; uma bela menina afro-americana com a cabeça repleta de tranças e pequenas contas brilhantes nas extremidades, como fibras ópticas; e um rapaz cujo rosto está oculto por um capuz cinza. Não apenas está de capuz como mantém a cabeça apoiada sobre os braços cruzados, seu rosto evitando a todos.

De repente, como se soubesse que eu estou olhando para ele, o menino de capuz se volta em minha direção. O movimento é rápido e surpreendente, como quando uma das tartarugas marinhas gigantes no zoológico de repente decide virar a cabeça. Ao contrário de uma tartaruga marinha, o menino de capuz é bonito, mas de uma maneira hostil. Dá para ver que ele preferia estar em qualquer outro lugar que não aqui, que é o que eu também prefiro, embora esconda meus sentimentos melhor que ele. Meu estilo é o distanciamento, não a hostilidade.

Então o menino abaixa o capuz, soltando seu longo cabelo louro. Posso imaginá-lo surfando, andando de snowboard, fazendo algo ousado, enquanto seus cabelos são soprados pelo vento. Então, acho que ele é uma *daquelas* pessoas, do tipo imprudente de que nunca gostei. Reeve também nunca gostou desse tipo.

— Os *brôs* chegaram — disse Reeve certo dia, quando alguns desses meninos entraram juntos no refeitório. — Eles estão aqui para obter sua dose diária recomendada de proteína de brô.

— Oito milhões de gramas de carne crua de tubarão — falei.

Enquanto me pego olhando para o menino de capuz, ele me lança um olhar que parece dizer: “Dê o fora agora”.

Aturdida, volto a cabeça e olho através da janela, meio que esperando ver uma aluna atrasada e solitária apressando-se para a nossa aula.

A sra. Quenell aponta para a garota afro-americana, que está sentada à sua esquerda. Ela é o tipo de garota que, quando caminha pela rua de uma cidade, é abordada por pessoas de agências de modelos que lhe entregam cartões de visita, dizendo: “Ligue quando quiser”. Ela se senta ereta na cadeira com a melhor postura que eu já vi numa criatura que não fosse um cavalo-marinho.

— Por que não começar por aqui? — pergunta a professora.

— Tudo bem — diz a menina depois de uma pausa desconfortável. — Sou Sierra Stokes. — Ela para, como se tivéssemos todas as informações de que precisamos.

A sra. Quenell diz:

— Você pode falar um pouco mais?

— Sou de Washington, dc. Estou no Celeiro desde a primavera passada.

Antes disso — acrescenta Sierra com a voz um tanto tensa —, parei de estudar durante algum tempo. Isso é tudo, creio eu.

— Obrigada — diz a sra. Quenell, e então acena para o menino de aparência séria. Ele tem uma dessas cabeças masculinas quadradas que provavelmente era quadrada e masculina desde que ele emergiu do canal de nascimento da mãe.

— Sou Marc Sonnenfeld — diz ele, e eu penso, *equipe de debate*, talvez capitão. — Sou de Newton, Massachusetts, e moro com minha irmã e minha mãe. Fui presidente do conselho estudantil e capitão da equipe de debate.

Bingo.

— Mas então tudo ficou meio horrível, e eu não sei mais qual é a minha. — Ele faz uma pausa e completa em seguida: — Acho que isso é tudo.

— Obrigada, Marc — diz a sra. Quenell. Ela se vira para o garoto louro de capuz. — Tudo bem, por que você não se apresenta agora?

O silêncio dele é tão demorado que parece grosseiro, como se talvez estivesse fingindo que não a ouviu. Então, por fim, ele fala com uma voz tão baixa e sem entonação que não consigo ouvi-lo do outro lado da mesa.

A sra. Quenell comenta:

— Uma voz. É tudo o que nos é dado.

Ninguém faz ideia do que isso significa, mas ela parece contente em nos deixar permanecer confusos e na expectativa.

— Hum, o quê? — exclama Marc.

— Cada um de nós tem apenas uma voz — diz a sra. Quenell. — E o mundo é tão barulhento. Às vezes penso que os mais quietos — ela acena com a cabeça em direção ao garoto grosseiro — descobriram que a melhor maneira de chamar a atenção das outras pessoas não é gritar, e sim sussurrar. O que faz todo mundo se esforçar um pouco mais para ouvir.

— Não era isso o que eu estava fazendo — diz o garoto com a voz subitamente mais alta. — Só estava falando do jeito que costumo falar. Sempre me disseram para eu usar minha voz *interior*. Daí que é isso o que faço agora. E, então, agora você quer ouvir minha voz *exterior*?

A sra. Quenell sorri de forma tão sutil que não tenho certeza se alguém mais percebeu.

— Não, apenas sua voz de verdade. Qualquer que seja. Espero que

consigamos descobrir.

Quem é essa professora? Não sei dizer se ela está brincando ou falando sério. Sinto-me estranha sentada aqui, e a sala é tão pequena que provavelmente não tem como esconder meu embaraço. Não há como esconder nada quando há tão poucos de nós sentados ao redor de uma mesa. Um semestre inteiro disso será insuportável. Olhando ao redor, tenho certeza de que todo mundo se sente da mesma forma.

Mas nossa professora age como se não percebesse que estamos incomodados. Ela ainda está olhando para o menino de capuz, esperando que ele se apresente de modo adequado. Quando enfim acontece, aquilo parece exigir todo o seu esforço.

— Sou Griffin Foley.

Em seguida, ele para. Só *isso*?

— Bem-vindo, Griffin — diz a sra. Quenell. E espera.

— Venho de uma fazenda a uns três quilômetros daqui — prossegue. — Sempre tiro notas ruins em Inglês. Só estou avisando. — Então ele volta a afundar na cadeira.

— Obrigada — agradece a sra. Quenell. — Vou me considerar avisada.

Neste exato momento a porta se escancara e a maçaneta bate tão forte na parede que eu tenho a sensação de que vai abrir uma cratera. Assustados, todos nos voltamos ao mesmo tempo e vemos uma menina numa cadeira de rodas tentando entrar na sala de aula.

— Oh, merda — diz ela quando sua mochila fica presa no batente da porta.

Todos ao redor da mesa, inclusive a sra. Quenell, pulam para ajudar, embora logo depois todos nos sintamos um tanto constrangidos com nossa exagerada demonstração de utilidade. Sierra chega primeiro, tira a mochila da cadeira de rodas, afasta-a do caminho, e a menina entra. Ela é pequena, delicada, tem cabelos ruivos, mas está agitada e a expressão que me vem à mente agora é *em chamas*.

— Sei que não há desculpa para o meu atraso — diz a garota com uma voz quase histérica. — Não quero fazer o papel da aleijada. Oh, me desculpem, quis dizer: papel da *deficiente física*. E não quero que vocês me digam que está tudo bem por eu estar atrasada.

Porém, quando olho para a nossa professora, posso ver que nada está bem. O negócio é que esta menina ainda não se deu conta. Ela provavelmente ouviu dizer que todos os professores no Celeiro são tolerantes e gentis com seus alunos, com medo de que uma única palavra mais severa possa fazê-los se desintegrar. Mas a sra. Quenell diz:

— Eu não lhe direi isso. Gostaria que não acontecesse de novo. Temos muito a fazer. Não quero perder nem mesmo um segundo.

A menina parece surpresa. Aposto que na maioria das vezes ninguém deseja perturbá-la, da mesma forma que ninguém quer me perturbar.

— Sinto muito — diz ela. — Ainda não me dei conta disso.

— Entendo. Mas terá que se dar, de algum modo. — A sra. Quenell, parece um tanto rude. — Se você passar a vida assim, vai perder muito.

Então eu percebo — e talvez todos nós percebamos, porque, como fica evidente, essa menina também é uma novata, como eu — que ela não nasceu deficiente, e que sua cadeira de rodas deve ser algo novo. De repente, desejo saber o que aconteceu com ela. Não vejo gesso em nenhuma das suas pernas, de modo que não se trata de um osso quebrado. Mas as pernas também não parecem atrofiadas como as da Bruxa Má do Leste pouco antes de desaparecerem sob a casa. Parecem pernas normais cobertas por jeans, exceto que evidentemente não são funcionais.

— Mas é tão difícil — diz a garota com uma voz que a faz parecer muito jovem.

— Sei disso — diz a sra. Quenell, mais gentil agora. — *Difícil*. Você usou a palavra exata. E eu realmente acredito em encontrar as palavras exatas. Sou assim desde que me lembro por gente.

A professora fecha os olhos, e eu penso que ela está, literalmente, lembrando de algo, invocando na sua mente uma imagem específica do passado. Eu me pergunto se ela talvez não estaria velha demais para lecionar. Sua personalidade parece um tanto imprevisível, alternando-se entre impaciente e simpática.

A sra. Quenell abre os olhos e diz para a menina:

— Você já aprendeu duas coisas desde que chegou aqui. Uma, que sua professora não gosta de atrasos. E duas, que ela gosta muito de palavras exatas. Agora, talvez possamos aprender algo a seu respeito.

A menina parece infeliz com a ideia.

— Como o quê?

— Os alunos ao redor desta mesa estão dizendo seus nomes e falando um pouco sobre si mesmos. Agora é sua vez.

— Sou Casey Cramer — diz a menina a contragosto. — Casey Clayton Cramer. Só Cs — acrescenta ela.

— O quê? — exclama Marc. — Suas notas?

— Não. *Casey*. *Clayton*. *Cramer*. São todos nomes com *C*.

— Ah — diz ele. — Certo.

Todos nos sentamos, cada um de nós se sentindo desconfortável e muito triste por causa de Casey Cramer, que não pode andar e já foi repreendida pela professora. Mas estamos também esperando que ela diga algo do tipo: "A razão por eu estar nesta cadeira de rodas é…". Mas ela não diz nada disso. Casey já terminou.

O que significa, percebo isso com uma leve sensação de náusea, que sou a única que ainda não falou.

Digo para mim mesma que não devo dizer nada de importante. Nada sobre Reeve ou sobre o que aconteceu comigo. Só preciso dizer o mínimo, como os outros. Basta jogar um osso para eles.

A sra. Quenell me olha com olhos claros e interessados.

— Tudo bem, agora é sua vez.

Ela espera. Eu não tenho escolha. Não posso dizer que não estou a fim. Tenho certeza de que a sra. Quenell não aturaria isso. Olho para os veios da madeira da mesa, que de repente parecem tão interessantes quanto Casey Cramer estar numa cadeira de rodas. Apenas olho fixamente para aquilo, até erguer a cabeça e dizer:

— Tudo bem, deixe-me ver. Meu nome é Jam Gallahue. — Então eu paro, na esperança de que isso seja o bastante para satisfazer a sra. Quenell.

Mas é claro que não é.

— Vá em frente — diz ela.

— Bem — falei, voltando a olhar para baixo. — Meu nome é Jamaica, que é onde meus pais passaram a lua de mel. E onde eu fui *concebida*. — Marc ri envergonhado. — Quando pequeno, meu irmão me chamava de Jam, e o apelido

pegou. Ah, e eu sou de Nova Jersey.

Então eu termino e olho em volta e, afora a sra. Quenell, ninguém parece muito fascinado com o que eu tenho a dizer. Estamos todos tão pateticamente constrangidos: cinco alunos incompatíveis e a professora que nos escolheu.

E, embora este seja um bom momento para ela nos dizer por que cada um de nós foi escolhido, para ela dizer algo do tipo: "Vocês podem estar se perguntando por que estão aqui. Bem, nos seus testes padronizados, cada um de vocês mostrou uma aptidão especial para a compreensão da leitura", ela nem sequer tenta explicar. Em vez disso, volta a cabeça lentamente para encarar cada um de nós; é como se ela estivesse nos estudando, tentando memorizar nossos rostos.

Raras vezes senti alguém prestar tanta atenção em mim antes, além dos meus pais, do dr. Margolis e, é claro, Reeve. Eu me pergunto o que ela vê de tão interessante. Se eu fosse a sra. Quenell e tivesse que ficar sentada ali olhando para nós, ficaria profundamente entediada.

Mas a professora olha para mim, e, em seguida, para o resto da classe, como se todos fôssemos fascinantes, e diz:

— Obrigada, Jam, e obrigada a todos. É justo que eu fale um pouco a meu respeito. Meu nome é sra. Quenell. Veronica Quenell, na verdade, mas eu prefiro ser chamada de *senhora*. Se algum de vocês prefere ser chamado de *senhor* ou *senhorita*, terei prazer em fazê-lo. — Há um silêncio. Não, nenhum de nós prefere isso. — Leciono no Celeiro desde muito antes de vocês nascerem. Tenho certas exigências que imponho aos meus alunos, e peço que você as cumpram. Pontualidade, é claro, mas não é só isso. Também exijo trabalho duro, honestidade e transparência. Agora vocês podem estar pensando, *sim, sim, sra. Quenell, satisfarei todas as suas exigências*. Mas às vezes a mente se fecha e não ocorre nenhuma aprendizagem. A leitura não é feita. Os compromissos não são cumpridos. E, quando isso acontece, bem, não há motivo para estarmos aqui. Porém, se vocês fizerem tudo o que eu lhes pedir, creio que acharão muito gratificante. Adoro dar esta aula, que é a única que leciono agora, porque já não sou mais tão novinha. Com isso quero dizer que não sou mais *jovem* no caso de, por algum motivo, vocês ainda não terem percebido. — Ela faz uma pausa e volta a olhar para todos nós. — Ah, então vocês *notaram*. — Ela abre um leve sorriso. — Ai de mim. A idade é uma dessas coisas sobre as quais não podemos

fazer nada a respeito. — Outra pausa, então enfim ela diz: — Alguns de vocês talvez estejam se perguntando por que foram convidados a participar de Tópicos Especiais em Inglês.

— Não diga! — exclama Griffin Foley, e as risadas irrompem ao redor da mesa. Marc balança a cabeça. — Você cometeu um grande erro comigo — acrescenta Griffin.

— Como qualquer pessoa, cometo erros — diz a sra. Quenell. — Decerto não sou perfeita. Mas revi seus arquivos com cuidado e não tenho nenhuma dúvida de que vocês estão na classe certa. Até mesmo você, Griffin. — Ela volta a olhar para todos. — Entre hoje e o fim de dezembro, quando as aulas terminam, estarei extremamente interessada em ouvir o que vocês têm a dizer sobre si mesmos. — Então, ela acrescenta: — Não espero que vocês entendam o que estou tentando lhes dizer.

Todos olhamos para ela. Não, nós não entendemos nada mesmo.

— Mas está tudo bem. Vocês entenderão. Disso eu tenho certeza. — Ela volta a olhar para o relógio. — Vejo que o tempo está voando, do modo como o tempo costuma fazer. Gostaria de apresentar a primeira escritora que leremos este semestre. Ela também passa a ser a última escritora, porque é a única escritora que leremos. Sempre que dou esta matéria me concentro num único escritor, que sempre muda. Gosto de manter a conversa fresca. — Com uma voz mais calma, a sra. Quenell acrescenta: — Creio que também posso lhes dizer agora que vocês serão meus últimos alunos.

Estamos confusos. Sierra ergue a mão e pergunta:

— O que quer dizer com isso?

— Aqui não é necessário erguer a mão, Sierra — explica a sra. Quenell. — Apenas a mente. O que quero dizer é que vou me aposentar quando esta disciplina terminar. Estou aqui há muito tempo, e tem sido magnífico. Mas creio que é hora de me despedir. Então vendi minha casa e pretendo fazer um cruzeiro de volta ao mundo, num daqueles navios enormes lotados de velhos como eu esperando na fila da sobremesa, antes de decidir onde me estabelecer. Quando o semestre acabar, farei as malas e direi adeus ao Celeiro. — A emoção vem à tona enquanto ela fala, embora seja evidente que não deseja que isso ocorra. — A escola fará uma festa de despedida para mim no fim do semestre. Claro que

todos vocês serão convidados.

O fim do semestre me parece tão distante. Não consigo imaginar chegar até lá. Será dolorosamente longo. Ela pode pensar que o tempo voa, mas para mim está parado.

— Mas chega de falar a meu respeito — prossegue a sra. Quenell. — Eu não sou importante nesta discussão. Vocês sim. Então, vamos começar o último período de Tópicos Especiais.

Ela tira de debaixo da mesa uma pilha de cinco livros idênticos, que distribui entre os alunos. É *A redoma de vidro*, de Sylvia Plath. Lembro-me de Hannah Petroski ter me dito que era um livro incrível, "mas muito deprimente".

Marc Sonnenfeld ergue a mão. Então, se lembra do que a sra. Quenell disse e rapidamente a abaixa.

— Conheço este livro. Parece que é muito sombrio. Acho que lembro de algo sobre a autora. — Marc faz uma pausa, sem ter certeza se deve prosseguir.

— Continue, Marc — incentiva a sra. Quenell.

— Bem — diz ele, inquieto. — Eu acho que ela… você sabe… se suicidou, não é mesmo? Ela ligou o gás e enfiou a cabeça no forno?

— Sim, é verdade.

— Sem ofensa — prossegue Marc. — Tenho certeza de que a senhora é uma boa professora de Inglês e tudo, mas isso seria… apropriado para nós? Quero dizer, não somos um tanto… — Ele para no meio da frase, envergonhado.

— Vá em frente.

— *Frágeis* — completa ele, com um pouco de ironia na voz. — Como diz o folheto. Supostamente, todos somos assim, muito frágeis. Como porcelana.

— Sim, creio que há algo assim no folheto — concorda a sra. Quenell. — Marc, você acha que seria demais para você ler um livro sobre os problemas emocionais de uma jovem mulher, escrito por uma autora que afinal sucumbiu aos seus próprios problemas emocionais?

Marc pensa um pouco.

— *Creio* que não. Sei que este livro é considerado um clássico.

A sra. Quenell olha ao redor da mesa.

— Há alguém aqui que se sinta desconfortável quanto à leitura de *A redoma de vidro*?

Todos balançamos a cabeça em negativa. Mas eu me pergunto o que meus pais diriam. Talvez se preocupassem comigo por estar lendo um livro tão deprimente. Imagino ir ao telefone público quando a aula terminar e dizer para eles que estou lendo *A redoma de vidro*, e que isto está me deixando perturbada. "Nós a tiraremos dessa escola", dirá meu pai, indignado. Então, eu conseguirei sair daqui amanhã, e voltar para a minha casa e para a minha cama, sem ter que lidar com esse novo ambiente estranho e todas essas pessoas problemáticas.

— Tudo bem, obrigada — diz a sra. Quenell, como se apenas então tivesse se dado conta de que sua escolha de livro e escritor numa escola como esta foi um tanto incomum. Marc está certo. Suicídio deve ser uma questão delicada por aqui. É provável que muitos alunos no Celeiro sejam deprimidos. É quase como se a sra. Quenell tivesse escolhido Sylvia Plath para ir direto ao ponto. Como se ela estivesse fazendo o que quer, porque não se importa com o que as pessoas pensam a seu respeito. E, por uma fração de segundo, quase fico impressionada.

— Se alguém mudar de ideia, por favor, venha falar comigo — oferece ela. — Escolhi o currículo com cuidado. Do mesmo modo que escolhi a todos vocês.

Talvez ela tenha nos escolhido com cuidado. Mas quem sabe como essas escolhas foram feitas? Nenhum de nós na classe parece ter muito em comum.

— Para aqueles que não estão familiarizados com *A redoma de vidro* — prossegue a sra. Quenell —, o livro foi escrito há mais de cinquenta anos pela brilhante escritora americana Sylvia Plath. O livro é autobiográfico e conta o histórico de depressão de uma jovem e, suponho, o modo como enlouqueceu. Alguém sabe o que é uma redoma? — Todos balançamos a cabeça em negativa. — É um recipiente de vidro em forma de sino usado em amostras científicas. Ou para criar um pequeno vácuo. Qualquer coisa colocada sob uma redoma fica isolada do resto do mundo. É um título metafórico, é claro. Sylvia Plath, cuja depressão a fazia sentir como se estivesse numa espécie de redoma, isolada do mundo, tirou a própria vida aos trinta anos.

Ninguém diz nada, apenas ouvimos.

— Este é o único romance que ela escreveu. Ela era uma poeta renomada e escreveu alguns dos seus trabalhos mais poderosos, os poemas da sua coletânea *Ariel*, já no fim da vida. Também os leremos, é claro. Ah, ao longo dos anos ela se tornou uma grande escritora de diários. E é por isso que também estou lhes

dando *isso*.

A sra. Quenell tira de debaixo da mesa uma pilha de cinco diários idênticos com capas de couro vermelho e os entrega para nós. Quando abro o meu, o volume emite um ligeiro rangido graças à lombada justa. É um objeto muito bem-feito, dá para ver logo de cara, e é claro que também é muito antigo, as páginas estão ligeiramente amareladas, como se há décadas estivesse guardado numa caixa dentro de um armário. As pálidas linhas azuis sobre o papel são mais juntas do que estou acostumada, e vejo que terei que escrever um bocado para preencher uma única página.

— Puxa, isso é antigo — observa Griffin.

— É. Assim como sua professora — diz a sra. Quenell com um sorriso. Ela cruza as mãos e olha para nós. — Esta noite, além de lerem o primeiro capítulo de *A redoma de vidro*, vocês também começarão a pensar sobre como escreverão nos seus diários. Tentem imaginar o que podem escrever. Comecem a escrever, se puderem. Mas ao menos pensem a respeito. O diário é seu, pertence a vocês, e será uma representação de vocês e da sua vida interior. Vocês podem escrever o que quiserem.

Porém, só consigo pensar com sarcasmo: *oh, que emocionante*. Porque não há nada que eu queira escrever. Jamais colocaria no papel as coisas em que penso todo o tempo, dia e noite. A pessoa em quem eu penso. Isso é apenas para mim.

— Quando se sentirem prontos — continua a sra. Quenell —, vocês escreverão duas vezes por semana no diário. E todos me devolverão os cadernos ao fim do semestre. Não os lerei, nunca os leio, mas eu os *recolherei* e ficarei com eles. Assim como a própria redação, esta é uma exigência. Acredito piamente no progresso dos meus alunos, que não devem perder tempo com aquilo que não for produtivo.

Ela faz uma pausa e diz em seguida:

— Vocês farão uma leitura atenta durante todo o semestre, e, também, aquilo que chamo de escrita atenta. E todos serão convidados a participar das discussões em sala de aula. Haverá dias em que isso será mais difícil que em outros, sem dúvida.

Ela volta a olhar para a turma, muito séria, e acrescenta:

— E há mais uma coisa que exijo neste curso, embora não goste de colocar isso desta forma. É algo que eu gostaria de *pedir* que fizessem, de ser humano para ser humano: que cuidem um do outro.

Não sei se algum de nós entende de fato o que ela quer dizer, mas todos concordamos que faremos o que ela pediu.

— Obrigada — diz a sra. Quenell. — Alguma pergunta?

— A senhora tem certeza de que está tudo bem escrever aqui? — indaga Marc. — Isto deveria estar num museu.

— Está tudo bem — ela garante.

— Mas o que devemos escrever? — ele insiste.

— Marc — diz a sra. Quenell —, você não é mais criança, certo?

— Não.

— Também acho que não. Se eu lhe dissesse *o que* escrever, então eu o estaria tratando como se fosse. Você fez aniversário no verão passado, não é mesmo? Dezesseis anos? — Ele assente. — É uma ótima idade. Uma idade em que você pode tomar certas decisões por conta própria, e uma delas é o que escrever no seu diário. Você não precisa de uma velha para lhe dar instruções. Sei que há muita coisa acontecendo na sua mente.

Mas Marc ainda parece tenso.

— Sra. Quenell, eu não quero ser chato, mas eu me saio melhor na escola quando os professores me dão instruções. Sinto muito.

— Não há necessidade de se desculpar. Espere um instante, deixe-me pensar. — Alguns segundos depois, ela diz: — Creio que você deva escrever aquilo que melhor conte sua história. Espero que isso ajude.

Eu olho para Marc. Não, não parece ter ajudado muito, mas a sra. Quenell não parece notar. Ela se levanta em seguida e me dou conta de como ela é alta. Ela paira sobre nós com a cabeça branca e a elegante blusa de seda.

— Todos têm algo a dizer — prossegue ela, olhando para todos nós. — Mas nem todos conseguem dizê-lo. Seu trabalho é encontrar um meio.

3

— Então, como foi? — pergunta dj naquela noite durante o período de estudo, um intervalo de duas horas em que temos que nos sentar no nosso quarto ou na sala comum no térreo do dormitório e fazer a lição de casa. Decidi usar meu feio *study buddy* cor de laranja e, para a minha surpresa, descubro que é confortável me reclinar contra a superfície aveludada e descansar os braços humanos sobre seus grossos braços de objeto inanimado.

— Como foi o quê?

— Tópicos Especiais em Inglês, é claro.

— Acho que foi bom — respondo. A verdade é que Tópicos Especiais em Inglês foi meio estranho. Variou entre desconfortável e estranhamente interessante.

— Você não aprendeu uma língua secreta? — pergunta dj. — Ou passou por um rito de iniciação envolvendo óleos essenciais?

— Não.

— Talvez aqueles garotos na turma do ano retrasado estivessem enganando a todos — diz dj. — No fim do semestre, agiram como se fosse a coisa mais extraordinária do mundo.

— Não foi nada de mais. Ela distribuiu exemplares de *A redoma de vidro*.

— Sylvia Plath? É isso que você vai ler o semestre inteiro? — pergunta dj com um leve ar de superioridade.

— Sim.

— Boa escolha para um lugar como este.

— Exatamente. Creio que ela acha que podemos aprender com este livro ou algo assim.

— Li *A redoma de vidro* faz muito tempo — diz dj. E acrescenta com uma voz satisfeita: — Bem, talvez tenha sido melhor eu não estar nessa aula, uma vez que teria sido tedioso ter que ler aquilo outra vez.

— Ah, e precisamos escrever um diário — acrescento. — Podemos escrever o que quisermos. Mas temos que entregar o diário no fim, e então ela o guarda. E

jura que não vai lê-lo.

— *Diário* — repete dj com desdém. — Que lugar-comum.

Ela se acomoda, confortável, em sua cama, evidentemente feliz por Tópicos Especiais em Inglês não parecer assim tão legal. Meu primeiro dia no Celeiro não foi horrível, mas não foi melhor que os dias que tenho vivido há quase um ano. As horas se passaram inutilmente. A única diferença é que meus pais não estão à minha porta, preocupando-se comigo, perguntando quando eu vou "sair dessa".

Eu me recosto no *study buddy* e leio rapidamente o primeiro capítulo de *A redoma de vidro*, então leio o segundo, mesmo sabendo que não deveria ir tão longe. O livro é sobre uma estudante universitária inteligente e muito ambiciosa chamada Esther Greenwood, que ganha um concurso numa revista e é convidada a passar o verão em Nova York e trabalhar numa revista de moda com um grupo de outras garotas premiadas. E enquanto ela está morando num antigo hotel onde os homens não são permitidos acima do primeiro andar, Esther começa a se sentir infeliz e estranha.

O livro se passa na década de 1950, quando o mundo era diferente. As pessoas usavam chapéus e tinham encontros românticos. De acordo com uma apostila grampeada que a sra. Quenell nos deu, Sylvia Plath venceu um concurso e trabalhou para uma revista durante um verão quando estava na faculdade. E, enquanto estava lá, começou a se sentir alheia e isolada. Assim como Esther, ao voltar para casa depois daquele verão, ela tomou um monte de comprimidos para dormir e se escondeu debaixo da varanda da casa da sua família, esperando morrer.

Mas não morreu. Em vez disso, Sylvia Plath entrou em coma e recobrou a consciência dias depois. Sua família ouviu-a gemer, chamou uma ambulância e salvou sua vida. Então, depois de ser internada num hospital psiquiátrico e receber um monte de terapia regular, assim como terapia de choque — na qual fixavam eletrodos no seu corpo e ligavam a corrente elétrica —, Sylvia Plath se recuperou. O mesmo aconteceu com sua personagem, Esther. Na vida real, a autora se tornou escritora e teve um casamento conturbado com outro escritor, um poeta inglês chamado Ted Hughes. Eles tiveram dois filhos, um menino e uma menina.

Contudo, quando ela tinha trinta anos de idade e morava em Londres, ela tentou se matar de novo, ligou o gás e enfiou a cabeça no forno, assim como Marc disse em sala de aula. Dessa vez, ela conseguiu.

dj fecha seu livro de história e se levanta.

— Terminei. Vou descer para ver se posso filar um biscoito Mint Milano do Hayley Bregman. Quer vir?

Esse é o primeiro convite vagamente social que recebo no Celeiro, mas não consigo me interessar. Além disso, dj e eu já passamos muito tempo juntas.

— Não. Preciso escrever no meu diário. Não que eu tenha algo a dizer.

— Basta escrever um monte de bobagens — diz dj. — É isso o que sempre faço quando alguém me pede para escrever algo a meu respeito.

Quando ela se vai, pego o diário sobre a escrivaninha. Até agora, não passei nenhum tempo sentada ali. Em vez disso, fiz toda a lição de casa na cama, e meus esforços têm sido muito débeis. Minhas notas não serão boas, mas simplesmente não consigo me obrigar a "tentar", como meus pais me pediram antes de me mandarem para cá.

— Apenas tente, Jam — disse meu pai. — Espere um semestre, certo? Veja como será.

Longe de casa agora, sentada nesta cama, com o vento chacoalhando as antigas vidraças do meu dormitório, ouvindo o baque distante da música eletrônica que as meninas do outro lado do corredor ouvem, eu me inclino para trás de encontro ao meu *study buddy* e abro o diário.

Só escreverei algumas linhas, nada mais. *Basta escrever um monte de bobagens*, disse dj. Vou escrever algo sem graça e chato de modo que, ao fim do semestre, quando a sra. Quenell disser: "Todos entreguem seus diários", ela vai ver que me esforcei, mesmo que não leia o que escrevi. Dou-me conta de que, por algum motivo, eu não quero irritá-la ou desapontá-la.

Mas de fato não tenho nada a dizer. A única coisa em que penso é em Reeve.

É engraçado como você pode viver um longo tempo sem precisar de ninguém, e então você conhece alguém e de repente precisa daquela pessoa o tempo todo. Reeve e eu nos vimos pela primeira vez numa aula de Educação Física. Alguns anos antes, minha escola criou uma alternativa para a Educação Física comum chamada "exercício misto", que envolvia um bocado de ioga e

badminton. Assim, no primeiro dia, no meio da partida de badminton, aquele menino de olhos castanhos apareceu vestindo shorts compridos e amarrotados e uma camiseta vermelha onde se lia Manchester United. Alguém sussurrou que ele era um dos novos estudantes de intercâmbio.

Aquele menino inglês nem chegou a tentar, apenas deixou as petecas passarem por ele. Eu também desisti de jogar, preferindo observar aquele garoto que murmurava “maldição”, enquanto pequenas coisas de plástico passavam a poucos centímetros do seu rosto.

Então, quando a aula de Educação Física terminou e as meninas e os meninos se dirigiram a seus respectivos vestiários, fiz algo totalmente inusitado. É preciso lembrar que eu era uma daquelas meninas quietas, tímidas e legais. Eu não era do tipo que deixava de ser quem era para impressionar alguém.

Contudo, por algum motivo, eu disse para o garoto:

— Boa estratégia. — Tive que reunir toda a minha coragem para dizer a ele algo tão sem graça.

Ele olhou para mim, estreitando os olhos.

— E qual estratégia seria essa?

— Esquiva.

Ele meneou a cabeça.

— Sim, é basicamente assim que tenho vivido até agora.

Meio que sorrimos um para o outro e a coisa acabou ali. Eu o vi na escola a semana inteira e inventava desculpas para falar com ele e ele inventava desculpas para falar comigo.

— Minha família anfitriã são os Kesman — disse ele certo dia no refeitório. — Gostam de cantar cantigas. Você sabe o que são cantigas?

— Cantigas? — respondi. — Ah, tipo “O cravo brigou com a rosa…”.

— É insuportável. Depois do jantar, todos temos que ficar à mesa e cantamos por *horas* a fio. Ou talvez pareçam ser horas. Essa é a família mais cafona que já conheci. Todas as famílias americanas são ruins assim?

— Não. A minha não é.

— Garota de sorte.

Eu estava muito empolgada, mas disse para mim mesma que devia parar com aquilo, que não devia ficar daquele jeito, ele é apenas um amigo. Ainda assim,

eu esperava que ele se tornasse mais que isso. Mas, afinal, por que ele se interessaria por *mim*, quando havia tantas opções mais óbvias? Mas eu podia jurar que ele estava interessado. Não contei para nenhuma das minhas amigas. Em vez disso, limitei-me a sentir o que senti em silêncio.

Certa tarde, saímos para fazer desenhos de paisagem na nossa aula de Artes, e eu estava com um bloco e um carvão sentada na colina com vista para o estacionamento e para as árvores ao longe, quando Reeve surgiu ao meu lado.

Ficamos em silêncio, ombro a ombro, sem nos tocar. Nossos ombros estavam muito próximos, cobertos pelos suéteres, mas nem mesmo chegaram a se chocar de modo acidental. Eu só conhecia aquele garoto havia algumas semanas, e não sabia quase nada a respeito dele. Nosso relacionamento consistia em sorrir e dizer coisas engraçadas um para o outro.

Mas eu *queria* que nossos ombros se tocassem. Era como se eu achasse que nossos ombros quase podiam se comunicar. Sob a lã azul-celeste de um suéter que minha avó Rose tricotara antes de morrer, meu ombro poderia ter uma conversinha com o ombro *dele*, que estava sob a lã marrom-chocolate de um suéter que provavelmente fora comprado numa loja em algum lugar em Londres. E se nossos ombros conseguissem se tocar, eu sabia que sentiria uma emoção além de qualquer coisa que eu já tivesse sentido. O que me fez perceber que eu nunca me sentira *emocionada* antes.

No nono ano, beijei Seth Mandelbaum exatas quatro vezes. Foi legal, mas *emocionante* é a palavra errada. Na segunda vez que isso aconteceu, estávamos atrás das cortinas, na festa de catorze anos de Jenna Hogarth (“São os Doces Catorze Anos de Jenna!”, sua mãe repetia para todos de maneira irritante), e Seth enfiou a mão sob minha blusa e sobre meu sutiã e sussurrou com uma voz séria:

— Você é muito feminina — o que me fez cair na gargalhada.

Magoado, Seth perguntou:

— O que é tão engraçado?

E eu tive que dizer:

— Nada.

Aquele relacionamento realmente não acabou, apenas esfriou. Logo, era como se nunca tivesse acontecido.

Mas Reeve e eu éramos diferentes. Eu sentia tanta coisa quando estava com

ele que precisava me conter. A princípio, não nos tocamos; quase não havia contato visual. Todas as manhãs eu rapidamente olhava para o corredor e meu feixe de laser o procurava entre as dezenas de pessoas em meio ao tumulto matinal junto aos armários.

No dia seguinte à aula de Artes na qual acabei desenhando um impressionante retrato de Reeve e todo mundo viu que ele e eu estávamos de fato ligados um no outro, Dana Sapol me convidou para a sua festa. Eu não conseguia acreditar e estava muito empolgada, embora tenha me forçado a agir de modo bem discreto. Reeve e eu estaríamos nos vendo fora da escola pela primeira vez, e ninguém sabia o que podia acontecer.

A simples ideia de me sentar ao lado daquele garoto londrino que estava nos visitando por alguns meses, ou mesmo estar na mesma sala que ele numa festa, me fazia sentir como se eu fosse desmaiar e cair com estardalhaço.

No sábado à noite, meus pais me deixaram na casa dos Sapol. Leo estava no carro, porque ele, minha mãe e meu pai estavam indo ao shopping para comer uma pizza e assistir a um filme. Enquanto atravessávamos a cidade, olhei para o shopping através da janela e vi o cavalinho roxo ao qual meu pai costumava me levar quando eu era pequena. Ele enfiava moedas e eu ficava ali montada como se fosse a coisa mais emocionante do mundo.

Mas, na verdade, eu nunca fizera nada emocionante. Eu mal saíra de Crampton, exceto uma vez, para ir à Disney World, e a cada verão, para visitar meus avós em Ohio. Reeve era de um lugar muito diferente, onde se falava diferente e havia palavras diferentes para as coisas. Ele tivera experiências que eu nem podia imaginar, embora o desejasse. O mundo era enorme, pensei, enquanto era levada de carro para a festa naquela noite. Era inimaginavelmente grande, às vezes emocionante, e Reeve fazia parte dele.

— Divirta-se, querida — disse minha mãe quando desci do carro na frente da McMansão de Dana no bairro rico da nossa cidade, onde as casas são espalhadas e distantes umas das outras. Havia colunas brancas na fachada e uma enorme janela panorâmica, mas as cortinas estavam fechadas.

Meus pais não faziam ideia do significado daquela noite. Eles não sabiam que aquele era um tipo de festa diferente daquelas a que eu fora antes. Eles imaginavam que todos os jovens na casa de Dana Sapol estariam sentados no

tapete jogando palavras cruzadas. E, claro, eles nada sabiam sobre Reeve, porque eu nunca o mencionara para eles.

A sala de estar dos Sapol estava escura quando entrei, e cheirava a cigarro, pizza, cerveja e maconha. A música era alta e ritmada. Não vi Reeve, disse "olá" para algumas pessoas, mas não parei para falar com elas. Ele era a única pessoa com quem eu queria conversar, então atravessei a multidão até um sotaque britânico sobressair e eu me senti como um cão que fica atento ao ouvir a voz do dono. Então, segui aquela voz, e lá estava Reeve Maxfield usando uma camisa social amarrotada.

Às vezes parecia que ele ainda não desfizera as malas desde que chegara aos Estados Unidos. Suas mangas estavam arregaçadas e ele segurava uma sacola de supermercado numa das mãos e uma garrafa de cerveja na outra. Ele me viu e parou de falar com um grupo de rapazes no meio da frase.

— Termine o que estava dizendo, brô — disse Alex Mowphry, que segurava a garrafa de cerveja pelo gargalo e tentava parecer mais velho do que de fato era. No sexto ano, Alex vomitou no ônibus durante o pernoite da nossa turma na cidade colonial de Williamsburg.

— Não. — Reeve baixou a cerveja e veio direto em minha direção. — Você terá que imaginar o que eu estava prestes a dizer.

— Ah, boce… — murmurou Alex.

— Boceta? — Reeve levou a mão à orelha. — Desculpe, não estou familiarizado com esta forma de se dirigir a alguém. O que sei é que boceta é uma forma chula para se referir ao órgão sexual feminino. E eu gosto do órgão sexual feminino. Então, suponho que isso signifique… algo *agradável*. Não costumamos falar "boceta" no Reino Unido.

Alex lhe mostrou o dedo do meio, mas Reeve apenas riu. Então, se aproximou de mim e disse "olá". Meu rosto ficou quente. Dava para sentir, mesmo no calor da sala. Os outros rapazes começaram a brincar conosco, falando sobre o retrato de Reeve que eu desenhara na aula de Arte. Nós brincamos de volta. Então ele me disse:

— Quer ir a algum lugar para conversar?

— Claro — respondi, e atravessamos o corredor em direção aos quartos. A primeira porta que abrimos revelou duas pessoas engalfinhadas em cima de uma

pilha de casacos. Eles nos olharam sem muito interesse. A garota, reconheci como sendo Lia Feder, que no ano passado fizera aula de Matemática para Idiotas comigo. Ela meneou a cabeça, me deu um "oi" e voltou a beijar um menino que eu nunca vira antes, e que talvez Lia também não conhecesse.

Fechamos a porta e continuamos andando. No quarto seguinte tinha um grupo de pessoas sentadas no chão, que pareciam estar nos primeiros estágios de uma partida de *strip poker*. Todos ergueram a cabeça e riram.

Reeve e eu acabamos no quarto da irmã menor de Dana. Courtney Sapol tinha cinco anos, e ela e seus pais haviam viajado no fim de semana, deixando Dana aqui com seus sessenta amigos mais próximos, inclusive eu. O quarto de Courtney era rosa e branco e a cama era coberta por um dossel. Parecia errado sentar ali. Parecia um clichê, como se disséssemos: somos dois adolescentes que gostam um do outro. E, como não havia pais nos recintos daquela festa adolescente suburbana, era hora de transar na cama de uma criança.

Mas eu não queria fazer aquilo. Estava totalmente dominada pelo que sentia por Reeve. Além disso, e se ele achasse que eu era "doce" e "boa", e gostasse do meu cabelo comprido, mas não estivesse realmente interessado em mim?

Olhei ao redor do quarto mergulhado na penumbra. O carpete era esponjoso e sintético e, em meio à escuridão, eu nem mesmo era capaz de dizer de que cor era. Uma coisa estranha sobre a cor é a forma como a escuridão a obscurece. Reeve baixou a sacola que carregava.

— Mantimentos? — perguntei.

— Sim, ingleses — disse ele, e quando olhei dentro da sacola vi um pequeno pote e o peguei.

— "Tiptree Little Scarlet" — li no rótulo. — Morango. É uma espécie de geleia?

Reeve assentiu.

Então, eu percebi: oh, meu Deus. Ele trouxe o pote de geleia[2] por causa do meu nome. Claro. Era um presente para mim, uma pequena piada interna apenas entre nós dois, e fiquei tão comovida por causa disso que o calor voltou a tomar conta do meu rosto. Esperei Reeve dizer que a geleia era para mim, mas ele ficou tímido.

— Então posso ficar com isso? — perguntei em voz baixa.

— Claro. É da boa.

Mas eu sabia que nunca abriria aquele pote. Aquilo ficaria como uma lembrança daquela festa, daquela noite. Envolvi o pote com a mão e guardei-o em segurança no fundo da bolsa.

Aos nossos pés havia uma casa de bonecas grande e elaborada, uma daquelas casas de boneca caríssimas que os Sapol tinham projetado especialmente para a filha. Assemelhava-se à sua casa de verdade — uma McMansão em miniatura dentro de uma McMansão em tamanho natural. Os quartos eram decorados com elegantes móveis de boneca que provavelmente você tinha que encomendar de um catálogo especial. Havia pinturas emolduradas com pequenas luzes que as iluminavam se você puxasse uma cordinha. A penteadeira da mãe da boneca tinha um jogo de pentes e escovas de prata. As cerdas eram pequenas como cílios de bebê.

Em um dos cômodos estavam agrupados todos os membros da família da boneca. Reeve se agachou e eu me agachei ao seu lado.

— Aqui está — disse ele, solene, me entregando uma boneca de madeira que representava a mãe. Era loura e usava um vestido retrô e um avental. — Essa é você. — Ele pegou o boneco do pai, que usava terno e gravata, recém-chegado do trabalho. — E este sou eu — acrescentou. Juntos, movemos os dois bonecos pela casa, fazendo-os preparar o jantar na cozinha de granito e se sentar juntos na sala para assistir tv.

— *Talentos da Inglaterra* — disse Reeve. — É isso que eles estão assistindo.

— Não, *Talentos dos Estados Unidos* — repliquei.

— Inglaterra.

— Estados Unidos.

— Nossa primeira briga — disse Reeve.

Nossos bonecos estavam sentados lado a lado no sofá, e seus ombros estavam se tocando, que era o que eu queria que nossos ombros reais estivessem fazendo. Reeve soltou seu boneco, de modo que soltei a minha. Os dois bonecos ficaram caídos lado a lado e, na luz suave e incolor, nos voltamos um para o outro. Senti meu coração bater com muita força, mas tentei ignorá-lo.

Nossos olhos se fecharam e nossos rostos se aproximaram de uma maneira desajeitada que me fez lembrar de Seth Mandelbaum. Nossos ombros também se

tocaram, e senti o roçar de sua camisa de algodão amarrotada.

Aquilo não era nada parecido com Seth Mandelbaum.

Os lábios macios de Reeve tocaram os meus por um segundo esponjoso, então se descolaram com um pequeno estalo. Os sentimentos dentro de mim se avolumavam com rapidez. Ele se afastou e fez um som tipo *ohh* e eu o imitei; nenhum de nós se sentiu constrangido. Apenas emocionados. Nos beijamos infinitamente ao lado da casa de bonecas.

Essa acabou sendo a noite em que nos apaixonamos. Nos conhecíamos havia dezesseis dias. Teríamos apenas mais vinte e cinco.

Abro o diário agora e pego a caneta, mas não consigo escrever uma palavra.

4

Pouco depois da meia-noite, acordo ao som de gritos e choro.

— dj, o que é *isso*? — pergunto, despertando de repente.

dj geme do outro lado do quarto. Demora uma eternidade para ela sair da cama e cambalear até o corredor, mas eu saio na hora, junto com um grupo de outras meninas, todas vestindo pijamas ou camisolas e dizendo: “O que houve? O que está acontecendo?”. Ninguém sabe. Jane Ann Miller, a professora de História que também é nossa monitora, aparece no corredor com seu roupão cor-de-rosa. Ela sobe a escada em direção ao barulho, enquanto todos nós a seguimos como patinhos.

O som vem do andar de cima. Quarto 43. Ao lado da porta há uma placa de identificação: jenny vaz e sierra stokes. Jane Ann bate com força e Jenny, com quem eu nunca tinha falado, aparece. Os gritos e o choro continuam — mais choro agora —, de modo que é Sierra quem está angustiada.

Jane Ann se vira para nós e ordena, ríspida:

— Voltem para a cama. Não há nada para ver aqui.

Contudo, mesmo depois de ela entrar e fechar a porta, todas permanecemos onde estamos. Logo o choro se acalma, e, por fim, há silêncio.

Pela manhã, todo mundo está meio de ressaca por ter sido acordado no meio da noite. Durante o café da manhã, estou na fila do mingau de aveia, com os olhos semicerrados, quase cambaleando, quando vejo Sierra um pouco mais à frente, conversando com uma garota que eu não conhecia.

— Sim, eu sei, é claro, *parecia* real — explica a menina com docilidade. — Você não vai acreditar no sonho que eu tive neste verão. Eu estava fazendo uma prova importante, como o vestibular ou algo assim, e de repente percebi que tinha esquecido de trazer um lápis…

— Não foi isso — interrompe Sierra.

— Oh, eu sei, sempre parece que estão acontecendo mesmo — insiste a menina.

— Esqueça. — Sierra se afasta.

À mesa, dj me conta:

— Não é surpresa que Sierra Stokes tenha tido um pesadelo, considerando o que ela passou.

— O que ela passou?

dj olha para mim, sem entender.

— Ah. Você não sabe. Certo. — No prato, ela tem três uvas e um pedaço de torrada quase preta. Torrada de emo. Ela dá uma mordida na torrada, engole, e diz em seguida: — Eu não devia mesmo falar sobre isso. Vai contra a política do Celeiro. As pessoas só devem revelar suas próprias histórias para os outros se quiserem. Você a conhece?

— Ela está na aula de Tópicos Especiais em Inglês comigo.

— Ela entrou e eu não? Ah, sei lá. Bem, tudo o que vou dizer é que ela chegou muito mal aqui no ano passado, e talvez o pesadelo signifique que não melhorou muito.

— Essa "coisa" por que ela passou — digo. — É algo muito ruim?

— Sim. A pior de todas.

Sinto um aperto no coração, embora é claro que não saiba o que "a pior de todas" significa.

Saímos para as nossas aulas do primeiro tempo, e, durante a aula de Tópicos Especiais em Inglês, olho para Sierra do outro lado da mesa de carvalho e ela parece perturbada, distante. Casey atrasa de novo e entra na sala com sua cadeira de rodas no meio de uma discussão sobre a narração em primeira pessoa em *A redoma de vidro*.

Há uma longa pausa, e eu acho que estamos todos nervosos.

— Casey — diz a sra. Quenell afinal. — O mundo não vai esperar.

Isto é o *mundo*?

— Desculpe — murmura Casey.

A sra. Quenell se volta para a classe.

— Como eu disse, o livro foi escrito há mais de cinquenta anos, mas algum de vocês se identifica com ele agora no presente?

— Claro — responde Casey. — Podemos dizer que estou presa na minha própria redoma sobre rodas.

Também acho que tenho minha própria versão. Depois da morte de Reeve, eu costumava ficar na cama o dia inteiro, ouvindo minha família e meus amigos falarem a meu respeito no vestíbulo ou na sala de estar. Comecei a sentir como se minha cama fosse uma ilha, e como se cada vez mais eu estivesse me afastando de todos, tendo apenas meus pensamentos sobre Reeve para me acompanhar.

— O isolamento é tão difícil — digo, e logo em seguida me envergonho do que falei.

A sra. Quenell olha para mim.

— Sim. E vocês são tão jovens. A protagonista de Plath também é jovem. Estar no limiar da sua vida e não ser capaz de entrar… isso deve ser evitado sempre que possível.

Todos estão prestando muita atenção no que ela diz. Estamos falando sobre o romance, certo? Mas talvez não. Estamos falando de nós mesmos. E acho que isso é o que pode começar a acontecer quando se fala sobre um livro.

Lembro-me de ter lido *A teia de Charlotte* com minha mãe quando eu era pequena. Eu estava sentada ao lado dela no sofá marrom da sala de tv quando Charlotte morreu. E era como se aquela pequena aranha de celeiro fosse minha amiga de verdade. Ou mesmo como se ela fosse *eu*. Acho que de repente me dei conta de que também iria morrer um dia. Pela primeira vez realmente me dei conta disso, fiquei chocada e chorei.

É assim que a depressão da personagem Esther de Sylvia Plath me faz sentir agora: *ah, eu entendi*. E seu isolamento me faz lembrar de como estou me sentindo desde tudo o que aconteceu com Reeve.

— Sim. — Griffin meneou a cabeça. — É como se você não pudesse falar com outras pessoas. O que eles sabem a respeito do que você está passando? Nada.

— Nada mesmo — concordo.

— Então as outras pessoas não sabem de nada — diz a sra. Quenell. — E Esther parece se sentir assim também, e está sozinha dentro do seu desespero. Nada muda para ela. O que eu acho que é o oposto da vida.

— O oposto da vida não é a morte? — pergunta Sierra. É a primeira vez que ela entra na conversa hoje.

— Eu acho que *não mudar* é uma espécie de morte — diz Griffin, e vejo que, na verdade, ele está se sentindo desconfortável ao participar de um debate vagamente literário. Aposto que ele nunca fez isso na vida. — Mas talvez eu esteja errado, sra. Q — acrescenta rápido.

Sra. Q! Algumas pessoas riem, nervosas. No entanto, logo o nome pega, e se *mantém*, do mesmo modo que Leo começou a me chamar de Jam e pegou.

— Você sabe muito mais do que pensa, *sr. F* — diz ela. — Mudar pode ser crucial. Tudo está mudando o tempo todo. Suas células estão mudando neste exato minuto. A vista da janela é um pouco diferente do que era há alguns segundos.

Automaticamente olho pela janela, e, quase como se a sra. Quenell tivesse planejado, uma folha cai da árvore e bate no vidro. A folha fica ali grudada por um segundo antes de rodopiar para longe.

— Não podemos ter medo de mudar — diz ela. — De outro modo, perderemos tudo.

A aula está quase no fim. A sra. Quenell consulta o relógio, parecendo querer voltar ao momento presente. Todos estivemos longe, pensando em Sylvia Plath e em seu alter ego, Esther Greenwood, e, é claro, em nós mesmos. Esta aula é como uma daquelas lojas de conveniência vinte e quatro horas. Só que a única coisa que se vende aqui é a depressão. Se fosse de fato uma loja, se chamaria Deprê Mart.

E eu me sinto deprimida. Depois de sermos dispensados, caminho pelo campus e me dou conta de que aquela discussão me esgotou. Talvez eu durma durante a aula de Física. Não há mais sentido em ficar acordada. Sem Reeve, mal sou uma pessoa.

Dobro a esquina e estou sozinha no caminho repleto de folhas, andando em silêncio entre as árvores. Sei que as cores no outono aqui em Vermont são consideradas espetaculares, mas ainda assim não me importo. Os tons parecem estar zombando de mim, cantando uma velha musiquinha que aprendi no jardim de infância sobre as cores do arco-íris e como não éramos capazes de vê-las em todo o seu espectro.

Enfio as mãos no fundo dos bolsos, encontrando um centavo coberto de fiapos de tecido. Enquanto giro a moeda entre os dedos, percebo Sierra mais

adiante, atirando pedras contra uma árvore. Ela arremessa diversas pedras contra o tronco da árvore, usando toda a sua força. Ela está motivada, concentrada, como se atirar pedras fosse uma espécie de libertação para ela.

— Oi — exclamo, quebrando seu ritmo.

Ela se volta e olha para mim, subitamente envergonhada.

— Oi — responde.

— Você tem força no braço. — Eu me aproximo.

— Obrigada.

Ficamos sem jeito e eu digo:

— Você deve estar aborrecida *mesmo* com essa árvore. Será que ela transmite alguma doença contagiosa ou algo assim? Olmo holandês? Raiz podre? — Mas ela nem mesmo ri da minha piada patética.

Em vez disso, ela explica:

— Tive uma noite difícil. Acho que você sabe disso.

— É. Sinto muito.

Sierra me estuda, como se estivesse tentando descobrir se há algum problema em falar comigo ou não. Então, ela diz:

— Você já passou por alguma experiência que não fazia sentido?

— Não tenho certeza.

— Quero dizer, uma experiência tão surreal que, caso você contasse para alguém, diriam: "O que diabos há de errado com *ela?*".

Meu coração está acelerando. Passei por algo intenso depois que perdi Reeve. E algumas pessoas me olhavam esquisito porque não estavam acostumadas a ver esse tipo de intensidade, esse tipo de dor, em alguém da minha idade. Mas Sierra quer dizer outra coisa. Não estou pronta para revelar a história de Reeve agora.

Tudo o que eu digo é:

— Você poderia falar mais a respeito?

— Não importa. Isso não importa. — Ela pega a mochila, pendura-a nos braços e se afasta, encerrando a conversa. Ela tentou ver se eu era uma alma gêmea, e aparentemente não sou. Fui submetida a um teste e não passei.

Na sexta-feira à noite há uma reunião social. Trata-se da pior ideia do mundo:

um bando de desajustados psicológicos embaraçosamente reunidos à noite num ginásio com house music tocando como se aquilo fosse uma “festinha de adolescentes” normal, enquanto nos cantos da sala alguns professores entediados nos supervisionam. Como tudo no Celeiro, esta festinha deve ser um tipo de “cura”, e esperam que tiremos algo disso. Tipo, aprendermos a ser sociais.

— Oh, Deus, essas coisas são horríveis, eu devia tê-la avisado — diz dj ao meu lado, observando a sala em penumbras.

— Quanto tempo teremos que ficar aqui? — pergunto.

— Até o próximo milênio.

— Mas *para quê*?

— Essa é a pergunta de um milhão de dólares.

O cabelo de dj está tão caído sobre seu rosto que não é mais uma cortina e, sim, uma parede de cabelo. Ela veste uma minissaia cor-de-rosa, Doc Martens, jaqueta do exército e, de algum modo, tudo isso se mistura e fica muito bem nela. Ela está com os braços cruzados sobre o peito. Eu estou vestindo jeans, suéter e meus tênis Vans.

De repente, lembro-me do suéter marrom de Reeve, a lã macia cor de chocolate e seu característico cheiro agridoce. E embora eu seja forçada a permanecer nesta reunião social, começo a fazer o que às vezes faço na minha mente, que é recordar em detalhes os quarenta e um dias do nosso relacionamento. Quarenta e um dias que memorizei e que, em momentos de estresse ou tédio, repriso diversas vezes na minha mente, como um filme em modo de repetição. Começo a me lembrar de cada coisa que fizemos juntos:

A manhã em que ele apareceu na aula de Educação Física pela primeira vez.

A tarde na aula de Artes, quando eu estava desenhando na colina e ele se sentou ao meu lado.

A noite em que ele me beijou junto à casa de bonecas de Courtney Sapol.

A vez em que ele me mostrou um dvd do seu esquete favorito do Monty Python, aquele sobre o papagaio morto.

Também fizemos outras coisas, mas, à medida que os pensamentos começam a se acumular no meu cérebro, minha garganta fica um pouco apertada.

E se eu não parar de pensar nos quarenta e um dias, então começarei a chorar no meio desta reuniãozinha social idiota.

Pare de pensar nele, digo para mim mesma. *Seja social*.

Mas é muito difícil. Não há por que eu estar aqui; é uma loucura a que eles nos obrigam. Casey Cramer chegou atrasada de novo e estacionou sua cadeira de rodas junto à saída. Não importa que ela não possa dançar. Ninguém aqui está dançando. A música está alta e há até um patético globo de discoteca girando acima da nossa cabeça. Será que algum funcionário da escola foi mandado a um lugar chamado Acessórios para Festas de Vermont para comprá-lo? Mas os brilhos do globo de discoteca só ressaltam o fato de que estamos todos ali parados como bobões emocionalmente frágeis.

— Alguém poderia tirar uma foto desta cena e legendá-la com "Tragédia" — diz Casey.

Griffin está de pé, não muito longe de onde estamos. Na penumbra do ginásio à noite, com o capuz baixado, seu rosto parece ainda mais mal-humorado que o habitual, e me pergunto por que ele é assim — se ele sempre foi assim, ou se isso é resultado daquilo que o trouxe para cá.

— O que você está olhando?

A voz de Griffin me assusta.

— Nada — respondo, mas ainda continuo olhando para ele, mesmo sem perceber.

— Sim, você estava — diz ele. — Você estava olhando para mim.

— Não estava — insisto, e nem sei por que é tão importante negar.

Parece o modo como criancinhas dizem umas para as outras: "Foi! Não foi!".

— Você acha que estou desesperada para descobrir seu eu interior embaixo desse capuz?

— Bem, como quiser — diz Griffin, a resposta mais sem sentido do mundo. Então ele dá meia-volta e sai pela porta do ginásio.

— O que foi isso? — pergunta Casey enquanto o vemos se afastar.

— Não faço ideia.

Ao nosso redor, alguns alunos começam a entrar na pista de dança e, para me esquecer do mau momento com Griffin, tento me concentrar na cena. É claro que, apesar de as pessoas aqui estarem um tanto perturbadas, algumas delas ainda querem participar dessas atividades humanas básicas. Não faço ideia do porquê.

A música aumenta um pouco e a sala fica lotada. Os alunos formam casais ou grupos e começam a dançar.

— Então você simplesmente vai deixá-lo lá fora? — pergunta Casey.

— Quem?

— Griffin. Ele foi lá para fora.

— Então, ele foi lá para fora. Ótimo.

— Estou pensando naquilo que a sra. Quenell disse. Sobre como devemos cuidar uns dos outros. E todos nós dissemos que faríamos isso.

Eu realmente não pretendo falar com Griffin mais que o necessário. Meus sentimentos teriam que ser separados e analisados. Às vezes, no verão, minha mãe ou meu pai falavam para Leo e para mim irmos limpar milho na cozinha. Tínhamos que remover a palha entre o mosaico de grãos. Puxá-la para fora, fio por fio, e sempre demorava uma eternidade. Agora seria a mesma coisa, mas com meus sentimentos em vez da palha de milho, e quem quer uma coisa assim?

Atrás de Casey, as portas do ginásio se abrem para a noite. Ao ar livre, sob a luz fluorescente, vestindo de novo o capuz, vejo Griffin encolhido de frio.

Casey está certa, eu deveria ir lá e dizer algo para ele.

Mas demoro muito a me decidir e, quando chego na varanda, Griffin se foi. Nós não deveríamos deixar a reunião social antes do fim, mas, ao contrário de Marc Sonnenfeld, Griffin não é muito bom em seguir regras. Se eu pudesse, também iria embora da reunião social *e* da escola. Pegaria um ônibus interestadual mais tarde, deixando para trás todas essas pessoas e seus tristes passados, voltaria para casa em Nova Jersey e ficaria deitada na cama o resto da vida.

Atrás de mim, sob a luz amarela e repleta de insetos da varanda, alguém chama meu nome e, quando me viro, Casey está lá, parecendo minúscula na cadeira de rodas.

— Pensando em dar o fora daqui? — pergunta.

— Não é má ideia.

— Aqui não vai ser tão terrível para alguém como você — diz ela.

— Assim como eu? — Casey Cramer não me conhece mesmo.

— Alguém que possa caminhar — explica ela. — Você sabe como nós os chamamos? ctss.

— Não sei o que é isso.

— É a abreviação de corpos temporariamente sãos. Você nunca sabe quando algo pode lhe acontecer, certo? Quero dizer, olhe para mim. Eu não esperava por isso. Então, aproveite a vida enquanto pode. Vá ficar com o jovem e raivoso Griffin.

— Eu não ia ficar com o Griffin — protesto. — Pretendia apenas ser legal com ele.

— Desculpe — diz Casey. — Fiquei um tanto amarga. Ninguém nunca vai se sentir atraído por mim outra vez.

— Isso não é verdade.

— Sim, claro, Jam. Um cara pode ficar a fim de mim mesmo eu não podendo me mover um centímetro. E vai *adorar* me levar ao banheiro e me sentar no vaso sanitário. Isso é muito excitante, certo?

Começo a dizer algo, mas seria apenas alguma baboseira sem sentido. Não há nada que eu possa dizer para fazê-la se sentir melhor. Sei disso por experiência. Ambas estamos perdidas e fragmentadas. Ficamos ali no frio, tremendo um pouco e sem dizer nada.

5

Por fim, tarde da noite, vou para a Redoma pela primeira vez. Não chamo aquilo de Redoma logo de cara; nenhum de nós chama. Depois de ir até lá — depois que “aquilo” acontece —, é claro que estou apavorada demais para compartilhar com outra pessoa. A princípio parece muito selvagem, incoerente e absurdo para contar a alguém.

Certa vez, no nono ano, quando Jenna Hogarth e eu ficamos muito loucas com a maconha medicinal do tio dela, imaginei que a luminária em forma de gato da sala de tv dos seus pais *miou*. Fiquei confusa uns trinta segundos, até conseguir me acalmar e rir daquilo. (Desde esse dia, não sou muito de fumar maconha ou de perder o controle.)

Mas não há como rir da Redoma. É grande demais para isso. A Redoma sai do nada e muda tudo para todos nós que estamos na aula de Tópicos Especiais em Inglês. Antes de irmos até lá pela primeira vez, todos estamos inocentemente cursando o semestre no Celeiro, seguindo o ritmo monótono das lições de casa, das refeições e da vida nos dormitórios. Sinto falta de Reeve com uma profunda dor óssea que não passa, não importando o quanto eu tente me distrair.

A noite em que vou para a Redoma pela primeira vez parece uma noite qualquer. Casey, dj e eu estamos vestindo camisetas e calças de moletom, fazendo a lição de casa na sala comum, no primeiro andar do nosso dormitório. Nós três temos andado juntas, embora nunca tenhamos conversado nada pessoal. Em vez disso, nos sentamos à noite e estudamos, sem dizer nada importante. Sierra nunca se junta a nós.

— Então, agora que vocês já estão nisso há algum tempo, o que há de tão incrível em Tópicos Especiais? — pergunta dj quando Casey e eu começamos a falar das próximas redações sobre Plath que teremos que entregar. Não importa quantas vezes eu tenha dito para dj que aquela é uma aula muito banal. Ela ainda não consegue esquecer o assunto.

— Quem disse que é incrível? — pergunta Casey.

— Todo mundo — diz dj. — Mas Jam diz que não é. Talvez ela esteja

escondendo algo de mim.

— dj, você é louca — digo.

— Jam está certa — concorda Casey. — Não é grande coisa. Mas a sra. Quenell é uma pessoa bem interessante. Todos os outros professores aqui nos tratam oh-de-modo-tão-delicado. E eu adoro ler.

Eu também. Mas não me interesso por nenhum dos outros alunos além de Casey.

Griffin e eu temos nos evitado desde a reunião social e Sierra tem estado silenciosa e distante de todos. Marc parece surpreendentemente abatido nos últimos dias. Durante o jantar, eu o ouvi dizer para outro garoto que está tendo dificuldade para dormir. Portanto, a classe é uma má combinação de alunos, mas ao menos a leitura de Sylvia Plath vale a pena.

— Tudo bem, hora de deitar e rolar — diz Casey por fim, quando começa a ficar tarde. — Sobretudo rolar.

Ela roda a cadeira até a porta e nós a abrimos, ajudando-a a sair da sala e ir até seu quarto com cama dupla no primeiro andar. Um pouco mais tarde, dj e eu voltamos a subir e, assim que entramos no nosso quarto para dormir, sem me perguntar se está tudo bem, ela de repente estica o braço e apaga a luz, deixando-nos na escuridão total.

— Muito obrigada, dj.

— De nada.

— Não te passou pela cabeça que eu poderia querer a luz acesa mais um pouco? Para que eu possa terminar meu inútil dever de casa sem a necessidade de fazê-lo em braille?

— Então vá lá para baixo, Jam — diz dj embaixo das cobertas.

— Não quero voltar a descer. Quero ficar aqui.

— Então fique. Eu vou dormir.

Penso em me levantar e acender a luz, mas é claro que dj a apagaria outra vez. Além disso, simplesmente não me importo o bastante. De certa forma, a escuridão me convém; combina com meu estado de espírito nesta e em todas as outras noites. Não me importo mesmo de passar o resto da vida num quarto completamente escuro.

E é aqui que tudo começa. Estou sentada na escuridão, olhando para o vulto

da minha grosseira colega de quarto que está debaixo das cobertas no outro lado do cômodo, e penso que estou presa neste lugar, e como é triste que tudo tenha acabado dessa maneira. Eu deveria estar morando em Nova Jersey, passeando pelos campos de futebol atrás do colégio, de braços dados com meu namorado, Reeve Maxfield. Assim deveria ser minha vida, mas isso foi tirado de mim.

Sento na cama com meu *study buddy* às costas. Lembro-me que, ao fim do primeiro dia de aula, quando estávamos falando sobre nossos diários, a sra. Quenell disse que todos tinham algo a dizer, mas nem todo mundo conseguia fazer isso. Nosso trabalho era encontrar um meio.

Na escuridão, vou até minha escrivaninha e procuro meu diário e a pequena lanterna de leitura que minha mãe fez questão que eu trouxesse para a escola. “A gente nunca sabe quando vai querer ler no meio da noite”, disse ela. Como se ler ainda fosse uma prioridade para mim.

Sentada na cama, encostada no *study buddy*, abro o diário. Talvez esteja na hora de escrever sobre Reeve. Talvez ajude, mesmo que só um pouquinho. Clico a caneta e as primeiras palavras que escrevo são:

Reeve Maxfield era a pessoa que eu esperava encontrar desde que nasci, mas é claro que eu não sabia disso.

Então, depois de ter escrito esta frase, sinto os braços do *study buddy* começarem a amolecer e a se dobrar.

O veludo parece mudar de textura, as dobras vão se preenchendo, como se a coisa toda estivesse se transformando em lã.

Os braços começam a parecer braços humanos.

Devo ter caído no sono, e agora estou sonhando com o garoto que eu amava, que morreu.

Ainda assim, tenho certeza de que estou acordada e que algo está acontecendo com meus pensamentos.

Vire-se, digo para mim mesma.

Mas não consigo fazer isso, porque os braços que me seguram se tornaram confiáveis e familiares, e a coisa que eu mais quero no mundo — aquilo que é impossível — parece estar acontecendo. Se eu estiver errada, ficarei arrasada.

Vire-se.

Eu me viro e lá está ele. Inspiro fundo enquanto olho para aqueles olhos sonolentos e aquele cabelo castanho despenteado. Isto não é um sonho, e eu não estou experimentando o que se conhece como sonho lúcido. Em vez disso, meu namorado, Reeve, aquele a quem perdi, simplesmente está ali, *aqui*, comigo.

Agora não estamos no meu quarto no Celeiro; estamos ao ar livre em algum lugar num dia cinza e neutro. Onde exatamente? Por alguns segundos, não consigo identificar. Faz frio no lugar onde estamos. Eu olho em volta e percebo que não há árvores altas com folhas nos galhos nem recolhidas em montes ao seu redor, como em Vermont. Em vez disso, estamos na vasta extensão dos campos de jogos atrás da minha antiga escola em Crampton, Nova Jersey.

— Você voltou — digo para ele com a voz embargada. Então, começo a chorar. Não que eu não tenha chorado desde o último dia em que o vi. Eu chorava sempre, congestionando os olhos, inchando o rosto, mantendo minha família acordada durante a noite, preocupando todo mundo.

Mas este choro é diferente. É um choro de *alívio*. A última vez que chorei assim creio que tinha cinco anos e me perdi na Price Cruncher. De repente, vi minha mãe dobrando a esquina do corredor com seu carrinho e comecei a chorar como se ela tivesse voltado da guerra.

— Oh, *shh*, Jam, *shh* — diz Reeve, e me puxa contra ele, permitindo-me chorar enquanto acaricia meu cabelo.

— Obrigada — é tudo o que consigo pensar em dizer. — Obrigada.

"Os efeitos remanescentes do trauma", a frase que meus pais escreveram na minha inscrição, se alteraram num novo estado. Sou como aquela velha senhora demente em Crampton que às vezes se sentava num banco no ponto de ônibus balbuciando para as pessoas que passavam: "Angela, quando você vai voltar para casa? Angela, minha menina, eu vou deixar a luz acesa para você".

Entretanto, ao contrário da velha senhora, de repente eu me sinto feliz. A filha Angela talvez jamais volte para ela, mas, de algum modo, Reeve voltou para mim. E, por isso, este novo estado não é algo tão terrível.

— Jam — diz ele afinal. — Você está bem? — Sua voz é a mesma de sempre: o áspero sotaque inglês.

— Você está perguntando isso para *mim*? E você? — pergunto. — Você está

bem?

Ele assente.

— Agora estou.

— Não consigo crer que você está aqui — digo antes de começar a chorar outra vez.

— E onde mais eu estaria? — Ele abre um sorriso triste. — De volta à casa dos Kesman para cantar cantigas?

Não consigo entender como ele simplesmente me foi devolvido como um objeto que perdi há muito tempo. Talvez o truque seja chorar bastante — você precisa ficar farta de chorar — e, por fim, sua mente apenas *explode* e assume propriedades magnéticas e de fato consegue fazer alguém voltar para você.

— Foi horrível — digo.

— Eu sei. Mas por favor, não chore mais, Jam. Senão vou chorar também. E não temos muito tempo. Você quer mesmo gastar todo o tempo chorando como uma daquelas adolescentes num filme americano proibido para menores?

— Eu não sou como uma daquelas garotas. E o que você quer dizer com não termos muito tempo? — pergunto, enxugando os olhos. — Você não *voltou*?

— Não inteiramente.

Reeve balança a cabeça como quem se desculpa, e é então que percebo que, embora com certeza seja ele — o rosto doce, a bela boca e o largo espaço entre os lábios e o nariz, que sei que se chama filtro labial porque ele me disse isso certa vez: "Está no *Dicionário Oxford da Língua Inglesa*; dê uma olhada" —, Reeve parece um pouco mais delicado, como se tivesse sido pintado com aquarela.

— Quero dizer, eu estou de volta, sim, mas só por algum tempo. Eu acho que você já sabia disso. — E ele está certo. Parece que eu sei mesmo.

— Mas o que é este lugar? — pergunto. — Acho que estamos nos campos de jogos atrás da escola, mas estes aqui parecem não ter fim. Estão diferentes.

— Eu acho que você também já sabe disso.

Ele pega minha mão — sinto seus dedos longos, os calos, a curva seca da palma — e caminhamos pelo campo de futebol americano duro e marrom, que agora parecem ser o lugar aonde você deve ir caso tenha perdido alguém e precise desesperadamente ter essa pessoa de volta. Caso o fato de *não* tê-la de

volta tenha lhe causado muito sofrimento.

E é verdade que desmoronei quando perdi Reeve e entrei num estado *Redoma de vidro* de torpor, uma espécie de agonia, de morte por dentro.

Este amplo espaço aberto com céu cinza e grama seca e achatada é mais sombrio que qualquer outro lugar onde eu já tenha estado, mas também é um lugar maravilhoso, porque Reeve está aqui. Eu me pergunto o que devemos fazer neste tempo limitado que temos para ficar juntos. Devemos nos beijar? Ou nos tocar? Conversar? Cair na gargalhada? Ficar deitados de costas e imóveis, cada um de nós com um dos fones do iPod no ouvido, escutando os acordes iniciais de uma canção do Wunderkind, a banda indie inglesa que Reeve adora?

— Venha cá, Little Scarlet Strawberry — diz ele, e eu choro de modo convulsivo contra seu ombro, minhas lágrimas molhando seu suéter marrom.

— Sinto muito. Você vai ficar cheirando a cachorro molhado — digo, quando consigo falar.

— Creio que as pessoas subestimam o cheiro de cachorro molhado. Eu só espero que não comecem a me seguir para cheirar o meu traseiro.

— *Traseiro!* — exclamo. — Você continua o mesmo.

Mas ambos sabemos que não, não totalmente. E, quando ele disse que não temos muito tempo, estava me advertindo para que eu não ficasse muito à vontade. Será que *em algum momento* lhe é permitido ficar à vontade com o amor? Minha mãe e meu pai sempre pareceram muito à vontade, sentados no velho sofá marrom da sala depois do jantar. Massageando os pés um do outro após um longo dia no escritório onde ambos são contadores. Sem atinarem que um dia um deles vai morrer e o outro ficará com o coração partido.

Reeve e eu também não temos muito tempo agora. Talvez ninguém tenha. Nós nos deitamos juntos no chão e, embora esteja um pouco frio, nos beijamos, e ele me conta histórias que já contou antes, sobre como ele sempre quis crescer e se tornar um membro do Monty Python. Fico feliz ao ouvir tudo de novo.

Desejo perguntar se ele tem pensado em mim todo esse tempo do modo como pensei nele. Mas não pergunto. Se ficarmos deitados assim, tranquilos e confortáveis, talvez nunca tenhamos de nos levantar e isso nunca precise acabar.

Mas acaba, de repente. O céu fica mais escuro e Reeve me diz com a voz tensa:

— Você deve voltar.

Ele se levanta e eu olho para ele vendo seu corpo magro de menino, o cabelo castanho e rebelde, o rosto suave, gentil e tão desprotegido.

Ele beija minha mão e depois minha boca, e eu não tenho a chance de perguntar como poderei vê-lo outra vez. Para começo de conversa, nem sei como cheguei aqui. Tudo o que eu sei é que por algum tempo abandonei minha insuportável vida interior e estou começando a entrar em pânico com a ideia de ficar sem ele outra vez.

Fecho os olhos por menos de um segundo, o tempo de uma piscadela, e quando volto a abri-los estou outra vez sentada na cama do meu quarto escuro como breu no Celeiro. O velho diário vermelho está aberto no meu colo. Contudo, embora eu me lembre de ter escrito apenas uma linha, vejo páginas e mais páginas preenchidas com minha letra, contando como Reeve e eu nos conhecemos. E também nossa história de agora, quando voltamos a nos encontrar.

Em vários lugares, a tinta está borrada e escorrida, como se alguém tivesse se inclinado sobre a página e chorado muito.

6

— DJ — sussurro para o quarto escuro. Não há resposta. — *dj* — tento outra vez, com urgência.

Depois de alguns segundos, eu a ouço se virar na cama e dizer:

— O que foi, Jam?

Estou prestes a lhe contar o que aconteceu comigo, mas paro de súbito. De algum modo, sei que não devo dizer nada.

— Nada — respondo afinal. — Não consigo dormir.

— Você não consegue *dormir*? Você me acordou para me dizer que não consegue dormir?

— Sim — é tudo o que consigo falar.

— Por que você não tenta contar imagens minhas saltando sobre uma cerca para lhe dar um tapa? — diz ela. Em seguida, murmura algo que não consigo entender e se acomoda de novo na cama. Em poucos segundos a respiração de dj se altera e ela volta a dormir.

Sento-me imóvel na cama, no quarto escuro. Talvez eu devesse contar tudo para Jane Ann, a monitora, e ela poderia chamar a enfermeira, e eu teria que ficar sentada e trêmula numa sala iluminada no meio da noite e explicar tudo para aquelas mulheres gentis e preocupadas.

“Vi meu namorado”, diria eu quando a enfermeira examinasse meus olhos com uma pequena lanterna.

“Mm-hmm”, diria ela, tentando me animar.

“Não, eu estava *com ele* de novo, você não entende? Estávamos juntos. Isso aconteceu mesmo. Eu não estou inventando.”

Uma vez que a escola não acredita em medicação, ninguém tentaria me sedar, a menos que fosse uma emergência absoluta. Mas elas poderiam decidir que sou muito desequilibrada para ficar aqui e eu acabaria num hospital psiquiátrico, como Sylvia Plath, com eletrodos enviando impulsos elétricos através do meu cérebro.

Então, não contarei para ninguém.

De algum modo, consigo adormecer, mas pela manhã, ao despertar, logo me lembro do que aconteceu na noite anterior. Então, vou até minha escrivaninha e pego o diário de couro vermelho para ter certeza de que aconteceu mesmo. Há cinco páginas inteiras preenchidas com minha letra. Há uma longa descrição de Reeve no dia em que nos conhecemos na aula de Educação Física, e uma outra descrição do momento em que eu o vi de novo, naquela versão estranha dos campos de jogos atrás da minha antiga escola.

Aquilo aconteceu.

— Você parece estranha hoje — diz dj enquanto nos vestimos. Ela tira a camiseta enorme com a qual dormiu, em que está escrito o nome da banda My Chemical Romance, e coloca um sutiã e uma cueca samba-canção xadrez masculina. — Quero dizer, mais estranha que o normal — ela acrescenta.

— Olhe quem fala.

— Sei muito bem o quanto sou estranha.

Sinto-me alheia esta manhã, do modo como Sierra parecia estar se sentindo depois do seu pesadelo. No café da manhã eu me sento sozinha num canto de frente para a parede e como um bolinho de banana duro como uma maçaneta, sem querer falar com ninguém. Todos parecem entender e me deixam em paz. As pessoas ficam deprimidas aqui, e todo mundo respeita isso.

Como em silêncio, roendo devagar o topo do bolinho, permitindo-me revisar cada minuto do que aconteceu ontem à noite, lembrando como os braços do meu *study buddy* se transformaram nos braços de Reeve e, então, estávamos juntos outra vez. Eu poderia ter me perdido nessas lembranças todo o café da manhã, mas de repente ouvimos um estrondo.

— Merda!

Casey afastou a cadeira de rodas da mesa bem na frente de Marc, e a bandeja dele caiu. A tigela de cereal roda no chão como um pião e por fim para.

— Pelo amor de Deus, Marc — reclama Casey. — Olhe por onde anda.

Preso entre a cadeira e a mesa ao lado, Marc diz:

— Foi um acidente. Contenha-se.

— Estou contida.

— Você sabe o que quero dizer.

Sem pensar, corro até lá e agarro as empunhaduras da cadeira de rodas para

ajudar Casey a se mover.

— Largue, Jam. — Ela se vira para mim como se estivesse falando com um cachorro desobediente. Então, com grande dificuldade, ela se desembaraça, e tudo o que me resta fazer é vê-la se afastar. Quando ela se vai, Marc se agacha para recolher a comida e os talheres espalhados, e eu o ajudo.

— Eu não sei por que ela ficou tão chateada — diz ele. — Ela está realmente no limite.

— Não é a única.

Ele pega uma pá e uma vassoura, terminamos de limpar a sujeira e então saímos dali e caminhamos em silêncio para a aula de Inglês. Imagino que a aula não correrá muito bem hoje e, ao chegar lá, vejo que estou certa. Casey está de péssimo humor, assim como Marc, Sierra e eu. Griffin está sempre de péssimo humor, e hoje não é diferente.

A sra. Quenell nos encara do seu lugar à mesa e, enfim, pergunta:

— O que está acontecendo?

Ninguém responde.

— Compreendo — diz ela, mas é claro que não entende.

Estou louca para falar. Se há uma professora no mundo para quem eu gostaria de contar o que me aconteceu ontem à noite, esta professora é a sra. Q. Afinal, eu estava escrevendo no meu diário quando aquilo aconteceu. Talvez de alguma forma ela entenda. Mas não saberia explicar algo que eu mesma não entendo.

— Vamos continuar de onde paramos na última aula? —pergunta a sra. Quenell. — Acho que Sierra estava…

— Sem ofensa, sra. Q — interrompe Sierra. — Mas eu simplesmente não consigo me concentrar.

— Nem eu — diz Marc. — Sinto muito.

— É como se as palavras na página não significassem nada — acrescenta Griffin.

A sra. Quenell olha para nós. Será que ela vai se irritar e dizer: “Não importa se vocês conseguem se concentrar ou não. Vocês estão aqui para aprender”? Ou ela será compreensiva?

Então ela realmente nos choca ao dizer:

— Querem saber? Vou dispensá-los mais cedo hoje.

— É mesmo, tem certeza? — Marc parece em pânico tipo, *não é contra as regras*?

— Você ouviu a sra. Q — diz Griffin.

— Vão respirar um pouco de ar da montanha, todos vocês — insiste a sra. Q. — É inútil tentar ensinar quando seus belos cérebros estão em algum lugar muito longe daqui. Vejam se conseguem se concentrar na natureza.

Mas o ar da montanha não pode me ajudar a resolver isso. O que eu quero fazer de verdade é ligar para os meus pais e confessar o que aconteceu comigo ontem à noite. Antes de conhecer Reeve, eu costumava falar muito com eles. Se alguma coisa acontecia na escola quando eu era criança — tipo Dana Sapol "acidentalmente" trombar comigo ao passarmos uma pela outra, ou então me empurrar para fora da fila do almoço —, eu chegava em casa e desabafava com minha mãe e com meu pai à mesa de jantar. Eles sempre me apoiavam.

Há um telefone público no primeiro andar do dormitório e eu tenho um cartão telefônico. No mundo de hoje, a gente quase não vê mais telefones públicos, o que talvez seja uma coisa boa. Certa vez li que alguém fez um estudo e descobriu que os bocais desses telefones fervilham com milhões de bactérias nojentas. Bactérias *fecais*, se você quer saber. Mas aqui, no Celeiro, é como viver em território Amish, e os telefones públicos são a única maneira de se conectar com o mundo exterior.

É manhã de um dia de aula, um dia de trabalho para a minha mãe, de modo que ligo para o seu número do escritório. Ela atende com aquela sua voz de mulher de negócios:

— Karen Gallahue.

Só de ouvi-la sinto minha garganta apertar e meus olhos se enchem de lágrimas.

— Oh, mãe.

— Jam? É você?

— Sim, sou eu. Posso ir para casa? Há um ônibus. Talvez você e papai possam até conseguir o reembolso da matrícula.

— Veja, querida, nós já falamos sobre isso. Lembra-se daquela reunião familiar com o dr. Margolis? Nós todos concordamos que precisávamos tentar

por ao menos um semestre. Para você ficar longe de casa, sair da sua cama. Para você estar num lugar onde eles são bons com adolescentes…

— Mas, *mãe*. Você não entende.

— Eu acho que entendo, Jam. Você está com saudades de casa.

— É isso que você acha?

— Bem, sim. Porque você está fora da sua zona de conforto. Jogada numa situação nova depois de ter ficado num casulo durante tanto tempo.

— Veja, mãe, não é nada disso. — Inspiro fundo e sussurro em seguida: — Eu estive com *Reeve* ontem à noite, certo? Nós estávamos *juntos*, e ele estava bem ali, e nós estávamos…

— *Jam* — interrompe minha mãe com severidade. — Você sabe que isso não é verdade. Se você bem se lembra, o dr. Margolis disse que era provável que testemunhássemos certos comportamentos, mas que não deveríamos lhes dar crédito.

— Certos comportamentos? — grito ao telefone, e de imediato me sinto mal por ter sido tão brusca com minha mãe. Mas simplesmente não consigo aceitar isso. — Você nem sabe do que está falando! Você precisa me deixar voltar para casa. Estou começando a pirar por aqui…

— Jam — ela me interrompe outra vez. — Você precisa dar tempo ao tempo. Um semestre, pelo menos. — Ela fala a sério. De fato, não tenho permissão para voltar para casa.

Quando desligo, estou muito trêmula. Devo ir à enfermaria e tentar dormir e esquecer? Ou subir para o meu quarto e tentar voltar para Reeve?

Saio às cegas do dormitório e me deparo com Sierra, que acaba de entrar. Nós estivemos um tanto estranhas uma com a outra desde aquele nosso momento junto às árvores. Quando eu a vi naquele dia, ela queria saber se talvez eu tivera uma experiência como a dela. Se eu experimentara algo “surreal”. Na ocasião, eu não sabia do que ela estava falando. Mas talvez agora eu saiba.

Eu a intercepto à porta da frente e digo:

— Preciso lhe perguntar uma coisa.

Sierra olha para mim sem muito interesse. Já tive minha chance e estraguei tudo. É como se ela não acreditasse que aquilo que vou perguntar possa ser algo interessante; ela pensa que está sozinha. Mas talvez eu possa tirá-la desse

isolamento. Ou talvez eu apenas pareça uma desequilibrada.

— Aquilo que você tentou me perguntar no dia em que você estava atirando pedras. Tratava-se de algo que você viu mas que realmente não poderia ter visto?

Sierra continua olhando para mim.

— Como assim? — pergunta ela.

Eu olho ao redor para me certificar de que estamos sozinhas.

— Vi coisas na noite passada. — Sei que estou indo muito longe. — Não há uma boa explicação para isso. Não sinto como se tivesse sido drogada. Não foi assim.

Sierra me empurra pelo corredor e, em seguida, para dentro de um quarto.

— O negócio é o seguinte — sussurra. — Se algo como isso aconteceu com você também, então, talvez… Eu não sei. Mas, sim, é exatamente o que eu estava tentando perguntar junto às árvores. E eu não tinha ninguém com quem falar.

— Você pode falar comigo.

— Para onde você estava indo agora? — pergunta ela.

— Apenas dar um passeio. Tive uma conversa desagradável com minha mãe.

— Eu poderia ir com você — diz Sierra.

Então caminhamos sem dizer mais nada. É como se soubéssemos que seria muito indiscreto perguntar: “Então, o que exatamente você viu?”. É claro que estou morrendo de curiosidade para saber os detalhes da alucinação de Sierra ou como quiserem chamar aquilo. Talvez esteja relacionado com o que dj disse que aconteceu com Sierra — a coisa “muito ruim”. E talvez ela também esteja louca para saber o que *eu* vi e quem *eu* sou. E para descobrir o que me levou ao Celeiro.

Há muito a dizer, mas, em vez disso, não dizemos quase nada, a não ser mencionar quão aliviadas estamos por termos alguém que passou por uma experiência igualmente chocante. Sierra e eu continuamos a caminhar, quase em silêncio. Eu ainda me sinto perturbada por dentro por causa de tudo aquilo, mas também estou aliviada. Por fim, subimos a escadaria da biblioteca onde ela precisa pegar um livro. Ao ir com ela até as estantes, olho para a área de leitura principal e vejo todos com a cabeça baixa, mergulhados em concentração, devaneios ou cochilos.

Há um garoto sentado sozinho numa mesa de estudos com a cabeça entre as mãos. É Marc, e mesmo do outro lado da sala posso ver que há algo errado. Ele ergue a cabeça e nos vê. Trocamos um olhar, uma comunicação silenciosa.

Algo aconteceu com Marc, não apenas com Sierra e comigo.

Talvez algo tenha acontecido com todos os alunos de Tópicos Especiais em Inglês.

Marc se levanta, guarda os papéis na mochila — bem sistemático, é claro — e vem até nós.

— *Oi* — ele sussurra.

— Lá fora — diz Sierra.

Nos largos degraus de pedra da biblioteca, nós o confrontamos de um modo vago, embora o mais direto que somos capazes.

— Você está um caco — comenta Sierra.

— Não dormi — explica Marc.

— Muito trabalho?

— Não. Aqui os deveres de casa são bem leves.

— Vendo coisas? — pergunto.

Marc olha para mim e para Sierra, tentando descobrir o que está acontecendo.

— Está tudo bem — incentiva Sierra. — Você pode falar, Marc. Acabamos de admitir o mesmo uma para a outra.

— E se alguém nos drogou? — sugere ele, tenso. — Isso já lhes ocorreu?

— Não é isso, e você sabe que não é — retruca Sierra. — Isso é outra coisa. Qual é seu palpite?

Ele olha para ela, impotente, e diz:

— Simplesmente não sei. E eu costumo ter respostas para tudo. Mas digam: quando aconteceu com vocês? O que estavam fazendo? Porque eu estava na escrivaninha escrevendo no diário.

Digo a ele que eu também estava escrevendo no meu diário, e Sierra assente. Então: os diários.

— Será que aconteceu o mesmo com toda a classe? Casey estava aborrecida no café da manhã — digo. — Griffin é mais difícil de decifrar.

— Poderíamos nos reunir e perguntar — sugere Sierra.

— E se os dois não souberem sobre o que estamos falando? — pergunta Marc. — E se contarem para a diretoria?

— Ora, vamos, eles não farão isso. Enfim, eu estou disposta a correr o risco — Sierra oferece. — Eu não sei mais o que fazer.

Então concordamos em realizar uma reunião de emergência na sala de aula naquela noite, às dez horas, no breve espaço de tempo entre as horas dedicadas ao dever e o apagar das luzes.

— Os prédios de salas de aulas ficam abertos — diz Sierra. — Portanto, não deve ser um problema.

A sala de aula é um bom lugar, explica, porque as árvores do lado de fora da janela impedirão que sejamos vistos pela segurança durante as rondas noturnas.

Decidimos que Marc seria responsável por levar Griffin, enquanto Sierra e eu cuidaríamos de Casey. Tudo planejado, esperamos.

Durante o resto do dia na escola, fico sentada nas salas de aula olhando para as árvores, para as montanhas e para o céu, relembrando como foi estar com Reeve na noite passada. Pensando que, talvez, quando voltar a escrever no meu diário, serei arrebatada e estarei com ele outra vez.

Naquela noite, todos aparecem às dez. Marc traz Griffin, que, como de costume, parece estar num estado de aborrecimento calmo e controlado, vestindo o capuz. Mas é provável que permanecesse do mesmo jeito caso você o acordasse e lhe dissesse que ele ganhara na loteria. Casey parece aliviada por estar ali. Não devemos ligar a luz do teto da sala de aula, pois podemos ser vistos através das árvores. Em vez disso, Sierra acende uma vela grande e gorda com aroma de avelã que ela trouxe, e Marc estende no chão um edredom com um padrão geométrico que é bem o estilo dele, e todos nos sentamos no chão de madeira da sala de aula com a vela projetando uma luz pálida ao nosso redor.

O cheiro de avelã é forte e artificial, mas eu gosto. Lembra-me de quando fui à fábrica de velas Yankee Candle Company com Hannah e Jenna quando tínhamos treze anos. Caminhamos pela loja pegando e cheirando cada vela. “Prove esta!”, dizíamos umas para as outras. “Agora esta!”

Está frio na sala de aula e eu giro o frouxo botão do velho aquecedor. Talvez haja alguma comida na sala dos professores, sugiro, de modo que Sierra sai e volta com o melhor que consegue encontrar: uma caixa meio vazia de cream-

crackers, e um litro quase cheio de refrigerante diet. É provável que não deem falta.

O calor começa a se infiltrar e a sala fica mais quente, e nos sentamos no edredom passando a garrafa de refrigerante e tomando goles anti-higiênicos. Estamos todos no chão, exceto Casey, que nos olha da sua cadeira de rodas.

— Então o que é *isso*? — pergunta Casey afinal. — Por que estamos aqui?

— Você não faz ideia? — pergunta Marc.

— Talvez — diz ela. — Mas eu quero que alguém diga, não eu.

— Sim, que diabos é isso? — pergunta Griffin. — É melhor que seja uma coisa boa.

Sierra diz:

— Apenas ouçam, certo? — Então ela pergunta: — Vocês estão tendo visões? Porque nós estamos.

Griffin fica imóvel e em silêncio, abraçando a si mesmo. Casey é a única que finalmente assente.

— Tudo bem — prossegue ela. — Sim, tive uma experiência que acho que conta como uma "visão". E eu estava com medo que pudesse acontecer outra vez. E que alguém descobrisse e dissesse que havia algo muito errado comigo, de modo que eu teria que deixar o Celeiro. Mas eu não quero ir embora. Eu não suportaria ser mandada de volta para casa.

Embora eu tenha implorado para que a minha mãe me deixasse voltar, também sei a que ela se refere.

— Então vocês estão dizendo que isso também aconteceu com vocês? — pergunta Casey. Todos assentimos. — Mas não pode ser a mesma coisa que aconteceu comigo. Isso não faria sentido. O que eu vi… tem a ver com *minha* vida. Suponho que o que todos viram tem a ver com as suas.

Ela nos encara com olhos brilhantes sob a luz bruxuleante da vela.

— Tudo bem, alguém diga o que aconteceu — diz Casey. — Basta dizer o que viu. Eu não posso ser a primeira. Não sou boa nisso. Alguém mais vá em frente.

Todos estamos sentados eretos e ninguém quer falar. Percebo que Griffin está ouvindo tão atentamente quanto o resto de nós. O silêncio prossegue.

— Tudo bem — Sierra se oferece afinal. — Eu começo.

7

— Vocês vão precisar de alguns antecedentes — começa Sierra. — A primeira coisa que devem saber é que André tinha onze anos quando desapareceu.

Não sei quem é ou foi André, mas posso imaginar, e fico um pouco em pânico.

— Eu tinha catorze anos — continua Sierra. — Foi há três anos, então agora ele seria um adolescente. Mas, naquela época, era uma criança.

Com cuidado, olho para um ponto logo à esquerda da cabeça de Sierra. Essa história não pode acabar bem.

Sierra e seu irmão eram muito próximos, diz ela. É óbvio que o relacionamento deles era muito diferente daquele que tenho com Leo. Eu amo Leo, embora nunca tenhamos tido algo em comum. Mas Sierra e André eram membros da Academia de Dança de Washington, onde estudaram por um longo tempo.

O talento de Sierra era o balé clássico, o de André, o jazz e o hip-hop. Três vezes por semana, depois da escola, eles pegavam o ônibus para ir à aula de dança, e então voltavam para casa.

Quase três anos antes de nos sentarmos no escuro, à noite, na sala de aula do Celeiro, Sierra e André Stokes estavam no ônibus voltando para casa depois da aula de dança.

— Era aquela hora do dia no fim do outono, pouco antes do jantar, quando tudo é cinza, frio e realmente deprimente — explica Sierra. — Eu tinha uma tonelada de dever de casa e queria começar logo.

“Então, quando André me perguntou se poderíamos fazer biscoitos de chocolate naquela noite, eu lembrei a ele que não tínhamos massa de biscoito em casa e que eu não poderia ir até a loja porque eu precisava voltar para casa e fazer o meu trabalho de História. Ele começou a se lamentar, de modo que eu disse que ele mesmo fosse comprar um rolo de massa de biscoito. Havia uma loja de conveniência no nosso bairro chamada Lonny’s. Ficava a quatro quadras do nosso apartamento e, nas semanas anteriores, nossos pais começaram a deixar

André ir até lá sozinho.

“Por isso, ele desceu do ônibus na parada perto da loja e eu saltei duas paradas depois. Fui para casa. Minha mãe já estava lá, mas meu pai ainda estava no trabalho. Pus a mesa e me sentei na escrivaninha para fazer o dever de História. Quando ouvi a chave na porta, achei que era André, mas era meu pai. Ele perguntou: ‘Onde está seu irmão?’. E eu respondi: ‘No Lonny’s’.

“O tempo passou, o jantar ficou pronto, já estava escuro lá fora, mas André ainda não tinha voltado para casa. Por fim, meu pai e eu vestimos o casaco e saímos. Caminhamos quase correndo até o Lonny’s, olhando através de todas as vitrines de loja pelo caminho, porque essa seria a rota que André teria seguido, e parte desse caminho não é lá muito segura, mas é claro que ele sabia que não devia falar com estranhos etc. O cara atrás do balcão do Lonny’s o conhecia e disse que ele tinha estado lá havia algum tempo, e que, sim, comprara um rolo de massa de biscoito. Então, meu pai e eu corremos de volta para o apartamento pensando que meu irmão já estaria lá, mas não estava.

“Daí, tivemos que dizer para a minha mãe que não conseguimos encontrá-lo. Ela ficou histérica. Ligamos para todos os amigos de André, mas ninguém o vira. Meu pai ligou para a polícia e dois policiais vieram até o apartamento, e então enviaram um carro patrulha. Um tempo depois a campainha tocou, e quando minha mãe atendeu, outro policial disse algo como: ‘Achamos isto na calçada, perto da loja de conveniência’. Ele estendeu um saco de plástico transparente contendo um rolo de massa de biscoito de chocolate.

“Minha mãe emitiu um gemido abafado e estendeu a mão para o saco, mas o policial disse: ‘Não, desculpe, temos que levar isso para análise de impressões digitais. É uma prova’. Então minha mãe caiu e cortou a cabeça, e havia muito sangue. Sangue, lágrimas e um rolo de massa de biscoito. É o que eu me lembro daquela noite.”

Ao ouvir isso, sinto que, para me sentir bem, preciso saber como aquilo terminou. Talvez não seja tão ruim quanto temo que seja. Talvez André tenha sido encontrado algumas horas mais tarde, depois de ter sido agredido por alguns pivetes mais velhos, mas nada de muito sério. E, apesar de Sierra ainda estar emocionalmente abalada por causa dessa experiência, e outras que ainda não sabemos, talvez seu irmão esteja bem em Washington, dançando.

Porém, Sierra tinha começado sua história dizendo: “Hoje ele seria um adolescente”. Caso tivesse sido encontrado, era o que ela queria dizer. Ou caso estivesse vivo.

— O que aconteceu com ele? — Casey reúne coragem para perguntar. — Vocês descobriram?

— Não. Ele se tornou um daqueles casos de crianças desaparecidas. Uma força-tarefa foi criada. O detetive Sorrentino nos deixou seu cartão e disse que deveríamos ligar para ele caso nos lembrássemos de algo, até mesmo no meio da noite. Então, tentei pensar no que eu tinha visto naquele dia depois da aula, qualquer coisa que eu conseguisse lembrar ou qualquer coisa que me ocorresse sobre as pessoas do bairro. Sempre que eu telefonava para ele com algum detalhe sobre um mensageiro de bicicleta que parecia suspeito ou sobre o velho com uma marca de nascença roxa no rosto que já tinha gritado com André e com seu amigo por eles terem espalhado o lixo, ele sempre me atendia, não importando a hora do dia ou da noite. Certa vez, eu o acordei às duas da manhã e ele foi muito atencioso.

“Contudo, depois de algum tempo, ele me disse que eu tinha que parar de ligar tanto. Achou que eu era aquele tipo de garota que vê suspeitos por todos os lados, mas eu não era assim. E não sou. Ele começou a demorar cada vez mais para ligar de volta. Ele me disse que também tinha outros casos, e que, sem ofensa, eu estava sendo um incômodo.

“Mas eu estava apenas fazendo o que ele me disse para fazer, e continuarei a fazê-lo, enquanto for necessário. Às vezes, ligo para ele do telefone público no dormitório e deixo uma longa mensagem no seu correio de voz, perguntando se ele já verificou isso ou aquilo. Estou desesperada, assim como meus pais. Não podemos suportar ficar sem André, sem saber o que aconteceu com ele.”

— Oh, Sierra, sinto muito — digo em meio a um soluço, e ouço sons semelhantes ao redor. Sierra leva a mão aos olhos como se estivesse tentando protegê-los. Marc a abraça e Casey se inclina para lhe dar um tapinha no ombro. Griffin parece em estado de choque e apenas fica ali sentado, deprimido. Nenhum de nós de fato conhece o outro e, no entanto, aqui estamos, subitamente íntimos, numa pequena e improvisada reunião secreta.

— Como você suporta isso? — pergunto para Sierra. Preciso saber como ela

consegue acordar, sair da cama, tomar banho, comer um waffle, ir para a aula e se comportar como um ser humano todos os dias. Será que ela se importa mesmo com o que está fazendo? Será que a sensação da água do chuveiro batendo na sua cabeça lhe é agradável? Será que seu waffle tem algum gosto ou textura? Será que seu mundo agora tem algo de interessante?

— Mal posso suportar. Nem meus pais. Mas acho que há uma parte de mim que apenas segue em frente. Estou no Celeiro graças a um fundo de bolsa de estudos que está pagando tudo. O fundo envia seus beneficiados para internatos realmente acadêmicos. Sou a única que foi mandada para um internato para pessoas perturbadas.

Ela faz uma pausa e acrescenta em seguida:

— Se eles souberem o que eu vi, é provável que tirem minha bolsa de estudos e me mandem para casa.

— Então, o que você viu? — pergunta Casey, mas todos sabemos a resposta.

— Você viu André — digo.

Ela assente.

— Sim. E depois que eu tive a "visão", todos no dormitório insistiram que era um sonho. Jane Ann me preparou um chá Sleepytime e me contou sobre um sonho muito realista que *ela* teve, a respeito de ter perdido os dentes. Mas eu sabia que tinha visto meu irmão, mesmo que não conseguisse explicar como.

— Você se lembra o que você estava fazendo? — pergunta Casey. — Quero dizer, quando começou?

— Eu estava escrevendo no meu diário.

O rosto de Casey estremece de leve e sei que o mesmo aconteceu com ela. E com todos nós. Aposto que até mesmo com Griffin.

— Eu estava sentada na escrivaninha no meio da noite, só com minha pequena luminária acesa — diz Sierra. — Estive deitada na cama durante horas, mas não conseguia dormir, então me levantei. Minha colega de quarto, Jenny, estava apagada, então abri o diário e escrevi uma linha. E foi como se toda a escrivaninha começasse a *vibrar* de repente. Então, eu não estava mais na escrivaninha. Estava outra vez no ônibus em Washington, voltando da aula de dança para casa. Sei disso porque estava com minha bolsa de dança. A bolsa batia na minha perna. Eu suava apesar do frio, do modo como muitas vezes fico

depois de um ensaio. Era fim da tarde e, bem ao meu lado no ônibus lotado, estava meu irmão mais novo. Ele ainda estava com onze anos, a idade que tinha no último dia em que eu o vi.

“No começo, apenas olhei. Meu coração estava disparado. Ele estava com a cabeça inclinada na minha direção, meio dormindo. Estávamos em algum lugar entre a academia de dança e a nossa casa. Eu apenas fiquei olhando. Quase podia sentir o sangue fluindo pelas minhas artérias. Achei que poderia ter um aneurisma. Por fim, eu o sacudi freneticamente e chamei: ‘André!’.

“Ele abriu os olhos e com a voz mal-humorada disse: ‘O que foi, Sierra? Eu estava dormindo’.

“E eu respondi: ‘Você está *aqui*’.

“E ele falou: ‘Não diga, Sherlock’.

“E eu disse: ‘Mas é simplesmente incrível, você sabe disso, não é mesmo?’, e ele murmurou algo sobre como havia outras coisas que eram bem mais incríveis que aquilo. Como o sojutsu, que parece ser uma espécie de luta japonesa com lanças. E buracos negros.

“Percebi que não havia necessidade de discutir com ele. Ele estava *ali*, e sabia que estava ali, mas ainda era André, apenas um menino comum de onze anos de idade, de modo que não tinha por que ficar emocionado. Então eu perguntei, de modo bem casual: ‘Quanto tempo você acha que isso pode durar? Eu estar aqui com você. Ou você estar aqui comigo. Seja lá como queira encarar’.

“Ele respondeu: ‘Não sei. Talvez não muito tempo’. Então ele abriu a boca e bocejou, e eu pude ver suas duas obturações.

“‘Você pode me dizer o que te aconteceu?’, perguntei.

“Ele olhou para mim e disse algo que realmente nunca vou superar. Ele disse: ‘Eu não quero falar sobre isso. Por favor, não me obrigue’.

“‘Você tem certeza, André?’, perguntei. ‘Às vezes, falar é melhor. Acredite em mim, tenho ouvido isso há um bom tempo’.

“Eu só precisava saber se na vida real ele estava vivo em algum lugar, e não apenas nesse estranho outro mundo. Ou se, vocês sabem…”, sua voz falseou. “… não estava mais. Eu precisava saber, mas André não queria falar sobre isso. Era muito difícil para ele.

“‘Vamos apenas ficar aqui sentados no ônibus pelo resto do trajeto, está bem?’, disse André.

“E eu concordei. Então ficamos ali sentados com nossas mochilas e bolsas de dança. Costumávamos fantasiar que, quando crescêssemos, nos fundaríamos um famoso grupo de dança chamado Stokes & Stokes. O nome teria uma letra “e” comercial. Dançaríamos em grandes teatros e cobraríamos uma fortuna por ingressos premium que incluiriam nossa presença numa recepção regada a champanhe depois do espetáculo. Nossos vídeos no YouTube receberiam milhões de visualizações. Era uma fantasia idiota.

“O que eu queria naquele momento era muito mais simples que isso. Eu queria ficar ao lado do meu irmão naquele ônibus, sentada com ele naquela outra realidade. Ali, eu estava *relaxada*. Todas as coisas terríveis que senti desde o dia em que ele sumiu tinham desaparecido.”

Na sala de aula às escuras, Sierra muda de posição e gira os ombros, do modo involuntário como os dançarinos fazem de vez em quando, e diz:

— Então, ficamos ali um tempão, apenas sentindo as vibrações do ônibus. Mas, em dado momento, olhei através da janela e não estava mais olhando para uma rua de Washington, e sim para a vista da janela do meu dormitório, aqui no Celeiro. Eu estava de volta à minha escrivaninha, e André tinha ido embora. Foi aí que comecei a gritar. Tê-lo encontrado e *perdido* de novo era simplesmente grotesco. Todo o dormitório acordou e veio ver o que tinha acontecido. Eu disse para algumas meninas que eu tinha visto meu irmão, visto *mesmo*, passado um *tempo* com ele, mas todas me disseram que era um sonho. E me falaram sobre sonhos com dentes, sonhos com provas finais e sonhos de entrar nua no palco. Elas não paravam de falar sobre seus sonhos idiotas.

Ao seu lado, Marc assente.

— Passei por algo parecido. E, quando tudo acabou e contei para o meu colega de quarto, ele insistiu que eu estava sonhando.

— No *meu* caso — digo —, tentei contar para a minha mãe, mas ela não quis me ouvir.

— Nós ouviremos — diz Casey.

— Certo. Obrigada.

Mas eu não gosto de falar sobre Reeve. É muito mais fácil reviver a história

na minha cabeça do que ter que contá-la em voz alta. Não entrarei em detalhes, como Sierra. Mas preciso contar ao menos um pouco para que eles mais ou menos entendam o que passei.

— Eu tinha um namorado — declaro em voz baixa, cautelosa. — O nome dele era Reeve Maxfield. Ele era um estudante de intercâmbio vindo de Londres, e nós nos apaixonamos. — Eu mal consigo continuar a falar, mas todo mundo está ouvindo atentamente, esperando.

— O que aconteceu com ele? — pergunta Sierra. É incrível o fato de ela estar preocupada comigo e com minha história, mesmo depois do que nos disse sobre André. Mas ela está esperando. Todos estão. Há um círculo de olhos brilhantes na sala escura.

— Oh, meu Deus, ele morreu, não foi? — diz Casey quando não respondo à pergunta de Sierra. — Jam, eu sinto muito.

Não consigo falar. Sinto minha boca começar a se voltar para baixo numa expressão de pré-choro.

"O que você está me contando é uma história de perda", me disse o dr. Margolis no seu consultório na primeira vez em que meus pais me fizeram ir vê-lo. Havia um cacto morto no parapeito da janela atrás da sua cabeça. Eu não sabia que cactos morriam. Achava que não dava nenhum trabalho mantê-los vivos. Se um psiquiatra não conseguia manter um cacto vivo, como poderia ajudar seus pacientes?

Mas o dr. Margolis não era mau sujeito. Ele tentou ajudar, mas não podia. Depois dessa primeira vez em que eu lhe contei o que ele chamou de "história de perda", parei de tentar lhe explicar as coisas. Em vez disso, eu me sentava ali duas vezes por semana e falava muito pouco, mas é claro que minha mente estava apenas tagarelando com pensamentos sobre Reeve. E aqui, agora, nesta sala de aula durante a noite, mesmo depois de tanto tempo, ainda é a mesma coisa.

— Apaixonar-se por alguém e perdê-lo assim — comenta Marc. — Deve ter sido devastador, Jam.

— Foi — concordo. *Devastador*. Prefiro essa palavra a *trauma*. O que aconteceu foi devastador. E, por causa disso, fiquei devastada. E acho que ainda estou.

— Foi repentino? — pergunta Casey. — Se você não se importa que eu pergunte — acrescenta logo em seguida.

— Sim, muito repentino.

Nós nos sentamos, todos refletindo sobre o que aconteceu conosco e o que foi dito aqui esta noite. Marc olha para o relógio — um daqueles grossos, prateados e tecnológicos onde se pode ler não apenas as horas, mas também, provavelmente, a quantos nós náuticos você está de algum lugar.

— Daqui a pouco os monitores começarão a chamada antes de as luzes se apagarem — informa ele. — Precisamos voltar em… quatro minutos e meio.

— Lembrem-se: não contem nada para ninguém — diz Sierra, ansiosa. — Nem mesmo para os seus colegas de quarto. Todos prometam.

Todos prometem. Em seguida, Marc completa:

— E todos também precisamos prometer que não voltaremos a escrever no diário até avaliarmos tudo isso com cuidado, certo?

— Por quê? O que vai acontecer? — pergunta Griffin.

— Não faço ideia — diz Marc. — Esse é o motivo pelo qual eu peço isso. Nós apenas não sabemos o bastante.

Dá para ver que todos estamos com medo daquele outro lugar, embora também queiramos voltar para lá. Mas quem sabe se será a mesma coisa da próxima vez? Quando voltarmos a escrever no diário, algo completamente diferente pode acontecer.

Ou pode não acontecer nada.

Devemos escrever no diário duas vezes por semana; todos sabemos disso. Mas, apesar do que a sra. Quenell nos pediu, todos decidimos não voltar a escrever “até segunda ordem”, como diz Marc. Então, marcamos um novo encontro aqui amanhã à noite, à mesma hora.

Griffin se inclina para a frente e apaga a vela com um sopro, deixando-nos no escuro.

8

De volta ao meu quarto depois da nossa pequena reunião noturna, dj pergunta:

— Onde você estava?

E tudo que eu digo para ela é “fora”.

— Com alguém? — ela pergunta.

— Com quem — eu a corrijo, o que foi idiotice da minha parte.

— *Ooh*, Senhorita Tópicos Especiais em Inglês — diz ela com uma voz sarcástica. — É isso que você aprende na aula? Como usar a palavra *quem*?

— Algo parecido.

Jane Ann enfia a cabeça no vão da porta.

— Ei, pessoal, terminaram o dever de casa? Vocês duas estão prontas para dormir?

— Nós estamos bem — respondo, embora não, eu não esteja pronta para dormir.

dj apaga a luz e nós simplesmente ficamos ali deitadas. Depois de um longo e desconfortável silêncio, ela me chama:

— Jam?

— Sim.

— Posso falar com você a respeito de uma coisa?

Oh, meu Deus, agora ela vai me confrontar. Ela vai dizer: “Algo está acontecendo com você, algo muito importante, e eu quero saber o que é”.

— Claro.

Então, eu espero.

Há outro silêncio longo e irritante. Nós duas continuamos ali deitadas, e por fim dj diz:

— Por acaso você notou algo estranho a meu respeito na reunião social?

— O quê? — pergunto, surpresa. Na reunião social? Tento me lembrar. — Bem, você estava *dançando*. Acho que isso foi meio inesperado.

— Ah, você acha que eu não sei dançar? Que só sei ficar de mau humor? — O tom de voz de dj é ligeiramente desdenhoso. Então ela diz: — Não, eu quis

dizer com *quem* eu estava dançando. Por acaso você percebeu?

Ela não vai perguntar nada sobre mim, e eu fico muito aliviada. Lembro-me de que ela estava dançando com uma garota naquela noite, do modo como as garotas fazem, apenas por fazer ou para se mostrar.

— Uma menina loira, não é mesmo? — digo. — O nome dela é Rebecca, certo?

— Sim, Rebecca Fairchild. Acho que ela é muito bonita. Acho que o que eu quero dizer é que ela é "gostosa".

— Ah! — exclamo. Nunca, nem por um segundo, me ocorreu que dj pudesse gostar de meninas. Ou que a dança com Rebecca Fairchild significasse alguma coisa. Eu rapidamente a tranquilizo. — Está tudo bem, é claro.

— *Está tudo bem*? Puxa, Jam, obrigada pela sua aprovação. Agora eu não preciso mais me sentir como uma aberração de circo ou me preocupar em ser *evitada* por você.

— Ora, cale-se, dj. Eu só disse isso porque sei que pareci surpresa. E, tudo bem, fiquei mesmo.

— Eu também me surpreendi muito — admite dj. — Por ter chamado uma garota de gostosa. Eu nunca disse nada parecido na minha vida. Eu meio que ainda não consigo acreditar que disse isso em voz alta.

Esta é a primeira vez que dj se mostra vulnerável para mim de algum modo. Em geral ela esconde tudo com muito cuidado. A real, a verdadeira dj Kawabata é mantida enterrada, assim como a junk food escondida pelo nosso quarto.

Ficamos deitadas em silêncio durante algum tempo, mas a coisa parece menos tensa agora.

— Você já gostou de outras meninas antes? — pergunto.

— Oh, claro — diz ela.

— Meninos também?

— Não assim.

— Você sempre soube disso?

dj se remexe na cama por vários segundos e responde em seguida:

— A primeira coisa de que me lembro é que eu adorava minha professora do terceiro ano, a srta. Clavel. Sério, esse era o nome dela, como em *Madeline*. Mas ela não era freira. Era uma espécie de hippie remanescente que usava flores

silvestres no cabelo. Ela deixou o emprego no fim do ano e se mudou para a Califórnia com o namorado e, quando eu descobri, chorei muito.

Fico deitada na cama imaginando dj como uma menina sardenta desejando sua bela e jovem professora. Na verdade, é fácil de imaginar.

— Isso é triste — digo.

— E, quer saber? Meus problemas alimentares começaram naquela primavera.

— Sério?

— Não! Meu Deus, eu estava brincando.

— Oh!

Rimos um pouco e então ela diz:

— E você?

— Eu o quê?

— Quem foi, tipo, seu primeiro grande amor?

De repente, sinto-me muito desconfortável.

— Oh. — Tento soar vaga. — É complicado. Mas de qualquer forma, estávamos falando de você, não de mim.

— Na verdade — admite dj —, Rebecca é a primeira que eu, você sabe, realmente *gostei* e senti que ela também poderia gostar de mim.

— Bem, isso é ótimo.

— Mas eu honestamente não faço ideia se ela sente o mesmo que eu. Naquela noite, na reunião social, pensei que havia algo entre nós. Ficávamos nos encarando. E agora ela continua me dando esses *olhares*, como se houvesse algo rolando entre nós. Mas, caso eu esteja errada, estarei presa nesta pequena comunidade incestuosa onde todo mundo acaba sabendo da vida de todo mundo, e como eu lidaria com isso?

Meus olhos se acostumam à escuridão e posso ver que dj está me olhando fixo da sua cama enquanto me conta coisas que são importantes para ela.

— Eu acho que você deveria dizer alguma coisa para a Rebecca — sugiro.

— Mesmo que isso possa estragar tudo de uma maneira muito ruim?

— Confie em mim, a vida é curta. Você perde alguém e nunca mais pode falar com essa pessoa.

— Nossa — diz dj. — É verdade. Terei que pensar a respeito. No meio-

tempo, então, quando eu me encontrar com ela direi apenas: “Oi, Rebecca, tudo bem?”. Só agirei normalmente.

— Normalmente para você — digo em meio a uma risada.

— Sim, normalmente para mim.

Nós bocejamos, uma depois da outra, porque bocejos são muito contagiosos. Logo nos viramos de costas e então, como duas pessoas saltando de uma pedra dentro d’água, ambas caem no sono. Eu não tenho certeza de qual de nós chega lá primeiro.

Pela manhã, é difícil crer que a sala de aula iluminada pelo sol é o mesmo local onde, na noite anterior, os cinco alunos de Tópicos Especiais em Inglês se sentaram à luz de velas trocando histórias de traumas e alucinações. A sra. Quenell nos cumprimenta como se hoje fosse apenas uma manhã normal, e não parece notar as pequenas gotas de cera de vela respingadas pelo chão.

— Espero que hoje todos estejam se sentindo alegres e descansados — diz ela. — Quem gostaria de começar as apresentações em sala de aula? — Ela olha em torno da sala. — Jam, por que você não começa?

Não estou nem um pouco a fim.

Todo mundo olha para mim. Posso estar errada, mas Griffin parece estar se divertindo. Tentarei não deixar que ele me incomode. Nos últimos dias tenho ido à biblioteca para ler sobre a vida de Plath, e também li alguns dos seus poemas. Não que tenha perdido muito tempo com isso, porque eu simplesmente não me importo o bastante, mas creio que mesmo assim compreendi a ideia geral. Agora, por algum motivo, estou nervosa de verdade. E se tudo o que estou prestes a dizer estiver errado?

Eles continuam olhando para mim, esperando, e eu folheio minhas anotações, realmente não querendo fazer contato visual.

— O pai de Sylvia Plath tinha o hobby de criar abelhas — eu começo. — Ele foi uma figura importantíssima na sua vida e morreu quando ela tinha oito anos. Isso foi muito perturbador para Plath, que ficou apenas com a mãe e o irmão, e uma sensação de, vocês sabem, *tristeza*.

“Vejam o poema chamado ‘Papai’, onde ela amaldiçoa o pai e o poder que ele tem sobre ela, mesmo que ele esteja morto já há muito tempo. Quero dizer,

ela está *furiosa* com ele no poema. Eu não sei se com *ele* exatamente, ou mesmo com ela. O poema é muito maior que isso, usa imagens nazistas e faz paralelos com a história e com a Segunda Guerra Mundial. É bem furioso, e bem complicado. E eu acho que, embora o poema esteja repleto de muita raiva, também tem um certo desgosto nele."

Folheio os papéis que estou segurando e encontro o poema.

— "Papai, eu precisava matá-lo/ Você morreu antes que eu tivesse tempo" — leio em voz alta. Então, recito outro verso mais adiante: — "Aos vinte anos tentei morrer/ E voltar, voltar, voltar para você".

Baixo a página.

— Acho que é isso que ela queria — digo. — Voltar para ele.

— Você acha que a depressão de Plath é uma espécie de luto inacabado? — diz a sra. Quenell.

— Bem — respondo, nervosa —, eu não sou professora de Inglês. Nem psiquiatra.

— Mas você é uma pessoa que pensa, Jam — retruca a professora. — E, além disso, você já teve experiências que a qualificam para ponderar sobre tais assuntos. Vocês todos tiveram. Não tenham medo de usá-las. Usem tudo o que trazem para a mesa. *Literalmente*, neste caso. — Ela bate na superfície de carvalho da mesa oval ao redor da qual nos sentamos.

— Sinto como se o luto fosse uma enorme parte de tudo — declaro numa explosão. — Mas que você deve agir como se não fosse. Tipo, se você perde alguém, como pode se preocupar com as coisas estúpidas do dia a dia? Tipo, se uma prova vai ser difícil, se você tem pontas duplas no cabelo ou se discutiu com uma amiga. Como Sylvia Plath, ou Esther Greenwood em *A redoma de vidro*, cujo pai também morreu, poderiam apenas *estar* no mundo?

O que eu quero saber mesmo é: como qualquer um de nós nesta sala pode se preocupar com algo quando constantemente somos assaltados por pensamentos e sentimentos insuportáveis?

— Boas perguntas — elogia a sra. Quenell. — Alguém quer responder?

A princípio ninguém fala nada. Então Griffin diz:

— Isso não é uma resposta. Mas às vezes talvez não seja exatamente de uma pessoa que você sente falta, sabia? Pode ser qualquer coisa que significou algo

para você.

Eu me pergunto o que aconteceu com ele, o que o feriu e o fez se fechar em si mesmo.

Quando a aula termina, Griffin sai na frente de todos os outros pisando forte com suas botas de motoqueiro *bad boy*. Desta vez, ele nem tenta ajudar Casey como o resto de nós. Ao deixarmos o prédio, ele já está bem adiante no caminho, o capuz outra vez sobre a cabeça, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

Naquela noite, às dez horas, quando nos encontramos na sala de aula às escuras, fico um pouco surpresa quando Griffin aparece. Pensei que talvez ele fosse se afastar de nós. Mas lá está ele, sentado no edredom de Marc. Todos nos acomodamos, Sierra acende a vela, e a fragrância artificial de avelã faz o lugar cheirar como uma lanchonete cara e elegante. Casey diz:

— Se alguém me ajudasse a sair desta geringonça, talvez eu pudesse me sentar no chão com vocês.

Todos a olhamos em silêncio, como se não nos tivesse ocorrido que ela poderia *existir* fora da cadeira de rodas. Marc vai até a cadeira e ergue Casey, perguntando:

— Está tudo bem? Estou agarrando-a com muita força?

— Eu não vou quebrar, Marc — responde ela. — Eu já quebrei, certo?

— Só estou verificando. Nunca fiz isso antes.

Sierra abre um pequeno espaço para Casey se sentar e, por fim, ela está no círculo com o resto de nós, apesar de estar com as pernas estendidas à sua frente, os pés pequenos e delicados calçados com botinhas estilosas tombam para os lados.

A vela ilumina nosso círculo com um brilho de fogueira de acampamento. Desta vez, viemos preparados com alimentos que surrupiamos do refeitório durante o jantar, de modo que não precisamos roubar nada dos professores.

— Quem será o primeiro? — pergunta Marc.

Recostada contra a parede, Casey ergue a mão como se fosse de manhã e ela estivesse na sala de aula.

— Aqui não é preciso erguer a mão — Marc imita a sra. Quenell, e todos rimos. — Apenas a mente.

— Serei a primeira — diz Casey. — Alguém quer saber como fiquei assim?

9

— Faço parte de uma rica família de Nova York — diz Casey. — Não pretendo parecer desagradável, mas nosso apartamento foi destaque na revista *Architectural Digest*. Sim, um desses. É um duplex na Park com a Setenta e Um. Temos uma governanta que mantém tudo funcionando perfeitamente e cozinheiros que fazem uma comida sensacional. Se ficássemos com fome no meio da noite, bastava pressionar o botão marcado com o nome "Daphne" no interfone, e ela nos prepararia um sanduíche de frango com pão vienense. Ela reclamaria no dia seguinte, mas faria. Íamos para a escola todas as manhãs a bordo de um sedã de luxo…

— Um sedã de luxo. Você é muito chique — murmura Griffin.

— Fique quieto, Griffin — diz Sierra.

— Não parecia ser grande coisa — continua Casey. — Muitas alunas de escolas particulares da cidade são levadas para a escola em carros assim. E nossos pais continuam dirigindo até seus escritórios depois que nos deixam. Todos são mestres do universo. Eles mandam em Wall Street. Meu pai gosta de *ganhar*, e para ele isso significa encampar grandes empresas e fazer aquisições alavancadas. Ele gosta de fazer isso mais que de qualquer outra coisa. Meu pai ama o dinheiro que ganha, e adora gastá-lo conosco.

"De modo geral, éramos felizes. As pessoas têm dificuldade de entender isso. Ninguém em Sedgefield, o hospital onde fiz minha reabilitação, de fato entendeu. Tentei explicar, mas eles não entenderam. Até mesmo o pequeno problema da minha mãe não nos tornava *infelizes*."

Casey para de falar, e todos esperamos. Então ela diz:

— Ela bebia. Não pela manhã, nunca pela manhã, mas em outras horas do dia. Eu notei isso. Todos notamos. Aquilo me punha em estado de alerta, me fazia sentir um pouco tensa, tipo: "Tudo bem, lá está mamãe alcoolizada outra vez". Ela saía para almoçar com as amigas e chegava em casa bêbada. Minhas irmãs e eu sempre nos preocupávamos quando isso acontecia. Tínhamos até um código. Dizíamos: "Mamãe jogou o lixo fora". Nós chegávamos a dizer isso bem

na *frente* dela, e ela dizia: “O que vocês estão dizendo, meninas? Eu não joguei o lixo fora; foi Daphne”.

“Ela não era uma daquelas bêbadas agressivas. Na verdade, beber realmente a tornava ainda mais doce, ela que já era muito carinhosa. Mas ela meio que *exagerava* um pouco. É difícil descrever. O problema é que ela é muito charmosa. Ela é ruiva e sardenta como eu. Quando meu pai a conheceu, ele a apelidou de Leprechaun. Mas, mesmo ela *sendo* muito charmosa de modo geral e mantendo a linha, eu me preocupava com o fato dela tender a deixar a gente mais ou menos sem graça quando bebia muito.

“E isso aconteceu algumas vezes. Como certa ocasião, quando Marissa Scherr veio nos visitar e minha mãe estava rindo demais de tudo o que dizíamos. Marissa percebeu e disse: ‘Sua mãe está estranha. Ela ri muito’. Então eu respondi a coisa mais idiota. Falei: ‘Ah, é que hoje no dentista ela inalou gás do riso’. O que não faz o menor sentido.

“Mas era muito raro minha mãe nos envergonhar de verdade. Eu pensava comigo mesma: *Por favor, que tudo acabe bem,* quando os amigos vinham me visitar ou quando ela apareceu para assistir à minha peça da escola. E, em geral, tudo *ia* bem. Ela se comportava. Eu dizia para mim mesma que eu podia relaxar, que não precisava ficar pisando em ovos.

“No verão, minhas irmãs e eu ficávamos mais preocupadas. Porque no verão a gente ia para a nossa casa em Southampton. Vocês sabem, os Hamptons.”

— Ai, dá um tempo — diz Griffin.

— Nossa casa era bem em frente ao mar — Casey o ignora — e tinha até um nome: Treasure Tide. Todo verão nadávamos o dia inteiro e fazíamos fogueiras na praia à noite. Meu pai tinha que trabalhar durante a semana, de modo que só podia vir aos sábados e domingos. Ele nem se importava. Eu sabia que ele preferia estar no escritório gritando ao telefone com alguém em Hong Kong a ficar deitado na areia sob um guarda-sol. Então, no verão, éramos só mamãe, eu e minhas irmãs, Emma e Rachel. E era aí que a coisa pegava.

Quase parece que esse é o fim da história de Casey e que ela não vai dizer mais nada.

— Explique — incentiva Griffin.

— Era minha mãe quem dirigia.

Agora vejo para onde isso está indo.

— Foi no verão retrasado. Estávamos na praia à noite. Era uma daquelas noites de agosto que são tão sufocantes que o único lugar onde a gente consegue ficar é dentro d'água. Fomos visitar nossos amigos, os Brennigan, que moram a menos de um quilômetro da nossa casa. Fizemos uma fogueira, assamos salsichas vienenses e as crianças pequenas ficavam repetindo a palavra *vienense*, como se aquilo fosse muito engraçado. Depois disso, os adultos voltaram para a varanda dos Brennigan enquanto os adolescentes ficaram na praia.

"Jacob Brennigan, o mais velho, flertava comigo desde que éramos crianças. E eu sempre correspondi, mas nunca tivemos certeza do que fazer com nosso relacionamento. Certa vez, no ano anterior, ficamos numa festa. Ele beijava muito bem e aquele foi um momento muito agradável. Naquela noite, eu estava correndo e ele me perseguia pela praia."

É difícil imaginar Casey Cramer correndo, mas é claro que não há nenhuma cadeira de rodas nessa história. Nessa história, ainda não há nada de errado com ela. Essa noite de agosto que ela está nos contando foi pouco antes de tudo mudar na sua vida. Suas pernas sardentas a impulsionavam sobre a areia, fugindo de Jacob Brennigan. Ela continuou a correr e, ao olhar por cima do ombro, viu que ele desistira e parara de correr. Ela era muito rápida para ele. Casey parou junto à água com as mãos nos quadris para acalmar os batimentos cardíacos.

— Eu me lembro de ter pensado que eu era capaz de correr mais que aquele garoto que eu conhecia da vida inteira. Eu gostava dele, mas não queria que ele me pegasse. Eu me sentia como uma atleta olímpica. Então, minhas irmãs começaram a gritar que era hora de ir embora. Daí corri de volta para a casa dos Brennigan sob aquelas estrelas maravilhosas, e demos boa-noite para todos, incluindo Jacob, que me lançou um olhar repleto de intenções.

"Então, minhas irmãs, minha mãe e eu entramos no carro. Era um trajeto de menos de um quilômetro. Não era nada de mais! Meus pés descalços estavam cheios de areia, as bainhas do meu jeans estavam molhadas e minha mãe perguntava: 'Vocês se divertiram esta noite, meninas? Porque *eu* me diverti'.

"Emma estava um pé no saco. Ela disse: 'Mãe, acho que você não devia dirigir. Você bebeu muito. Dá para perceber pela sua voz. Você devia pedir ao sr.

Brennigan para nos levar para casa na caminhonete, e poderíamos vir buscar o carro amanhã'.

"E minha mãe retrucou: 'Pelo amor de Deus, Emma, eu estou *bem*'. Minha irmã continuou dizendo que não era uma boa ideia e eu também achei que ela estava sendo ridícula. 'Tudo bem, vamos fazer uma votação', sugeriu minha mãe.

"Rachel respondeu que não achava nada de mais mamãe dirigir. A votação estava empatada. Cabia a mim decidir. 'Você vai desempatar, Casey', disse minha mãe.

"E porque meus pés estavam sujos de areia e eu estava ficando com frio, falei: 'Deixe a mamãe dirigir'.

"E ela agradeceu: 'Obrigada, garota'. Ela gostava de me chamar assim. Eu estava sentada no banco da frente do carro, ao lado dela. Eu estava nervosa, porque minha mãe estava *daquele* jeito. Tudo um pouco além da conta, entendem? Ela deu a partida no motor e ligou o rádio, que começou a tocar uma canção dos Beatles. Imediatamente ela comentou: 'Oh, eu adoro essa música! Ouçam esse belo solo de trompa'.

"Ela ficou muito excitada com aquilo; dava para ver. Mas eu também sabia o quanto ela gostava dos Beatles e aquela música estava tocando no rádio, então por que não apreciá-la? Minha mãe adora essas músicas porque a fazem lembrar de quando ela era jovem. E ela sempre nos diz o quanto gostava de ser jovem. Ficar na rua até tarde, ser um tanto selvagem. Ela perdeu tudo isso quando ficou mais velha, casou e se acomodou.

"Minha mãe estava cantando. Ela estava feliz, e nós também, todas nós, exceto Emma, eu acho — e de repente, ouvi um estrondo e, em seguida a sensação de estar voando, mas um tipo de voo *ruim*. Daí, senti uma pancada na cabeça, ouvi vidro quebrando e alguém gritando. Alguém que afinal de contas era eu mesma. Então apaguei."

Casey para nesse ponto. Nenhum de nós fala ou respira.

— Tudo bem, tranquilo — diz ela. — É isso aí. A história de como fiquei aleijada.

Sierra, Marc, Griffin e eu estamos todos em silêncio. Não sabemos o que dizer. Eu nunca tive amigos com problemas assim. O pior problema de amigo

com o qual já tive que lidar foi uma discussão entre Hannah e Ryan sobre se era boa ideia Ryan andar com um preservativo no bolso, “para quando você mudar de ideia”. Hannah se sentiu insultada e Jenna e eu tivemos de ficar acordadas a noite inteira enquanto ela chorava e mandava torpedos para ele a cada dez segundos. Mas eu podia lidar com aquilo.

Porém isso agora é demais para mim.

— Minha mãe bateu num muro de pedra — continua Casey. — Todo mundo no carro ficou bem. Mas eu não estava usando o cinto de segurança… quero dizer, era um trajeto de apenas cinco minutos… e bati com a cabeça no para-brisa. Fraturei a medula espinhal e tive traumatismo craniano.

Essa palavra outra vez: *trauma*. Está em toda parte no Celeiro.

— O air bag estava com defeito. Não funcionou — diz Casey. — Fui levada para a cidade de helicóptero e fiquei em coma por três dias. Quando enfim acordei, meus pais estavam ao lado da minha cama, e os dois choravam.

“Ouvi uma das enfermeiras dizer: ‘Bem, ao menos não será homicídio’. Mas eu não sabia do que ela estava falando.

“Enquanto me recuperava, descobri duas coisas: uma, eu nunca mais voltaria a andar; e, dois, o nível de álcool no sangue da minha mãe estava muito acima do limite permitido. Ela não estava ‘alta’ quando nos levou para casa. Ela estava totalmente embriagada.

“Então eu me lembrei que fora eu quem desempatara a votação. Por ordem judicial, mamãe foi para uma clínica de reabilitação de drogas e álcool durante alguns meses enquanto eu fui para uma clínica de reabilitação bem diferente. Sedgefield. Os médicos e enfermeiros sabiam que eu não voltaria a andar. Eles só queriam me ensinar a recuperar a força na parte superior do corpo e a usar a cadeira de rodas.

“Aquele é o lugar mais triste do mundo. Quase todos na minha unidade tiveram algum tipo de acidente ou doença. Havia uma senhora que estava lá porque foi fazer uma lipoaspiração na barriga para poder ficar bem de biquíni quando fosse para as Bermudas e acordou paralisada. Éramos todos tão patéticos, sentados ou deitados com nossos roupões de banho o dia inteiro, bebendo suco de maçã quente de pequenos recipientes, fazendo castelos de cartas e assistindo *Law & Order*. Depois que saí de Sedgefield, não voltei a

entrar em contato com nenhuma dessas pessoas. Era muito deprimente. Eles têm um grupo de e-mail, mas eu nunca quis participar.

“Em casa, minha mãe não parava de dizer: ‘Casey, minha garota, você vai me perdoar algum dia?’. Ela estava completamente sóbria agora, horrorizada com o que fizera. Na sua reabilitação, eles a obrigaram a enfrentar tudo. Foi brutal. Mas a verdade é que eu a perdoei na hora. Ela apenas se acostumara a beber o tempo todo, e para as pessoas ela era aquele pequeno Leprechaun, doce e um pouco embriagado. Eu não tinha como ficar furiosa com ela.

“Voltei para a escola, mas tinha dificuldade para me concentrar. Certa noite, houve uma festa e vieram alguns meninos da escola. Essa foi a primeira vez que vi Jacob Brennigan desde o acidente. Lá estava ele, de pé com os amigos. Ele parecia muito desconfortável ao me ver na cadeira de rodas. Um dos seus amigos começou a sussurrar e a empurrá-lo na minha direção. Foi muito estranho.

“Ele veio e disse: ‘Oi’, mas mal conseguia olhar para mim.

“Eu disse: ‘Oi, Jacob. Tudo bem?’.

“E ele respondeu: ‘Tudo. Estou feliz por você ter saído do hospital. Bem, é melhor eu ir embora’.

“E foi isso. Essa foi a última vez que Jacob falou comigo. Eu era a bela menina com quem ele flertava desde que éramos crianças e agora eu era a menina aleijada com a qual ele não conseguia mais lidar.

“Todo mundo sentia pena de mim e ninguém me tratava de forma normal. Ao fim do dia, meus amigos tinham que esperar que eu descesse no elevador de cadeira de rodas da escola, e, às vezes, demorava muito tempo para encontrarmos a senhora da recepção que tinha a chave. Comecei a fazer coisas imprudentes, como certa vez em que posicionei minha cadeira de rodas no topo da ladeira da rua Oitenta e Nove, que estava fechada ao tráfego durante o horário escolar, e deixei rolar.

“Foi quando meus pais decidiram me mandar para o Celeiro. E acho que minha estadia aqui está sendo útil. Mas, então, certa noite, tive uma daquelas visões que Sierra descreveu. Só que o que vi, é claro, foi diferente.”

— Conte — diz Sierra.

— Tudo bem. A situação foi a seguinte: estou na minha escrivaninha escrevendo no diário e, enquanto escrevo, sinto como se eu estivesse *tombando*

para a frente, e o que é mais engraçado é isso que sempre acontece quando tento ler ou escrever num carro. Eu ergo a cabeça e vejo que não estou mais na escrivaninha e, sim, *dentro de um carro*.

Ela faz uma pausa.

— É noite, e eu estou no banco do passageiro. Noto que algo está acontecendo com meu cérebro. Mas, então, percebo que já estive ali, naquele exato momento. E eu sei quando. Faço um movimento de cruzar as pernas, que estão frias, os pés todos sujos de areia, as barras do meu jeans úmidas. E minhas pernas estão *bem*, elas se movem normalmente. Minha mãe, minhas irmãs e eu estamos cantando com os Beatles no rádio e penso na sorte que tenho por ser quem sou. Minha família é ótima. Jacob e eu estamos um a fim do outro. E o momento perdura. Não termina um quilômetro depois, com minha mãe bêbada batendo num muro.

"Eu toco minhas pernas e posso *senti-las*. Estão totalmente sensíveis. Não estão paralisadas, nada de mal aconteceu e estamos apenas seguindo a estrada. E eu pergunto para a minha mãe: 'Tudo vai ficar bem, certo? Exatamente como sempre foi?'.

"Ela se volta para mim e não tem mais aquela expressão tola e embriagada no rosto. Ela parece estar calma e séria, e diz: 'Não se preocupe com o futuro, garota. Vamos apenas aproveitar o momento'.

"Então eu não digo mais nada e nós apenas seguimos em frente. O vento sopra meu cabelo e a estrada parece continuar para sempre, assim como a música dos Beatles. Em certo ponto, minha mãe para, eu salto e saio correndo pelo acostamento. Então ela acelera o carro e eu mantenho o ritmo ao seu lado. Sou muito rápida, e minhas pernas são fortes. Então, volto a entrar no carro e ainda consigo sentir minhas pernas pulsando e vivas, se é que é possível.

"E é isso. Uma experiência pura e perfeita. Quando me dou conta, estou de volta à minha escrivaninha, de volta à minha cadeira de rodas. E, quando olho para baixo, vejo que as páginas do meu diário foram sopradas para a frente. E todos os papéis na minha escrivaninha também foram soprados, como se tivesse *ventado* no quarto, embora a janela esteja fechada. Minha colega de quarto, Nina, vem e diz: 'O que aconteceu aqui?'.

"E eu respondo algo como: Acho que me atrapalhei um pouco com meu

dever de casa’.

“‘É o que parece’. E ela ri. Nina já viu de tudo — ela começou a roubar Oxycontin do pai no sexto ano. Mas, então, enquanto arrumo meus papéis, percebo uma coisa: as páginas do diário que foram sopradas para a frente estão todas escritas. Com *a minha letra*. Eu *não* me lembro de ter escrito aquilo, mas há cinco páginas de texto. Devo ter escrito quando estava no meu ‘transe’, ou seja lá como deveríamos chamar aquilo.”

Portanto, não apenas nossos diários são a porta de entrada para esse mundo, como cinco é o número automático de páginas que cada um de nós escreve quando está lá. Lentamente, detalhes como esse vão se revelando. O que não está claro é o porquê.

— Alguém aqui faz ideia do motivo para isso estar acontecendo conosco? — pergunto.

— Ah, eu acho que é porque somos muito *especiais* — diz Casey.

— Talvez não possa ser explicado — pondera Sierra.

— Apenas porque ainda não temos todas as informações — fala Marc. — Mas sejamos lógicos a esse respeito. E a pergunta mais lógica a fazer é: será que a sra. Q sabe? Será que ela *planejou* isso?

— Ela pode ter planejado — diz Sierra. — E talvez seja por isso que fomos escolhidos para aquela aula. Porque ela achou que precisávamos disso. A cura através do diário com capa de couro vermelho.

— Eu não estou curada — retruca Casey. — Minha vida ainda está uma droga. Embora eu ache que durante algum tempo, quando eu estava *lá*, não. Eu quero voltar — confessa ela de repente. — Eu sei que você disse para não fazermos isso, Marc, mas eu quero voltar agora…

— Bem, espere. — Marc a interrompe. — Eu acho que há três possibilidades referentes à sra. Q. Possibilidade um: ela não tem ideia do que esses diários fazem. E, se *contarmos*, ela vai nos delatar. Os diários nos serão tomados e nunca mais teríamos nossas “visões” outra vez. Provavelmente, ainda por cima teríamos que sair da escola. Possibilidade dois: ela *sabe* o que esses diários fazem, e talvez seja ela quem faça isso acontecer. E ela nos escolheu de propósito porque, de todos os alunos no Celeiro, achou que éramos aqueles que mais se beneficiariam com isso.

— Certo, tudo bem — diz Sierra. — Mas, mesmo que isso seja verdade, ela ainda pode negar se perguntarmos.

— Mas também há uma terceira possibilidade — cogita Marc. — Ela sabe, e está apenas esperando que contemos para ela. Mas isso me parece muito, muito improvável. Minha sugestão é que devemos agir como se nada tivesse acontecido. É muito arriscado tentar falar com ela sobre o transe.

— Eu não penso nisso como um transe — corrijo. — É mais um *lugar*. Sinto que fui para um lugar aonde as pessoas vão quando não conseguem encarar a realidade, porque é muito deprimente.

— Pessoas que se identificam com *A redoma de vidro* — diz Sierra.

— Deveríamos ter um código para nos referirmos a esse lugar — sugere Marc. — Como Casey e suas irmãs faziam quando a mãe delas estava bêbada, lembram? *Mamãe jogou o lixo fora*. Para o caso de haver outras pessoas por perto quando precisarmos mencioná-lo.

— Ou até mesmo um nome para chamarmos esse lugar quando estivermos a sós — completa Casey.

— Poderíamos dizer: “Eu fui para a Redoma de Vidro” — sugere Sierra.

— Isso é ridículo — diz Griffin.

— Talvez pudéssemos adaptar o nome — sugiro. — Algo exótico que nos remeta a um lugar só nosso. O que é mais ou menos o caso.

Todos pensamos por meio minuto.

— Terra do Transe? — tenta Marc.

— Soa como um parque de diversões de terceira — diz Griffin.

Sinto como se fôssemos um grupo de alunos da escola primária tentando dar nome a seu clube de detetives ou de reciclagem de garrafas. No entanto, parece que dar um nome para aquele lugar o tornará um pouco mais administrável, um pouco mais real.

— Redoma — digo.

— Foi o que eu disse antes — diz Casey.

— Não, *Redoma* — repito. — Só isso. E mais nada.

— Redoma — repete Sierra. — Fui para a *Redoma*. Soa exótico.

Griffin acrescenta:

— Acho que consigo viver com isso. — Seu “elogio”, o que é algo raro, me

agrada.

— Certo, então temos um nome — conclui Casey. — Tudo bem. Mas e quanto a voltar lá? Algum problema em ceder a uma ilusão? Porque eu quero muito, muito mesmo.

E eu também. A Redoma é a única forma de obtermos o que desejamos. A única maneira de conseguirmos ter de volta aquilo que perdemos.

— Tem que haver *regras* — afirma Marc um tanto ansioso.

— Por que *você* está no comando? — pergunta Griffin.

— Tudo bem, você está no comando. Vá em frente.

Griffin não responde.

— Foi o que pensei — diz Marc. — Vejam, alguém precisa orientar esse negócio, e isso é tudo o que estou tentando fazer. Fiz o mesmo com o conselho estudantil. Só estou tentando ter certeza de que isso não vai tomar conta da nossa vida ou despertar a suspeita de outras pessoas. Lembrem-se, os diários podem ser tirados de nós. Nós poderíamos perdê-los para sempre.

Sierra pega uma caneta e algumas folhas soltas de papel. Juntos, começamos a criar um conjunto de regras a ser seguidas.

10

Então, todos decidimos seguir as mesmas normas simples: visitar a Redoma duas vezes por semana; e, para sermos consistentes, apenas nos dias que cada um escolher; reunião todo domingo à noite às dez horas na sala de aula às escuras ao redor da vela a fim de discutirmos o que possa ter acontecido durante a semana; e por fim, e de modo crucial, nunca contar nada sobre isso para ninguém de fora.

Escolhi ir para a Redoma às terças e sextas-feiras. Esta próxima sexta-feira será o dia em que escreverei no meu diário. Mal posso esperar, embora também esteja ansiosa a ponto de sentir náuseas quando penso nisso.

O diário fica dentro da gaveta da minha escrivaninha, pulsando como um pequeno coração arrancado do corpo. Sempre que encontro com algum dos outros alunos de Tópicos Especiais no campus, agimos com discrição, como se nada de mais estivesse acontecendo. “Oi”, dizemos um para o outro. Mas na verdade estamos ansiosos, morrendo por dentro, esperando com impaciência.

dj é muito esperta; ela parece saber que algo está acontecendo. Às vezes, quando estamos no quarto, ela olha para mim de um modo engraçado.

— O que foi? — perguntei certa tarde, quando ela estava sentada me olhando com olhos de coruja.

— Você age como se tivesse um segredo.

— Você é a única que tem um segredo.

— É verdade — concorda dj.

Ela e Rebecca Fairchild se envolveram bem rápido, e as duas únicas pessoas no mundo que sabem disso somos eu e a colega de quarto de Rebecca. A escola desencoraja relações “íntimas” entre alunos e demonstrações públicas de afeto são proibidas. Embora haja uma regra que diz que meninos e meninas só podem ficar juntos nas salas comuns, não nos quartos do dormitório, meninas e meninas podem ficar em qualquer lugar, para a sorte de dj e Rebecca.

Assim, no curto espaço de tempo desde que começaram a se encontrar, elas têm ficado juntas nos seus quartos, esparramadas nas camas, pintando as unhas dos pés, traçando padrões *mehndi* no dorso das mãos com uma caneta fina para

tatuagem com hena, e, quando não há ninguém por perto, presumivelmente se beijando ou indo mais longe.

Eu gostaria de ter ido mais longe com Reeve caso tivéssemos mais de quarenta e um dias. Eu teria gostado de me entregar aos sentimentos que viessem à tona, e segui-los aonde quer que fossem. Mas nunca tive a oportunidade.

Às oito horas de sexta-feira à noite vai passar um filme no ginásio, uma comédia totalmente idiota sobre gêmeos idênticos que roubam um banco. Decido não ir. Em vez disso, esperarei o dormitório ficar vazio e, depois, caso aconteça do modo como aconteceu da última vez — e tem que acontecer —, poderei estar com Reeve outra vez. *Vão embora*, digo para mim mesma enquanto todo mundo demora uma eternidade para sair para o filme. *Vão embora. Apenas vão embora*.

Jane Ann parece preocupada por eu ter decidido ficar no quarto.

— Você não gosta de filmes, Jam? — pergunta.

— Sim, mas não estou de bom humor.

— Se você mudar de ideia, venha. Hoje distribuiremos sacos de *grãos de soja torrados*! — acrescenta, como se esse detalhe surpreendente me fizesse mudar de ideia.

— Ótimo.

— Mandarei alguém vir vê-la em breve. — E ela sai depois de uma leve hesitação.

Por fim, o dormitório está tranquilo. As únicas outras pessoas por perto são dj e Rebecca, que estão lá em cima no quarto de Rebecca, e uma garota chamada Jocelyn Strange, que, como o nome já diz, é muito estranha. Casey e Sierra foram assistir ao filme; ambas estão pensando em voltar à Redoma muito mais tarde, depois que as luzes se apagarem.

No silêncio do quarto vazio, vou até a escrivaninha e pego meu diário na gaveta. Eu o giro diversas vezes nas mãos, sentindo a fria superfície de couro. Pego uma caneta e me sento na cama, recostada no *study buddy*. Quando abro o diário, ele emite aquele estalo familiar e reconfortante.

Mas e se a Redoma só acontecer uma vez? E se eu escrever no diário e nada ocorrer? Seria uma enorme decepção. Nossas regras se mostrariam inúteis. Toda a antecipação teria sido para nada. Reeve nunca apareceria de novo, o que de

fato pode se transformar em outro trauma.

Rápida e ansiosamente, vou até a primeira página em branco e começo a escrever:

No momento em que deixei a festa de Dana Sapol, soube que eu amava aquele menino, e comecei a pensar que ele também me amava.

Espero apenas uma fração de segundo. E então, como da última vez, os braços dele estão ao meu redor. Acontece com rapidez, quase de modo natural, e volto a me sentir chocada, embora não muito. Reeve me abraça de frente, não pelas costas, e digo contra seu pescoço:

— Estou aqui.

— Eu sei, eu estava esperando — diz ele. — Demorou muito.

Eu me afasto e olho para ele. Reeve está usando o mesmo suéter marrom e me olha como se *minha* presença aqui fosse um milagre. Olhamos um para o outro por um longo tempo, e então inclino a cabeça contra seu peito e sinto aquela sensação outra vez, aquele transbordamento de felicidade e alívio.

— Como você está? — pergunto quando finalmente consigo erguer a cabeça.

— Melhor agora. Gostaria de saber quando você planeja vir na próxima vez. Odeio não saber. Fico muito agitado.

— Terças e sextas-feiras. Sempre duas vezes por semana — respondo —, provavelmente à noite, embora a hora possa variar dependendo do que mais estiver me acontecendo.

Reeve pisca para mim com olhos castanhos sonolentos.

— Apenas duas vezes por semana. Por que este horário? — Ele pronuncia a palavra “horário” com um forte sotaque inglês.

— Ah — respondo —, foi o que decidimos.

Ele olha para mim sem entender, e eu explico que toda a minha classe está envolvida, e eu lhe conto que demos o nome de a Redoma para este lugar. Também descrevo os outros alunos, mas vejo que ele não está prestando atenção. A única pessoa que parece interessá-lo é Griffin.

— Esse rapaz arrogante, ele é mais bonito que eu? — Reeve vira a cabeça de perfil para que eu o admire. Ele está brincando, mas não totalmente. Eles não

poderiam ser mais diferentes: Griffin é rude, loiro e furioso; Reeve é magro, cabelos castanhos, espirituoso e gentil.

— Griffin? Você deve estar brincando — digo.

Sentamos na grama, nos inclinamos um contra o outro como dois pombinhos num galho de árvore e Reeve fala de repente:

— Ah! Há algo aqui para você. Ao menos, deveria haver. Vamos dar uma olhada.

Ele pega minha mão e descemos uma colina íngreme em direção a um grande objeto ao longe que ainda não consigo discernir. É uma coisa grande e volumosa, mas está à sombra de uma árvore, e apenas quando chegamos perto é que vejo a incrível casa de bonecas de Courtney Sapol pousada sobre a grama.

— Oh, que estranho, a *casa de bonecas* — exclamo, intrigada, embora um tanto satisfeita. — O que isso está fazendo aqui?

Nós nos ajoelhamos e pegamos nossos bonecos. Alguns segundos depois, estamos movendo-os pela casa como se fôssemos crianças pequenas, e então nós os deitamos na cama, lado a lado.

Reeve vira seu boneco de frente para a minha boneca de modo que parece que ambos estão se beijando.

— Oh, mamãe — diz ele com uma voz grave. — Você é muito gostosa.

A princípio estamos rindo, mas logo abandonamos as bonecas na cama e começamos a nos beijar de verdade. Rapidamente aquilo fica sério, e logo não estamos mais rindo. Como estamos em campo aberto, fico preocupada que alguém nos veja. Então me recordo de que não há absolutamente ninguém aqui para nos ver.

Lembro daquela noite na festa de Dana Sapol, quando o beijo esquentou e Reeve pôs a mão debaixo da minha blusa, movendo-a devagar, como para se certificar que estava tudo bem comigo. Então, a mão entrou por baixo do meu top e minha respiração parou. Eu também enfiei minha mão sob a camisa dele e senti seu peito quente e firme estremecer e vibrar.

Na festa, não fomos muito além de nos beijar e nos tocar, mas aquilo foi uma revelação. De novo, sozinhos embora ao ar livre aqui na Redoma, Reeve e eu estamos nos beijando e nos tocando, e eu sento no colo dele. Nossas bocas estão juntas e logo nossas mãos estão sob a camisa do outro, e tudo que eu posso

pensar é que esta é a sensação mais agradável que alguém poderia sentir.

Mas agora sinto que quero mais. Quero que ele me veja sem blusa e, mesmo que não seja exatamente a mesma coisa, também quero vê-lo sem camisa. Quero que olhemos um para o outro enquanto estamos sentados e abraçados aqui na Redoma.

Mas, quando tento tirar minha blusa, sinto minha mão congelada, paralisada, incapaz de se mover.

Olho para a minha mão, abrindo-a e fechando-a. Parece que funciona bem. Estalo os dedos. De novo, não há problema. Mas, quando tento tirar a blusa pela segunda vez, a mão não funciona.

Agora eu entendo. Aqui na Redoma, Reeve e eu só podemos fazer aquilo que já fizemos na vida real. Não podemos ir além de modo significativo. Quando tentei falar com ele sobre as coisas novas na minha vida, sobretudo sobre a aula de Tópicos Especiais e meus colegas de classe, ele não se interessou e a conversa morreu ali.

A Redoma permite estar com a pessoa que você perdeu — ou, no caso de Casey, com a coisa que você perdeu —, mas o mantém onde estava antes da perda. Então, se você quiser desesperadamente o que já teve, você pode escrever no seu diário de couro vermelho, ir para a Redoma e encontrá-lo. Porém, parece que você não achará nada de novo por lá. O tempo para na Redoma; permanece suspenso.

Reeve e eu podemos brincar com uma casa de bonecas, e podemos fazer algumas das outras coisas que fizemos durante nossos quarenta e um dias juntos, mas nada além disso. É estranho, porém, que ele não pareça se importar com tais limitações.

— Qual é o problema? — pergunta Reeve, enquanto eu penso em como minha mão não me permite tirar minha própria blusa.

— Você alguma vez já sentiu vontade de fazer algo mais comigo? — pergunto.

— Tipo o quê?

— Você sabe — digo, envergonhada. — Tipo ver um ao outro… despido da cintura para cima?

Reeve inclina a cabeça e olha para mim, um pouco confuso.

— O que fazemos juntos é muito incrível — diz ele. — Eu adoro isso.

— Tudo bem. Só estava verificando.

Não posso viver coisas novas com Reeve. Apenas revisitar antigas experiências. Mas eu as aceito, é claro. Levarei dele tudo o que puder. Nós nos deitamos na grama marrom e sussurramos um para o outro, nada de novo ou profundo, mas é tudo de que precisamos.

O céu começa a mudar de cor outra vez, e é como o intervalo durante uma peça, quando as luzes do teatro piscam e você tem que correr de volta para o seu lugar.

— Oh, não — lamento. — A luz.

— *Merda*. É muito cedo, Jam.

— Eu só queria ficar aqui. — Sei que hoje à noite tenho que estudar para minha prova de Matemática, mesmo sem conseguir me importar com a matemática, a escola ou qualquer outra coisa no mundo real.

Este mundo, este outro mundo aqui com Reeve, que consiste de pequenos pedaços do passado, é o bastante para mim. E daí que nunca possamos fazer nada de novo juntos? Se me fosse dada a escolha, eu ficaria aqui com ele para sempre, e nunca mais voltaria para o Celeiro. Na verdade, boa viagem, Celeiro. Ao sair, cuidado para a porta não bater na sua bunda.

Mas a luz está cada vez mais fraca e logo serei forçada a me afastar dele.

— Volte logo para mim — pede Reeve. — Por favor, Jam. *Por favor*.

Sua voz fica diferente no meio da frase. Soa como a voz de uma garota. Ergo a cabeça bruscamente e Sierra está ao lado da minha cama, dizendo:

— Por favor, Jam. Por favor. Vamos, acorde.

Pisco diversas vezes.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

— Jane Ann me mandou vir vê-la durante o filme. Bati, mas você não respondeu e, quando entrei, você estava escrevendo no seu diário, mas também estava fazendo pequenos ruídos. Foi estranho, Jam. Você precisa ser mais discreta. E se Jane Ann a tivesse encontrado? Ou alguém mais do dormitório?

Olho para baixo, folheio o diário rapidamente e vejo que mais uma vez preenchi cinco páginas inteiras. De algum modo, consegui escrever sobre o que estávamos fazendo enquanto estávamos fazendo aquilo. No entanto, eu não

tenho lembrança de ter escrito mais que a primeira linha.

Sierra se senta ao meu lado e ficamos em silêncio. Então ela diz:

— Você está bem? Parecia ser um grande momento, seja lá o que estava acontecendo com você por lá.

— Nem consigo descrever.

— Não precisa.

Ela não quer nada. Está apenas cuidando de mim. Com certeza, nunca tive com Hannah um momento tão forte e pessoal como esse que estou tendo com Sierra. Nem perto disso. Melhores amigas: é isso que estamos nos tornando.

— E olhe só — diz ela, folheando as páginas de meu diário, fazendo questão de não ler nada do que está escrito. — Se você continuar indo até lá duas vezes por semana, vai acabar rápido.

Ambas ficamos em silêncio e creio que ambas estamos pensando a mesma coisa, algo que estupidamente não me ocorreu antes. O que acontecerá com a Redoma quando terminarmos nossos diários?

11

Querida Jam,

Seu pai e eu pensamos em você o tempo todo e espero que as coisas estejam se ajeitando. Aposto que, quando você ler esta carta, estará muito envolvida com seu trabalho escolar ou com uma nova amiga. Ou com as duas coisas. Você me pareceu muito melhor quando liguei na outra noite, e fiquei feliz ao ouvi-la. Parece que aquele episódio, quando você me ligou em pânico querendo voltar para casa, já está superado agora. Bom para você, querida.

Jam, há algo que eu gostaria de lhe dizer. Como você já sabe, Leo tem saído de sua concha por causa de um garoto da escola chamado Connor Bunch. No início, seu pai e eu ficamos muito satisfeitos. Você sabe que seu irmão não tinha muitos amigos e que os colegas implicavam com ele. Mas Connor é um tanto "espertinho", e parece que um pouco dessa esperteza está passando para Leo. Não sei dizer exatamente o que está acontecendo, mas não estou gostando nada disso. Queria que você estivesse aqui, Jam, para nos dizer: "Ora, que bobagem, pessoal. Meninos de doze anos são completos idiotas, não se preocupem com isso".

Então, pensei que talvez você pudesse escrever para Leo lembrando-o que sempre pode conversar com você a respeito do que está passando pela cabeça dele. Seria ótimo se dissesse que ele pode contar com sua ajuda, mesmo você estando longe, em Vermont. E eu acho que seria ótimo para você se concentrar em algo como Leo — algo além dos seus próprios problemas.

Bem, isso é tudo o que eu queria dizer. Até logo. Nós a amamos muito.

Beijos e abraços,

Mamãe

Dobro a carta de volta no envelope. Minha família parece muito longe de mim, e mal consigo me lembrar de como é nossa casa. De que cor exatamente é o tapete da sala? Tento visualizá-lo na mente, mas não consigo. Espero que Leo esteja bem. Com certeza escreverei para ele esta noite.

Estou muito envolvida com minha própria vida, mas não da forma como pensa minha mãe. Embora só tenha ido para a Redoma duas vezes até agora, já estou obcecada com meu novo medo de acabar terminando o diário, e o que isso significa. Tento me lembrar que há muitas páginas em branco e muitas outras visitas antes de eu ter que pensar sobre o que acontecerá quando eu preencher a última linha.

Já fiz as contas. Como cada viagem dura cinco páginas, o diário estará completamente preenchido ao fim do semestre.

E depois? Como poderei estar com Reeve?

Não fique obcecada com isso, digo para mim mesma. Lembre-se de que agora você tem Reeve de volta. *Aproveite*.

E toda vez que vou à Redoma numa terça ou sexta-feira, eu aproveito. Mas, depois de algum tempo, a luz fica fraca e sou trazida de volta para o mundo do internato, das lições de casa e do clima cada vez mais frio. E agora, a partir desta semana, um mundo de canto a capela. Contra minha vontade, fui forçada a me juntar ao coral feminino, as Meninas Cantoras do Celeiro.

— Todo aluno precisa ser membro de um clube — disse Jane Ann certa noite. — Este tinha uma vaga a ser preenchida, de modo que é o clube ideal para você.

— Isso não está no manual do Celeiro — reclamei.

— Será incluído na próxima edição.

Devo dizer que não sou fã de canto a capela. Algumas pessoas adoram vozes cantando sem instrumentos, mas eu não sou uma delas. Reeve também não. Não gostávamos de como todos os grupos corais cantavam as mesmas canções.

— “Moondance”? — exclamou ele depois de um concerto do ensino médio em Crampton. — “Good Vibrations”? São pensionistas?

— Não sei o que isso significa — disse eu.

— Gente velha.

— Sim, é como ouvir uma daquelas estações de músicas antigas no rádio do carro. E eles *sorriem* demais.

Mas, apesar do que sinto em relação ao coral não me é dada outra escolha quanto à minha adesão às Meninas Cantoras. O primeiro ensaio é na segunda-feira à tarde no prédio de música. Canto mais ou menos, nada de mais, e me

ressinto por ter sido incluída neste grupo, de modo que entro na sala de ensaio com um estado de espírito particularmente fechado e hostil — até mais que o habitual. A líder das Meninas Cantoras, uma garota chamada Adelaide, vibra um pequeno diapasão e nos reúne para começarmos a ensaiar nossa primeira música.

Para minha surpresa, não é uma música brega. Em vez disso, é canto gregoriano do século x.

— E cantaremos em tempo acelerado — diz Adelaide.

Isso me parece curioso e, quando tomamos nossos lugares e começamos a aprender a música e a letra, que é em *latim*, aquilo soa terrível. Eu gostaria de poder ir embora, apenas. Tenho certeza de que ninguém notaria.

Não faço parte das Meninas Cantoras. O único lugar do qual faço parte nesta escola é a aula de Tópicos Especiais. Mas é uma forma estranha de fazer parte, porque de fato não entendo por que estou lá. O que a sra. Quenell viu em mim. Por que ela escolheu a *mim*, dentre todas as pessoas no Celeiro.

Todos na minha classe têm teorias sobre por que fomos escolhidos, mas sinceramente não fazemos ideia. E também não sabemos o que a sra. Quenell sabe ou não a respeito dos diários. Fizemos muitas insinuações, dizendo coisas do tipo: “Esta aula está se tornando a mais intensa de todas, sra. Q”, ou ainda, “Todos nós estamos tendo grandes experiências quando escrevemos no diário”.

Quando fazemos tais insinuações, a sra. Quenell pergunta se algo está sendo “demais” para nós.

— Alguém aqui acha a experiência de escrever um diário intolerável? Por favor, digam-me agora — diz ela, buscando nossos rostos.

A questão pode ser encarada em dois níveis diferentes. Será que ela está se referindo aos diários da mesma forma que *nós*? Ou será que ela acha que os diários têm um poder sobre nós devido à intensidade daquilo que estamos escrevendo neles?

Ainda não sabemos. E quanto mais nos acostumamos a ir à Redoma, menos isso importa.

Fiquei muito mal depois de perder Reeve. E agora, duas vezes por semana, ele e eu estamos juntos outra vez.

Não odeio mais fazer as refeições no refeitório. Ou não poder enviar torpedos e acessar a internet, o que, para mim e para todo mundo aqui, foi muito

difícil no começo. Nem mesmo odeio não poder morar na mesma casa que meus pais e Leo.

Leo. Oh, não, lembro-me de que não escrevi para ele, como minha mãe pediu. Mais uma vez, me comprometo a escrever esta noite.

Também não odeio cantar com as Meninas Cantoras, dou-me conta quando termina o ensaio. No finalzinho, a cantoria começa a soar melhor. Ouço minha própria voz se destacando, e ela soa alta, clara e surpreendentemente aceitável.

Às dez da noite do domingo seguinte, nossa turma se reúne mais uma vez na sala de aula. Todos chegam na hora. Casey trouxe uma caixa de chocolates recheados com pasta de amendoim e todos comemos. Logo os pequenos invólucros marrons se espalham pelo chão, e então Griffin tira uma grande lata cor de laranja de energético com vodca de dentro do casaco. A princípio ninguém diz nada.

— Onde conseguiu isso? — pergunta Marc afinal.

— Dei um pulo na cidade. Estou com a carteira de identidade do meu primo.

A pena para quem toma bebidas alcoólicas no Celeiro é a expulsão. Há jovens aqui que têm problemas de abuso de substâncias, e a escola tem uma política de tolerância zero, mesmo se você for encontrado com algum energético alcoólico.

— Essa é uma má ideia, Griffin — adverte Marc. — E esse negócio é detestável. As pessoas bebem isso até ficar chapadas.

— Relaxa — diz Griffin. — Ficar um pouco chapado não prejudicará suas notas.

— Não é isso — insiste Marc.

— Então o que é?

Sem graça, Marc explica em voz baixa:

— Casey.

— *Merda*. Desculpe, Casey — fala Griffin.

— Não se preocupe — diz ela, tranquila. — Algum dia terei que conviver com pessoas que bebem para ficar bêbadas. Só que não ainda.

Griffin guarda a lata e eu tenho certeza de que nunca mais veremos bebidas

alcoólicas nas nossas reuniões tarde da noite. Casey olha para Marc, meneia a cabeça, e Marc corresponde. Eles se tornam próximos neste instante; é incrível como isso acontece. Aconteceu com Sierra e comigo. Um único momento compartilhado.

— Tudo bem — diz Sierra. — Temos pouco tempo, de modo que, sem ofensa, eu gostaria mesmo de mudar de assunto. — Todos voltam a atenção para ela. — Tenho pensado numa coisa. Jam e eu estávamos conversando outro dia, e nos perguntamos o que acontecerá quando tivermos completado o diário. Estamos preocupadas que isso signifique que não poderemos voltar à Redoma.

— Tenho me preocupado com isso também — confessa Casey. — Nem mesmo podemos controlar o quanto escrevemos. São cinco páginas por vez.

— E é por isso — digo — que devemos respeitar a regra das duas vezes por semana. Os diários durarão todo o semestre.

— Eu sei — diz Marc. — Também fiz as contas.

— Claro que fez — provoca Griffin.

As páginas restantes do diário e as semanas que faltam para o fim do semestre combinam perfeita e inexplicavelmente, assim como certas coisas na vida.

De repente, eu me lembro de uma das poucas coisas que consegui reter das aulas de Matemática para Idiotas: números de Fibonacci. Progridem assim: 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144. Para obter um número, você soma os dois números anteriores. Assim, zero mais um é igual a um, e um mais um é igual a dois, e dois mais um é igual a três, e assim por diante.

Nosso professor explicou que, por razões que ninguém jamais foi capaz de explicar, os números de Fibonacci podem ser encontrados em toda a natureza. Eles estão nas folhas dos galhos, no florescimento das alcachofras e na forma como uma pinha é organizada. Uma *pinha*! Quão aleatório isso pode ser? Não faz sentido encontrar evidências de números de Fibonacci em toda parte, mas é verdade.

Pensando nisso, me parece menos improvável que possa existir um punhado de diários que levem as pessoas que neles escrevem de volta ao lugar onde precisam estar. Algumas coisas simplesmente não podem ser explicadas, *nunca*,

e seu cérebro pode estourar se você pensar muito a respeito delas.

Obrigado, sr. Mancardi, penso, lembrando-me do meu belo professor de Matemática para Idiotas, a quem talvez jamais volte a ver agora que estou morando tão longe em Vermont. As aulas de Matemática para Idiotas parecem ter ocorrido há centenas de anos. E Reeve, ele também é passado, embora, por causa da Redoma, eu seja capaz de mantê-lo comigo no presente.

— Não sei o que vocês acham — diz Marc —, mas eu não sou capaz de lidar com a ideia de não ir para a Redoma quando o semestre terminar.

— O que acontece com você por lá, Marc? — pergunta Casey. — Você não disse ainda. Sem querer pressioná-lo, é claro.

— Você quer saber mesmo? Agora?

— Claro. Se você quiser contar.

— Tudo bem. Primeiro preciso lhes contar alguns fatos, senão não fará sentido.

Quando Marc começa a falar, parece que ele está contando sua história apenas para Casey e o resto de nós está basicamente xeretando.

— Sempre que eu tinha que escrever uma redação na escola primária respondendo à pergunta “Quem é seu herói?”, minha resposta sempre foi “Jonathan Sonnenfeld”. Meu pai era muito inteligente. Ele sabia tudo! Ele era advogado e, tarde da noite, ficava no seu escritório, no computador.

Marc inspira fundo, como se fosse um nadador voltando à tona.

— Aconteceu em abril passado. Uma noite de semana. Eu disse boa noite para os meus pais. Minha mãe já estava lá em cima e meu pai estava trabalhando até mais tarde no escritório. Fui para a cama, mas não conseguia dormir. Estava cheio de planos para a próxima reunião do conselho estudantil e queria pedir conselhos para o meu pai. Ele também já fora presidente de conselho estudantil.

“Então, fui até o escritório e a porta estava entreaberta. Ele não estava lá. Eu o ouvi na cozinha, preparando um lanche. Mas seu computador estava ligado e voltado em minha direção. E esta é a parte com a qual eu não consigo lidar.”

Marc para, seus lábios se tornam tensos.

— Havia pornografia no computador — confessa ele afinal. — Um filme de sexo. Uma mulher estava transando com um sujeito. E eu fiquei tipo, uau, meu pai assiste pornô. Então eu pensei, tudo bem, grande coisa, eu também já fiz

isso. Meus amigos e eu costumávamos pesquisar na internet na casa de Harrison Sklar, quando nossas mães pensavam que estávamos fazendo fichas de estudo. E daí que meu pai assiste pornô? Isso não é da minha conta.

"Mas então eu percebi… Eu não acredito que tenho que dizer isso em voz alta… o cara no vídeo de sexo? Era meu pai. E a mulher com certeza não era minha mãe."

Todo mundo fica em silêncio.

— Merda — diz Griffin.

— Meu pai voltou para o escritório trazendo um prato de biscoitos, queijo e uma garrafa de cerveja, e me viu olhando para a tela. Ele pulou na minha frente e desligou o monitor. Foi o pior momento. Então ele disse aquela coisa terrível que as pessoas sempre dizem nos programas de tv. Adivinham o quê?

Ele olha para os nossos rostos. Eu não quero adivinhar. Mas Casey mata a charada:

— Seu pai disse: "Eu posso explicar".

De forma muito sutil, Marc sorri para ela, meneando a cabeça.

— Exato. E eu respondi: "Duvido muito, papai". Então, meu pai, meu *herói*, falou: "Bem, sua mãe e eu temos tido alguns problemas".

"E eu disse: 'Então, a fim de resolver esses problemas, dos quais aposto que mamãe não tem conhecimento, você decide procurar uma mulher, que provavelmente é uma *prostituta*, faz sexo com ela e filma?'.

"E ele pede: 'Isso precisa ficar entre nós. Por favor. Estou te implorando'.

"'Não *implore* para mim, porra', eu falei. 'Você não passa de um perdedor de meia-idade. Você não é o meu herói. Não é mais. Nunca mais.' Comecei a gritar, peguei a cerveja do meu pai e a atirei no computador. A tela se quebrou e minha mãe desceu a escada correndo, vestindo um robe.

"Ela perguntou algo do tipo: 'O que diabos está acontecendo aqui?'. Meu pai e eu nunca tínhamos brigado em toda a vida.

"E eu gritei: 'Papai e uma mulher fizeram um filme de sexo!'.

"E ela disse: 'Não'.

"Eu insisti: '*Pergunte para ele*'.

"Então, minha mãe olhou para ele e murmurou: 'Jonathan?'.

"Não me lembro do resto da noite. Houve muita gritaria e muita choradeira.

Minha irmã também se envolveu. Por fim, minha mãe expulsou meu pai de casa. Ele se mudou para um hotel Marriott e eu não o vejo desde então. Ele ligou e implorou para que eu fosse vê-lo, mas me recusei. Então, por que *eu* estou no Celeiro quando é meu pai que tem problemas? Porque eu não conseguia mais dormir nem me concentrar na escola ou em coisa nenhuma. Minha mãe chorava o tempo todo; meu pai ficava me ligando. E a psiquiatra para a qual me mandaram sugeriu que eu deixasse aquele 'ambiente familiar nocivo'. Ela recomendou este lugar, que achava ser 'tranquilo'. Isso para não mencionar que era bem longe."

— Fico feliz que ela tenha feito isso — diz Casey.

— Destruí minha família numa noite — prossegue Marc. — Se eu não tivesse descido, meus pais ainda estariam casados. Minha família estaria unida. Meu pai ainda seria meu herói.

Ficamos todos calados, assimilando o que ouvimos.

— Conte-nos sobre a Redoma — eu peço. — O que acontece quando você está lá?

— Dou boa noite para os meus pais. Eu não faço ideia de que, dentro de meia hora, minha família será arruinada e que serei eu quem vai estragar tudo.

"Na primeira vez em que fui para lá, fiquei parado na escada, e minha mãe me desejou boa noite da cama, e meu pai me desejou boa noite lá de baixo. Eu sei que parece uma fantasia muito fraca, certo? É como… o oposto do pornô. De pé numa escada, ouvindo seus pais lhe desejando boa noite. Mas o fato de que nada ruim tinha acontecido, e que nada ruim aconteceria, *nunca*… era incrível.

"A segunda vez que estive na Redoma, percebi que podia andar pela casa. Conversei com meus pais e minha irmã, liguei para alguns amigos e joguei video game. Eu podia vagar por toda a casa. Eu não tinha preocupações. O que nunca mais será o caso na vida real.

"Porque na vida real minha mãe está deprimida, assim como meu pai. Ela pôs a casa à venda; não quer mais morar lá, porque as lembranças são muito dolorosas. Ela chegou a fazer uma venda de quintal, e as pessoas entravam e saíam, *comprando* coisas que nos pertenciam. Uma família comprou nossa *mesa de pingue-pongue* e simplesmente a levou embora. Costumávamos jogar em duplas, meu pai e eu contra minha mãe e minha irmã. Isso jamais voltará a

acontecer.

“A pior parte é que, apesar de meu pai não confessar, eu sei que ele está muito aborrecido comigo. Porque ele pediu que eu não contasse para a minha mãe e eu me recusei, e, então, a família explodiu. Minha irmã se ausentou emocionalmente. Ela ficou muito aliviada ao ir para Princeton. Eu sempre achei que acabaria seguindo o mesmo caminho, só que depois que isso aconteceu comecei a tirar Cs na escola e Princeton foi para o espaço. Eu, tirando Cs! Eu era o aluno mais aplicado do mundo. Enfim, isso é tudo. Daí que estou no Celeiro. Como todos por aqui, sou mercadoria danificada. E agora só consigo me sentir bem quando vou para a Redoma.”

Marc se recosta contra a parede, exausto. Ao seu lado, Casey lhe toca a mão, um gesto rápido, e então sua própria mão se afasta como um passarinho. Todos falamos coisas gentis; dizemos que estamos felizes por ele ter nos contado aquilo e que admiramos sua honestidade.

— Eu não acho que você seja mercadoria danificada — consola Casey.

— Obrigado.

— O que quero dizer é que você não deve ser tão severo consigo mesmo.

— Sei que o que aconteceu comigo não se equipara com o que aconteceu com você e Sierra — declara Marc. — Não é um acidente de carro ou o sequestro de um irmão. Ou então — ele olha diretamente para mim — uma morte.

Encaro minhas mãos. Não consigo suportar a ideia de olhar para outro lugar.

— Talvez não — diz Casey. — Mas é a pior coisa que já aconteceu com *você*.

Os únicos que ainda não contaram suas histórias somos Griffin e eu. Quando Sierra pergunta se mais alguém quer falar, nós dois ficamos em silêncio.

12

— Ah, eu queria te contar que as Meninas Cantoras se apresentaram na reunião matinal — digo para Reeve num dia de novembro, enquanto estamos deitados lado a lado sobre a grama imutável da Redoma. — E, apesar do fato de ser a capela, eu não creio que o grupo seja uma total vergonha para a nossa espécie. Sei que você talvez ache difícil acreditar nisso, uma vez que temos a mesma opinião a respeito de corais.

— As Meninas Cantoras — repete ele, sem entender.

— Já te falei a respeito. Lembra que fui forçada a me juntar ao grupo?

— Certo.

Mas Reeve não quer saber mais nada, e eu me pergunto se ele estava prestando atenção quando lhe falei sobre o grupo na primeira vez. Não que eu *goste* de ser uma Menina Cantora, digo para ele, mas me acostumei com isso. E as músicas que Adelaide escolhe em geral são muito boas. Canto gregoriano, canções elisabetanas, algumas canções indie recentes. É difícil ignorar o pouco interesse que Reeve parece ter por tudo o que se passa na minha vida atual. Se eu falo qualquer coisa sobre o Celeiro, ele fica com aquele olhar vidrado. Eu sei que não é culpa dele. Parece que a Redoma foi configurada dessa forma.

— Tenho uma surpresa para você — declara ele de repente. Então, me estende a mão. Caminhamos juntos pelos campos planos e duros em direção a um ponto distante onde se erguiam duas traves de futebol.

— Uma partida rápida? — pergunta Reeve, e embora eu não esteja de bom humor, concordo em jogar um pouco.

Ele tira a blusa, revelando sua camiseta vermelha do Manchester United. Então, pega uma bola de futebol que estava jogada na grama e nós a chutamos pelo campo, da mesma forma como fizemos certa vez na escola. Embora ele seja muito melhor que eu, consigo fazer um gol e comemoro com uma dancinha de dois segundos.

— O Manchester vai contratá-la — diz ele, satisfeito.

— Não tenha tanta certeza. Acho que o Arsenal está de olho em mim.

Junto a Reeve naquele campo de futebol, ambos um tanto ofegantes, desejo poder correr até minha casa em Gooseberry Lane, em Crampton, tomar um banho rápido, me vestir e ir jantar com ele na Canterbury House, o único bom restaurante da nossa cidade.

Eu sempre tive a fantasia de levar Reeve até lá de surpresa. Dizem que você recebe um pãozinho quente sobre uma bandeja de madeira e um pote de prata cheio de manteiga cremosa com mel. Pensava que talvez pudéssemos ir até lá no nosso aniversário de dois meses. Eu daria um jeito de arranjar dinheiro para pagar a conta.

Mas o jantar no Canterbury House nunca chegou a acontecer na vida real, então é claro que isso não pode acontecer aqui na Redoma.

Reeve está alheio a tais limitações. Ele deixa cair a bola de futebol sobre a grama e caminhamos juntos e de mãos dadas através da tarde fria e úmida. Ele me conta sobre a primeira vez que me viu na aula de Educação Física.

— Você estava adorável — elogia ele.

— Não, você é que estava.

— Você.

— Você.

— “Eles tiveram que concordar em discordar a respeito da sua mútua adorabilidade” — diz ele, como se estivesse citando um livro famoso a respeito do nosso relacionamento.

Nós nos aproximamos e nos beijamos, e aquilo fica sério e profundo, nossas bocas unidas e, em seguida, pressionadas contra o rosto e o pescoço um do outro, a respiração entrecortada e mais forte. De vez em quando, paramos para nos olhar e voltamos a nos beijar.

Mas então o céu escurece e Reeve xinga:

— Maldição. Que merda!

E sou expulsa da Redoma sem nem poder dizer adeus.

De volta ao meu quarto, já é tarde da noite. dj está profundamente adormecida, respirando de modo agitado. Algum instinto me faz pegar o espelho de mão sobre a cômoda. Eu o levo até a janela e olho para mim mesma à luz do luar. No meu pescoço há uma pequena mancha roxa. Levo a mão até ali, assustada, mas aquilo começa a se apagar e, em poucos segundos, desaparece por completo.

O que quer que aconteça na Redoma não deixa vestígios no mundo real. Nenhuma sombra, nenhum resíduo. Detenho minha mão no pescoço e só tenho vontade de chorar.

Na manhã seguinte, Sierra aparece no meu quarto para trocarmos números de telefone para que possamos ficar em contato durante o feriado. É a semana de Ação de Graças, e todo mundo vai sair nos próximos dias. Sentirei falta dela, mesmo durante este curto espaço de tempo. Às vezes, quando andamos juntas por aí e Sierra percebe que me fechei de repente, ela pergunta:

— Você está pensando em Reeve, certo?

Então eu meneio a cabeça e ambas ficamos um tempo em silêncio, sem a menor necessidade de dizer mais nada.

Outras vezes, vou até o estúdio de dança para vê-la ensaiar e sempre admiro sua graça e sua força. Ela tem incríveis pés de bailarina, muito fortes. E adquirimos o hábito de voltar juntas da biblioteca naquela hora do dia em que as sombras são longas e você tende a ficar deprimida caso não tenha uma amiga ao seu lado.

Eu lhe digo que com certeza ligarei para ela quando estiver em casa. Mas algumas pessoas na escola estão preocupadas com a possibilidade de não irem para casa para o feriado de Ação de Graças. Uma grande nevasca está vindo do Canadá e talvez chegue a tempo de estragar a viagem. Algumas meninas estão pedindo permissão da diretoria para ir embora mais cedo. Quanto a mim, não estou preocupada e, para ser franca, não tenho pressa de ir embora. Apesar de às vezes sentir saudades da minha família, ainda não superei o fato de minha mãe não ter me deixado sair da escola quando liguei para ela.

Além disso, estou um pouco preocupada sobre como será quando eu estiver em casa. Vai ser estranho participar do jantar de Ação de Graças ocultando meu grande segredo e fingindo que ainda me encaixo naquilo, quando na verdade aquele não é o meu lugar.

Eu só quero ficar no Celeiro e na Redoma, com Reeve, mas meus pais não sabem nada a esse respeito. No dia que liguei para casa, eles acharam que tive um “episódio”, e que de algum modo aquilo passou.

Eles acham que eu estou me recuperando do “trauma” com Reeve. Que

comecei a aceitar que ele se foi. Eles não fazem ideia do que está acontecendo comigo e para onde vou duas vezes por semana, mesmo que seja apenas dentro da minha mente.

Eu também estou um pouco preocupada em encontrar minhas antigas amigas. Seria tão estranho encontrar Jenna, Hannah e Ryan no shopping. “Oi, Jam…”, diriam, inclinando a cabeça para um lado com idênticas expressões de “preocupação”. O tipo de expressão que poderiam ter aprendido num panfleto chamado “Como falar com adolescentes emocionalmente perturbados”. Todas sentem pena de mim, mas sei que elas também seguiram em frente com suas vidas. Quando me virem, terão uma breve lembrança, mas logo voltarão a pensar apenas em si mesmas.

Na verdade, também não pensei muito em nenhuma *delas* desde que cheguei aqui. Agora eu me pergunto se Hannah e Ryan já tiveram relações sexuais, ou se ele ainda anda por aí com aquela antiga camisinha com “reservatório na ponta” (“Ugh!”, exclamamos quando Hannah nos contou). E, caso *tenham* feito sexo, se foi tão significativo quanto ela queria que fosse, ou se foi desajeitado, como um difícil concerto a capela. É triste o fato de eu não saber mais quase nada sobre Hannah, mesmo ela tendo sido minha melhor amiga durante tanto tempo.

A única coisa que torna agradável a ideia de ir para casa é saber que levarei meu diário comigo. Assim que terminarmos o grande jantar de Ação de Graças e eu ajudar a pôr a louça na máquina de lavar e tirar a crosta de algumas panelas, poderei ir para a cama. E, na manhã seguinte, quando a sexta-feira chegar, voltarei a encontrar Reeve na Redoma.

— Você perdeu a Ação de Graças! — direi para ele quando estivermos frente a frente.

— Sou inglês, Jam, você esqueceu? Ação de Graças é tão sem sentido para mim quanto… o Boxing Day[3] é para vocês.

— Boxing Day? Isso não é um feriado de verdade. Você inventou.

— Não inventei.

— Inventou, sim.

— Oh, nossa segunda briga.

Na terça-feira no Celeiro, a neve cai com força e muitos alunos já foram embora.

Meus pais ligam e imploram para que eu pegue um ônibus “o mais rápido possível”, mas não quero passar um dia a mais em casa se puder evitar.

Minha passagem de ônibus está marcada para quarta-feira à tarde. Contudo, na manhã de quarta-feira, quando mais da metade da escola já foi embora — incluindo dj, que foi de avião para a sua casa, na Flórida, na noite anterior — e eu estou começando a preparar minha mochila, ouço uma batida na porta. Jane Ann está reunindo todos os alunos que ficaram para uma reunião na sala comum.

— Más notícias, pessoal — informa ela. — A estrada acaba de ser fechada porque está coberta de gelo.

— O quê? — pergunta alguém, sem entender, mas o resto de nós compreende perfeitamente que ninguém naquela sala vai para casa no feriado de Ação de Graças.

— Mas sejamos otimistas — diz Jane Ann. — Vamos nos divertir muito por aqui. Faremos nosso próprio feriado de Ação de Graças. Preparo um ótimo molho de mirtilo. E *lentilhas* — acrescenta. — Ótimas lentilhas.

De repente, embora eu estivesse nervosa com a ideia de ir para casa, sinto vontade de chorar. Saio da sala comum, visto meu casaco e saio pela porta da frente da escola. A nevasca realmente tomou conta do céu e mal posso ver coisa alguma, mas baixo a cabeça e vou em frente, querendo ficar sozinha e sentir pena de mim mesma.

Estou presa aqui no feriado. Não irei para casa. Enquanto avanço pelo caminho em meio à neve, alguém ao longe acena para mim, mas não consigo ver quem é. A pessoa se aproxima. É Griffin. Está com as mãos nos bolsos, as botas afundando na neve.

— Espere, por que você não foi para casa? — pergunto. — Ouvi dizer que todos os outros alunos de Tópicos Especiais já foram embora.

— Moro perto — diz Griffin. — Meu pai está vindo me buscar com um limpa-neve. Deve chegar a qualquer momento. Por que você ainda está na escola?

— Não peguei um ônibus a tempo e agora estou presa aqui. E então, como uma idiota, começo a chorar de verdade. As lágrimas congelam nos meus cílios quase imediatamente.

— Você está chorando — observa ele, confuso. A ideia de estar diante de

uma menina chorando no meio de uma nevasca simplesmente não faz sentido. Ele não sabe o que dizer ou fazer. Porém, depois de alguns segundos, sugere: — Venha comigo para a minha casa.

— O quê?

— Se apertarmos um pouco você cabe na cabine do limpa-neve. Você é pequena.

Olho para Griffin através da neve que cai. Ele nunca me disse algo particularmente agradável. Mas creio que o fato de eu estar tão patética, chorando gelo numa tempestade de neve, encalhada aqui na escola num feriado importante, fez com que ele se lembrasse que a sra. Q pediu que cuidássemos uns dos outros.

É claro que meus pais ficam arrasados ao saber que não voltarei para casa. Mas dizem ao telefone que ao menos estão felizes por eu ter uma casa de família para passar o feriado de Ação de Graças, mesmo não sendo a deles. Vou correndo até o quarto para terminar de arrumar minha mochila e, em seguida, no momento em que desço correndo a escada, chega o limpa-neve. É um enorme monstro cor de laranja com um motor muito barulhento. Griffin já está lá dentro. Ele estende a mão e me puxa para cima.

De repente, estou sentada na cabine do limpa-neve, mas logo percebo, horrorizada, que na verdade estou sentada no colo de Griffin Foley. Não há nenhum outro lugar onde sentar. Seu pai está ao volante, um Griffin maior, mais forte e com cabelo mais curto, ainda bonitão. Ele grita algo que não consigo entender, então acelera o motor e partimos com as grandes pás curvas e prateadas do veículo afastando a neve do caminho por dois quilômetros e meio.

Não me movo nem digo nada até cruzarmos o portão. fazenda foley, consigo ler na placa de madeira pendurada. queijos de cabra artesanais.

Na grande sala principal, que é atravessada por vigas de madeira, um fogo estala e crepita na lareira e a mãe de Griffin, uma mulher bonita e delicada, vem nos cumprimentar.

Ela me mostra meu quarto. É pequeno, limpo e um tanto gelado, mas há um grosso edredom de retalhos dobrado ao pé da cama. Desfaço a bolsa rapidamente, tirando minhas roupas, minha escova de dentes e meu bloco de notas.

Eu paro.

Meu diário não está aqui.

Reviro a mochila, mas não há mais nada ali dentro. Na pressa de ir para a casa de Griffin, esqueci o diário de couro vermelho na gaveta da escrivaninha do meu quarto e agora não poderei ir para a Redoma na sexta-feira. Isso é desastroso, não só para mim, como também para Reeve, que estará esperando e ficará desiludido quando eu não aparecer. Duas vezes por semana não é suficiente para nós, mas acabamos aceitando a programação. Ainda é quarta-feira, o que significa que não terei meu diário até domingo à tarde. Uma eternidade.

Eu me viro e vejo Griffin à porta.

— Qual é o problema? — pergunta.

— Esqueci meu diário.

— Ah. Sim — diz ele, não muito convincente. — Vai ficar tudo bem.

— Não, não vai. Tenho certeza de que você vai escrever no seu diário enquanto estiver aqui, certo? — pergunto. — Você não gostaria de ficar muitos dias sem escrever.

— Sim — ele admite. — Vou escrever na sexta-feira.

— Eu também ia escrever nesse dia.

— Ninguém acreditaria no quanto eu escrevo nessa coisa. No ensino fundamental eu sempre era mandado para as orientadoras. Odiava escrever. Demorava meia hora para completar uma frase. — Ele muda o peso do corpo de uma perna para outra, inquieto. — Eu sei que você está chateada. Não sei o que dizer.

— Não há nada a dizer.

— Desculpe. — Ele faz uma pausa. — Quer que eu te mostre o lugar ou algo assim?

— Claro.

A neve diminuiu um pouco e, à medida que caminhamos pelo lugar, entrevejo edificações de madeira branca muito bem conservadas despontando em meio à neve. O celeiro parece muito mais novo que os outros edifícios da propriedade.

— É ali que ficam as cabras? — pergunto, e Griffin assente. — Podemos

entrar?

— Para quê?

— Não sei, só para vê-las.

Griffin dá de ombros.

— Como quiser — diz ele. E nós entramos.

Há cabras por toda parte, reunidas em grupos ou isoladas. Sou surpreendida por um cheiro forte e ácido que, depois de um segundo, percebo gostar.

— Que lugar incrível! — exclamo. — É como um coquetel de cabras. Posso passar a mão nelas?

— Se quiser.

Acaricio algumas cabeças e penso como seria fácil passar pela vida sendo uma cabra. Você não tem nenhum problema. Você não se apaixona, de modo que não fica arrasada pela perda. Você leva apenas sua vida simples de animal de fazenda, que eu agora invejo.

Vou até uma pequena cabra e me ajoelho, acariciando sua cabeça estreita. A cabra me olha com olhos inexpressivos, mas não se afasta. Perto dali, uma cabra gorducha é mantida separada das demais numa cocheira.

— Qual o problema com aquela ali? — pergunto.

— Ah, Myrtle. Ela está na cocheira de parto, que é o lugar onde as fêmeas grávidas são mantidas para dar à luz. Os filhotes são chamados de cabritos. Talvez ela entre em trabalho de parto esta semana. Meu pai está supervisionando tudo.

Eu olho para a pobre cabra confinada. Posso estar imaginando coisas, mas ela parece estar com medo; e eu não a culpo.

— Ela está bem? — pergunto.

— Ela está bem. Vamos. — Griffin se aproxima da saída. Para ele, é hora de ir embora. Fim da história. Nenhuma emoção. Ele é um daqueles garotos que não conseguem deixar de ser como são. Mal-humorados. Silenciosos. Há meninos assim desde o início dos tempos, e não há nada a fazer além de tentar não deixar que eles te abalem.

Mais tarde naquela noite, dormindo a sono solto e bem aquecida sob o edredom no meu quarto pequeno e frio, sou acordada por um alto falatório.

— Estou pedindo. Não, eu estou te *dizendo* para se vestir e vir me ajudar — declara uma voz masculina.

— Eu já disse que… — diz outra voz. A voz de Griffin.

Visto meu robe e vou até a sala principal. O sr. Foley está completamente vestido, de pé diante de Griffin, que parece tonto de sono, vestindo apenas a calça do pijama, sem camisa.

— Eu não estou querendo aborrecê-lo — completa Griffin.

— Então, *faça*.

— Oi. O que está acontecendo? — pergunto.

— Desculpe, nós a acordamos. Nossa cabra está em trabalho de parto e está com um problema — explica o sr. Foley. — Preciso de alguém lá fora comigo. Minha esposa tem artrite nas mãos, o que a impede de ir, mas Griffin se recusa a ajudar.

— Pai, eu já falei, eu só vou fazer merda.

— Olha a boca, rapaz. E você não tem como saber. Você nunca fez isso antes.

— Exato. Eu *não posso* — diz Griffin. — Por que você não enfia isso na sua cabeça, pai?

— É tudo o que tem a dizer? — indaga o sr. Foley. — O que há de *errado* com você?

Ambos parecem a ponto de se estapear, de modo que me adianto e digo:

— Eu ajudo.

Os dois olham para mim como se já tivessem esquecido que estou aqui. Então, ao se lembrar, parecem pensar que é uma idiotice eu ter me metido na conversa. Como *eu* poderia ajudar? Sou pequena, não muito forte, e não tenho nenhuma habilidade útil. Passei a maior parte de um ano deitada na cama da minha casa até ser enviada para um internato para “desajustados”. Mas continuo imaginando os olhos assustados da cabra na cocheira de parto.

— Obrigado, mas você não pode ajudar — retruca o pai de Griffin.

— Não, eu posso — afirmo. — Vou me vestir. Espere, volto em um segundo.

Trajando nossos casacos, a neve ainda caindo, ambos caminhamos em meio ao frio com a lanterna industrial do sr. Foley. Griffin fica em casa e, enquanto atravessamos a neve, eu me volto e vejo sua silhueta contra a janela iluminada,

olhando com tristeza para o lado de fora. Ele me vê e se afasta.

À noite, o celeiro é um lugar muito diferente daquele que conheci de dia. A cabra está gemendo e atravessamos rapidamente o chão coberto de palha para alcançá-la em meio à penumbra.

— Esta é Myrtle — diz Foley, embora eu já saiba. — Foi a mãe de Griffin quem escolheu o nome. — É como se ele quisesse deixar claro que não acredita em algo tão sentimental quanto dar nomes bonitos para as cabras.

Vamos direto ao que interessa. O problema é que a fêmea começou a parir o filhote, mas são as pernas que estão saindo, não a cabeça.

— Esta é uma posição muito perigosa — explica o sr. Foley, mostrando-me a alarmante visão de dois pés de cabrito saindo da mãe. — Esta é uma cabra jovem. Tem dois anos de idade e é muito pequena. Ainda não foi utilizada para a ordenha. Tentei posicionar a cabeça do filhote, mas acontece que minha mão é muito grande.

Ele olha para mim em expectativa, e eu percebo que ele precisa que eu enfie minha mão dentro da cabra e endireite a cabeça do filhote. Olho para a fêmea, que está gemendo baixinho, e mesmo não tendo a menor experiência, apesar de ser algo completamente fora da minha zona de conforto e bem acima do meu limite de repulsa, é claro que farei. Ao menos tentarei fazer.

Eu estava errada quando pensei que era fácil ser uma cabra. Isso nem sempre é verdade. Esta cabra está com dor, e seus olhos estão muito tristes e desesperados. Penso em como todos sofrem: animais, pessoas, *todos*. Quase sei o que ela está sentindo, e preciso fazer o que puder.

Enquanto o sr. Foley vasculha o lugar procurando uma caixa de luvas de borracha que caibam nas minhas mãos, acaricio a cabeça de Myrtle, dizendo:

— Está tudo bem, está tudo bem — mesmo que não esteja. Então, sussurro na sua orelha rosada repleta de pelos a primeira coisa que me ocorre, que é algo ridículo: — Você gosta de poesia? — pergunto à cabra, absurdamente. — Sylvia Plath escreveu um poema sobre estar grávida. Acho que acaba assim: “Comi um saco de maçãs verdes/ Embarquei num trem, não há como saltar”.

Tudo o que ela faz é continuar a gemer.

— Oh, você *não* gosta de poesia? — digo. — Tudo bem, não precisa.

O sr. Foley aparece com a caixa de luvas de borracha e eu puxo uma para fora como se fosse um lenço de papel. Meu coração está disparado e eu me esforço para encaixá-la na mão, o que me custa duas tentativas.

Agora, sem pensar, tateio dentro da cabra com delicadeza. É isso o que eu estou fazendo agora, é aí que minha mão está: dentro de uma cabra. Como isso é bizarro. Se alguém no Celeiro me perguntasse: "Adivinhe onde estará sua mão no feriado de Ação de Graças?", eu teria demorado o resto da vida para chegar à resposta certa.

Tenho vontade de explodir num riso envergonhado. Mas então ouço Myrtle gemer outra vez e esqueço a estranheza. O sr. Foley me orienta e, quando localizo a cabeça, tento agarrá-la, mas está escorregadia e não tenho ideia do que estou fazendo. Faço algumas tentativas desastradas, mas não consigo agarrá-la. Eu não sou boa nisso. Sou a pior pessoa para este trabalho, completamente inútil.

Myrtle embarcou num trem e não há como saltar. E, ao concordar em ajudá-la, embarquei num tipo diferente de trem. Preciso ir até o fim.

— Tudo bem, calma agora, Jam — diz o sr. Foley. — Respire fundo. Você pode fazer isso. Eu sei que pode.

Então, de repente, consigo agarrar a cabeça, sentindo os contornos, entendendo o que preciso fazer. Girar a cabeça é como rodar um mostrador de relógio, e quase na hora sinto o cabrito se posicionar melhor e seu focinho desponta para fora.

— Aí está você — diz o sr. Foley.

Retiro minha mão brilhante e enluvada e observamos enquanto Myrtle imediatamente começa a empurrar o filhote para fora. Como ela sabe fazer isso? Ela nunca participou de uma aula para gestantes. "Uma aula para cabras grávidas", teria dito Reeve, fazendo um som como o balido de uma cabra.

Depois de uma série de empurrões, o filhote irrompe por trás da mãe num volume brilhante. O sr. Foley vai lá olhar e anuncia que é do sexo masculino. O cordão umbilical se parte sozinho e não precisa ser cortado, como seria o caso com um bebê humano. Quase em seguida Myrtle, que não está mais gemendo, se volta para investigar. Ela começa a lamber o filhote para limpar o muco que o cobre como uma camada de esmalte. Tudo o que ouço agora é o som constante

de lambidas e os ruídos ocasionais que fazem as cabras à noite no celeiro.

Isso foi uma das coisas mais emocionantes que já fiz até hoje. Gostaria que Griffin estivesse ali. Queria que ele tivesse me visto no meu modo garota-veterinária-obstetra-heroína.

— Por que você não volta para casa para se limpar, Jam? — sugere o sr. Foley. — Eu fico aqui com eles.

— Ah, estava pensando em deixar que Myrtle me limpasse. Em seguida, a sério, pergunto: — Por que Griffin não quis participar disso?

— Bem, você sabe, o incêndio — diz ele. E quando vê minha expressão vazia, pergunta, surpreso: — Ele não te contou?

— Não. Na verdade não somos amigos. Ele só estava sendo gentil quando me convidou para vir para cá.

— Entendo. Bem, ele não gosta de falar a esse respeito. Se eu fosse ele, também não gostaria. — Ele espera um instante, como se estivesse decidindo o que mais poderia me dizer. Em seguida, acrescenta: — Digo apenas que houve um incêndio no celeiro aqui no ano passado e todas as cabras morreram.

— Isso é *horrível* — lamento, pensando nas cabras. E em Griffin.

Quando volto para casa, Griffin está na poltrona junto à janela da sala principal, dormindo enrolado num cobertor. Aposto que ficou esperando aqui o tempo todo. E agora sei por quê. Eu me aproximo, observando enquanto ele dorme.

— Griffin — eu digo. — É um menino.

13

No jantar de Ação de Graças, diante de um enorme peru e diversos tipos de queijo de cabra, o pai de Griffin ergue um copo em minha direção.

— Há uma pessoa em particular a quem sou grato. Nossa convidada, Jam. Ela foi heroica.

— Não foi nada, faço isso o tempo todo — brinco.

Griffin brinda com os outros, mas não sorri. Depois da refeição, sua mãe insiste que pode cuidar da cozinha e nos manda sair. Quero ver Myrtle e o filhote, que a sra. Foley chamou de Frankie. Relutante, Griffin me acompanha. No celeiro, eu me agacho para acariciar o filhote agora limpo, que, de forma surpreendente, já consegue se erguer e andar. Griffin fica de lado.

Imagino que sua indiferença seja por causa do incêndio. Mas era de esperar que ao menos ele se animasse um pouquinho ao ver o cabrito passando tão bem. Por fim, ele pergunta:

— Terminou?

E saímos do celeiro.

Na manhã seguinte, a neve parou de cair e, depois de terminar alguns trabalhos na fazenda, Griffin sugere que saiamos para esquiar. Nunca fiz isso, mas acabo descobrindo que não é tão difícil quanto eu pensava. Ele lidera o caminho através de amplos espaços brancos e um lago congelado. Juntos, nossos esquis se movem para a frente e para trás, fazendo sons idênticos e suaves ao ar livre. Parece que não há ninguém por perto num raio de quilômetros. Estar ao ar livre neste dia branco e silencioso com Griffin, mesmo depois de mal ter dormido na noite anterior, é de algum modo *reconfortante* — creio que essa é a palavra. Quando os caminhos se estreitam e ele se move à minha frente, percebo quão gracioso ele fica sobre esses esquis.

Então, de volta à casa, ele prepara um chocolate quente com pau de canela numa pequena panela de cobre.

— Estilo mexicano — anuncia Griffin, e levamos nossas canecas para junto

da lareira e jogamos uma partida de mico-preto. Os pais dele estão lá fora, no celeiro, e temos o lugar só para nós durante algum tempo. Nossos rostos estão quentes e corados enquanto batemos com as cartas sobre uma pequena mesa arranhada.

Sem pensar, eu digo:

— Seu pai me falou sobre o incêndio.

Ele olha para cima de sua mão de cartas.

— Muito bem, papai.

— Bem, eu estou feliz que ele tenha me falado sobre essa coisa horrível que aconteceu com você.

— Nem tudo deve ser dito.

— Se você quiser falar a respeito, eu gostaria de ouvir — ofereço.

— Para quê? Para saber todos os detalhes macabros e contar tudo para Sierra quando voltar para a escola?

— Claro que não.

— O que aconteceu foi que meu amigo Alby veio cedo naquela noite — diz ele com a voz neutra. — Ficamos doidões no celeiro e eu acho que no fim ele deve ter jogado o baseado no chão. Meu pai te contou *isso*?

Tento não reagir ao que ouvi.

— Não — respondo. — Eu não sabia.

— Bem, agora sabe. — Ele baixa uma carta. — No meio da noite, ouvi meus pais gritando e corri até o celeiro. No momento em que os bombeiros chegaram, todas as cabras já tinham morrido por inalação de fumaça. — Ele parece totalmente desprovido de emoção. É como se estivesse me contando uma história sobre algo muito mais banal. Tipo como é feito o queijo de cabra.

— Isso deve ter sido a pior coisa do mundo — comento.

— Foi. Mas agora passou.

— Só isso? Agora passou?

— O que você quer de mim, Jam? Não há nada que eu possa fazer, de modo que tento não pensar a respeito. Tento ficar longe do celeiro e das novas cabras. Você nunca quis esquecer o que aconteceu com você?

— Claro. Mas não é assim que funciona.

Então percebo quão pouco pensei em Reeve desde que cheguei à fazenda,

exceto quando percebi que tinha esquecido de trazer meu diário. Eu estava tão chateada por não ir à Redoma neste fim de semana, e, no entanto, veja como me ajustei bem.

— Então, o que aconteceu com você? Você quer me falar mais sobre esse cara? Seu namorado? O nome dele é Reeve, certo?

Fico surpresa ao ver que ele se lembra do nome.

— O que você quer saber?

— Tudo o que você quiser me dizer.

Baixo a cabeça, desviando o olhar. Eu quero lhe dizer coisas e acho que seria capaz de fazê-lo, ao menos um pouco. Eu me demoro pensando a respeito, e ele não me apressa. Então, eu digo:

— Foi muito *intenso*. Aquilo meio que tomou conta de toda a minha vida interior.

— Vá em frente.

— A cada dia de aula eu acordava e pensava que estaria com ele em breve. Nossa relação era como um daqueles vídeos do YouTube de uma flor crescendo em movimento acelerado. De repente, estávamos apaixonados.

— Parece incrível.

— E é — concordo. Tempo presente.

— Você quer dizer mais alguma coisa? — pergunta Griffin. — Tipo como ele… Tipo o que aconteceu?

Uma onda de mal-estar toma conta de mim e eu balanço a cabeça.

— Desculpe, eu não deveria ter perguntado — ele acrescenta logo em seguida.

— Está tudo bem — digo para ele, mas Griffin está certo. Talvez ele não devesse mesmo ter perguntado, pois agora o assunto da perda de Reeve está mudando a atmosfera, a temperatura ambiente. É incrível como isso pode acontecer de repente.

— Eu não queria perturbá-la — diz Griffin.

— Apenas sinto falta dele. Achei que estaria tudo bem não ir à Redoma neste fim de semana, mas acho que não está.

— Você poderia escrever no *meu* diário — oferece Griffin de repente e, quando olho para ele sem entender, ele explica: — Talvez você possa ir à

Redoma dessa forma.

— Com o *seu* diário? Mas você perderia cinco páginas. Uma visita inteira. Você faria isso?

— Claro. — Ele dá de ombros.

— Bem, obrigada.

Nenhum de nós faz ideia se isso vai mesmo funcionar, mas subimos e Griffin puxa uma escada dobrável de um alçapão no teto. Seguindo-o, subo até o quarto do sótão onde ele me diz que mora desde que era pequeno. Este é o lugar mais escuro da casa, pois as janelas são pequenas e estreitas, e as paredes são pintadas de azul, como um santuário masculino. O teto é inclinado e há antigos pôsteres de bandas grunge pregados nas paredes que já estão enrolando nas bordas. O quarto cheira como o interior de uma arca de cedro. Griffin vai até a escrivaninha, abre a gaveta de cima, tira dali seu diário e, de modo solene, o entrega para mim.

— Sente-se aqui — diz ele.

Sento-me na pequena escrivaninha escolar. Gravado na superfície numa caligrafia grosseira, consigo ler: a sra. cotler é um saco e sem escola para sempre. Em letras menores e ligeiramente ansiosas, fodam-se todos.

Baixo e abro o diário sobre o tampo desgastado.

— Você tem certeza? — pergunto para ele, e Griffin concorda. Passando as páginas, tento não ler o que está escrito, mas algumas frases despontam: “era uma provocadora” e “estava muito tranquilo”.

Por fim, encontro a primeira página em branco. Eu a aliso com a mão duas vezes e fico ali sentada.

— Vá em frente — incentiva ele. — Estou falando sério.

— E você vai ficar aqui? — pergunto, nervosa.

— Se você não se importar.

— Tudo bem, então. Te vejo mais tarde.

Eu pego a caneta e escrevo uma única frase:

Tem sido tão difícil ficar sem ele.

Ato contínuo, estou lá. Esta é a primeira vez que não estou encostada no meu

study buddy, de modo que agora não há braços ao meu redor. A iluminação é ainda mais sombria que o habitual na Redoma, e um cheiro esquisito paira no ar. Tipo leite azedo e cheiro de pelo. Parece cheiro de cabra, penso, agora que sei como cheira uma cabra.

Estou no meio de um espaço vazio, com palha esparramada sob meus pés. Aqui não é a Redoma que eu conheço e não estou no campo de futebol; estou em outro lugar.

Estou no celeiro dos Foley, creio eu. Só que não há cabras aqui, apenas seu cheiro persistente. E embora eu tenha gostado do cheiro antes, está um tanto desagradável agora.

Ao longe, ouço o peculiar balido de uma cabra, como se o animal estivesse preso atrás da parede do celeiro. Fico preocupada que seja Frankie.

A um canto do celeiro percebo uma forma e vou ver o que é. Ali, curiosamente, está a casa de bonecas de Courtney Sapol. Ajoelhada à sua frente, procuro os bonecos da mãe e do pai, mas eles não estão aqui agora. De algum lugar nos fundos da casa de bonecas, ouço uma voz masculina chamando:

— Jam! Jam!

— Reeve! — eu grito, baixando a cabeça ao nível da casa. — Onde você está?

Olho para os quartos, mas estão todos vazios.

— Estou aqui! E você?

— Eu estou bem aqui. Espere, estou indo! — digo, mas é claro que não posso ir até ele. Estamos em mundos diferentes que se sobrepõem de leve, mas não o bastante.

Agora, enfio meu rosto na sala de estar da casa de bonecas e olho para as janelas do outro lado. Vejo um pasto e, ao longe, uma figura solitária. Não consigo reconhecer quem é, pois é uma figura pequena, do tamanho de uma boneca e, quando o vulto se aproxima das janelas, fico aliviada ao ver que é Reeve.

Mas então ele chega perto da casa e, afinal, fica junto às janelas. Sim, é Reeve, mas ele tem o corpo de um bode, com cascos e pelagem branca sobre a pele rosada.

De uma forma horrível, Reeve e o bode foram fundidos num só, e a criatura

bizarra que ele se tornou abre a boca, recua o lábio superior, e berra: “Ja-aaaaaaaa-am!”. A sílaba soa metade humana, metade o berro de um bode — o grito agonizante de uma criatura que não é uma coisa nem outra e não consegue suportar aquilo.

— Jam, volte! — ouço alguém dizer. — Saia da Redoma!

As palavras me fazem voltar bruscamente à razão, como uma frase dita por um hipnotizador. Com um puxão violento, de repente sou puxada para cima, saindo daquela versão híbrida e defeituosa da Redoma.

Agora estou olhando para Griffin, que apenas me observa, enquanto eu o fito de volta. Ficamos sentados por um minuto, sem dizer nada. Percebo que meu coração está batendo muito rápido, e levo a mão ao peito, acalmando-me e tentando voltar ao normal.

— O que foi isso? Você parecia frenética — diz Griffin, calmo. — E você está tremendo.

Eu não tinha percebido, mas é verdade.

— Vista isso. — Ele tira o casaco marrom com capuz, um dos muitos que usa em rodízio. Fica enorme em mim, é claro, mas de algum modo isso faz com que eu me sinta melhor. Na verdade, eu paro de tremer.

— Eu estava metade na minha Redoma, metade na sua — explico. — E Reeve estava lá, mas ele era parte bode. Era como um pesadelo. Acho que escrever no diário de outra pessoa cria uma mistura de duas Redomas completamente diferentes.

— Incrível.

Lembro-me do bode balindo, de Reeve chamando meu nome e eu gritando naquele celeiro vazio que separa esses dois mundos.

— E você estava escrevendo de um jeito muito estranho — diz Griffin. — Era como se você estivesse escrevendo uma redação em sala de aula e tivesse muito a dizer. Então, olhei para o que você estava escrevendo.

— Mas isso é particular.

— Desculpe. Meu olho apenas bateu ali e eu… — Ele para de falar no meio de uma frase.

— O quê? — pergunto.

— Dê uma olhada.

Ele me entrega seu diário e isso é o que eu vejo:

Tem sido tão difícil ficar sem ele.
Asdfg qazswx gphpets waspgp fjot fwstsggphg zswx

— O que é *isso*? — digo. — Com exceção da primeira linha, o resto não passa de rasuras. Eu continuei escrevendo em cima daquilo que já tinha escrito. Era *isso* que eu estava fazendo?

— Sim.

— Ao menos não ocupei seu espaço. Acho que, afinal de contas, você não vai perder uma viagem inteira. Por que você foi tão generoso comigo e me deixou fazer isso?

Griffin dá de ombros e parece desconfortável.

— Não sei exatamente qual é sua situação, mas estar apaixonada e seu namorado morrer de repente? Isso é muito injusto. Eu sei que você não nos contou os detalhes, mas imagino que talvez tenha sido uma morte violenta ou algo assim. — Eu não respondo. — Você não precisa se explicar, Jam. Nunca. Eu só queria te dizer isso.

Cabe a mim dizer algo, mas não consigo. Pense no que aconteceu, dizia o dr. Margolis, e na maneira de descrever aquilo.

Mas é tão difícil falar a esse respeito, e meus pensamentos ficam todos picotados. Agora, é muito mais fácil falar sobre qualquer coisa que não seja eu.

— Seu diário — digo de repente. — Posso ler?

— Primeiro você reclama por eu ter olhado os absurdos que *você* escreveu. E agora quer ler o que *eu* escrevi?

— Eu realmente não sei muito sobre você.

— Como já disse para a sra. Q, sou uma bosta de escritor.

— Não creio que você tenha usado exatamente essas palavras.

— Talvez não.

Então Griffin concorda em me deixar sentar na cama e ler o diário enquanto espera em sua escrivaninha. A escrita e a ortografia são desajeitadas e infantis em algumas partes, mas definitivamente é ele. Não se trata apenas de eu não querer falar sobre mim. Também estou muito curiosa a respeito dele. Começo na

primeira página:

Meu nome é Griffin Jared Foley. Tenho dezesseis anos e moro na Fazenda Foley, onde minha família produz queijos de cabra. Sempre fui diferente do resto da minha família. Eles são pessoas do campo em todos os sentidos. Adoram viver aqui e não veem a necessidade de ir a nenhum outro lugar. É muito bonito aqui em Vermont. Eu concordo. Mas acho que sou inquieto. Desde pequeno eu já era assim. Quando criança, na escola, odiava ficar parado. Estava sempre pulando e falando muito alto e tive problemas com a sra. Cotler.

Eu era um tanto selvagem, hoje vejo isso de forma clara. Eu gostava de andar de trenó, e não apenas trenós, mas qualquer coisa que eu conseguisse encontrar. Pedaços de papelão, bandejas de lanchonete etc. Certa vez, quando eu tinha dez anos, dois amigos e eu levamos nossos trenós para Hickory Hill no meio da noite. Tipo às três da manhã. Foi fantástico. Ficamos dias de castigo, mas não nos importamos. Sempre teríamos aquele passeio de trenó para lembrar.

— Sabe, você pode pular para a frente — diz Griffin do outro lado da sala, a voz tensa e repleta de autocrítica. — A primeira parte é apenas como eu era um menino tolo. Você pode ir adiante se quiser.

Então vou bem à frente no diário:

Não gosto muito de escrever sobre aquela noite. Não há por que fazer isso. É claro que foi horrível. Meus pais dizem que eu lhes devo um grande pedido de desculpas. Mas de que adiantaria? Nada pode ser feito. O melhor é simplesmente tentar seguir em frente. Dizer: o que aconteceu foi muito ruim. E foi mesmo.

Naquela noite eu estava numa festa na casa de Lee Jessup, a uns dois quilômetros daqui. Éramos apenas um bando de garotos locais chapando. Nada de novo. Para ser honesto, eu já estava farto daquilo. Era tudo o que eu vinha fazendo desde o nono ano. Havia junk food tipo bolo Pullman e batatas Pringles. E maconha. Muita maconha. Alby Stenzel as cultivava no seu quarto

com luzes especiais. De algum modo, seus pais nunca perceberam. Fiquei até mais tarde na festa, sobretudo por causa da irmã de Alby, Grace. Eu vinha flertando com ela embora todo mundo dissesse que Grace era uma provocadora. Também não acho que ela seja muito inteligente. Sei que sou mau aluno, mas isso não tem nada a ver com seu burro. Ao menos na minha humilde opinião.

Por fim, eu e Alby (Alby e eu?) fomos embora. Na estrada, estava muito tranquilo. Alby ainda não queria voltar para casa, e eu disse que ele podia ficar algum tempo na minha. Por isso, viemos até a fazenda na sua moto velha e nos deitamos sobre a palha do celeiro, junto com as cabras. Cara, eu amava aquelas cabras, mas gostava sobretudo de Ginger, que tinha nascido recentemente e pensava que era um cachorro. Ela tinha cara de cachorro e era tão linda…

Eu a estava acariciando, Alby acendeu um baseado como sempre fazíamos, e começamos a falar que seríamos prisioneiros dos nossos pais por mais alguns anos, mas então nos libertaríamos. Eu disse: "Mas e se morar sozinho for muito difícil? Minha mãe prepara todas as minhas refeições. Não sei fazer nada disso. Só sei fazer coisas ao ar livre. Mas quero a liberdade".

Ele disse: "Precisamos aprender a cozinhar, cara". E eu concordei: "É". Fizemos um plano de nos reunirmos para aprender a preparar três coisas: ovos benedict, bife de frigideira e frango de qualquer jeito que fosse. Conversamos até bem tarde. Então ele foi embora e eu fui para a cama. Acordei com minha mãe e meu pai gritando: "O celeiro está pegando fogo!".

Nós não podíamos entrar, era tarde demais, e os caminhões de bombeiros demoraram um pouco para chegar, de modo que as cabras morreram por inalação de fumaça. Todas elas. Quando as chamas foram apagadas, entrei no celeiro e as encontrei ali deitadas, e foi a pior coisa que já vi na vida. Aquilo ficará na minha memória para sempre. Eu vejo aquilo o tempo todo. A pobre Ginger estava num canto, de olhos abertos. Ela estava olhando para mim.

Meus pais gritavam: "Como isso aconteceu?". Então um dos bombeiros disse: "Venham ver isso", e nos mostrou uma ponta de baseado. Senti um arrepio atravessar o meu corpo. Sem pensar, eu xingei: "Merda".

"Foi você?", perguntou minha mãe. "Foi você quem matou as cabras, Griffin?"

"Sim, eu sou um assassino de cabras, mãe", assenti. "É exatamente isso o

que eu sou."

"Como você pôde fazer uma coisa dessas?", gritou meu pai. "Fumando essa porcaria de maconha. Você sabe nossa opinião sobre isso. Saia da minha frente. Amanhã me entendo com você."

Eu estava pirando. Eles estavam me culpando sem conhecer os fatos. Não sabiam que era Alby quem estava com a maconha. Ignoravam o fato de que foi ele quem jogou sobre o feno o baseado que provocou o incêndio. Além disso, não importava o que eles dissessem, culpar-me não mudaria nada. As cabras não ressuscitariam.

Sentia dificuldade para respirar e para enxergar. Mais tarde, quando os bombeiros e os policiais foram embora e meus pais enfim foram para a cama, as cabras ainda estavam espalhadas por lá, porque nada poderia ser feito com elas até a manhã seguinte. Ginger ficaria lá fora a noite inteira, olhando para o nada. Ninguém fechou suas pálpebras como fazem com os cadáveres nos filmes.

Fiquei deitado na cama, também olhando para o nada. Mas meus olhos estavam secos. Eu não conseguia chorar. Meus olhos estavam secos e bem abertos.

Quer dizer então que meu pai ia "se entender comigo" no dia seguinte. Ooooooohhhh, pensei, estou morrendo de medo. O Paizão irritadinho.

Mas eu não ficaria em casa para ver aquilo. Peguei as chaves da picape do meu pai às quatro da manhã. Eu tinha uma carteira de motorista provisória, mas nenhum plano. Eu só sabia que tinha que ir embora. Dirigi pela autoestrada rumo ao norte até o Maine, ouvindo uma estação de heavy metal no volume máximo durante todo o percurso. Por fim, eu estava tão exausto que parei no acostamento para descansar. Fechei os olhos e adormeci com a cabeça sobre o volante.

De repente, dois policiais bateram na janela. Baixei o vidro e eles disseram: "Você está preso por posse de veículo roubado".

PQP!

Meus pais chamaram a polícia e denunciaram o roubo da picape a fim de me dar uma "lição". Fui trazido de volta para Vermont algemado, o que é muito doloroso, e passei algumas horas numa cela especial, com outros "menores". Lá havia um garoto violento que parecia ser um adolescente viciado em

metanfetamina. Ele literalmente tinha os dentes pretos. O cara me chamou de Lourinho e me deu um soco no nariz, porque disse que eu estava olhando esquisito para ele.

Pois é, meu irmão, pensei, se você não tivesse dentes pretos, talvez ninguém o olhasse esquisito.

Por fim meus pais vieram me buscar, e ficaram chocados ao ver meu nariz ensanguentado. Minha mãe começou a chorar. Eu fiquei, tipo, o que vocês esperavam que acontecesse? Estávamos todos gritando uns com os outros de novo, e eu não conseguia suportar aquilo.

Assim, nos meses seguintes, fiquei quieto. Apenas não conseguia me envolver. Então houve uma audiência no tribunal por conta da picape roubada, e o juiz disse que minha família estava "furiosa" e que eu teria que frequentar a escola no Celeiro.

Então, aqui estou. Que sorte a minha. Griffin Foley, assassino de cabras profissional e ladrão de picapes, que não é amado pela mãe nem pelo pai.

Aí termina o último trecho do diário de Griffin. Fecho o volume e digo que terminei, então ele se levanta da escrivaninha e se aproxima.

— Você também quer começar a gritar comigo? — pergunta ele. — Me dizer como ferrei com tudo?

— Pare com isso. Você soa como…

— Um tremendo babaca?

— Eu não ia dizer isso.

— Mas pensou. Só me sinto bem quando estou na Redoma.

— Eu também, Griffin. É o mesmo para todos nós. Eu sei que você ainda não falou sobre isso…

— Não é fácil para mim.

— Eu sei. E ninguém vai obrigá-lo. — Contudo, agora me ocorre que talvez ele queira falar. — Mas o que acontece quando você vai até lá? Você poderia me dizer?

— Eu me vejo no celeiro outra vez. Alby e eu. O velho celeiro, não o novo. Estamos falando sobre a vida, e eu estou acariciando a cabeça de Ginger e está tudo bem. As cabras estão em segurança. As cabras originais, não as que vieram

depois. E ninguém está me culpando. Eu não sou esse *monstro*. Eu me sinto bem.

Eu gostaria que ele pudesse se sentir assim o tempo todo, não apenas quando está na Redoma. Eu também quero me sentir bem quando estou aqui e não apenas quando estou lá. Então, de repente, me ocorre que é possível. Sem parar para pensar naquilo, eu me levanto e beijo Griffin na boca, com força.

— Uau! — Ele recua. Em seguida, toca os próprios lábios e ri. Eu o choquei; eu *me* choquei. Mas então ele se aproxima e nos beijamos outra vez. Eu sei que ele é um garoto fechado e inexpressivo e que estou apaixonada por Reeve e não devia estar fazendo nada parecido. Mas estou.

Nós sentamos na cama, olhando um para o outro. Lembro-me do modo rancoroso como Griffin se dirigiu a mim na reunião social: "O que você está olhando?". Agora, tenho permissão para olhar, e eu me demoro ao fazê-lo. Tocamos nossos rostos, cabelos e mãos, e então ele desabotoa e tira a camisa. Ambos queremos nos sentir bem outra vez, isso é tudo que queremos. Eu tiro o casaco que estou usando e então, com a mão trêmula, tiro a blusa e, em seguida, o top.

Nunca cheguei a fazer isso com Reeve e, por causa das regras na Redoma, jamais farei.

Contudo, neste sótão, com Griffin, posso fazer o que quiser. Minha mão está livre para se mover sempre que meu cérebro ordenar. Griffin e eu nos deitamos, abraçados, e sinto sua pele quente e a fivela fria do seu cinto. Quando nos beijamos outra vez, aquilo dura. Por alguns minutos neste tempo e lugar, estamos realmente muito felizes.

Então, ouvimos vozes ao longe.

— Griffin? Jam? Vocês estão aí em cima?

— *Oh, merda.* — Griffin dá um pulo e passa por cima de mim para pegar a camisa. Seu rosto parece culpado, e tenho certeza de que o meu também. Eu pego minha blusa. Ele tem que se preocupar com os pais, mas eu tenho que me preocupar com Reeve, o que é ainda pior.

Não há maneira de justificar o que acabou de acontecer. Eu não posso fazer isso com Griffin quando ainda estou apaixonada por Reeve. Isso nunca acontecerá outra vez.

Olho para o espelho sobre a cômoda e é aí que eu vejo a pequena mancha roxa que Griffin deixou no meu pescoço. Os garotos não fazem por mal, mas deixam marcas; eles as espalham negligentemente, como seixos numa lagoa. Passo a mão sobre a mancha, esperando que desvaneça na hora, como a que Reeve me deixou na Redoma. Mas esta permanece, porque é real.

14

— Onde você esteve? — pergunta Reeve quando enfim volto para a Redoma. — Espero por você aqui há *dias*.

— Sinto muito — digo, o que é uma resposta bastante inadequada. Ele não faz nenhum movimento em minha direção. Em vez disso, fica de pé no meio do campo com os braços cruzados.

— Veja: o que *aconteceu* foi que sem querer deixei o diário na escola — explico. — Foi um desastre.

Reeve continua de pé, olhando para mim, tentando decidir se vai ou não me perdoar. E quando, depois de trinta segundos, ele me perdoa, vejo que ele não tem escolha. Ficou aqui, ansioso, esperando, enquanto eu estive lá fora, no mundo. Reeve não faz uma única pergunta sobre o diário, ou sobre onde eu estive quando não estava com ele. Ele nunca mostrou muito interesse em saber como venho e volto da Redoma. Nem mesmo sabe que é assim que eu *chamo* este lugar. Ele só sabe que de alguma forma eu sempre consigo chegar, e é isso o que importa.

É domingo à tarde, um dia em que nunca o visito, mas acabei de voltar do longo fim de semana na fazenda de Griffin e não queria esperar mais. As meninas entram no dormitório com suas malas. dj só deve voltar daqui a uma hora, então tenho tempo de escrever no diário e fazer a viagem sem interrupções, em vez de ter que esperar até tarde da noite, quando ela estaria dormindo.

Então, aqui na Redoma, depois de Reeve me perdoar, caminhamos de braços dados através dos campos marrons naquele dia cinza, mas ele ainda está distante.

— Você não *parece* ter me perdoado — digo afinal.

— Isso foi um pouco demais — admite Reeve. — Me dê algum tempo. — Nós andamos mais um pouco e então ele diz: — Eu me perguntei se algum dia você voltaria.

— Você pensou mesmo que eu não voltaria?

— Mais ou menos.

— Eu não faria isso com você.

Mas nossas vidas são muito diferentes. Eu tenho pessoas ao meu redor o tempo todo, e estou na escola. A aula da sra. Quenell engrenou. Estamos profundamente mergulhados na análise da poesia de Sylvia Plath e, linha após linha, tudo é muito complicado e surpreendente. Plath usa palavras inesperadas que parecem vir do nada e, quando a estou lendo, muitas vezes pergunto: *de onde diabos você tirou isso, Sylvia Plath?*

Mesmo quando não consigo me identificar num nível pessoal, Plath me faz saber o que *ela* sente, e isso é realmente incrível. Descobrir o que outro ser humano sente, uma pessoa que não é você; dar uma olhada debaixo dos panos, por assim dizer. Um profundo olhar no interior. É isso que a escrita deve fazer.

Depois, há a própria sra. Quenell. No começo eu não entendia qual era a dela, mas acabei descobrindo que é uma pessoa interessante e uma grande professora. Acho que agora todos concordam com isso. Sierra eu sei que concorda. Nós duas conversamos sobre a sra. Q com bastante frequência, e sobre quão envolvidas estamos com a aula de Tópicos Especiais.

Casey também tem chegado no horário todos os dias. De algum modo, ela descobriu como fazê-lo. Todos nos expomos e entramos na discussão, até mesmo Griffin. Podemos estar discutindo um verso de Plath da coletânea *Ariel*, mas, nesses momentos, sei que realmente estamos falando a respeito de algo muito maior e mais difícil de descrever.

Todos parecem uma versão exagerada de si mesmos durante a aula de Tópicos Especiais. Marc fica ultralógico, Sierra vê beleza triste em tudo o que lemos e Casey sempre defende a “irritabilidade” de Plath, como ela a define, enquanto Griffin destaca qualquer coisa que considere “rude”.

Quanto a mim, sempre que há algo na página sobre o amor, lá estou eu, praticamente às lágrimas.

Ainda não descobrimos por que a sra. Q nos escolheu, o que ela viu em nós, ou se ela sabe sobre os diários. O que sabemos é que os diários estão nos salvando, e as discussões em classe estão nos fazendo sentir muito melhor.

Todos temos muito com que ocupar nossas mentes, mas Reeve tem muito pouco. Vejo a diferença e talvez me sinta culpada por isso, porque agora, na Redoma, quando ele está obcecado com o medo de ser abandonado por mim, eu digo:

— O que eu quero é estar com você. — E tenho certeza de que minha voz soa forte e verdadeira.

— Houve um momento neste fim de semana em que pensei ter ouvido sua *voz* — diz Reeve. — Mas não podia ser você, porque você era um *gigante*. Foi muito frustrante.

Ele pronuncia a palavra "frustrante" salientando a primeira sílaba. *Frus*trante. Reeve e sua maneira britânica de falar.

— Era *eu* mesma — confirmo. — Ficamos presos em mundos diferentes.

— Eu não sabia o que fazer. — Reeve parece vulnerável e hesitante. O que, pensando bem, é apropriado. Eu o traí com Griffin, e ele não fez nada para merecer isso. — Estou um tanto confuso. Importa-se de ir com calma hoje?

— Claro.

— Pensei que poderíamos assistir a algo — diz ele, e ao longe vejo um par de cadeiras dobráveis sobre a grama e um aparelho de tv de tela plana. Sento-me ao seu lado, aliviada por agora não precisarmos falar. Ele aperta um botão no controle remoto e começa o programa. É o esquete do papagaio morto do Monty Python que ele e eu assistimos juntos. Reeve queria mostrar o esquete para mim no início do nosso relacionamento porque era algo que ele achava importante.

Na tela, o comediante John Cleese entra num pet shop e diz: "Olá, gostaria de fazer uma reclamação". Ambos conversam um pouco e ele fala: "Tem a ver com este papagaio que comprei nesta loja não faz meia hora".

O dono do pet shop pergunta o que há de errado com o papagaio. E John Cleese explica: "Ele está morto, isso é o que há de errado com ele!".

E o proprietário diz: "Não, não, ele está descansando, veja!".

Mas fico um pouco entediada ao assistir isso outra vez. Eu sei tudo o que vai acontecer, assim como sei tudo o que pode acontecer em na Redoma. Ao menos sei em linhas gerais o que pode acontecer.

Quando o esquete termina, Reeve diz:

— Venha aqui — e me deita na grama. Ficamos assim, deitados de costas e olhando para o céu.

Não há muito que falar hoje. O que ele poderia dizer para mim? "Vou lhe contar umas histórias que você já ouviu algumas vezes e então você pode rir,

murmurar e reagir a elas como se fossem novidade”?

E o que posso dizer para ele? “Deixe-me contar o que aconteceu entre mim e Griffin”?

Em vez disso, digo:

— Ei, noticiário da minha vida: adivinhe o que eu fiz durante o feriado de Ação de Graças?

— Não faço ideia.

— Enfiei minha mão na vagina de uma cabra. Mas, afinal, quem nunca, né?

Reeve ergue uma sobrancelha, mas não me pergunta sobre o que diabos estou falando.

— Você não está curioso para saber o que eu quero dizer com isso? — pergunto. — A vagina de uma cabra?

— É claro que estou curioso — diz ele, e eu começo a contar a história sobre como ajudei no parto do cabrito. Mas é claro que ele não está realmente interessado. Aquela cabra existe fora do mundo do nosso passado, fora do nosso mundo.

Mas está dentro do meu mundo e de Griffin. Olho para o cabelo despenteado de Reeve, para o seu suéter, seus olhos, seu nariz e sua boca. Para o seu filtro labial. Então, na falta do que dizer, começo a tocar seu rosto, correndo a mão ao longo dos seus lábios curvilíneos, seu queixo, na esperança de que possamos superar a estranheza entre nós.

Quando nos beijamos, parece um tanto insatisfatório, porque estou distraída. Não importa a abordagem, aquilo não parece certo.

— Você está diferente — conclui ele depois de um instante.

— Não, não estou.

Mas eu me lembro do beijo de Griffin, e em como me senti, e como tiramos nossa roupa e olhamos longamente um para o outro. Lembro do modo como nossos peitos se tocaram, como duas mãos unidas em oração.

Duas mãos unidas em *oração*? Isso soa como o pior verso que Sylvia Plath poderia ter escrito quando tinha doze anos de idade, e que logo em seguida foi jogado no lixo. O que aconteceu entre mim e Griffin não foi poético; foi impensável. No entanto, é algo em que também fico pensando.

— Prometa que está tudo certo entre nós. — Reeve pede.

E, nesse momento, como era previsível, a luz começa a diminuir de modo que felizmente não preciso prometer nada.

De volta à minha cama no Celeiro, mal tenho tempo para me recuperar quando ouço um *estrondo* no corredor. A porta se abre e dj aparece, arrastando sua mala gigante. Ela está um tanto bronzeada por causa da viagem à Flórida, e o bronzeado parece inadequado para uma garota que se veste de preto a maior parte do tempo, com o brilho ocasional de alguma cor berrante.

— dj, você chegou! E chegou cedo. Estou muito feliz em vê-la.

E é verdade. Tudo o que desejo é que ela me fale sobre seu feriado e me conte histórias sarcásticas e engraçadas para me animar. Mas dj começa a chorar.

— Oh, Jam — ela me cumprimenta. — Está tudo acabado.

— Como assim?

— Entre mim e Rebecca.

— O que aconteceu? — Eu me sento com ela na cama e lhe entrego uma caixa de lenços de papel.

dj assoa o nariz com força.

— Ela foi para casa em Connecticut e trocamos torpedos como loucas, sabe? Ter meu celular de volta foi *inebriante*. Foi como… descobrir a penicilina outra vez.

— Sim, eu me lembro de quando você descobriu a penicilina pela primeira vez.

— Você sabe o que eu quero dizer. Tecnologia, lembra disso? — diz ela em meio às lágrimas. — Eu estava *faminta* de tecnologia. De qualquer forma, trocamos uma tonelada de torpedos sensuais.

— Certo. — Tenho medo daquilo que sei que está por vir.

— Nós não escrevemos *sacanagens*, isso é grosseiro, mas escrevemos coisa do tipo: “vc estava mto gostosa naquela camiseta da Dora, a Aventureira”. Ou: “cola na minha cama qdo vc voltar e diz q era uma aulinha particular”. Bem, a mãe dela leu as mensagens e fez um escândalo. E disse que Rebecca não voltaria para o Celeiro porque a escola a transformara numa “homossexual feminina”! Foi assim que ela definiu! Como se alguém pudesse pensar que ela se transformaria numa “homossexual *masculina”*!

— Ela vai tirar Rebecca da escola? No meio do ano?

dj assente e passa a mão pelo rosto, borrando o rímel numa grande mancha negra, como um traço caligráfico.

— Vou morrer se não puder estar com ela.

— Entendo.

— Sem ofensa, mas duvido que entenda — retruca dj. Então, sem aviso, ela vai até sua cama, ergue o colchão e tira dali uma braçada de tesouros ocultos: barras de granola, jujubas e pacotes desses biscoitos cor de laranja sabor queijo com recheio de manteiga de amendoim. Em seguida, vai até sua escrivaninha e puxa um pacote de biscoitos amanteigados, um saco de m&m's e até mesmo o frasco de ketchup Hind's.

— O que você está fazendo? — pergunto. Ela não responde. — dj, pare.

Mas ela continua caminhando pelo quarto, caçando e coletando. Ela abre minha gaveta superior e tira todas as minhas calcinhas, procurando alguma coisa.

— *Veja!* — ela exclama, brandindo o tesouro que encontrou: o pote de geleia que Reeve me deu.

— fique longe da porra da minha tiptree little scarlet strawberry! — grito com uma voz que nunca soube que eu tinha. dj e eu olhamos uma para a outra, as duas chocadas. Com uma voz muito mais sã e controlada, acrescento: — É que este pote é uma espécie de lembrança. Eu não quero que ninguém o abra, está bem?

Respiro fundo e, em seguida, tiro o pote das suas mãos, enterrando-o na gaveta. Quando eu me viro, dj já voltou a saquear o quarto em busca de comida.

Por fim, ela parece ter juntado o suficiente. Ela volta a baixar o colchão, senta-se na cama com as pernas cruzadas e, chorando, começa a trabalhar a pilha de guloseimas à sua frente. Nunca vi ninguém chorar e comer ao mesmo tempo.

— Vamos lá, pare com isso — digo, mas ela me ignora, limitando-se a engolir toda aquela porcaria, empurrando tudo na boca metodicamente, sem nenhum prazer. — Por favor, dj. Você só vai ficar doente e vomitar como um desses garotos de fraternidade.

Tiro um pouco de comida dela, mas não consigo arrancar tudo, e ela come o que pode. Consternada, eu a vejo abrir o frasco de ketchup, inclinar a cabeça

para trás e apertar. O frasco emite um barulho de peido, e ela deixa o longo e lento fluxo vermelho de ketchup escorrer para dentro da sua boca aberta.

Nesse instante, a porta se abre e ambas erguemos a cabeça. Lá está a namorada de dj, Rebecca, vestindo um casaco de inverno branco e um longo cachecol violeta, o rosto brilhando de frio. dj pula da cama.

— Você voltou? — grita ela. — De verdade?

— De verdade.

— Mas e sua mãe?

— Eu disse que se ela não me deixasse voltar para a escola e ficar com minha namorada, ela se arrependeria. Disse que eu enviaria e-mails para todos os membros do Clube das Mães Unidas pelos Valores Tradicionais de Connecticut, dizendo-lhes que sou um orgulhoso membro da comunidade lgbt. É claro que ela ficou tipo: l-g-*o quê*? Então precisei explicar o que lgbt *significava*, a fim de deixá-la atordoada o bastante para me deixar voltar para você.

— Mas você voltou — diz dj.

— Voltei.

Ela e Rebecca se abraçam, mas depois de alguns segundos Rebecca se afasta, olha para dj e pergunta:

— O que é essa porcaria vermelha no seu rosto?

dj responde dizendo que não é nada, que vai lhe contar mais tarde. Por fim, Rebecca nota minha presença e me cumprimenta vagamente:

— Ah, oi, Jam.

Então, ela e dj saem juntas do quarto para desenhar na mão uma da outra com canetas de tatuagem de hena, fazer amor ou seja lá o quê.

Estou pensando em passar um sermão em dj mais tarde, dizendo que ela não pode usar uma muleta — no caso dela, a junk food — para se acalmar toda vez que há uma pedra no caminho. Contudo, como aluna da sra. Quenell, estou envergonhada por usar clichês e metáforas tipo “muleta” e “pedra no caminho”. E, afinal de contas, quem sou eu para dizer uma coisa dessas? Usei Griffin para me sentir melhor pelo fato de não ter podido ver Reeve no feriado de Ação de Graças.

Não foi isso o que eu fiz? Usei-o por sua aparência e pelo fato de ele ser tão arredio? Quando uma pessoa é assim, você tende a desejá-la mais. Agora, não

tenho certeza de nada. Gostaria de poder abusar da comida como fez dj, desbravando a pilha de guloseimas na sua cama e me reconfortando com algumas barras de granola velhas e insípidas e um longo gole de ketchup. Mas sei que isso não ajudaria em nada.

15

Na manhã seguinte, no nosso primeiro dia de aula depois do feriado, na aula de Tópicos Especiais, é óbvio que muita coisa mudou desde que estivemos juntos pela última vez. Eu mal olho para Griffin, com medo de que, caso o faça, alguém perceba o que aconteceu entre nós. Sentados à mesa oval, esperando a aula começar, Griffin não está mais curvado ou com a cabeça coberta pelo capuz. Em vez disso, o capuz está baixado e ele olha para mim com olhos atentos e inquisitivos. Mas continuo com minha expressão neutra e me volto para a janela. Não quero que ninguém saiba o que aconteceu.

Mas não somos apenas nós. Casey entra na sala empurrada por Marc e eles claramente parecem ter um segredo. Até mesmo Sierra está diferente. Embora tenhamos estado juntas depois da volta do feriado, ela esteve muito calada. Agora, antes do início da aula, está fechada em si mesma, ocupando-se com seus papéis, embaralhando-os muito mais que o necessário.

A sra. Quenell chega, senta-se à mesa e nos olha com um sorriso.

— Juntos afinal — diz ela.

— Como foi seu feriado, sra. Q? — pergunta Casey.

— Oh, Casey, obrigada por perguntar. Bem, eu adiantei minha mudança, porque, como vocês sabem, vou me mudar de casa logo depois do fim das aulas. Ainda estou nadando num mar de plástico bolha. E quanto a vocês?

Todos dizem coisas vagas e positivas sobre o feriado de Ação de Graças.

— Vocês todos parecem um tanto… intensos — comenta a sra. Quenell, e essa é a palavra exata. Mas ninguém está disposto a dizer especificamente o que está acontecendo.

A estranha energia na sala passa para a nossa discussão sobre Plath, para quem retornamos como quem reencontra uma velha amiga. Hoje estamos falando de um dos seus primeiros poemas, “Canção de amor da jovem louca”. Ela o escreveu na faculdade, e a sra. Quenell pergunta se Casey poderia ler as três primeiras estrofes em voz alta. Casey inspira e começa a ler:

Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro

Ergo as pálpebras e tudo nasce outra vez.
(*Creio que inventei você no interior da minha mente.*)

Saem valsando as estrelas, vermelhas e azuis,
Entra a galope uma escuridão arbitrária:
Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro.

Enfeitiçaste-me, em sonho, para a cama
Cantaste-me para a loucura, beijaste-me para a insanidade.
(*Creio que inventei você no interior da minha mente.*)

Durante a leitura — curta, embora intensa —, mal consigo me mover ou pensar. Sinto meu coração disparar. Sylvia Plath entende tudo sobre o amor. O que ele faz com você. O que ele fez comigo.

Ela me conhece.

Por algum tempo depois da leitura do poema, fico sentada e imóvel, tentando acalmar o coração. Vejo que a sra. Quenell está olhando para mim, e tenho certeza de que ela sabe de algo. Assim como Plath, ela parece saber de tudo.

Lembro-me de um truque de meditação que o dr. Margolis me ensinou: ele me disse que, se eu começasse a me sentir oprimida, deveria apenas me concentrar na minha respiração. “Inspirar, expirar”, falou com uma voz lenta e hipnótica. “Inspirar, expirar.”

Agora, respiro de forma rítmica e tento não pensar em nada. A princípio, parece funcionar e meus pensamentos a respeito de Reeve começam a esvaecer. Mas, então, chega uma nova leva de pensamentos. Pensamentos sobre Griffin, que está sentado a apenas dois lugares de onde estou. Eu não queria me sentar ao lado dele hoje porque teria sido demais para mim.

A Redoma não pode ser explicada, mas o que se passou entre mim e Griffin também não pode.

Creio que inventei você no interior da minha mente, penso, e o verso se refere tanto a Reeve quanto a Griffin.

Depois da aula, Griffin me para no corredor e diz:

— Você esqueceu algo na fazenda.

É a primeira vez que nos falamos desde que voltamos para a escola. Ele tira da mochila o casaco marrom com capuz que me emprestou na fazenda.

— Não, isso é seu.

— Fique. Tenho outros. Tipo uns quinhentos iguais.

— Eu notei.

Ele empurra o casaco nos meus braços.

— Ouça, Griffin — digo. — Aquilo que aconteceu quando estávamos na fazenda? Não pode acontecer outra vez.

Ele me encara.

— Oh. Tudo bem. — Ele então faz uma pausa e acrescenta: — Tem certeza?

— Sim. Eu sinto muito.

Eu me afasto antes que ele possa dizer qualquer coisa. Ainda estou com o casaco nos braços e não tenho coragem de devolvê-lo.

Contudo, no fim da tarde, sozinha à luz fraca do dormitório, tentando entender meu dever de casa de Francês, volto a vestir o casaco. É muito grande, mas me mantém aquecida, e tem um cheiro humano, físico, como se os braços e o tórax de outra pessoa houvessem estado ali dentro, dia após dia. Uma pessoa específica. Ele. Gosto de saber disso. Vestir o casaco me faz sentir como se ele estivesse por perto.

O que, de algum modo, é o que eu quero, apesar de ter dito que aquilo que fizemos não poderia acontecer outra vez.

Naquela noite, nós cinco nos reunimos na sala de aula às escuras, uma reunião extraordinária na segunda-feira porque Marc voltara tarde na noite anterior. A reunião parece tão urgente quanto a primeira, quando todos tentávamos entender o que estava acontecendo conosco.

Marc ajuda Casey a sair da sua cadeira e, em seguida, se abaixa ao seu lado.

— Bem, nós temos um comunicado — começa ele.

— *Nós?* — repete Griffin.

— Marc e eu. Nós estamos ficando — confessa Casey, tímida. — Mas é mais que isso. Está se tornando algo maior.

— Isso é excelente — incentiva Sierra. — Como aconteceu?

— Ah, nós começamos a trocar torpedos durante o feriado — explica Marc. — Perguntei se eu podia pegar um ônibus e ir visitá-la em Nova York. Estava muito deprimente na minha casa. Fomos ao Museu de História Natural ver os dinossauros e comemos bolinhos chineses. Nós nos divertimos muito.

— Então, é sério? — pergunto.

— Ah, sim — diz Casey. Como se para demonstrar o que está dizendo, ela encosta a cabeça no ombro de Marc e ambos parecem o casal mais firme e tranquilo do mundo.

Sierra ergue um copo de papel de Gatorade verde em homenagem aos dois e declara:

— Essa é uma ótima notícia.

Então, quando Casey e Marc terminam de falar tudo o que queriam, Sierra diz:

— Agora preciso lhes contar uma coisa.

Será que ela se apaixonou por alguém? Será que, da mesma forma que a Redoma, o amor e o sexo tomaram conta da nossa turma? Mas, quando ela se inclina para a frente, percebo que não se trata de uma transa ou paixão. Isso é outra coisa, mas não sei o quê.

— Acho que sei quem levou meu irmão — revela Sierra.

— O quê? — pergunto.

— É claro que fui para a Redoma no feriado de Ação de Graças — diz Sierra rapidamente. — Como sempre, eu estava sentada no ônibus com André. Quando ele dormiu, comecei a olhar para as outras pessoas ao redor. Fui muitas vezes à Redoma, é claro, mas só me concentrava no meu irmão. Não consigo acreditar que demorei tanto tempo para fazer isso. Foi quando notei um sujeito de uns cinquenta anos de idade, branco, magro e com o cabelo grisalho. Ele estava ali sentado olhando para André como se meu irmão fosse a visão mais interessante do mundo.

“Eu perguntei para ele: ‘Perdão, posso ajudá-lo?’. E ele simplesmente virou para o lado. Então, passei o resto da viagem pensando onde eu o vira antes, porque sabia que o tinha visto.

“Então eu me lembrei. Ele esteve nas nossas apresentações de dança. Elas são abertas ao público e a entrada é gratuita. Eu me lembrei que ele esteve em

dois espetáculos, o primeiro e o último, e que se sentou na primeira fila. Então, quando eu o vi no ônibus olhando para André, tive um estalo.

"Assim, durante o feriado de Ação de Graças, depois de voltar da Redoma, liguei outra vez para o detetive Sorrentino e descrevi o sujeito para ele. Ele perguntou algo do tipo: 'Então, terei que acreditar que, *três anos* depois, você de repente se lembrou de uma pessoa em particular no ônibus naquele dia?'. E eu respondi que sim. E ele disse: 'Então como definir isso? Memória recuperada?'. Eu falei que não sabia o que aquilo significava e implorei que ele tentasse rastrear o sujeito. Mas, quando liguei de volta no domingo, ele admitiu que não tinha feito nada, tipo entrevistar o pessoal da academia de dança outra vez ou falar com pessoas que relataram ter ido às apresentações naquela época. 'Concluí que essa não é uma pista válida', foi o que ele me disse."

— Mas você *viu* o cara — retruca Casey. — O que poderia ser mais válido que isso?

— Eu o vi na Redoma — lembra Sierra. — O que poderia dizer para Sorrentino?

— Mas isso é de enfurecer — digo. — Pode ser uma pista real. Você não conseguiria envolver seus pais nessa história?

Sierra balança a cabeça.

— Não, não mais. Toda vez que acho que tenho uma pista e ela acaba se revelando inútil, é muito difícil para eles. Não posso envolvê-los outra vez. Eles estão cansados, mal estão funcionando direito. O fato de haver um sujeito olhando para André no ônibus na Redoma não prova nada. Mas preciso convencer Sorrentino a averiguar. Continuarei ligando do telefone público. Mas não tenho muita fé no sistema, para dizer o mínimo.

Ela para de falar e ficamos todos em silêncio. Ela olha para Griffin, e depois para mim. E repete o gesto. Sierra é uma pessoa perspicaz, e uma vez que nos tornamos tão próximas, ela me conhece.

— Espere aí, o que está acontecendo? — pergunta ela.

— Como assim? — diz Griffin.

— Vamos lá — comenta Marc. — Também notei algo na aula de hoje. Você e Jam. O que está acontecendo?

Não consigo imaginar o que dizer, mas não preciso falar nada porque Griffin

responde:

— Rolou algo entre nós.

Eu fico chocada.

— Griffin, isso era assunto particular — digo. — Além do mais, eu já falei que não acontecerá outra vez.

Todos estão fascinados com nossa pequena novela, e ficam olhando alternadamente para mim e para Griffin.

— Estou cansado de guardar tudo dentro de mim, certo, Jam? — ele explode. — Cansado de *sentir* as coisas e não poder falar a respeito delas. Estou cansado disso.

— Mas ainda assim você não precisava contar.

Olhamos um para o outro.

— Não vai mesmo acontecer outra vez? — pergunta Griffin.

Eu não consigo acreditar que estamos falando sobre isso na frente de todos.

— Eu não sei — declaro afinal, que é o mesmo que dizer: sim, Griffin, vai acontecer outra vez. E, se você quer saber a verdade, eu *quero* que aconteça outra vez.

Os outros ainda estão nos observando, e eu percebo que não estou mais brava com ele. Agora está feito; foi revelado. Seguro a mão de Griffin. Já passou da hora de voltarmos para os dormitórios, mas ninguém quer se levantar. Todos ficamos sentados mais um pouco neste círculo fechado e iluminado.

16

A neve cai sobre Vermont, mas não na Redoma. Griffin e eu andamos por caminhos brancos e molhados, vestindo jaquetas e botas. Apenas quando estamos no meio da floresta é que nos damos as mãos ou paramos para nos tocar ou beijar, e nossos cabelos e cílios ficam pontilhados de neve. Mal nos falamos porque ele sabe no que estou pensando, e não há nada que possa ser dito que me faça sentir bem a respeito desta minha vida dupla.

Na Redoma, o ar está fresco, mas não faz frio, e a grama permanece marrom, sem um único floco de neve. Cada vez que vou até lá, Reeve está me esperando com ansiedade. Ele não sabe sobre Griffin, e embora eu tenha explicado como funcionam os diários, não entende aquilo que todos nós de Tópicos Especiais tememos: que um diário que se preenche rapidamente é como um relógio marcando os segundos.

Vou e volto entre dois mundos, como uma bígama demente e alucinada.

Certa tarde, durante a chamada do correio, recebo uma carta da minha mãe que me perturba ainda mais:

Querida Jam,

Ficamos muito tristes por não tê-la conosco no feriado de Ação de Graças, mas o Natal chegará antes que você perceba, e estamos todos muito empolgados *com o fato de você vir para casa durante duas semanas e meia. Primeiro, algumas notícias. Encontrei a mãe de Hannah no shopping e ela me disse que Hannah e Ryan romperam o namoro. É claro que isso foi uma surpresa e pensei que talvez você quisesse telefonar para Hannah. Tenho certeza de que ela adoraria saber de você.*

Agora, sobre o que eu de fato queria discutir. Como já lhe falei, seu pai e eu estamos preocupados com Leo desde que ele começou a andar com o tal de Connor Bunch. Então, esta semana algo chocante aconteceu. Apenas escreverei o que houve: Leo foi preso por furto na Price Cruncher. Sim, isso mesmo, leo.

Leo, aquele menino de doze anos de idade, introvertido e nerd, *preso*? Ela está certa. Eu também estou chocada. Muito mais chocada do que estou a respeito de Hannah e Ryan, o que também é muito chocante. Depois de ler a notícia da minha mãe a respeito de Leo, preciso baixar a carta por dez segundos antes de prosseguir:

Ele furtou uma lata de tinta spray laranja, dá para acreditar nisso? Ele a enfiou embaixo da camisa, Connor fez o mesmo, e ambos foram flagrados pelas câmeras de vídeo. A segurança os levou para uma sala especial para ladrões nos fundos da loja, que é como uma pequena cela com grades, e realmente chamaram a polícia. Por ambos serem tão jovens, a loja foi persuadida a não prestar queixa, mas você pode imaginar como seu pai e eu nos sentimos.

Jam, o que eu quero dizer de antemão é que mal posso esperar que você volte à vida de Leo.

Ultimamente tenho me perguntado se fizemos a coisa certa ao enviá-la para o Celeiro. Talvez você não sinta necessidade de voltar para o segundo semestre. Talvez agora você consiga lidar um pouco melhor com o que aconteceu no ano passado.

Depois de um começo difícil neste outono, parece que as coisas estão melhorando. Você me pareceu mais animada ao telefone esta semana. O dr. Margolis acha ótimo que você esteja tão envolvida com seu grupo de canto a capela e suas aulas de Tópicos Especiais em Inglês. Nós lhe dissemos que era importante que você tentasse viver aí. Mas talvez, já que está indo tão bem agora, você já tenha tirado daí tudo o que podia tirar. Teremos que nos sentar e discutir isso pessoalmente.

Pensei que, durante as férias de Natal, você pudesse passar mais tempo com Leo. Ele ainda está tentando encontrar um modo de se tornar uma pessoa social, algo com que ele nunca teve que lidar antes. Mas agora que ele está mais no mundo real e menos no mundo da fantasia com todos aqueles magos e driftlords (é essa a palavra certa?), precisa de orientação.

Querida, você passou por tempos difíceis. Como um driftlord você "morfou", mas, como um mago, agora você parece "sábia". Então, quando estiver em casa, talvez pudesse dar uma mão para o seu irmão mais novo. Seu

pai e eu ficaríamos muito gratos.

Beijos e abraços,

Mamãe

Guardo a carta no envelope me sentindo terrível ao me lembrar que, no início do semestre, ela me pediu para escrever para Leo e eu nunca escrevi. No fim da tarde, vou até o telefone público e ligo para casa. Ainda estamos no horário comercial, de modo que sei que minha mãe e meu pai estão no escritório na Gallahue e Gallahue Ltda. Mas Leo já deve estar em casa.

Depois de uma meia dúzia de toques ele atende com a voz um pouco nasalada.

— É sua irmã — digo. — Lembra de mim?

— Talvez — responde Leo. — Cabelo castanho e comprido?

— É. Como foi o feriado de Ação de Graças?

— Foi tudo bem. Tia Paula e tio Donald vieram de Teaneck. Trouxeram couve.

— Que pena eu ter perdido isso.

— Os parentes ou a couve?

— Ambos.

Há uma pausa e ouço mastigação. Leo está fazendo um lanche depois da escola, provavelmente salgadinhos de milho. Ao fundo ouço a tv, ou talvez o computador, e, em seguida, a voz de um menino dizendo:

— Onde está você, Gallahue?

— Já vou! — diz Leo.

— Quem é? — pergunto de forma inocente.

— Um amigo.

— Você não tem amigos. Não do tipo que vem visitar depois da escola. — Eu sei que isso soa maldoso, mas é verdade. — Talvez você tenha amigos virtuais de quarenta anos de idade que ainda moram com os pais. E que jogam Driftlord.

— *Dream Wanderers* — ele me corrige. — Driftlords são *personagens* de *Dream Wanderers*. E eu tenho um amigo de verdade. Chama-se Connor Bunch.

— Ouvi dizer. Mamãe e papai sabem que ele está aí?

— Por quê, você vai contar para eles? — pergunta Leo com a voz irritada.

— Uau, maninho, estou te estranhando — digo. — A propósito, eu sei sobre o furto na loja.

Há um silêncio.

— Não era para ser assim — explode Leo. — Connor disse que não havia câmeras de segurança naquela parte da…

— *Leo* — interrompo. — Você não pode simplesmente deixar de ser um idiota inconsciente para se tornar um *criminoso*. Veja, eu sei que é bom ter um amigo e tudo o mais — digo com a voz mais amena. — Mas use a cabeça! Você não pode fazer tudo o que Connor Bunch diz só porque você está feliz por ele querer andar com você.

— Eu *não* faço tudo o que ele diz. Você não imagina as coisas que me recuso a fazer! — Leo baixa a voz. — Mas ele é o único que é *legal* comigo, Jam.

— O que vocês iam fazer com a tinta spray? Vandalizar a escola?

— Connor teve uma ideia. Ele ainda não tinha me contado. Não chegamos a fazer porque fomos pegos.

— Bem, tenho certeza de que era algo muito idiota. E estou feliz que você tenha sido pego, Leo. Caso contrário, você poderia fazer isso uma segunda vez.

Há uma longa, longa pausa, e Leo confessa:

— Na verdade, essa foi a segunda vez. Na primeira não fomos pegos. Mas quase não *levamos* nada na ocasião. Apenas algumas barras de Snickers. Connor diz que as lojas não se *preocupam* com coisas pequenas, eles as incluem no…

— Você está louco, Leo? Isso é *furto*. Você está enganando pessoas que trabalham duro para ganhar algum dinheiro. Basta pensar na mamãe e no papai.

— O que tem eles?

— E se alguém for até a Gallahue e Gallahue Ltda. querendo que eles sejam seus contadores? E se depois de mamãe e papai fazerem um trabalho para essa pessoa, um trabalho difícil que eles tiveram que ir para a escola para aprender a fazer, o sujeito fosse embora sem pagar? Nossos pais fizeram esse trabalho para poder pagar nossa comida, nossas roupas, nosso dentista. Talvez pudéssemos tirar umas férias de vez em quando. Mas o cara decidiu: “Danem-se os Gallahue, eu não vou pagar”. Isso seria certo?

— Não — diz Leo, em meio a um soluço.

— Exato.

Percebo que estou soando um pouco como minha mãe ou meu pai, mas não de uma maneira ruim. Espero um ou dois segundos, enquanto Leo se esforça para conter suas emoções. Eu não quero que ele se sinta *muito* mal, por isso digo:

— Veja, voltarei para casa no Natal. Desta vez não deixarei a neve me prender aqui. E você e eu passaremos um tempo juntos, certo? Podemos ficar no meu quarto. Não direi "vá embora" por trás da porta. Vou deixar você entrar e poderemos conversar sobre a vida e tudo o mais.

— Sério?

— Sim.

— Você vai tocar indie rock para mim?

— Indie rock? É isso que você quer que eu faça? — Estou completamente surpresa. Eu não fazia ideia de que Leo sabia que música existia.

— Sim — responde ele, fungando. — Acho que está na hora.

— Certo, então. Eu farei isso.

Quando nossa turma se reúne outra vez ao redor da vela na sala de aula às escuras, nosso assunto principal é o fim dos diários. Cada um de nós tem uma média de mais três visitas antes de a última linha ser preenchida.

— E então? — pergunta Marc. Ele está inquieto por causa disso que não consegue ficar parado e tamborila com os dedos no chão como uma criança hiperativa.

— E então encontraremos uma maneira de continuar voltando — diz Sierra. — Temos que encontrar. Eu não vou deixar André lá.

— Ninguém disse para deixá-lo — corrige Casey.

— Mas ninguém nos disse como continuar indo até lá.

— Ninguém nos disse *nada* — afirma Griffin.

Com a proximidade do fim dos diários, nenhum de nós sabe o que fazer e todos estamos ficando cada vez mais ansiosos.

— Talvez, no último dia de aula, a sra. Q nos dê um *segundo* diário — sugere Casey. — E poderemos levá-lo conosco quando formos para casa no Natal.

— Um diário de couro azul — diz Marc.

— Não, isso não vai acontecer — declara Sierra. — E você sabe.

Sinto uma pressão se acumular no peito, e minha garganta se estreita.

"Oh, Jam", costumava dizer minha mãe nas primeiras semanas e meses depois de eu ter perdido Reeve, "onde você está?" Eu estava vazia, então, mal era uma pessoa. Contudo, por causa da Redoma, voltei pouco a pouco ao meu "antigo eu", como meus pais provavelmente diriam se pudessem me ver agora. Perder Reeve uma segunda vez seria voltar a esvaziar.

— Não creio que poderia viver sem ver André. — Sierra não está sendo melodramática. Apenas constata um fato.

Todo mundo permanece em silêncio e preocupado, e, por fim, alguém diz que está ficando tarde. Griffin se inclina para apagar a vela — ele sempre se certifica de que a vela esteja apagada, e desde a viagem para a fazenda eu sei por quê — quando ouvimos pneus na neve e vemos uma luz vermelha giratória através das janelas.

— Ora, *vamos*, isso não pode estar acontecendo — diz Casey. Marc a ajuda a voltar à cadeira de rodas enquanto as portas do carro batem, os seguranças do campus entram no prédio, e em seguida, na sala de aula. Somos pegos.

Pouco depois, o diretor, dr. Gant, nos convoca para uma "reunião de emergência" no seu escritório. Ele foi chamado do dormitório dos meninos, onde também atua como monitor, e onde provavelmente estava começando a pôr todos na cama. Nos sentamos em sua sala mal iluminada com paredes revestidas de madeira, lugar que eu só tinha visto uma vez, no primeiro dia em que cheguei aqui. Eu estava em péssimo estado naquela tarde, monossilábica e furiosa.

Como esse dia parece longínquo. Eu me lembro da minha mãe no meu quarto socando as bordas do meu *study buddy* laranja para fazer o enchimento ficar por igual. E de como dj olhou para mim da sua cama, e de como eu tive certeza de que ela e eu sempre nos detestaríamos.

Naquele dia, tudo o que eu conseguia pensar era o quanto sentia falta de Reeve.

Está tudo diferente agora.

— Pessoal — começa o dr. Gant. Ele é um homem tranquilo de meia-idade

que parece ficar muito triste sempre que é obrigado a disciplinar alguém. — O que vocês estavam pensando? Vocês não podem sair assim, sem supervisão. E vocês sabem que velas são um item proibido aqui, numa escola repleta de antigos edifícios de madeira.

— Eu estava de olho — garante Griffin na defensiva, erguendo o queixo. — Eu jamais deixaria isso acontecer. — Sobretudo eu, foi o que ele quis dizer.

— Mas há *regras*, Griffin — lembra o dr. Gant. — Vocês já se reuniram outras vezes ali à noite?

Ninguém quer responder.

— A segurança diz que encontrou pingos de cera mais antigos no chão, de modo que suponho que a resposta seja sim.

— Tudo bem — confessa Casey. — Sim, nós nos reunimos outras vezes.

— Mas por quê? — ele pergunta. — É realmente apenas para "ficarem juntos" como disseram para a segurança? É isso?

— Mais ou menos — diz Marc. Percebo quão difícil é para ele mentir ou, mesmo, ser vago para uma autoridade.

— Parece ser um pouco mais complicado que isso. — O dr. Gant faz uma pausa. — Tivemos alguns problemas com turmas de Tópicos Especiais em Inglês em anos anteriores. Tendem a ser um grupo muito fechado. Certo ano, todos se embrenharam na floresta por uma hora, e ninguém soube onde eles estiveram. Em outro ano parecia que eles… inventaram seu próprio idioma. Mas eu não quero falar sobre os alunos do passado. Quero falar sobre o que está acontecendo com vocês *agora*.

É claro que é interessante obter tais informações sobre as turmas anteriores, mas nenhum de nós pode fazer mais perguntas a respeito. E o que poderíamos dizer sobre nós mesmos? "Tudo bem, dr. Gant, o negócio é o seguinte: duas vezes por semana escrevemos nos nossos diários e isso nos leva a um lugar onde nossas vidas destruídas são restauradas. Só que agora o *espaço* nos diários está quase acabando, de modo que precisamos descobrir como prolongar nosso tempo nesse lugar para onde vamos, porque não conseguimos suportar a ideia de parar de ir até lá. Então, por favor, dr. Gant, você poderia apenas fingir que não *fomos* pegos, e nos deixar continuar nos reunindo uma vez por semana na sala de aula tarde da noite?"

Mas não revelamos nada para ele, e, por fim, ele tira os óculos sem aro, esfrega os olhos e volta a colocá-los, passando cuidadosamente as pernas da armação sobre os orelhas.

— Sinto muito. — Ele olha para cada um de nós. — Mas, pelo resto do semestre, com exceção das aulas, refeições e ensaios, considerem-se membros de outra turma. Vamos chamá-la de Tópicos Especiais em Ficar de Castigo.

17

Está tudo desmoronando agora e nós sabemos disso. Mantidos separados durante toda a semana, não podemos falar abertamente sobre o que fazer com a rápida aproximação do fim dos diários. Só ficamos juntos na aula e durante as refeições, mas nunca temos muita privacidade. Por fim, cada um de nós fica com apenas cinco páginas em branco. Resta uma única viagem, e depois ninguém sabe o que vai acontecer. Ou talvez saibamos, e isso não é bom.

No café da manhã, falando o mais enigmaticamente possível, todos concordamos em adiar nossa próxima visita. Nenhum de nós voltará à Redoma até termos posto em prática algum tipo de plano.

— *Redoma*? — pergunta dj dois lugares de distância na mesa, com a boca cheia de ovos. — O que é isso?

— Nada — respondo. — É apenas, você sabe, uma coisa de um livro.

Isso parece satisfazê-la. Ou ao menos a aborrece o bastante para que ela perca o interesse na hora.

Talvez, penso eu, assim que a última linha de um diário for preenchida, a Redoma dessa pessoa deixe de existir. Talvez ela feche para valer, como um negócio cujos proprietários abandonaram a cidade no meio da noite. Ou talvez exploda como algo nos confins do espaço sideral, invisível e inaudível por qualquer pessoa, desaparecendo para sempre.

Como seria deixar a Redoma para trás? Preciso me perguntar isso, porque todos estamos nos perguntando. Quando penso em abandonar aquele mundo, eu me vejo lá fora, no mundo *real*, talvez de volta a Nova Jersey, voltando a viver minha vida, uma nova versão dela.

Como seria essa vida? Acho que apenas serei eu mesma. Alguém no ensino médio com algum tipo de futuro. Talvez participe de algum coral por lá. Poderia até tentar convencer Hannah a participar também; ela tem uma boa voz. Talvez eu pudesse voltar a olhar para a frente, o que ainda não posso nem mesmo imaginar.

Na sexta-feira à noite estou no quarto assistindo dj se preparar para sair para

uma reunião social.

— Ficar de castigo é tão injusto — digo, sentada na cama vestindo o casaco de Griffin. — Eu me sinto como uma prisioneira.

— Eu não entendo. Você odeia as reuniões sociais tanto quanto eu. Por que está se importando por não poder ir?

É claro que dj não sabe sobre a Redoma, de modo que não entende por que preciso estar com meus colegas de classe agora. E, também, ficar com Griffin.

— Odeio as reuniões sociais — digo. — Mas seria melhor que ficar de castigo.

— Quando voltar eu te conto o que aconteceu de interessante — promete dj antes de sair.

Então eu me sento e tento fazer meu dever de casa enquanto toda a escola, exceto os alunos de Tópicos Especiais, está sob o globo de discoteca no ginásio. Resisto à tentação de ir à Redoma agora, embora fosse a coisa mais fácil do mundo simplesmente escrever no meu diário e estar com Reeve mais uma vez, naquele lugar onde tudo é familiar, previsível, fácil e bom. Mais tarde eu me preocuparia sobre como voltar para lá, mesmo depois de o diário estar completo.

Mas, como concordamos, evito fazer essa visita. Em vez disso, me jogo de cabeça no dever de Matemática, o que é muito divertido, dadas as minhas habilidades numéricas subnormais. E o que é ainda mais divertido é que pela primeira vez eu compreendo todos os conceitos, e tenho a sensação de que vou tirar A na lição de casa e na próxima prova. Na verdade, tenho me saído bem em todas as matérias desde que comecei a ir para a Redoma. Esta, assim como tantas outras coisas que aconteceram, é totalmente inesperada.

No dia seguinte, eu me sento com Sierra no café da manhã. Griffin não apareceu ainda, e eu continuo olhando para a porta para ver se ele já chegou. Então, Casey entra e vem direto para a nossa mesa. Ela estaciona sua cadeira de rodas à nossa frente, como se tivesse algo a dizer.

— O que foi? — pergunto, nervosa. — Qual é o problema?

— Nenhum problema. Mas preciso lhes contar algo. — Casey olha em volta para ver quem mais pode estar ouvindo. Parece seguro, e ela faz uma pausa de alguns segundos antes de sussurrar: — Fui para a Redoma ontem à noite.

— Você *foi*? — pergunto. — Pensei que não faríamos isso por enquanto.

— Eu sei. Mas Marc e eu estávamos falando em código no jantar de ontem e decidimos acabar logo com isso. Estávamos odiando o estresse de não saber o que aconteceria quando os diários terminassem. E decidimos descobrir. Dar o mergulho, apesar do que todos combinamos. Então, nós voltamos. Sim, até mesmo Marc, que nunca viola as regras.

— E? — Sierra olha para Casey, e eu percebo que também estou olhando para ela.

— O que exatamente você quer saber? — pergunta Casey.

— Bem, *tudo* — diz Sierra.

— Tipo quando tudo acabou e você olhou para o seu diário — acrescento. — O espaço foi todo preenchido? — Casey assente. — Vocês descobriram uma maneira de voltar para lá? Sei que não devíamos estar falando assim em público, mas não há outra escolha.

Casey balança a cabeça em negativa. Ela nos olha como se estivesse com pena de nós. Ignoramos tudo a esse respeito enquanto ela já passou pela experiência.

— Não há caminho de volta — declara ela em voz baixa.

Ambas ficamos em silêncio.

— Você tem certeza? — pergunta Sierra.

— Sim. Sinto muito — acrescenta Casey, como se pudéssemos pensar que é culpa dela.

Então: quando termina, *acabou*? Isso significa que Casey nunca terá um lugar para ir onde ela possa andar e correr.

E, depois da minha última visita, jamais conseguirei ver Reeve de novo. Não poderei tocá-lo nem conversar com ele. Jamais voltarei a ouvir sua voz. Desejo apagar tudo o que Casey acabou de dizer, fazer com que aquilo não seja verdade.

— Então, nós realmente perderemos a Redoma e tudo o que o lugar acarreta? — insiste Sierra com uma voz baixa e monótona.

— Exato — responde Casey.

Se Sierra voltasse, ela perderia o irmão de novo ao fim da visita, mas desta vez seria para sempre.

— Mas *como* é ir até lá pela última vez? — quer saber Sierra. — É diferente das outras vezes?

— Ah, sim — diz Casey.

— Como? — insisto.

Casey faz uma pausa.

— É traumático.

Não é isso o que queremos ouvir.

— Eu realmente não posso colocar a coisa de outra maneira — prossegue Casey. — Não pretendo assustá-las, mas preciso dizer o que sei. Aquela coisa que aconteceu com você na vida real, no seu pior dia? Você tem que revivê-la. Ao menos eu tive.

— Oh — exclamo num fio de voz. Não creio que consiga reviver meu último dia com Reeve.

— Para mim, começou como qualquer outra viagem para a Redoma — explica Casey. — Mas logo ficou diferente. Eu estava no carro e minha mãe estava dirigindo, mas desta vez ficou claro que ela estava bêbada e que *jamais* deveria estar atrás do volante. Por fim, eu conseguia ver além de toda aquela baboseira de Leprechaun encantador. Ela estava *fora de si*. O carro estava ziguezagueando na pista. Ele derrapou, saiu da estrada e bateu no muro de pedra. E foi como se um edifício tivesse caído em cima de mim.

De repente, Casey está chorando e Sierra e eu nos inclinamos para a frente e tentamos consolá-la. Outros alunos olham para nós de suas mesas e uma menina, uma colega de dormitório de Casey, se levanta e faz menção de vir até nós, mas Sierra a detém com um gesto.

— Senti *tudo* — Casey sussura, emocionada. — Eu não desmaiei tão rápido quanto pensava. Minha mãe estava debruçada sobre mim quando a ambulância chegou e ela dizia: “Oh, meu Deus, é tudo culpa minha. Eu estou bêbada, Casey, e eu fiz isso com você. Eu fiz isso com minha menina”. Eu nunca tinha me lembrado disso. E querem saber? Foi *mesmo* culpa dela e eu *não* posso perdoá-la completamente, não agora pelo menos. É muito difícil, mas ao menos agora eu sei o que é o quê. Ao menos agora é real.

Sierra e eu assentimos em silêncio.

— Então eles me colocaram na ambulância, e me deslizaram para a frente, a luz escureceu e tudo ficou muito silencioso. Eu me perguntava, caramba, onde estão os caras da emergência? Eles estavam aqui havia apenas um segundo. Mas

eu estava sozinha. Então eu me sentei, olhei em torno e me vi de volta à minha cama aqui na escola, com o diário ao meu lado. Foi todo preenchido. Não sobrou uma única linha onde escrever.

"E eu me dei conta de que havia terminado. Revivi a pior coisa que já me aconteceu na vida e, então, saí do outro lado. E então, para mim, esse é o fim da Redoma

"Fiquei ali sentada, meio que em transe. Olhei e vi minha cadeira de rodas dobrada e encostada na parede. Vi as empunhaduras de borracha cinza, as rodas prateadas. Aquilo me deu vontade de chorar. Mas eu também me sentia aliviada por estar de volta. Por estar aqui. Na escola, com meus amigos. E com Marc. Ele não substitui minha capacidade de andar. Nada substitui. E sempre sentirei muita falta disso. Andar, correr. Mas nunca esquecerei o que senti. Ah, espere… — Ela ergue a cabeça.

Marc vem em nossa direção. Casey se afasta da mesa e gira a cadeira até ele. Ambos se encontram no meio da sala e Sierra e eu vemos quando ele se abaixa e diz algo para ela.

— Você conseguiria mesmo fazer isso? — pergunto para Sierra. — Ir lá uma última vez e passar por tudo aquilo de novo? E depois voltar para cá e ficar tipo: "Tudo bem, agora é hora de dar início ao resto da minha vida"?

— Não, eu não conseguiria.

— Então, o que devemos fazer? A sra. Q vai recolher os diários. De uma forma ou de outra, precisaremos fazer algo.

— É uma situação desesperadora. Não posso ir para a Redoma nem deixar de ir. Sabe, ontem eu liguei para o detetive Sorrentino. Deixei outra mensagem de voz falando a mesma coisa que eu já disse durante o feriado de Ação de Graças: "Por favor, por favor, tente rastrear aquele sujeito magrelo que assistiu à apresentação na academia de dança".

Griffin aparece na mesa, perto do fim do café da manhã. Está usando o capuz outra vez, e logo vejo que parece fechado e infeliz. O fato de não podermos nos reunir na sala de aula à noite tem sido difícil para todos.

— Oi. — Ele senta.

— Noite ruim? — pergunta Sierra.

Griffin concorda.

— Sim, mas continuem a conversar, não quero interromper.

— Eu só estava dizendo para Jam que liguei de novo para o detetive em Washington. Ele não está interessado no que eu tenho a dizer. Não sei mais o que fazer.

— Você precisa continuar a pressioná-lo — aconselho.

— Mas não cheguei a lugar nenhum. Ir para a Redoma é basicamente a única coisa que tenho. Eu não posso dar uma de Casey e Marc.

— O que isso quer dizer? — pergunta Griffin.

Explicamos que Casey e Marc foram para a Redoma na noite passada e que essa foi a última vez para ambos, e que, não, não há nenhuma maneira de voltar para lá. Nós lhe contamos como eles reviveram seus traumas e acabaram com os diários completamente preenchidos e com o resto da vida — essa coisa imperfeita — à sua frente.

— Parece injusto — comenta Griffin.

— Eu simplesmente não consigo imaginar ver André saindo daquele ônibus — diz Sierra. — Simplesmente deixá-lo ir sabendo que algo está para acontecer com ele.

— Então, não termine o diário neste semestre — sugere Griffin. — Continue insistindo com o detetive, mas não escreva mais uma palavra no seu diário. Por que você se colocaria nessa situação, Sierra?

— Bem, ela precisa fazer isso — digo. — A sra. Q vai recolher todos os diários no último dia de aula.

— Ela terá que arrancá-lo de mim. — Sierra então se levanta de repente e sai com sua bandeja sem nem mesmo se despedir.

Quando ela se vai, Griffin me diz:

— Eu já me decidi. Jamais voltarei à Redoma. Vou entregar o diário para a sra. Q com as últimas cinco páginas em branco e dizer *sayonara*. Eu não posso reviver aquele incêndio, Jam. E toda aquela noite de merda. Meus pais sempre querem me fazer falar a respeito, mas para mim *acabou*.

— Eu acho que o que seus pais querem é que você veja a coisa como um todo.

— Sim, claro.

— É verdade. — Não sei como sei o que sei, mas continuo falando. — Eles não são más pessoas. Eu os conheci. Eles não estão tentando torturá-lo.

— Então, por que insistem em voltar ao assunto?

— Talvez eles precisem que você admita que cometeu um grande erro.

— Não fui eu, foi Alby. — Ele se exime da culpa.

Fico calada. Apenas olho para ele, e Griffin fica incomodado. Ele sabe que não pode despejar toda a culpa no seu amigo Alby, e sabe que eu sei que ele não pode fazer isso. Griffin também estava lá, ele fumou um baseado num celeiro repleto de palha e cabras. Era o seu celeiro, as suas cabras; ele era o responsável por si mesmo e por seu amigo.

Ele parece ainda mais inseguro e diz com a voz rouca:

— Eu não sei como pedir desculpas.

— Sim, você sabe.

— Provavelmente vou cair no choro ou algo assim. Isso seria patético.

Provavelmente ele *choraria*. Ele precisava ver o estrago e admitir sua parte da culpa, mesmo não tendo sido de propósito, mesmo não sendo ele uma pessoa *má*. Foi apenas o descuido idiota de um adolescente. Um acidente.

Ele precisava sentir tudo de novo e não se desligar do jeito que fez depois que aquilo aconteceu. Ele teria que ficar doidão com Alby mais uma vez, ir dormir e acordar no meio da noite com cheiro de fumaça e ver todas as cabras mortas, inclusive Ginger, sua favorita. E ele teria que sentir a raiva dos seus pais e assumir a responsabilidade.

— Vá até lá — insisto. — Simplesmente faça o que tem que fazer. Então volte, ligue para os seus pais e diga o que você precisa dizer. Então talvez você possa voltar a amar suas cabras. As que morreram e as substitutas. E Frankie, o novo cabrito.

Pela primeira vez nesta conversa, Griffin sorri de leve.

— O cabrito que você ajudou a parir. Minha namorada, a obstetra de cabras.

Minha namorada. As palavras são surpreendentes. Não posso ser namorada dele. Eu amo outra pessoa. Alguém muito diferente. Mas, sempre que estou sozinha no meu quarto, me embrulho no casaco de Griffin.

Griffin concorda em voltar para a Redoma no início daquela noite, antes do início do concerto de inverno, quando cantarei com as Meninas Cantoras.

— Quando você me encontrar depois do concerto, estará feito — diz ele.

Ele não quer ter que esperar até muito mais tarde, quando seu companheiro de quarto, Jack, estiver dormindo, como quase sempre está. Em vez disso, sem

ser visto, Griffin se fechará no armário do quarto, entre pares de tênis, botas úmidas, jaquetas e casacos amarrotados. Então, sob a luz fraca da lâmpada, escreverá no seu diário e desaparecerá em outro mundo mais uma vez.

Digo-lhe que estou muito feliz por ele ter decidido fazer isso. Que acho que essa é uma ótima ideia.

— Se é tão boa assim — ele diz — então faça você também.

— Ainda não — é tudo o que eu declaro.

À noite, o auditório está todo decorado para o concerto de inverno, com pequenas luzes espalhadas ao redor e enfeites nos corredores. Espero nos bastidores com as outras Meninas Cantoras durante a apresentação da banda de jazz e do dueto de violão que vem a seguir. Todas nós do coral vestimos blusa branca, saia preta e salto alto. Pouco antes de entrar em cena, olho no espelho e percebo que pareço um pouco mais velha do que quando cheguei aqui. Meu cabelo está mais longo do que jamais esteve, na metade das costas, e meu rosto parece mais anguloso.

Sierra entra no palco usando collant e uma saia de bailarina de seda preta. O programa a anuncia como solista da peça *Uma dança para André*, que eu a vi ensaiar diversas vezes. Agora, enquanto o professor de música a acompanha ao piano, Sierra volta a realizar aquela dança, às vezes se arrastando como uma pessoa que está meio morta de tristeza, outras vezes movida por uma esperança maníaca. Ela também faz alguns movimentos de hip-hop numa homenagem ao estilo de dança do irmão. No fim, quando se curva diante do público, os aplausos se estendem por um longo tempo. Sierra corre até os bastidores, onde eu a estou esperando. Nós nos abraçamos e seu corpo está quente pelo esforço.

— Você arrasou! — elogio. — Você tem um talento enorme.

Eu sei que Sierra vai longe na vida.

Por fim, é a vez das Meninas Cantoras se apresentarem, e, embora eu não tenha ilusões sobre quão talentosas *somos* (de medianas a acima da média), entramos no palco em fila única e nos posicionamos sob a luz dos refletores. Apesar de todas as minhas queixas a respeito do coral, estou realmente animada, e embora eu não consiga ver nada além do palco, sei que Griffin está ali em algum lugar.

Mais tarde, ele vai me contar tudo sobre sua última visita à Redoma e eu o elogiarei pelo que fez. Mas agora ele vai ter a chance de me ouvir cantar, e talvez fique um tanto impressionado. Gostaria que Reeve também pudesse me ouvir. Mas ele jamais poderá, e de fato nunca saberá muita coisa a meu respeito.

Adelaide nos rege ao longo de três músicas, terminando com o canto gregoriano acelerado com batida de rap. Na plateia, vários rapazes mais jovens começam a uivar e a latir, e começam a bater com os pés no chão. Esta sala abriga duas centenas de pessoas extremamente frágeis e altamente inteligentes, e estamos afastados das nossas famílias, das nossas vidas normais, da tecnologia e da civilização já faz tanto tempo que começamos a não caber mais dentro de nós mesmos. As batidas com os pés ficam cada vez mais fortes, estremecendo o chão do auditório, como se estivessem tentando fazê-lo desabar sobre nossas cabeças.

18

Muito mais tarde, depois de ponche e biscoitos na recepção, depois de Griffin me dizer que foi para a Redoma pela última vez e que foi difícil, mas que acha que está tudo bem agora, depois de ele e eu ficarmos abraçados na noite fria até um professor nos separar, durmo um sono tão profundo que chego a deixar um pequeno círculo de baba no travesseiro.

Tudo está aumentando de velocidade e intensidade, e preciso ficar inconsciente. Sem Griffin, sem Reeve, sem a Redoma, sem o fim do diário, sem vontade de reviver aquele dia terrível em Crampton. Apenas dormir. Dormir com uma poça de baba no travesseiro, até vozes irromperem e me acordarem de repente.

— Alguém chame a enfermeira. Ficarei com ela! — ouço Jane Ann gritar.

Eu pulo da cama e saio correndo do meu quarto para ver o que está acontecendo.

— É Sierra — diz Maddy do outro lado do corredor. Ela está cercada por um bando de meninas preocupadas e ansiosas.

— Como da última vez? — pergunto.

— Não, não é um pesadelo — explica ela. — Ouvi dizer que ela está mal. Teve uma *convulsão* ou algo assim.

Subo a escada de dois em dois degraus. Há várias meninas junto à porta de Sierra e abro caminho mesmo quando uma veterana mandona fala:

— Jam, você não pode entrar aí…

Mas eu entro. O quarto está escuro e Jane Ann e Jenny Vaz, a colega de quarto de Sierra, estão ao lado da cama. Sierra está sentada com os olhos abertos, olhando para a frente. Uma das suas mãos está no ar, movendo-se de um lado para o outro.

— Sierra! — chamo. Não há resposta. — Sierra, é *Jam* — grito no seu rosto. Mais uma vez, nenhuma resposta, então eu me volto desesperada para Jane Ann e pergunto: — O que há de errado com ela?

— Não sabemos ainda.

— Sierra! — Tento outra vez, mas ela não responde. — Ora, vamos lá, Sierra — chamo com a voz mais suave. — Por favor, não faça isso. O que quer que esteja acontecendo com você, pare agora mesmo, está bem?

Então eu penso, *e se isso de algum modo tiver a ver com a Redoma?* Tateio ao redor da cama e levanto o cobertor, mas o diário não está lá.

— Sierra, preciso de você aqui. Ora, *vamos*. — Percebo que começo a chorar, e logo não consigo parar.

Jane Ann é obrigada a se aproximar, me abraçar e me afastar dali.

— Querida, vai dar tudo certo.

— Mas por que ela não pode me ouvir? — pergunto enquanto Sierra continua no seu transe espasmódico, o rosto inexpressivo, a mão em movimento.

— Eu não sei. Mas tenho certeza de que os médicos vão descobrir.

— Mas e se eles *não* descobrirem?

Jane Ann responde, um tanto severa:

— Não há razão para acreditarmos que isso vai acontecer.

Mas ambas sabemos que o que há de errado com Sierra é muito sério. Minhas lágrimas continuam a rolar e eu começo a falar de forma obsessiva. Digo para Jane Ann:

— Eu tinha muito mais afinidade com ela que com Hannah Petroski. Muito mais. Era uma amizade muito profunda. Nós compartilhamos coisas. Nossos sentimentos reais. Nunca senti isso antes, não neste nível.

E Jane Ann diz:

— Eu sei — embora ela obviamente nunca tenha ouvido falar de Hannah Petroski e não tenha ideia do que estou falando. Eu a deixo dar tapinhas nas minhas costas e me dizer palavras amáveis e maternais. Logo a enfermeira entra correndo no quarto e eu rapidamente saio do caminho.

Vejo quando ela retira alguns objetos da sua bolsa preta e se agacha ao lado de Sierra. Primeiro, verifica seus olhos com uma lanterna. Então, envolve o braço de Sierra com um medidor de pressão e aperta aquela bombinha, e, em seguida, tira sua temperatura com um termômetro de ouvido.

— Sierra, você tomou alguma droga? — grita a enfermeira. — Em caso afirmativo, qual? Ecstasy? Ketamina? pcp?

— Ela não toma drogas — eu a interrompo. — Sierra odeia drogas.

Quando a enfermeira termina, balança a cabeça e franze a testa. Em seguida, murmura para Jane Ann algo que não consigo ouvir e atesta afinal:

— Vou chamar uma ambulância.

Jane Ann me deixa ficar com Sierra até a chegada da equipe que irá levá-la ao hospital local.

— Eu sei que você realmente a ama — diz ela enquanto dou tapinhas no ombro de Sierra e, ocasionalmente, seguro sua mão que não está se movendo.

— Eu a amo — respondo. Mas já estou pensando: *eu a amei*.

Nunca vi uma pessoa desaparecer tão profundamente dentro de si mesma. Quando os paramédicos chegam, eles a baixam sobre uma maca e atam as correias com pressa. Sierra não resiste e quase não parece perceber que está sendo levada. Seus braços estão imobilizados ao seu lado. Percebo um movimento sob o cobertor e me dou conta de que a mão de Sierra ainda está se movendo ali embaixo.

Jane Ann me diz que eu não tenho autorização para entrar na ambulância e que agora devo voltar para a cama.

— Prometo lhe dar notícias assim que souber de alguma coisa — promete.

Mas ela ainda parece muito preocupada quando manda as outras meninas voltarem para a cama. A colega de quarto de Sierra está no corredor, de modo que fico sozinha no quarto mais alguns segundos, olhando em torno. Vou até a cama de Sierra e olho no vão entre o colchão e a parede. É estreito e escuro e não consigo ver nada. Enfio meu braço na fresta e meus dedos se arrastam sobre o chão de madeira empoeirado. De repente, toco alguma coisa.

É macio e frio e antes mesmo de puxá-lo para cima sei que é o diário.

Penso que é possível que ela estivesse escrevendo nele pouco antes da convulsão. Será que algo deu muito errado na Redoma? Será que é isso? Estou louca de vontade de ler o diário agora, mas sei que devo sair daqui. Eu o coloco debaixo do braço e logo em seguida volto para o meu quarto.

Como por um milagre, dj continua dormindo apesar de toda a comoção. Então, em meio à escuridão, inclinando-me contra o *study buddy* com a luz de leitura ligada, avanço rapidamente pelas páginas do diário de Sierra. Sua caligrafia é tão diferente da minha; parece muito mais madura, as palavras saltando através da página.

Penso: perdoe-me por invadir sua privacidade, Sierra. Mas isto é uma emergência.

Leio até chegar à última intervenção, que naturalmente começa a cinco páginas do fim. Está com a data de hoje à noite. Assim como Casey, Marc e Griffin, Sierra decidiu voltar para a Redoma uma última vez, mesmo sem ter um "plano" de verdade.

Enquanto esteve na Redoma esta noite, ela escreveu sem parar, como sempre fazia, e sua última intervenção descreve o que aconteceu. Sierra foi obrigada a reviver a noite em que André desapareceu, algo que ela afirmou não ser capaz de suportar. Mas quem poderia? Será que a experiência de perdê-lo outra vez a deixou em estado de choque? Numa convulsão permanente?

Vejo que ela preencheu o diário até a última linha e que não há espaço sobrando.

Seu diário terminou. Isso é exatamente o que Sierra disse que não queria fazer, e ainda assim ela o fez. Forço os olhos na escuridão e leio o último parágrafo:

Ele se levanta de súbito e tenta sair do ônibus, exatamente como aconteceu. Agora, porém, em vez de dizer: "Tudo bem, compre a massa para biscoito", digo: "Não. Faremos biscoitos de chocolate outra hora". E a luz escurece do modo como sempre acontece por aqui, mas agarro o braço de André e não o deixo descer. Preciso saber se isso vai funcionar; é a única coisa que me ocorre. Na aula de dança, improvisamos, e isso é como um improviso. Eu ainda o estou segurando agora e vamos ver o que acon

E aí termina, bem no meio de uma frase. Bem no meio de uma palavra.

Será que foi *isso* o que aconteceu? Quando seu diário acabou, Sierra se agarrou a André e conseguiu ficar na Redoma?

Claro. Ela ainda está lá agora. Sua mão não está se movendo devido a uma convulsão. Está se movendo porque, de algum modo, ela ainda está escrevendo no diário, ou, ao menos, escrevendo no ar.

Sierra tentou uma experiência desesperada na Redoma; quando a luz diminuiu de intensidade, ela se recusou a largar a mão de André. Ela não o

soltou nem mesmo quando sentiu aquela forte sucção puxando-a para fora na Redoma, de volta a este mundo. Ela conseguiu segurar André com uma mão. A outra ainda está escrevendo num diário imaginário, escrevendo e escrevendo muito tempo depois de o diário de verdade ter sido preenchido.

Enquanto continuar fazendo isso, talvez ela possa ficar lá com ele para protegê-lo. Ele nunca sairá daquele ônibus. Nem ela.

Sierra não terá que passar de novo por seu próprio trauma, assim como Casey, Marc e Griffin passaram pelos deles. Mas ela também terá que ficar lá com André para sempre.

Sierra está na Redoma para valer, abrindo mão da chance de ficar mais velha, dançar, ter experiências e explorar todas as possibilidades do mundo. Deste mundo, não do outro.

Fico agitada o resto da noite, rolando na cama, virando o travesseiro, sem saber o que fazer. Ao amanhecer, finalmente tenho uma ideia e fico tão animada que desço correndo a escada e vou até o telefone público. Ligo para o hospital e peço para falar com alguém a respeito de Sierra Stokes, que foi internada ontem à noite.

A enfermeira que atende é muito gentil, e nem mesmo pergunta se sou da família. Para a minha surpresa, ela concorda com meu pedido incomum e muito específico.

— Claro, querida — diz ela. — Vale a pena tentar. Realmente não sabemos o que está acontecendo com essa garota.

Então, ela baixa o telefone no balcão do posto de enfermagem e passa muito tempo. Por fim ela volta à linha e me diz que fez o que eu pedi, mas que não deu certo. Ela foi até o quarto de Sierra, aproximou-se da cama e, seguindo minhas instruções, gritou: “Sierra, saia da Redoma!”.

Eu tive a ideia de tentar isso porque me lembrei que, quando fiquei presa naquela horrível versão caprina da Redoma quando escrevi no diário de Griffin, ele gritou algo para mim do tipo: “Saia da Redoma!”. E *funcionou*.

Mas a enfermeira não obteve nenhuma resposta. Nenhuma volta repentina ao estado de alerta. Nada registrado no monitor.

— Desculpe, querida — diz ela ao telefone. — Não deu certo.

Fico sem ideias.

Pela manhã, o campus está sombrio, todo mundo cochichando no café da manhã sobre a coisa terrível que aconteceu com Sierra Stokes na noite passada. Corre um boato de que Sierra teve uma overdose de Xanax e precisou fazer uma lavagem estomacal.

Em seguida, começa a circular outro boato, o de que Sierra teve uma "séria convulsão" e sofreu dano cerebral permanente. Na fila para o mingau de aveia, todos estão falando sobre a grande perda que isso representa. Sierra era uma menina tão talentosa e inteligente, dizem, usando o verbo no passado. Uma dançarina incrível. Tão esperta. Uma verdadeira vencedora.

Tenho vontade de gritar na cara deles: "Calem a boca, vocês não sabem o que estão falando!".

Algumas meninas choram e se abraçam, embora a maioria delas conheça Sierra apenas de modo superficial, porque ela não se abria com ninguém a não ser conosco. No refeitório, olho para Marc, Casey e Griffin, vou até cada um deles em particular para sussurrar exatamente o que descobri.

— Ela ficou lá — digo. — Ela se agarrou a André. Ela está lá agora.

Explico tudo e, assim como eu, a primeira reação deles é de choque. Mas também entendem por que ela fez isso.

Depois do almoço, o dr. Gant convoca uma reunião especial com todo o corpo discente. Ele, a enfermeira e alguns professores se levantam e nos dão uma palestra sobre confiarmos no companheirismo e na força uns dos outros quando algo difícil acontece. Eles nos lembram que também estão aqui para nos apoiar. Quando a inútil reunião termina, estamos tão atrasados que o dr. Gant cancela todas as aulas do primeiro tempo.

Já que não haverá aula de Tópicos Especiais hoje, nós quatro que estamos de castigo temos a oportunidade de nos reunir ao ar livre sob um trecho de sol frio para conversarmos um pouco durante o resto do tempo livre.

— Eu não a culpo por ter feito isso — diz Marc de imediato. — Faz sentido.

— Também não a culpo — concorda Griffin. — Voltar pela última vez é difícil para qualquer um. Foi difícil para mim.

— Você é misterioso — comenta Casey. E eu me lembro de que Griffin não

contou para ninguém além de mim o que aconteceu com ele no passado. Ninguém mais sabe sobre o incêndio, ou como é sua versão da Redoma. Também conhecem muito pouco sobre mim e sobre meu passado. Griffin e eu permanecemos muito vagos, e os outros têm tolerado. Sou-lhes grata por isso.

Mas Sierra nos contou toda a história.

— Acho que ela fez a coisa certa — diz Griffin.

— Simplesmente não consigo imaginar que ela não está mais aqui. Minha voz falseia. Estamos falando de Sierra como se ela estivesse morta, como se tivesse tirado a própria vida.

Griffin me abraça e eu penso que, ao contrário de Sierra, ele está aqui comigo e não irá a lugar nenhum. Mas não consigo acreditar nisso integralmente. Às vezes achamos que as pessoas estarão ali para sempre e então de repente as perdemos.

À noite, depois de um dia em que nenhum de nós é capaz de se concentrar, nossa turma é levada ao centro da cidade numa van para ir à festa de aposentadoria da sra. Quenell, que será realizada no restaurante de um grande e antigo hotel chamado Braços Verdes da Montanha. Sierra estava muito ansiosa para comparecer a esta festa. Ela disse que estava feliz por ter a oportunidade de se vestir e andar pelo salão como uma pessoa normal numa festa normal.

Eu esperava ansiosa pela comida. Estou farta das refeições do Celeiro. Basicamente comemos quinoa o tempo todo. E eu gostei da ideia de homenagear a sra. Quenell. Todos tivemos permissão especial para deixar nossos quartos à noite, apesar do castigo. Agora, é claro, nenhum de nós está em clima de festa. No entanto, aqui estamos.

O hotel é imponente e grandioso. Nossa professora também está muito bem-disposta enquanto recebe os convidados à entrada do restaurante iluminado. Veste uma blusa de seda vermelha e um colar de esmeraldas. Cores natalinas.

— Meus alunos maravilhosos. — Ela abraça cada um de nós. Atrás dela, vejo o brilho das velas e da prataria. Os garçons circulam com bandejas de canapés, e embora eu esteja vestindo minhas melhores roupas — entre as únicas boas roupas que trouxe comigo —, sinto-me estranha e infeliz por estar aqui nesta festa, que é basicamente uma sala repleta de professores bem vestidos.

— Entrem, não sejam tímidos — convida a sra. Quenell. — Comam muitos canapés. Levem um pouco para os seus pobres colegas nos dormitórios.

Mas nós hesitamos à porta e ela diz, com tranquilidade:

— *Eu sei*.

Uma pausa. *O que* ela sabe? É claro que sabe que Sierra está doente, mas será que ela sabe mais que isso?

Ela olha para nós.

— Eu sei como é difícil para todos vocês participar de uma festa quando Sierra está doente. Também estou pensando nela esta noite. Por favor, saibam disso.

Mas ela não sabe o que nós sabemos, ao menos eu não acho que saiba. Sierra tomou sua decisão e, embora, sim, estejamos todos chateados, nós a compreendemos e respeitamos. Tudo o que podemos fazer agora é agradecer à sra. Quenell e entrar. Griffin para um garçom com uma bandeja de folhados. O pessoal do serviço foi instruído a não nos servir nenhuma bebida alcoólica, de modo que tudo o que nos é oferecido é "água com gás".

— Desde quando sal de frutas virou água com gás? — pergunta Griffin.

— Ah, por volta da mesma época em que a palavra "impacto" se tornou verbo — diz a sra. Quenell com um sorriso antes de nos deixar para cumprimentar alguns convidados recém-chegados.

Enfio um canapé inteiro na boca. Nem mesmo sei do que é feito — talvez ostras com requeijão? —, mas deve ser a melhor coisa que já comi até hoje. Não me dei conta do quanto sinto falta de alimentos "de verdade". Penso na excelente culinária do meu pai, no tolo avental "Papai Chef" que ele usa, e como meu pai sempre deixava Leo colocar o espaguete na água fervente quando meu irmão era pequeno.

Leo. Meu pai. Minha mãe. Imagino minha família reunida na cozinha de casa, numa vida da qual eu costumava fazer parte e já não faço mais.

— Quero falar com você. — Griffin me puxa tão subitamente para um canto da sala que minha água com gás derrama pela borda do copo. Quando nos sentamos num sofá, ele diz: — O diário de todo mundo está completo, menos o seu.

— Eu sei. — Minha voz soa baixa e envergonhada.

— Estamos entrando de férias, Jam.

— Eu sei.

— Vá e diga adeus para ele. Faça isso logo.

Há um silêncio terrível. Não consigo falar.

— Você não quer ficar comigo? — pergunta Griffin.

Claro que quero. Griffin e seus casacos macios e surrados. O modo como ele sente as coisas, o quanto gosta de mim. Concordo com um meneio de cabeça, mas não posso lhe dizer que ainda desejo aquele garoto inglês divertido e irônico de suéter marrom que com certeza está me esperando ansioso na Redoma, sem saber o que está me atrasando ou se voltarei algum dia.

Griffin só quer que eu vá até lá e acabe logo com isso. Vá até lá e termine tudo.

Mas e se eu for até lá para acabar com isso e perceber que não consigo? Agora, todos sabemos que há um modo de ficar. Sierra se agarrou a André e não o soltou quando a luz escureceu. Eram como duas pessoas fazendo uma corrente humana durante um furacão, protegendo-se para não serem arrancadas e dilaceradas.

Eu poderia ir até lá e fazer o mesmo.

A ideia começa a tomar forma quando me sento no elegante sofá da festa chique com um guardanapo amassado nas mãos. Eu gostaria de poder pegar um dos drinques rosa-claros que os garçons estão servindo aos professores, que, a meu ver, estão começando a ficar um tanto bêbados, suas vozes cada vez mais altas. Ouço o professor de Latim, em geral tímido, começar a *berrar*. As bebidas são cosmopolitans — o que é muito irônico, já que estamos na Vermont rural, que não é exatamente o lugar mais cosmopolita do mundo. Se eu pudesse pegar um drinque, eu o entornaria de uma vez, talvez até tomasse um segundo, e então me sentiria mais segura para decidir se devo voltar e ficar na Redoma.

— Então, você vai acabar com isso? — insiste Griffin.

Eu concordo com um leve aceno.

— Você promete, Jam?

Aceno outra vez.

— *Aí* estão vocês. — A sra. Quenell aparece ao nosso lado. — Venham dizer olá para o dr. Gant.

Griffin e eu nos levantamos com relutância, e vemos todos os alunos de Tópicos Especiais desconfortavelmente reunidos com nosso professor e diretor.

— John, você devia saber que este é, talvez, o grupo de alunos mais talentosos para quem já lecionei. — A sra. Quenell informa.

— Isso significa muito, Veronica. — Ele olha para nós e afirma secamente: — Espero que estejam gostando de ser "libertados" esta noite.

Nós assentimos.

— Bem — continua o dr. Gant —, quando vocês voltarem do feriado de Natal, em janeiro, estarão anistiados.

Em janeiro, é claro, Tópicos Especiais já terá terminado há semanas. O que quer que aconteça comigo já terá acontecido.

Alguém chama a atenção de todos e os convidados se reúnem. Vários brindes são erguidos. Alguns professores contam piadas internas a respeito da sra. Quenell e fazem citações dos livros que ela adora.

Uma senhora que trabalha como cozinheira se levanta e diz que a sra. Quenell sempre foi educada com o pessoal da cozinha.

— Ela sempre separa os pratos e talheres — afirma —, ao contrário de *certas* pessoas.

Sim, a sra. Quenell é boa. Ela é boa e gentil e espera o máximo de nós. Mas, acima de tudo, ela ainda é um mistério.

O que ela sabe de fato? Será que algum dia isso será revelado? Logo as aulas acabarão, as férias de inverno terão início e, quando voltarmos em janeiro, a sra. Quenell terá ido embora. Alguma nova família com filhos pequenos se mudará para a casa dela, e provavelmente um balanço será instalado no quintal.

De repente, Casey bate com uma colher num copo e todos olham surpresos para a pequena menina na cadeira de rodas. Ela desdobra um pequeno quadrado de papel sobre o colo.

— Eu só quero dizer — ela lê em voz alta — que participar da aula de Tópicos Especiais em Inglês significou tudo para mim. — Ela para, ergue os olhos do papel. — Estamos chocados com o que aconteceu com Sierra. Mas, por sua causa, somos um grupo unido, sra. Q. Lembra-se daquilo que nos disse no início do ano? Como devemos cuidar uns dos outros?

Olho para a sra. Quenell, que assente com um meneio de cabeça. Ela está

absolutamente concentrada em Casey, do jeito que sempre se concentra em cada um de nós quando falamos ao redor da mesa de carvalho oval na sala de aula. Como se nós fôssemos as únicas pessoas do mundo para ela. Algo irrompe dentro de mim e sinto vontade de chorar.

— Creio que fizemos o que pediu, sra. Q — continua Casey. — O que incluiu cuidar de Sierra. Contudo, penso que existem alguns lugares aonde uma pessoa pode ir e onde ninguém é capaz de segui-la. Às vezes nos resta confiar que ela saiba o que está fazendo.

Nada disso está escrito no pedaço de papel de Casey. Ela está improvisando, tentando dizer algo à sra. Quenell sem precisar expressá-lo em voz alta: se você sabe a respeito dos diários, então você também deve saber que Sierra foi até lá, e lá ficou. Ela fez isso de propósito. E talvez isso não seja a pior coisa do mundo, porque ela está com o irmão agora.

— A sra. Q é uma professora maravilhosa — prossegue Casey, voltando a olhar para o papel. — No começo, eu a achei muito rigorosa. Mas estou realmente grata que tenha sido assim. Porque aprendi muito com isso, assim como com todas as nossas discussões em sala de aula, que podem ser *ferozes*. E, é claro, com os diários.

Ela sutilmente menciona os diários, para ver se consegue provocar alguma reação na sra. Quenell. Mas isso não acontece. Nem mesmo um lampejo.

— Sei que estou falando em nome de toda a classe ao dizer que a senhora fez a diferença. — Casey encerra o discurso.

— Um brinde, um brinde! — grita o professor de Latim. Em seguida, todos os professores erguem suas taças e bebem em homenagem à sra. Quenell, embora eu tenha certeza de que nenhum deles faz ideia do que Casey estava realmente tentando dizer.

19

Nos dias que se seguem, levo meu diário a todos os lugares, como se estivesse com medo de que alguém o roube ou que eu o perca e nunca mais possa voltar a ver Reeve. Apesar do que prometi para Griffin, ainda não estou pronta para ir à Redoma pela última vez. Estou esperando porque estou dividida.

Metade de mim quer ir para lá, fazer a ruptura, deixar Reeve de vez, e voltar para Griffin. A outra metade pensa: que se foda, vou ficar com Reeve. Apenas nós dois no nosso território neutro, nos abraçando no campo. O suéter de lã marrom. Os lábios ondulados. O modo como brincamos, e, em seguida, ficamos sérios e nos deitamos lado a lado, voltados um para o outro. Os braços longos de Reeve, e todo o seu corpo, esbelto, familiar, magnetizado contra o meu. Podemos ter isso para sempre. Sem estresse, sem mudança, sem problemas, e ninguém mais para complicar nossa vida simples.

Não sei qual metade de mim prevalecerá, e não saberei até que vá para lá. Mas eu tenho de ir até a Redoma, de um modo ou de outro. Se eu entregar o diário com as últimas cinco páginas em branco, então estarei deixando Reeve num estado de espera permanente, o que seria uma tortura para ele e para mim.

Sempre que vejo Griffin andando sozinho pelo campus, os ombros curvados, o longo cabelo louro soprado pelo vento, suas botas deixando marcas profundas na neve, eu aceno e corro até ele, aliviada. Ninguém na minha turma ficou tão paralisado quanto eu a respeito da decisão de fazer a última viagem à Redoma; todos acabaram indo até lá e fazendo o que tinham de fazer.

Eu sou diferente.

— Já foi? — pergunta Griffin quando estamos juntos em certo fim de tarde azulado, sob uma árvore repleta de pingentes de gelo. Quando não respondo, ele diz: — Você não está pensando em fazer o mesmo que Sierra, não é? É melhor que não faça isso.

Penso em Reeve agora na Redoma, um lugar onde não há pingentes de gelo nem neve. Imagino-o sentado ao meu lado naquele dia na aula de Artes, e como eu o desenhei. E, então, como nos beijamos na festa, junto à casa de bonecas. E

como ele me mostrou o esquete do Monty Python. Como ele me deu um pote de geleia por causa do meu nome. Como nos encaixamos.

Irei para a Redoma quando as luzes se apagarem, decido de repente. Não sei se voltarei ao Celeiro.

De súbito, fica muito frio aqui fora, debaixo das árvores congeladas, e preciso voltar para dentro.

— Irei até lá hoje à noite — prometo para Griffin.

No jantar, sentada numa mesa barulhenta, mal consigo comer o monte de macarrão gravatinha que tenho no prato, e me mantenho calada. Griffin percebe e me dá um pouco de espaço. Ele está sentado junto com alguns rapazes numa mesa do outro lado do refeitório e lentamente ergue a mão para acenar para mim. Também ergo a minha. Não tiramos os olhos um do outro e balanço a cabeça para ele, como se dissesse: não se preocupe, farei o que prometi.

Então, afinal, chega o fim do longo dia. dj e eu estamos deitadas na cama antes de ir dormir, quando ela diz:

— Aquilo em que mais penso a respeito da vida adulta é que as luzes nunca se apagam. Ao menos não de um modo *compulsório*. Parece ótimo, não é mesmo?

— Sim, é verdade — concordo.

— Você toma suas próprias decisões. Estarei absolutamente pronta para isso — acrescenta, e boceja um grande e despreocupado bocejo de dj.

Eu não estou pronta para tomar minha própria decisão a respeito de Reeve, mas tenho que fazer isso.

— Dá para acreditar que o semestre está quase acabando? — continua dj. — As pessoas dizem “O tempo voa”, e eu fico, tipo, “Não diga”.

— Eu sei. É incrível como passou rápido.

Nós nos acomodamos na cama no escuro e de repente eu digo para ela:

— Você tem sido uma boa colega de quarto, dj.

— Obrigada, Jam. E você também não se revelou uma assassina do machado. Mas ainda não acabamos. Ainda temos o próximo semestre.

— Sei disso — afirmo. Mas talvez eu nunca mais a veja. Nesse caso, boa sorte na vida. Espero que você e Rebecca fiquem juntas por muito tempo, ou

para sempre, se é o que desejam. Espero que você continue a superar todos os seus problemas alimentares. Espero que desfrute do fato de que na vida adulta as luzes não se apagam. Espero que você tenha a chance de fazer tudo o que quer fazer, porque você merece tudo isso.

Espero que ela adormeça e escuto sua respiração ficar regular e barulhenta como é do seu costume. Então, sentindo-me amedrontada e solitária, mas me contendo o melhor possível, eu me sento e me recosto no meu *study buddy*, pouso o diário sobre o colo e acendo a luz de leitura.

Reeve está esperando por mim há muito tempo; eu me pergunto o que ele pensa que aconteceu.

Sinto a fria capa de couro do diário sobre meus joelhos. Há cinco páginas em branco e cuidadosamente escrevo no topo da primeira:

Enfim, estarei com ele outra vez.

E, então, estou lá. Agora, porém, não há braços ao meu redor. Eu não o estou abraçando e ele não está me abraçando. Em vez disso, sinto só o vento, que sopra com mais força que o habitual. Lembro-me de que havia um vento forte no último dia em que estive com Reeve, em Nova Jersey. Quando saí de casa naquela manhã para pegar o ônibus escolar, minha mãe gritou: “Pegue um gorro!”. Mas eu a ignorei porque odeio cabelo de gorro. Toda aquela eletricidade estática pairando ao redor da sua cabeça com um estalo. Saí correndo no frio, sem gorro e excitada, sem saber que tudo mudaria naquele dia.

Que eu o perderia.

Agora, os campos e as quadras na Redoma estão vazios e silenciosos.

— Reeve? — chamo timidamente, mas ele não está em lugar nenhum. Algo não está certo, e eu começo a andar mais rápido pelo campo. Então eu me lembro de que Casey disse que quando voltou à Redoma pela última vez foi exatamente como no dia em que aconteceu aquela coisa horrível com ela. Ela teve que viver tudo de novo.

É verdade. Isso aqui é como meu último dia com Reeve. Está começando de novo, de forma automática, agora que há apenas cinco páginas livres no meu diário. Não preciso fazer outra coisa a não ser aparecer aqui; tudo está

começando por conta própria.

Não estou pronta para isso. Por que pensei que estava? Tudo que posso fazer é caminhar sobre a grama numa marcha inevitável rumo a algo ruim, do modo como fiz naquele último dia em Nova Jersey. Eu caminho em direção à conclusão da minha própria história, e não há nada para ver adiante, até que, de repente, lá está.

Há alguém ao longe. Ao chegar mais perto, vejo que na verdade são *duas* pessoas abraçadas. Uma menina e um menino, o cabelo dela esvoaçando ao redor dos dois. O rosto dele está enfiado no pescoço dela, que está com a cabeça inclinada para trás. Ele ri enquanto a beija.

Sinto minha mandíbula travar, meus dedos endurecerem de tensão. Desejo poder estalar os dedos, cada estalo tão alto quanto um tiro de advertência. Eu continuo andando em direção a eles. Eu sei por que a menina está aqui, embora realmente não queira saber.

"Às vezes é mais fácil inventar uma história para nós mesmos", disse o dr. Margolis com uma voz gentil que me deu vontade de dar na cara dele, no dia em que meus pais me levaram ao seu consultório. Eu não queria ouvir uma palavra do que ele dizia.

A menina no campo me vê agora e diz algo para o garoto, que se volta na minha direção.

É Reeve. Reeve Maxfield estava beijando Dana Sapol, a garota que me odiava desde que descobri que ela tinha esquecido de vestir a calcinha naquele dia no segundo ano. Quero dizer, que tipo de pessoa doente guarda um rancor assim? A esta altura, é claro, não se tratava mais da calcinha. Ela nunca foi legal comigo até descobrir que Reeve gostava de mim. Então me convidou para a sua festa, onde beijei Reeve junto à casa de bonecas da sua irmã, Courtney. A festa em que ele me deu o pote de geleia.

Embora sinta que minha cabeça pode explodir ao ver Reeve e Dana juntos, ainda estou equilibrada o bastante para continuar a caminhar na direção deles. E, em vez de parecer culpado, chocado ou dizer algo como: "Eu posso explicar", como fez o pai de Marc quando foi pego com aquele vídeo pornô estrelado por ele mesmo, Reeve continua abraçado a Dana, e ela a ele, puxando a manga do seu suéter marrom.

Eles olham para mim e Dana diz em meio a um sorriso:

— Ora, ora, veja o que temos aqui.

— Seja legal — pede Reeve.

Eu não sabia o que fazer quando isso aconteceu naquele dia em Nova Jersey, no mundo real. Eu simplesmente não sabia o que fazer. O menino que eu amava abraçado com aquela garota malvada não fazia nenhum sentido.

— Reeve — digo para ele agora, da mesma forma como disse naquele dia. — O que você está fazendo?

— Ora, vamos, Jam — ele murmura.

— Mas eu pensei… — falei num fio de voz.

— Você pensou o quê? — Seu sotaque está tão britânico quanto antes, mas ele parece exasperado, como se quisesse que eu acabasse de dizer o que tinha a dizer. Então ele também poderia dizer o que tinha a dizer e acabaríamos logo com aquilo.

— Pensei que estivéssemos juntos — declaro em tom de súplica.

Dana Sapol emite um som como o de uma daquelas aves exóticas da loja de animais Pet ‘n’ More Pets, no shopping. Reeve aperta o braço dela com mais força, como se para calá-la.

— Jam — diz ele afinal. — Nós não estamos juntos. Você sabe disso, não é mesmo?

— E aquilo que aconteceu entre nós? Naquela noite, junto à casa de bonecas da irmã dela?

— Você sabe o que realmente aconteceu naquela noite. — Reeve não parece estar sendo cruel ou tentando me humilhar.

Eu balanço a cabeça em negativa.

— Eu vou ter que refrescar sua memória? — ele pergunta. — Você não consegue se lembrar?

Fecho os olhos contra o vento, sem olhar para o belo rosto de Reeve e para o rosto cruel e anguloso de Dana. Será que *consigo* me lembrar daquela noite na casa dos Sapol?

No começo não. Só consigo ver aquilo do jeito que sempre vi, todos os detalhes tão bem alinhados quanto uma fileira de pedras polidas. Chegando na festa. Vendo Reeve vestindo sua camisa amarrotada ao lado de outros rapazes.

Atravessando o corredor com ele, onde ele me dá a geleia. Beijando-o e me emocionando profundamente. Deixando que ele me toque debaixo da blusa. Gemendo sob a luz fraca do quarto da irmã de Dana, feliz como jamais me senti.

O que venho fazendo é contar uma "história" para mim mesma, como disse o dr. Margolis.

Contar uma história para si mesma é sempre mais fácil, acrescentou ele.

Sim. Com certeza, para mim é mais fácil. Porque quando deixo de lado a história que venho contando para mim mesma e tento pensar apenas no que é objetivamente *verdadeiro*, mal consigo discernir os fatos. Mesmo assim, recuo na minha mente para muito antes daquela noite na casa de Dana Sapol. Volto para o dia em que conheci Reeve.

Naquele dia, eu estava na aula de Educação Física jogando badminton, e lá estava ele, o estudante de intercâmbio vindo de Londres, usando calções longos e uma camiseta do Manchester United, esquivando-se enquanto as petecas passavam rente à sua cabeça. E, no fim da aula, eu disse para ele:

— Boa estratégia.

Ele me encarou, estreitando os olhos.

— E qual estratégia seria essa?

— Esquiva.

Ele concordou com um aceno.

— Sim, é basicamente assim que tenho vivido até agora.

Nós meio que sorrimos um para o outro, e acabou por ali. Eu o vi na escola durante a semana, e inventei desculpas para falar com ele, e ele inventou desculpas para falar comigo. Foi exatamente assim que aconteceu. Pensei muito nele, e sempre que o fazia eu me sentia leve, animada e hiperalerta.

Então certo dia, no refeitório, Reeve estava sentado com algumas pessoas e, em vez de eu ir me sentar com Hannah, Ryan e Jenna como sempre fiz, acomodei-me na outra ponta do banco onde ele estava sentado. Nenhuma das pessoas à mesa notou minha presença; fiquei ali com meu sanduíche de atum — a comida mais silenciosa já inventada — comendo e ouvindo enquanto ele falava. Reeve era o centro das atenções na mesa porque ele era novidade, bonito, engraçado e falava com sotaque. Dana Sapol também estava à mesa. Acho que ela estava sentada ao lado dele. É difícil para mim lembrar dos detalhes, depois

de tudo o que aconteceu.

— Minha família anfitriã são os Kesman — disse ele para todos. — Gostam de cantar cantigas. Vocês sabem o que é isso?

— Cantigas? — falei de repente, tentando me fazer ouvir em meio ao barulho no refeitório. — Ah, tipo "O cravo brigou com a rosa…".

Mas eu estava do outro lado da mesa, e minha voz não foi tão longe. Ninguém parecia ter notado que eu disse uma palavra, então voltei a mastigar meu sanduíche silenciosamente, tentando fazê-lo durar muito tempo. Ouvindo Reeve falar com aquele sotaque, aquela voz áspera, sentindo como se ele e eu estivéssemos conversando em particular e não houvesse mais ninguém ali.

— É insuportável — prosseguiu Reeve. — Depois do jantar, todos temos que ficar à mesa, e cantamos por horas a fio. Ou talvez pareçam ser horas. Essa é a família mais cafona que já conheci. Todas as famílias americanas são ruins assim?

— Não — falei, alteando a voz. — A minha não é.

Desta vez ele me ouviu e olhou para o fim da mesa.

— Garota de sorte — disse Reeve.

E Dana Sapol acrescentou:

— Sim, Jam Gallahue tem muita sorte. É o que todos pensam a respeito dela.

Ouviu-se um breve murmúrio de surpresa e constrangimento, o que sempre acontecia quando Dana me dava uma cutucada. Todos sabiam que, por alguma razão inexplicável, Dana me odiava. Ao longo dos anos, ela não perdia a oportunidade de me dizer algo casualmente maldoso. Assim, toda vez que isso acontecia, havia essa pausa estranha e desconfortável.

Ninguém entendia por que ela fazia isso. Eu não era uma perdedora. Eu não era como Ramona Schecht, que se sentava sozinha na hora do almoço desde aquele dia no sétimo ano quando foi pega arrancando uma casca de ferida do cotovelo e comendo-a como se fosse uma batata chips.

Reeve era novo na escola e nunca vira Dana tirar sarro de mim. Foi estranho, mas o momento passou. Alguns rapazes se inclinaram sobre a mesa para falar com Reeve e minha visão foi bloqueada. Então, quando eles afinal recuaram, percebi que Reeve já tinha saído do refeitório. O fato de ele ter ido embora sem se despedir de mim não era nada de mais, mas isso fez com que eu me sentisse

abandonada.

Fui até a lata de lixo para jogar fora as cascas do meu sanduíche e as lágrimas nos meus olhos me faziam ver tudo manchado. Uma Hannah borrada surgiu à minha frente e perguntou:

— Por que você não se sentou conosco hoje, Jam? — Eu não conseguia responder. — Qual é o problema? — disse ela. — Jam, você está *chorando*?

Não havia como explicar. Eu gostava muito daquele garoto, mas depois de ele ter sido tão legal comigo naquele primeiro dia em que jogamos badminton, e em todos os dias a partir de então, de súbito ele se tornara indiferente. Será que ele não gostava de mim? Era importante que gostasse.

E depois houve aquele dia na aula de Artes, quando estávamos desenhando paisagens e Reeve veio e se sentou ao meu lado. Bem, certo, na verdade ele só se sentou ao meu lado depois que a srta. Panucci, a professora de Artes com brincos de pingentes, disse:

— Reeve Maxfield, eu o quero separado de Dana Sapol.

Então, Reeve se levantou com seu bloco e seu lápis, e a srta. Panucci apontou para mim e ordenou:

— Vá se sentar ali.

Reeve se sentou pesadamente ao meu lado e a srta. Panucci disse para a classe:

— Sem conversas. Estou falando sério, gente!

Ele se voltou para mim com um sorriso malicioso. O que havia entre nós era especial e sutil. Ficamos em silêncio, sem nos falar, sem nos tocar, mas eu queria que ele me tocasse mais que qualquer coisa no mundo. Eu queria sentir seu ombro contra o meu. Eu poderia fácil, fácil me imaginar beijando-o, sentindo a lã marrom-chocolate do seu suéter, seu rosto brilhante, seu pescoço, sua boca.

Parei de desenhar as colinas ao longe, como deveria fazer. Aquela paisagem era muito entediante e não merecia ser imortalizada. Em vez disso, minha mão que segurava o carvão começou a se mover sobre o bloco como se fosse uma tábua Ouija.

Eu mal sabia o que estava desenhando, até alguém dizer:

— Ei, Reeve, você tem uma admiradora.

O desenho nem era tão bom. Sem querer, me esqueci de desenhar uma

camisa. Apenas desenhei seu rosto e seus ombros nus. Suas clavículas, que é o nome correto das saboneteiras. Eu o fiz parecer um tanto musculoso, apesar de ele ser muito magro. De repente, todos estavam rindo ao meu redor e a srta. Panucci se aproximou, pegou meu bloco e disse calmamente:

— Jam, o que está acontecendo? Você não costuma se exibir. E nem fazer o que não deve.

Eu não conseguia explicar. Eu não podia dizer que nem mesmo *sabia* que estava desenhando Reeve, porque isso não faria sentido para ela. Todo mundo estava rindo e olhando para o retrato seminu do estudante de intercâmbio inglês Reeve Maxfield.

Ele não disse nada para mim. Apenas se levantou e foi embora. Eu o desagradara, o que me deu vontade de arrancar os olhos. Mas talvez, por trás da sua desaprovação, ele também tenha se sentido lisonjeado e excitado. Tinha que ser isso.

Por favor, Deus, faça com que seja isso, pensei, apesar de eu vir oscilando entre acreditar em Deus e ser uma ateia desde que tinha nove anos de idade, quando o pai da minha amiga Marie Bunning teve um ataque cardíaco e morreu. Se de fato houvesse um Deus, eu pensava às vezes, ele nunca teria levado o sr. Bunning, que fazia bonecas de papel para Marie, com trajes de esqui e tudo o mais. Por que Deus não deixou o sr. Bunning na Terra, com as pessoas que o amavam?

Em casa, naquela noite, depois da aula de Artes, eu não queria jantar e meu pai — que gosta de cozinhar pratos com algum ingrediente estranho (“Vocês sentiram o gosto de fundo deste ensopado?”, dizia, com orgulho. “Derramei uma lata de refrigerante Dr. Pepper aí dentro!”) — ficou preocupado.

— O que está acontecendo? — ele e minha mãe perguntaram, mas eu não podia dizer para eles que eu caíra no interior de uma nuvem densa e profunda de sentimento, e que ainda estava em queda livre.

Mais tarde, na cama, fingi que Reeve estava ao meu lado. Senti seus braços e seu tronco delgado. Pela manhã, ao me vestir, foi quase como se ele tivesse sussurrado para mim: “Use o jeans preto. Gosto dele”.

A próxima vez que eu o vi na escola ele não parecia estar com raiva de mim

e fiquei tão feliz que poderia ter saído dançando pelo corredor. E talvez eu tenha mesmo dançado um pouco porque Ryan Brown perguntou:

— O que há de errado com *você*? Você parece hiperativa. Por um acaso você não é hiperativa?

Mais tarde, nos poucos minutos de liberdade entre a aula de História e a de Conversação em Francês, quando Reeve olhou através do corredor, eu tive certeza de que ele estava olhando para mim. Mas talvez não estivesse. É como quando você está num show e acha que o cantor está cantando apenas para você e que todos os outros milhares de adolescentes ao seu redor não existem. Eu estava dentro daquela nuvem de sentimento e não podia ver ou sentir mais nada.

Creio que o dr. Margolis estava certo, e que *de fato* era mais fácil acreditar nessa história porque a verdade era inaceitável para mim. Como naquele dia nos armários, quando Dana Sapol ergueu a cabeça e disse:

— Meus pais e Courtney, a fedelha, vão para a casa dos meus avós neste sábado e, por isso, a festa vai rolar. Você devia vir.

Tudo bem, talvez ela não estivesse falando apenas *comigo*.

Ou talvez ela *não* estivesse falando comigo.

Acreditar que ela estava falando comigo talvez fosse apenas parte da "história".

Em geral, Dana nunca falava comigo, a não ser para dizer algo maldoso, mas eu tentei acreditar que algo mudara, porque é claro que ela percebeu que estava rolando alguma coisa entre mim e Reeve. Finalmente, pensei, Dana não me odiava mais. Meu armário ficava a cinco armários do dela. Jackie Chertoff, que era uma versão menos poderosa de Dana, ficava a dois armários.

— Excelente — comentou Jackie a respeito da festa, e deu um soco no ar.

Comecei a pensar em como seria caso eu pudesse ir a essa festa. Talvez Dana realmente estivesse me incluindo na conversa. Ela sempre teve aquele olhar distante ao falar, como se não conseguisse se comprometer com ninguém. Talvez ela estivesse falando da sua festa para *todos* que estavam nos armários, não apenas para Jackie Chertoff. Na época, aquilo não ficou muito claro para mim. Pensei que talvez eu tivesse sido convidada, e fingi que ser convidada não era grande coisa. Embora, é claro, fosse algo importante.

Então, Dana acrescentou, de forma significativa:

— Os estudantes de intercâmbio mais gostosos estarão lá.

E isso *tinha* que ser dirigido a mim, porque, é óbvio, eu estava muito a fim de Reeve, e todos sabiam disso desde a aula de Artes. Passei a manhã inteira escrevendo seu nome diversas vezes na capa do meu caderno de História, em diferentes estilos: letras bolha, caligrafia inglesa antiga, e até mesmo no alfabeto grego, que pesquisei on-line. Seu nome em grego ficou assim:

Ρεεϝε Μαχφιελδ

Todos sabiam que estava rolando algo entre nós e, para a maioria das pessoas, aquilo fazia sentido, porque, mesmo que eu não fizesse parte do grupo mais popular da escola, eu era uma menina legal, bonita, e tinha um grupo fechado de amigas. Eu não era nada parecida com Ramona Schecht, a Devoradora de Cascas de Ferida. Então contei para mim mesma a história que fora pessoalmente convidada para a festa de Dana Sapol. Eu podia até imaginar um convite, gravado com meu nome na frente, assim como os convites de bar e bat mitzvah que recebia no sétimo ano, que vinham por correio e pesavam uma tonelada. Na minha mente, o convite dizia:

Sua presença é solicitada
Na casa de Dana Helene Sapol
Sábado às oito e meia da noite
Traje: casual embora um tanto safadinho,
porque Reeve estará no recinto
Sem presentes, por favor, já que Dana Helene Sapol
já tem tudo. Além do mais, isto não é um aniversário,
é apenas uma festa de adolescentes chapados
Prepare-se para um importante acontecimento

Fiquei junto ao meu armário me sentindo tão ansiosa que não conseguia nem falar. Fechei silenciosamente a frágil porta de metal e rodei a combinação do cadeado, de modo que ninguém pudesse invadi-lo e roubá-lo — roubar o quê? Meu clarinete? Minha capa de chuva? Não havia nada naquele armário que pudesse interessar a alguém, muito menos a mim. Tudo o que eu conseguia pensar era em estar com Reeve naquela festa, e o que aconteceria ali. Algo

importante.

Recusei a oferta habitual de me encontrar com Hannah e Jenna na noite de sábado. Sem dúvida, a única coisa que faríamos seria clicar num monte de sites diferentes, daqueles em que para entrar é preciso apertar um botão confirmando que você é maior de dezoito anos. Então, iríamos ao Facebook e riríamos das postagens idiotas das pessoas. Assistiríamos tv e pediríamos pizza com borda recheada e *cupcakes* com chocolate derretido, e, por fim, iríamos dormir à uma hora da manhã em sacos de dormir espalhados pelo tapete do escritório dos Petroski, sob o cartaz emoldurado daquela triste lanchonete pintado pelo artista Edward Hopper, onde já dormimos umas mil vezes.

— O que você vai fazer? — perguntou Jenna, quando eu disse para ela e para Hannah que não estaria livre no sábado. — Alguma coisa com sua família?

— Vou à festa da Dana Sapol.

Elas ficaram chocadas.

— Sem ofensa, mas você não pode ter sido convidada para essa festa — retrucou Jenna. — Dana Sapol nunca escondeu seus sentimentos por você, por mais errados que sejam.

— Bem, eu *fui* convidada.

— Mas, mesmo assim, por que você iria? — perguntou Hannah. E eu só consegui olhar espantada para ela.

Por que eu iria? Será que ela não sabe de *nada*?

— Ah — disse Jenna com frieza. — Por causa da sua paixonite.

— Ele não é uma paixonite — falei, também com frieza.

— Supere logo isso, Jam — aconselhou Hannah. — Falo como sua melhor amiga, alguém que se preocupa com você.

Olhei para aquelas duas meninas com quem passei por tanta coisa desde o início dos tempos. Organizamos tantas festas do pijama, passamos tantas horas fazendo chapinha no cabelo e ensaiando passos de dança, tantas tardes sonolentas de sábado no shopping, esperando a mãe ou o pai de uma de nós vir nos buscar na chuva. Mas agora tudo isso me parecia ultrapassado. Elas não entendiam em que ponto eu estava na minha vida. Elas não poderiam ter como saber a ligação que eu tinha com Reeve e como eu tinha que levar isso até o fim.

— A gente se vê por aí. — Eu lhes dei as costas. E, logo em seguida, ouvi as

duas começarem a falar a meu respeito.

20

Na noite da festa, meus pais e Leo me deixaram e seguiram para a sua patética noite de cinema no shopping, e eu entrei na enorme casa dos Sapol. Várias colegas de escola me cumprimentaram, um pouco surpresas ao me verem na casa de Dana. Havia muitas pessoas por lá. Pairava um cheiro de maconha e um fedor de vômito ao fundo, e ainda eram oito e meia. Procurei por Reeve, mas não o vi na hora, de modo que agi com naturalidade, mesmo com meu coração disparado. Sem pensar, abri caminho através de um grupo de pessoas e me aprofundei na festa.

Em meio ao burburinho de vozes americanas, facilmente identifiquei o sotaque inglês de Reeve. Era especial, assim como ele, e atravessava a longa e luxuosa sala de estar da casa de Dana Sapol, o que me levou direto para ele. Lá estava Reeve, junto a alguns rapazes, com uma cerveja numa mão e uma sacola de papel marrom na outra. Todos estavam conversando e brincando, e Alex Mowphry chamou Reeve de babaca, e então Danny Geller me viu e disse:

— Eis a artista que fez seu retrato, Maxfield.

— Vá se foder — xingou Reeve de brincadeira.

— Belo retrato, Picasso — disse Danny para mim.

Eu sabia que, se eu parecesse envergonhada ou aborrecida, ele me provocaria ainda mais. Então, agi como se aquilo fosse uma piada.

— Obrigada — respondi. — O Museu de Arte Moderna me ligou pedindo para ver meu portfólio.

Danny voltou-se para Reeve:

— Você devia sair com essa garota e posar para outro retrato. Frontal e de corpo inteiro desta vez, mano. Eu o desafio.

— Ah, você me desafia? — Reeve se voltou para mim. — Quer ir a algum lugar para conversarmos?

— *Conversar* — repetiu Danny. — Tá bom.

Assenti e Reeve e eu atravessamos o corredor, passando por gente encostada nas paredes, bebendo, fumando e conversando. Abrimos algumas portas e

encontramos pessoas jogando *strip poker* ou transando.

Por fim, abrimos a porta do quarto de Courtney, onde estava aquela incrível casa de bonecas. Não havia ninguém ali. Reeve e eu entramos e ele largou a sacola que carregava. Mantimentos ingleses, explicou, quando perguntei o que era. Ele os trouxera de gozação, porque todo mundo na escola perguntava o que ele comia em Londres. Ele estava pensando em mostrar essas comidas diferentes mais tarde, quando todos estivessem na larica.

Apalpei dentro da sacola e vi biscoitos e uma lata de algo com um nome repugnante: “pinto manchado”.[4] Todos ririam muito daquilo.

Então vi a geleia e logo entendi o trocadilho.

— Geleia[5] — exclamei, emocionada. — Então, posso ficar com isso? — Ergui o frasco e apontei para mim.

— Claro — disse ele. — É da boa.

Em seguida, começamos a brincar ironicamente com as bonecas na casa de bonecas e então ele se inclinou e me beijou. Ele cheirava a cerveja, maconha, algo fermentado, o que me fez pensar: *oh, ele não está cem por cento lúcido*. Mas isso não importava porque beijá-lo também fazia com que eu me sentisse um tanto embriagada.

Entreguei-me por completo ao beijo e deixei as sensações tomarem conta de mim. Ambos nos sentíamos excitados e o que estava acontecendo era claramente *inevitável*, uma vez que vinha crescendo desde aquele primeiro dia na aula de Educação Física. Vinha crescendo e crescendo, todos sabiam disso, e agora lá estávamos nós.

Ao fim do beijo, eu tinha certeza de que estávamos apaixonados.

Em seguida, porém, a porta se abriu com um baque forte.

— Reeve — berrou Dana Sapol.

Ele olhou para ela, limpando a boca, que brilhava com resíduos do meu brilho labial — ameixa cristalizada com “umidade patenteada de duração extra longa”.

— Já vou — disse ele.

— Divirta-se com sua patética tiete.

— Pare com isso, Dana, está bem?

Dana me lançou um olhar fulminante.

— Primeiro você entra de penetra na minha festa. Então, você simplesmente se joga nos braços do Reeve, sem nem se importar com o fato de ele estar bêbado. Eu realmente sinto muito por você. Você não tem ideia do que é um comportamento normal.

— Isso foi cruel, Dane. — Reeve olhou para mim por meio segundo, mas não disse nada. Seus lábios ainda brilhavam.

Sem dar nem uma única palavra, ela o puxou para fora do quarto.

Em vez de sair pela porta da frente e ficar lá fora no frio, chorando e enviando um torpedo para a minha mãe dizendo: "Sei que estão no cinema, mas poderiam vir me buscar?", segui Reeve e Dana na escuridão. Eles atravessaram o corredor e foram até a piscina coberta. Abri uma fresta na porta corrediça de vidro para poder ouvi-los.

— Ah, não? Então, o que você estava fazendo? — perguntou Dana.

— Eu estava chapado. E ela está mesmo a fim de mim.

— Meu Deus, Reeve, você é um galinha.

— Acho que sou.

Ele sorriu para ela.

Fechei os olhos. Reeve devia estar se sentindo intimidado por Dana, como um monte de gente na escola se sentia, e estava dizendo o que ela queria ouvir. Sim, ele estava meio doidão e meio bêbado, mas nosso beijo foi para valer, algo repleto de sentimento. Não havia como ignorar esse fato. Estávamos apaixonados. Eu estava confusa com o que ele dizia para Dana, mas falei para mim mesma que aquilo não era verdade. Ele estava mentindo para acalmá-la.

Fui embora da festa, mas não mandei um torpedo pedindo que meus pais viessem me buscar. Em vez disso, caminhei no escuro pelo acostamento da Rota 18. Os carros passavam tão perto de mim que meu cabelo se erguia em grandes ondas. Levei uma hora para chegar em casa, e, quando entrei, estava ainda mais excitada com Reeve do que estivera durante toda a semana.

Na segunda-feira na escola ele ficou um pouco distante de mim a princípio, mas eu sabia que era só porque Dana estava por perto. Ela sentia por ele algo não correspondido, eu me dava conta agora, e Reeve não queria magoá-la porque Dana era uma megera e nunca aceitaria aquilo. Ele passou por mim sem dizer

nada, mas eu sabia por quê, e sabia que aquilo era temporário. Esperei que Reeve fizesse contato comigo quando estivéssemos a sós.

No fim daquele dia, quando eu o vi às portas da biblioteca da escola, ele inclinou a cabeça para mim, e eu o segui no interior do prédio até chegarmos às estantes. Entramos no depósito e não acendemos a luz com seu pequeno temporizador. Em vez disso, ficamos juntos naquele espaço sombrio e sem luz.

— Você nem falou comigo hoje — sussurrei.

— O que temos é algo secreto — sussurrou Reeve em resposta. — E é divertido se esconder. Eu e minha pequena tiete. — Ele roçou de leve seu ombro contra o meu.

— Entendo. Isso é apenas entre nós.

— Certo. — Ele me puxou na sua direção.

— Aqui?

— Não há ninguém por perto. Meu Deus, ninguém lê neste país.

Então começamos a nos beijar junto às estantes, encostados nas prateleiras de metal e nas lombadas dos livros. Ao longe, ouvíamos o tique-taque dos temporizadores, mas afora isso estava silencioso, e os livros eram as únicas testemunhas do que estávamos fazendo. Ele enfiou a mão sob minha blusa, e eu estremeci. Quando ouvimos passos, ele se afastou tão de repente que gemi, quase como se estivesse sentindo uma dor.

— Vejo você por aí — foi tudo o que ele disse, e então se afastou, deixando-me atordoada e tonta no escuro, com o cheiro de floresta seca dos livros velhos ao meu redor.

Nos dias que se seguiram, nós nos encontramos na biblioteca mais duas vezes, uma vez sob a placa de saída no corredor, outra atrás da escola, contra a áspera parede de tijolos, quando ele enfiou a língua na minha boca e me fez rir com uma piada sobre como não há luz do sol na Inglaterra e que até mesmo a rainha tinha carência de vitamina D.

Vagamos ao redor do campo de futebol quando estava vazio, mas apenas por um minuto, porque ele me lembrou de que tudo o que fazíamos tinha que ser em segredo. Eu aceitava aquilo, embora às vezes sentisse como se estivesse a ponto de explodir.

À noite, eu me deitava na cama com os olhos bem abertos, meus pensamentos em ritmo acelerado, revivendo imagens de Reeve visto de diferentes ângulos.

— Você está com olheiras, querida — comentou minha mãe no café da manhã. Corri para o banheiro e passei um pouco de base líquida. Mesmo não tendo dormido muito durante a noite, queria parecer bem e descansada.

Na escola, muitas vezes olhava para Reeve e tinha certeza de que compartilhávamos um sorriso, um sinal, embora a verdade seja que ele sempre estava sorrindo quando cercado por um grupo de pessoas. Eu estava na periferia do grupo, seguindo-o, exceto quando Dana estava junto, momento em que eu me tornava invisível, como um desses animais que estranhamente conseguem se camuflar misturando-se com o fundo.

Eu estava lá quando, durante o intervalo, Reeve mostrou o esquete do papagaio morto do Monty Python para a turma numa tv na sala de aula. Entrei e sentei-me numa cadeira ao fundo da sala. Ninguém me viu.

“Olá, eu gostaria de fazer uma reclamação”, disse o cliente na loja de animais, e Reeve achava aquele esquete hilário, e ficava voltando e repetindo-o diversas vezes. Eu e os outros ríamos, embora quase todos fossem meninos. Dana Sapol parecia entediada até a morte.

— Eu não vejo graça nisso — ficava dizendo com a voz chorosa.

Mas eu adorei. Reeve e eu tínhamos o mesmo senso de humor. Eu o ouvi explicar que queria ir para a “universidade” em Oxford ou Cambridge, assim como os membros do Monty Python, que se conheceram quando estavam na faculdade. Eu sabia que ele tinha uma vida grandiosa pela frente, e me imaginei fazendo parte dela. Eu nos via num teatro de comédia na Inglaterra, onde ele e sua trupe estariam se apresentando. Eu também estaria na faculdade a essa altura, talvez passando o primeiro ano no exterior.

Imaginei nós dois tomando o chá da tarde em Londres, embora na verdade eu não tenha muita noção do que isso realmente significa. Eu me vi na garupa de uma Vespa verde-limão enquanto atravessávamos ruas iluminadas pelos postes. Se eu me concentrasse o bastante, poderia imaginar uma vida inteira com ele.

Nós estávamos apaixonados e por fim tive que contar para Hannah e Jenna, embora eu soubesse que Reeve não aprovaria. Eu lhes contei certa manhã no

estacionamento da escola, e elas ficaram tipo: “Que provas você tem de que ele está apaixonado por você, Jam?”.

Respondi que não precisava de “provas”, que aquilo não era um tribunal, mas elas apenas balançaram a cabeça.

Mais tarde, Hannah veio até mim no refeitório, quando eu estava perto de Reeve e Danny Geller, e me disse com uma voz baixa e nervosa:

— Você poderia vir se sentar conosco?

Mas eu a ignorei e fiquei ouvindo Reeve falar do último jogo do Manchester United, dizendo que aquela fora uma partida inteiramente “bril”. De brilhante.

Durante as aulas, eu não conseguia pensar em mais nada. Os professores pareciam estar dizendo palavras sem sentido que todos obedientemente escreviam no caderno. A vida continuou dessa forma, e era tensa, embora emocionante. Parece que o amor era assim. Reeve e eu tínhamos que ser discretos, tomando cuidado para não irritar Dana Sapol, que ainda achava que Reeve era dela, o que não era verdade.

Então, certa manhã ao chegar à escola e sorrir para ele, Reeve não sorriu de volta. Em vez disso, continuou andando. A barra estava limpa e ele poderia *facilmente* ter sorrido de volta para mim. Teria sido seguro. Ninguém teria visto.

Mais tarde, fiquei perambulando pelo lado de fora da biblioteca pensando que ele poderia estar lá dentro, mas não estava. Havia algo de errado; talvez ele estivesse tendo problemas com os Kesman. Cantar cantigas talvez o estivesse deixando louco. Ou houvesse algo de errado com sua família em Londres. Talvez sua mãe estivesse doente. Será que ele não sabia que podia falar comigo sobre isso? É o tipo de coisa que as pessoas apaixonadas fazem.

Quando vi Reeve com Danny, disse para ele:

— Posso falar com você?

Danny pareceu irritado quando Reeve se voltou para mim e respondeu:

— Jam, não é um bom momento.

— Bem, e quando será um bom momento? — perguntei.

— Eu lhe digo.

Então, esperei.

Por fim, na sexta-feira depois da aula, quarenta e um dias depois de nos

conhecermos, tempo em que não dormi nem um pouquinho porque dormir era chato, e mal comi alguma coisa, porque a comida não tinha os mesmos valores nutricionais do amor, me vi caminhando pelo campo atrás da escola, onde, às vezes, Reeve ia com os amigos. Talvez eu o encontrasse por lá.

Eu planejava ir até ele e dizer calmamente: “Será que este é um bom momento?”.

E eu esperava que ele dissesse que sim, que iríamos para baixo das arquibancadas e nos beijaríamos, e ele me diria que estava estressado com o dever de casa, motivo pelo qual andava distante. Eu o tranquilizaria e o acalmaria, e nosso amor poderia prosseguir como planejado. Então nos beijaríamos mais um pouco.

Mas foi nesse dia, nessa tarde, que vi a figura ao longe e caminhei em sua direção.

Ao me aproximar, percebi que eram duas pessoas abraçadas e se beijando. Reeve e Dana.

Meu coração batia tão forte dentro de mim que levei as mãos ao peito para acalmá-lo.

Em seguida, Dana disse:

— Ora, ora, veja só o que temos aqui.

E eles continuaram falando comigo enquanto eu estava ali de pé, no vento. Lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto e meu cabelo era soprado em todas as direções, assim como o de Dana. Vestindo seu suéter marrom e sua calça jeans skinny, Reeve me perguntou se eu realmente lembrava do que aconteceu naquela noite na casa de Dana.

Pedindo que eu avaliasse o que era verdade e o que não era. Senti-me partir por dentro. Ele era um garoto, ele era apenas um garoto. Eu estava apaixonada por ele, mas agora ele estava com Dana. “Pra valer”, como teria dito Hannah.

— Você está com *ela*? — perguntei, apontando para Dana.

Uma longa, longa pausa, e um olhar entre os dois.

— Sim — disse Reeve afinal.

— Você não está comigo?

— É claro que ele não está com *você* — respondeu Dana, mas Reeve a impediu de continuar falando.

— Posso lidar com isso sozinho, Dane — Reeve retrucou bruscamente. Então, ele se aproximou de mim e me olhou nos olhos. Seu olhar era demais para mim, como quando vamos ao oftalmologista, aplica um colírio, depois você tem que sair ao ar livre e se sente despreparada para tanta luz.

Mas eu não conseguia lhe dar as costas, mesmo chorando.

— Veja — murmurou Reeve. — Não continue com isso. Não lhe cai bem, certo? Eu não sou um cretino, Jam. Não me obrigue a sê-lo. Estou aqui apenas por um semestre, me divertindo. Sim, eu meio que tenho um rolo com Dana. Pode estar ficando sério. Mas, você e eu, nós estávamos apenas nos divertindo. Você sabe disso.

— Eu não posso crer que você esteja me dizendo isso — foi tudo o que consegui falar. Então, ainda mais desesperada, perguntei: — Você não me ama?

— O que foi que ele disse que você não entendeu? — exclamou Dana, praticamente gritando. — Ele não está apaixonado por você!

— Você não está? — perguntei para ele.

— Não — disse Reeve.

— Você nunca esteve apaixonado por mim? Nem mesmo naquela noite na festa?

— Meu Deus, aquilo foi uma *ficada*. Eu estava alto. — O que quer dizer "bêbado" na Inglaterra.

— Mas… o pote de geleia — insisti.

— Que pote de geleia?

— Aquele que você trouxe. O Tiptree Little Scarlet Strawberry.

Ele pareceu perplexo.

— O que isso tem a ver com *você*? — perguntou. E, então: — Espere, é por causa do seu *nome*? É isso?

Apenas continuei olhando para ele. Estávamos ali, no vento, e ele estava me dizendo que não me amava e que nunca me amou. Nem mesmo o pote de geleia tinha a ver comigo. Nada tinha a ver comigo.

Reeve Maxfield nunca me amara. Ele disse aquilo, e não podia desdizer, e eu nunca poderia "desouvir" o que ele me dissera. Então, na mesma hora o mundo se tornou inóspito e inabitável.

Assim, naquele breve momento de epifania, quarenta e um dias depois de

nos conhecermos, Reeve morreu para mim. Era mais fácil pensar dessa forma.

Se ele não me amava, então eu poderia me certificar de que ele jamais amaria outra pessoa.

Ele não me amava, de modo que fechei os olhos e o matei na minha mente. Era algo muito violento, tão chocante quanto um avião explodindo em pleno ar. Aquilo produziu um estrondo que me fez estremecer por dentro e arremessou a imagem que eu tinha de Reeve rodopiando através do espaço vazio.

Ser rejeitada por ele foi a pior coisa que já senti. Mas agora, na minha mente, ele estava morto, o que também era traumático. Mas era a única maneira de lidar com aquilo.

Senti a sensação da sua morte me traspassar, e quase instantaneamente a senti tão verdadeira quanto qualquer outra coisa. Embora, é claro, eu soubesse que era apenas uma "história" que eu estava contando para mim mesma, porque a verdade era insuportável.

Dei-lhes as costas e me afastei em meio ao vento. Enquanto ia embora, ouvi Dana dizer:

— Adeus e boa viagem, sua perdedora psicopata.

Nesse momento, eu me voltei e gritei:

— Eu que sou a perdedora psicopata? Isso é hilário vindo de você, alguém que só se sente bem quando está sendo cruel com as outras pessoas!

Eu não me detive para ouvir a resposta. As palavras dela foram engolidas pelo vento e Reeve já estava morto e enterrado pela minha humilhação e, em seguida, pela minha dor.

Fui para casa e me deitei na cama com a luz apagada sem trocar de roupa nem tirar meus tênis. Meus pais ainda estavam no trabalho naquela tarde de outono escura e ventosa. Leo veio até minha cama e disse:

— O que você está fazendo?

— O que parece que estou fazendo?

— Está deitada na cama num quarto escuro. Você pode começar a fazer o jantar? Mamãe deixou um bilhete dizendo que você deveria fazer cuscuz. E preaquecer o forno para o frango. E que você deveria passar um tempo comigo.

— Não posso.

— Você não pode o quê? Fazer o cuscuz, preaquecer o forno ou passar um

tempo comigo?

— Saia do meu quarto, Leo.

Mas meu irmão ficou ali, e começou a parecer preocupado.

— Você está doente?

— Não — respondi. — Estou em estado de choque.

— Choque? Por quê?

Fiz uma pausa.

— Meu namorado morreu — falei, tentando entender as palavras. Então, comecei a chorar de novo.

Leo estava confuso.

— Eu nem sabia que você tinha um namorado.

— Bem, eu tinha, e ele *morreu*, certo? E eu não posso sair da cama, começar a fazer o jantar e passar um tempo com você. Eu sinto muito, Leo, mas simplesmente não posso.

— Você quer que eu vá até algum lugar? — perguntou ele. Leo se demorava no quarto, quase como se estivesse com medo de me deixar sozinha.

— Para *onde*?

— Eu não sei. Talvez eu devesse ligar para mamãe e papai.

— Talvez devesse.

— E o que digo a eles?

— Diga que *meu namorado morreu*. E que estou inconsolável.

Então, puxei o cobertor para cobrir a cabeça, o mundo ficou escuro, e assim ficou por muito, muito tempo, até o primeiro dia em que fui para a Redoma.

Agora, estou na Redoma mais uma vez, confrontando Reeve e Dana da mesma forma como aconteceu na vida real. É tão terrível quanto Casey me advertiu que seria. Minhas lágrimas já estão começando a escorrer. Mas então penso em Sierra agarrada ao seu irmão na Redoma quando o céu começou a escurecer. Ela segurou-o com força, e ficou lá com ele, e ainda está com ele agora.

Reeve e Dana apenas olham para mim com frieza, e faço algo que na realidade não fiz atrás da escola. Isso não fazia parte daquilo que de fato aconteceu. Mas, mesmo assim, eu agarro a mão de Reeve, e ele não resiste.

— O que você está fazendo? — diz Dana. Contudo, ao fim da frase, sua voz

se torna fraca e insignificante, assim como ela. Mal consigo vê-la agora. Basicamente, ela evaporou. Agora somos apenas Reeve e eu, e sua mão a princípio é agradável ao toque, mas enquanto continuo a segurá-la, torna-se alguns graus mais quente.

O céu começa a escurecer — já é hora — e se eu continuar a segurá-lo poderei ficar aqui com Reeve e voltarmos a ser do jeito que já fomos na minha mente, quando ele me amava, eu o amava e estávamos juntos.

Mas agora eu imagino Casey e Marc dando a notícia para Griffin. E Griffin falando com uma voz perturbada: “Ela ficou? Mas ela disse que não ficaria”.

E tenho pensamentos previsíveis, triviais: imagino meus pais chegando ao hospital em Vermont, onde estou deitada numa cama com soro na veia e ligada a um monitor, sem responder a vozes humanas e olhando para o nada, minha mão se movendo rapidamente no ar como se eu estivesse possuída. Minha mãe sussurra: “Querida, oh, querida”, e Leo está junto à porta, tentando se concentrar apenas no jogo no seu pequeno celular velho, de modo a não ter que olhar para mim.

Mas isso é autoindulgência. O quanto todos sentiriam minha falta. Há também aquilo de que eu sentiria falta. Então, volto a pensar em Griffin e no quanto ele realmente quer ficar comigo.

Reeve, porém, me ama *aqui*, dessa forma limitada. E ele só me ama aqui porque não posso suportar a ideia de que ele não me ama. Ele é um garoto de Londres com um sorriso irônico, palavras espertas, olhos sonolentos e a voz áspera. Ele é tipo um jogador. Um tanto babaca, talvez, mas não é uma pessoa terrível. É apenas um adolescente que veio passar alguns meses nos Estados Unidos querendo se divertir.

Isso é tudo o que ele é.

Isso é tudo o que ele foi, e eu não posso ficar aqui com ele.

Sem perceber, solto a mão de Reeve e ele começa a recuar junto com a Redoma, que se afasta de mim como a maré vazante se afastando de um litoral.

Em algum lugar no mundo — em Londres, Inglaterra, especificamente — ele está de volta à sua antiga escola. E talvez uma outra garota, não Dana, alguém com um nome tipicamente britânico como Annabel ou Jemima, esteja flertando com ele neste exato momento, querendo que ele lhe dê atenção. E talvez ele dê.

Eu o matei uma vez, a fim de tolerar saber que ele não me amava. Talvez Dana esteja certa. Sou uma perdedora psicopata. Eu o matei e preservei seu "amor" numa pequena redoma. Não sei por que precisei fazer isso. Por que reagi tão mal ao fato de um garoto não corresponder ao meu amor. Por que aquilo pareceu uma tragédia quando não era. O dr. Margolis disse que a mente prega peças em si mesma para continuar inteira. "Você se autoprotegeu, Jam", ele explicou numa das nossas sessões. "E podemos analisar isso com mais detalhes."

Mas eu não entendia uma palavra do que ele dizia.

Não seria má ideia voltar a visitar o dr. Margolis algum dia, talvez quando eu estiver em casa de férias.

Talvez eu devesse comprar outro diário. Eu poderia escrever outras coisas. Não preciso ser governada por isso para sempre. Eu poderia até tentar escrever algumas letras de música. Desde que me juntei às Meninas Cantoras tenho escutado com atenção as letras das canções. Letras de música têm muito em comum com poesia. Ao menos as boas letras de música.

Posso fazer o que quiser, porque agora acabou. Eu acabei com isso. Terminei com ele.

— Com quem? — pergunta uma voz.

Ergo a cabeça, confusa, e estou de volta ao meu quarto. Acima de mim, na escuridão, vejo dj, seu longo cabelo preto pendurado sobre meu rosto.

— Com quem o quê? — pergunto.

— Com quem você terminou? Você estava falando enquanto dormia — diz ela. — Mas você também estava escrevendo — prossegue ela, erguendo meu diário. — Foi muito estranho.

Arranco o diário das mãos dela, rapidamente vou até o fim do volume e olho para a última linha da última página, que foi toda preenchida. E é isto o que vejo:

E eu o deixo ir. Portanto, creio que este é o fim para nós dois. O que não é a pior coisa do mundo.

Fecho o diário.

— Que horas são? — pergunto a dj.

— Duas horas da manhã — diz ela. — Podemos voltar a dormir agora?

Tento me orientar. Estamos no meio da noite, perto do fim do semestre no Celeiro. Acabo de ver Reeve pela última vez.

— dj, preciso ir a um lugar — digo.

Eu me levanto, pego meu casaco no gancho e o visto por cima da camisola.

— Aonde você vai?

— Ao quarto do Griffin. É importante.

— No dormitório dos meninos? Por que você não pinta um *E* gigante de *Expulsa* na sua camisola? Isso foi uma piada com o livro *A letra escarlate*, caso você não saiba.

— Eu sei.

— Vocês leram apenas Sylvia Plath enquanto nós fomos obrigados a ler Nathaniel Hawthorne e outros escritores modernos e descolados — ironizou ela.

— Apenas me deixe ir, está bem? — digo em voz baixa. — Preciso vê-lo. Acho que você sabe como é isso.

— Sim — admite dj. — Eu sei. Bem, boa sorte — deseja ela enquanto saio. — Não seja pega, Jam. Isso seria uma vergonha.

Em silêncio, desço a escada e passo pelo quarto de Jane Ann, na esperança de escapar das antenas do seu sono leve, e então saio na noite, o ar frio queimando meu rosto. Em meio ao silêncio, vou até o dormitório dos meninos. Só conheço o primeiro andar deste prédio, a sala comum onde a entrada de meninas é permitida, mas quando subo a escada é fácil encontrar seu quarto. A placa de identificação diz: jack weathers e griffin foley.

Abro a porta e entro. Jack está enrolado em posição fetal na cama junto à porta, um taco de lacrosse encostado à parede. Na cama junto à janela está Griffin. Seus olhos se abrem na hora em que me aproximo.

— Jam?

— Devo ir embora? — sussurro.

Ele não responde. Apenas afasta o cobertor. Tudo que posso fazer é entrar, e nos aconchegamos lado a lado, em silêncio absoluto. Ele está esperando que eu fale algo.

— Fui para a Redoma — explico.

— Foi muito ruim? — pergunta Griffin. — A morte, quero dizer.

Não respondo a princípio. Sei que, quando eu lhe contar, Griffin terá todo o

direito de pensar que sou uma pessoa horrível que enganou a todos durante todo o semestre. Ele vai pensar que sou alguém que só queria angariar a simpatia dos outros. Mas preciso lhe contar porque senão minha história com Reeve pode se estender indefinidamente. Griffin pode continuar mencionando-a, pensando estar sendo respeitoso com a memória do meu falecido namorado.

— O negócio é que apenas pareceu uma morte — digo.

Griffin não compreende. Ele olha para mim, tentando entender, e então diz:

— Espere, o cara não morreu?

Balanço a cabeça em negativa. Griffin apenas me olha e, então, afasta o corpo de mim. Eu não sei se isso é um sinal de que devo ir embora e que ele está terminando comigo. Ele não diz nada por um longo tempo e eu percebo que ele vai me rejeitar agora. Não creio que algum dia eu me acostume com isso.

Mas, por fim, ele declara:

— Quer saber? Estou feliz.

— Como?

— Bem, por você não ter vivido algo assim.

— Você está feliz? — pergunto, espantada. — Algum dia eu lhe contarei como tudo aconteceu. Digo, se você quiser ouvir. Há muito mais.

— Tenho certeza que sim.

— E também contarei para os outros — digo. — Vou compreender se vocês se sentirem traídos. Vocês passaram por coisas muito piores. Eu não queria magoar ninguém, sobretudo você. Mas aconteceu. Se você quiser me deixar, Griffin…

— Eu não quero — garante ele.

— Não quer?

— Não.

Então, por enquanto, não há nada mais que eu precise dizer ou fazer, nenhuma ação que eu precise tomar, nada que eu precise provar. Sinto-me muito cansada, como se estivesse cortando lenha há um ano. Inclino a cabeça contra o peito de Griffin e ficamos em silêncio. Apenas dois corações batendo.

Em algum momento ambos devemos ter adormecido, porque um telefone toca ao longe — quem aqui tem um *telefone*? — e me desperta. Abro os olhos e o quarto

pouco familiar começa a se encher de luz. É manhã e logo entendo que estou a ponto de ser pega e expulsa da escola. Eu estraguei tudo, e de fato isso é uma vergonha, como disse dj.

Sem me despedir, fujo do quarto. Enquanto corro pelo corredor, o dr. Gant avança na minha direção com passos largos. Tudo que posso fazer é parar derrapando à sua frente, esperando pelo inevitável.

Mas ele diz apenas:

— Jam — sua voz soa vaga e distraída.

— Eu sei que não deveria estar aqui…

— É verdade — diz ele. — Mas recebi um telefonema. Preciso contar para alguém. — Ele ergue os óculos, esfrega os olhos e olha para mim. — Você é muito amiga da Sierra Stokes, certo? — Eu meneio a cabeça. — Então você sabe sobre o irmão dela.

— Claro.

— Aquele telefonema foi do professor de Química. Ele estava assistindo ao noticiário e havia uma notícia de última hora sobre André Stokes.

Olho para ele por um instante, sentindo algo me invadir por dentro, sem saber exatamente o quê. Sinto-me tonta e amedrontada, mas pergunto:

— O que ele disse?

— Ele foi encontrado! Ele está vivo e bem. Que coisa mais incrível.

Por um momento, realmente não consigo entender. Ele está esperando minha reação e apenas fico em silêncio.

— Isso é verdade? — pergunto afinal. E penso logo em seguida: *preciso contar para Sierra*.

Mas sei que não posso. Ela está inacessível.

André afinal foi encontrado, mas Sierra jamais saberá. Ela não poderá estar com o irmão na plenitude e nas incertezas do mundo real. Ela está lá, bem no fundo de si mesma, viajando indefinidamente com ele num ônibus na Redoma.

— Sim, é verdade — diz o dr. Gant. Não admira que ele não tenha se importado ao me pegar no dormitório dos meninos. Essa notícia torna tudo o mais temporariamente irrelevante.

— Como o encontraram?

— O detetive foi entrevistado. Era um detetive novo, tinha acabado de

começar. E ele viu algumas anotações sobre… uma pista? E decidiu investigar. Foi algo assim, não consigo me lembrar ao certo. André foi mantido em cativeiro numa casa não muito longe de Washington. O sujeito foi preso. Ainda não sei de muitos detalhes; ninguém sabe. Tudo será esclarecido. — Ele balança a cabeça, distraído. — Pobre Sierra.

21

A última aula de Tópicos Especiais em Inglês deveria ser um tipo de celebração, mas não é, e não pode ser. Embora tenhamos atravessado juntos o semestre numa aula como nenhuma outra a que assistimos, e apesar de nossas vidas terem sido transformadas, sentimos falta de alguém. E agora que André foi encontrado, a ausência de Sierra é inaceitável. No último dia, isso pode ser claramente percebido em torno da mesa de carvalho oval. Talvez eu o perceba mais claramente que os demais.

A sra. Quenell sabe como estamos preocupados. Ela também está. Ainda assim, traz uma caixa da padaria, baixa-a sobre a mesa e diz:

— Cupcakes vermelhos para todos, para combinar com seus diários de couro vermelho. — Quando ela abre a caixa, há apenas quatro cupcakes ali dentro. Um para cada um de nós.

— Obrigada, sra. Q. — agradece Casey afinal, porque não quer que pareçamos grosseiros.

— Sei como vocês estão se sentindo — diz a sra. Quenell. — E, acreditem, sinto o mesmo.

André Stokes se tornou o grande assunto dos noticiários. Por telefone, minha mãe e meu pai contaram o que leram on-line e viram na tv. É óbvio que nenhum de nós aqui tem acesso a esse tipo de coisa, com exceção do jornal, que é entregue no Celeiro todas as manhãs.

— Ela deveria estar em casa com o irmão — digo em meio a um lamento.

— Sim, ela deveria — concorda a sra. Quenell.

André e Sierra precisam um do outro. Seja lá o que ele tenha passado no cativeiro, com certeza foi sombrio e assustador. Não posso imaginar o quanto. Ele terá “um longo caminho pela frente”, como sempre dizem os especialistas. Mas ao menos há uma estrada. Sua família o ama, e isso o ajudará no decorrer do tempo. Claro que nada sei a esse respeito, mas sei que ele e Sierra sempre foram muito unidos. Se estivessem juntos em casa, poderiam ajudar um ao outro. Tenho certeza disso.

Então Griffin puxa o assunto:

— Sabe, sra. Q? Sendo esta a última aula e tudo o mais, gostaria de perguntar algo. Ninguém quer que eu faça isso, mas desculpe, pessoal, eu preciso.

— Ei — retruca Marc. — O que…

— Ela pode achar o que quiser, Marc. Eu realmente estou cagando — diz Griffin. E acrescenta: — Desculpem a linguagem.

Fico ali sentada esperando para ver onde isso vai dar. Nos últimos tempos, Griffin tem falado de modo muito mais livre.

— Sra. Q — ele se ajeita na cadeira —, a senhora sabe o que acontece quando escrevemos no diário? Realmente sabe?

Vejo um lado do rosto de Griffin se contrair e tenho a impressão de que ele está tão chocado quanto nós ao fazer essa pergunta. É imprudente. Mas estamos todos sem ideias agora, e é isso aí: situação-limite, hora H, seja lá qual o clichê que você queira aplicar. A aula está prestes a terminar e Sierra ainda está na Redoma.

O silêncio se prolonga e parece interminável. Ninguém tira os olhos do rosto da sra. Quenell, que a princípio parece neutro. Em seguida, dá a impressão se contrair para logo voltar a parecer mais relaxado. Então, por fim, sua expressão desaba.

— Sim — confessa ela. — Eu sei.

Não conseguimos acreditar. Ainda não tenho certeza de que estamos falando sobre a mesma coisa.

— E você planejou isso? — quer saber Griffin.

A sra. Quenell brinca com o relógio, enrolando a pulseira ao redor do pulso estreito. Griffin a deixou nervosa.

— Não é assim — diz ela. — Você faz com que isso pareça algo desonesto da minha parte, Griffin. Não é. Não foi. Não é nada disso.

— Então, o que a senhora pode nos dizer? — pergunto. Na verdade, estamos implorando para a sra. Quenell, uma mulher idosa de quem sabemos muito pouco, exceto que é uma grande professora e tem integridade. Ela não nos deixaria ceder sob o peso dos nossos problemas. Ela não nos trataria como bebês. Ela nos respeitava, mesmo quando odiávamos a nós mesmos e a todos os

demais e achávamos que jamais voltaríamos a nos sentir bem.

Agora estamos aqui, neste último dia. Em menos de quarenta minutos ela vai nos deixar para sempre, mas, antes disso, precisamos saber exatamente o que ela sabe e o que isso significa.

Então ela diz:

— Na verdade, é uma história pessoal. Eu nunca contei isso para nenhum dos meus alunos, embora muitas vezes tenham me perguntado o que sei ou o que não sei. Antes de mais nada, não posso dizer que *sei* exatamente como é a experiência de escrever nos diários. A experiência é de vocês, não minha. E eu nunca quis me envolver muito porque isso poderia chamar atenção para a turma e acabar magoando meus alunos. Então, mantive tudo num desgastante equilíbrio durante muito tempo. Mas amanhã vou embora daqui para sempre. E antes que eu vá, contrariando aquilo que considero mais sensato, eu lhes direi o que sei, o que não é tanto assim, infelizmente. Começarei com uma pequena história que creio ser relevante.

A sra. Quenell para de falar de repente, e a pausa se prolonga por tanto tempo que parece que ela mudou de ideia. Mas então ela prossegue:

— Quando eu tinha a idade de vocês, passei por um momento muito difícil. Suponho que possam classificá-lo como um colapso.

Ah. *Esse* tipo de dificuldade. Do tipo que algumas pessoas nesta escola conhecem bem.

— Fui mandada para um hospital psiquiátrico nos arredores de Boston. E, enquanto estive por lá, fiquei muito retraída. Não conversava com ninguém. Então, certo dia, foi admitida uma paciente um pouco mais velha que eu, uma estudante universitária. Raras vezes eu a ouvia falar, mas todos os dias, à hora de tomarmos nossos medicamentos, as enfermeiras nos chamavam pelos nossos primeiros e últimos nomes, e gravei o nome dela, porque eu o achava incomum. Nunca nos falamos a não ser certa vez, durante o jantar, quando eu lhe passei um prato de comida e ela disse: “Obrigada, Veronica”. Ela sabia meu nome. E, por uma fração de segundo, ela olhou para mim do jeito que uma pessoa mais velha, mais sábia, às vezes olha para uma pessoa mais jovem. Com bondade e sem condescendência.

Certo, penso eu. Essa é a maneira como a sra. Quenell volta e meia olha para

nós.

— Você sabe o que aconteceu com ela, sra. Q? — pergunto.

Ela se volta para mim como estivesse se esforçando para se concentrar no aqui e agora.

— Sim. Ela melhorou. E eu também. E talvez eu nunca tivesse sabido ou voltado a pensar nela outra vez, porque realmente não gosto de pensar sobre esse doloroso período da minha vida. Contudo, anos mais tarde, quando eu estava recém-casada e era uma jovem professora aqui no Celeiro, deparei-me com um poema na revista *New Yorker* e tive um estalo. Era *ela*. Fiquei muito feliz por saber que ela superara aquele período sombrio e que fizera alguma coisa da vida, tornando-se uma escritora. — A sra. Quenell faz uma pausa. — Então, vários anos depois de ter lido esse poema pela primeira vez, soube que ela tinha morrido, o que me deixou muito triste. Ela era muito jovem. Tinha apenas trinta anos. Isso pode não parecer jovem para vocês agora, mas um dia parecerá.

Ao ouvir a sra. Quenell nos dizer isso, penso estar reconhecendo a história, embora no começo imagine estar apenas confusa. Então digo para mim mesma que devo esperar e tentar assimilar aquilo.

— Depois de algum tempo, os detalhes da sua morte vieram à tona — diz ela. — Fora um suicídio. Com o tempo, a história ganhou muita atenção, e, logo, muitas pessoas se viram afetadas pela sua vida e sua morte trágica. E, sobretudo, é claro, pela sua obra.

— Plath — murmura Casey.

A sra. Quenell assente e volta o olhar para a distância embaçada pela neve e para o passado lúcido que vê através da janela.

— Sim — concorda ela, que de súbito parece ter ficado muito mais velha. — Plath tinha um talento extraordinário. Como todos vocês sabem muito bem.

Ninguém diz uma palavra. Estamos chocados, pensando que Sylvia Plath, a escritora a quem tão casualmente nos referimos como “Plath” nesta mesa, não era apenas alguém que estudamos e a quem parecíamos conhecer, mas também era alguém que nossa professora de fato conhecera, ao menos um pouco, há muito tempo.

— Mas ela sofria de depressão — explica a sra. Quenell. — Na época, não havia o conhecimento e os medicamentos que existem agora, embora ainda hoje

muitas pessoas ainda estejam perdidas. Tudo era diferente então, e o assunto mal podia ser discutido em público. As pessoas achavam que aquilo era um sinal de fraqueza. Por fim, seus diários foram publicados. E, através deles, ficou claro que ela acreditava em escrever tudo aquilo que lhe ocorria. Era como se seu lema fosse “As palavras são importantes”. E eu também acredito que isso seja verdade. Qualquer pessoa que se torne um especialista em Plath, como todos vocês se tornaram, perceberá que o que ela tinha, em primeiro lugar, era uma voz.

Sim, era isso o que Sylvia Plath tinha. Sempre a ouvi na minha cabeça quando a lia.

Mas ela não conseguiu escapar daquilo por que passou; do lugar para onde foi. E isso me faz sentir a dor desta escritora parada num tempo muito remoto. Essa pessoa, cuja voz eu ouço, mesmo à medida que me afasto daquilo por que passei.

— Certo ano letivo, pensei em dar aos meus alunos seus próprios diários — prossegue a sra. Quenell. — Saí para fazer compras com meu falecido marido, Henry, e adquiri uma caixa de diários a granel numa loja de antiguidades aqui perto que não existe mais. Além das leituras e das redações que eu exigia em sala de aula, esperava que o fato de registrarem seus sentimentos por escrito pudesse ajudá-los.

— E ajudou? — perguntou Marc.

— Sabe, parece que sim — diz a sra. Quenell. — Os alunos disseram que os diários mudaram suas vidas. Eles entravam na sala de aula tagarelando sobre quão *poderosos* eram. No começo, pensei que estavam falando apenas metaforicamente. Mas, depois de um tempo, me convenci de que era mais que isso. Então, peguei um dos diários em branco que tinha em casa e escrevi para ver. Mas nada de anormal aconteceu comigo, de modo que fiquei confusa. Talvez eu não precisasse do diário da maneira como meus alunos precisavam. Do modo que todos vocês precisaram. Comecei a achar que os diários só liberavam seu suposto poder sob as circunstâncias certas. É claro que acreditar em algo assim vai contra tudo o que já me foi ensinado. Contra a praticidade do mundo. E, no entanto, um após outro, meus alunos tentaram me explicar que algo estava acontecendo com eles. No começo fiquei cética, e, em seguida,

amedrontada. Mas depois vi que eles estavam ficando cada vez melhores. Escrever nos diários de fato parecia ser uma forma de libertação. Então, qual o problema? Eu não conseguia entender direito o que eles estavam passando, mas todos me garantiam que a experiência mudara suas vidas, e de modo positivo. Então, deixei que acontecesse.

— Porra, isso é inacreditável! — Griffin está mesmo abusando, mas isso pouco importa agora. — Como a senhora escolhe seus alunos?

— Todos os anos verifico o histórico de cada um, tentando montar um grupo em que todos pareçam ter… os mesmos tipos de problemas. Então, eu os apresento a um escritor que possa ajudá-los. Certo ano, tivemos um grupo muito ansioso e alienado, e estudamos J. D. Salinger. Foi uma boa turma, apesar de todos falarem *demais* e ninguém realmente ouvir ninguém. Em outro ano, os alunos precisavam ser mais autossuficientes, por isso lemos Ralph Waldo Emerson. Já vocês estavam no meio de um milhão de coisas, e ainda assim estavam isolados. Plath parecia uma escolha muito adequada. Mas não creio que apenas os diários tenham feito a diferença. A maneira como os alunos *se dão* entre si… a maneira como falam sobre livros, autores e sobre si mesmos. Não apenas sobre seus problemas, mas também sobre suas paixões. A maneira como formam uma pequena sociedade e discutem aquilo que é importante para eles. Os livros acendem o fogo. Seja um livro já escrito ou um diário em branco que precise ser preenchido. Acho que todos vocês sabem do que estou falando.

— Sim — digo. Então me lembro de Sierra. — Mas, às vezes a aula, ou ao menos o diário, não é seguro para todos — acrescento timidamente.

— Você está se referindo a Sierra. — A voz da sra. Quenell se torna subitamente cansada. Concordo com um aceno. — Foi mesmo o diário? — Aceno outra vez. — Eu estava com medo que fosse.

— Ela está *presa* lá, sra. Q — digo. — Veja, ela encontrou uma maneira de ficar, e no início foi uma escolha que respeitamos…

— Mas *agora* não conseguimos resgatá-la para lhe dizer que André está a salvo — completa Casey.

— Ninguém jamais ficou lá. — A voz da sra. Quenell é umsussurro quase inaudível.

É a primeira vez que vejo que ela realmente entende a que nos referimos. Ela

sabe o que “ficar” significa. Ela com certeza acredita que há um outro lugar, acessado apenas através dos diários. Ela *entende* isso.

— Em toda a história de Tópicos Especiais em Inglês, os alunos sempre devolveram seus diários no último dia de aula e seguiram adiante. — A sra. Quenell parece muito pálida. — Mas, desta vez, temo ter provocado algo terrível. Devo falar com o dr. Gant agora mesmo. — Ela se levanta, insegura. — Devo informá-lo sobre o que venho fazendo ao longo de todos esses anos enquanto me foram confiadas as mentes dos jovens. Eu deveria me entregar. Pode haver… um julgamento. Ou como quiserem chamar.

— Não — dizemos em uníssono. — *Pare*.

Todos estão alarmados. A sra. Quenell estava pronta para se aposentar, viajar, e agora seus planos estão potencialmente arruinados. Eu não posso admitir que ela se sinta culpada pelo que aconteceu com Sierra.

— Não é culpa sua — digo rapidamente. — A senhora estava tentando fazer o bem. E a senhora fez o bem. Creio que o que aconteceu com Sierra foi uma bizarra ocorrência. A senhora é uma professora incrível. Não diga nada ao dr. Gant. Não fará diferença. Não ajudará Sierra. Ele não faz parte disso. Isso é… nosso.

E é mesmo. Esta história é nossa e de mais ninguém.

A sra. Quenell se acalma e concorda em não dizer nada.

— Sabem — declara ela afinal —, sempre tive a ideia de apresentar o trabalho de Sylvia para a minha última turma de alunos. Faria isso e, então, encerraria minha carreira. Houve alguns anos em que eu *quase* considerei fazê-lo, mas não me parecia exatamente adequado, e, além disso, eu queria mesmo esperar. Então, este ano, vocês apareceram e eu me dei conta de que esta era a classe certa, no momento certo.

A aula de Tópicos Especiais em Inglês está prestes a terminar para sempre. Sinto-me emocionada, porque sei que nunca nos sentaremos aqui outra vez, e que em breve a sra. Quenell terá ido embora. E eu me sinto assim por causa do que aconteceu comigo, porque abri mão de tanta coisa. Porque mudei.

E eu também me sinto assim por causa de Sierra. Deixá-la na Redoma não é aceitável, mas não temos escolha.

No fim da aula, depois de comermos os cupcakes vermelhos e devolvermos

nossos diários, inclusive o de Sierra, e depois de termos jogado uma partida de perguntas e respostas a respeito de Sylvia Plath — algo um tanto macabro, mas divertido —, a sra. Quenell olha para o relógio e informa:

— Infelizmente, chegou a hora de liberá-los.

Ela olha para cada um de nós com a mesma *atenção*, como se não existisse ninguém mais além da pessoa para quem ela está olhando.

— Quero dizer que estou muito orgulhosa de todos vocês. Lamento muito que estejam indo embora com certa tristeza. O que aconteceu com Sierra também me entristece. Mas vocês estão partindo mais fortes do que quando chegaram. E, de certa forma, creio que aprenderam coisas que não sabiam.

O que exatamente sei agora? Na minha cabeça, tento fazer uma lista, do modo como Marc provavelmente faria.

Eu sei a verdade sobre Reeve; e isso é muito importante. Quero dizer, eu sempre soube disso, mas não conseguia aceitar.

Também sei que a dor pode parecer uma linha sem fim. Você pode puxá-la indefinidamente. Você continua puxando, e, à medida que a recolhe, você de fato não consegue acreditar que há algo no fim. Algo que não seja apenas mais dor.

Mas sempre há algo no fim, algo ao menos um pouco diferente. Você nunca sabe o que é, mas está lá.

Aprendi tudo isso na aula de Tópicos Especiais em Inglês. A sra. Q me ensinou.

— Também quero que vocês saibam — diz ela — que, apesar do que está escrito nesse terrível folheto que a escola distribui por razões que não consigo *entender*, não vejo nenhum de vocês como uma pessoa "frágil". Altamente inteligentes, sim. Emocionalmente frágeis, não. Eu acho que há melhores palavras para descrevê-los. Vocês estão preparados para o mundo, para a vida adulta, de uma forma que a maioria das pessoas não está. Muitas pessoas nem mesmo sabem o que as *atingiu* quando crescem. Elas se sentem atordoadas no momento em que a primeira coisa dá errado, e passam o resto da vida tentando evitar a dor a qualquer custo. Mas todos sabem que evitar a dor é impossível. E eu acho que saber disso, além das experiências que vocês viveram, faz com que vocês *não* sejam frágeis. Isso os torna corajosos.

Gostaria de poder ir até lá e chorar sobre seu ombro coberto de seda,

agradecê-la e tranquilizá-la. Gostaria de poder lhe contar tudo o que eu vivi neste semestre, e tudo o que vivi no ano passado. Ela leu meu arquivo, mas aquilo não abrange tudo. Gostaria de lhe falar sobre Reeve. E sobre o que sei agora e que não sabia antes. Mas ela é uma senhora idosa que vem lecionando Inglês para o ensino médio há muito tempo, e está cansada e orgulhosa de nós, e está muito preocupada com Sierra. Ela merece uma despedida calma e digna.

Portanto, tudo o que digo é:

— Obrigada, sra. Q. — E todos os outros também agradecem.

— Desejo férias maravilhosas para todos vocês — acrescenta ela, enquanto veste o casaco de lã cinza. — E um maravilhoso descanso do ano letivo. Vocês todos são jovens extraordinários. Estou ansiosa para ver o que farão com suas vidas.

Em seguida, ela clica o fecho de bronze de sua pasta que agora contém nossos diários e se levanta. Ela acena para nós uma última vez, esta mulher graciosa com seu perfeito coque grisalho e seu pequeno relógio de ouro, e então sai lentamente da sala de aula. É a primeira vez que ela sai à nossa frente, mas de algum modo isso parece ser o mais certo a ser feito hoje.

Ficamos sentados e atordoados por alguns minutos, e então Marc diz:

— Bem, eu acho que é isso.

— Não, não é *isso* — discordo. — E quanto a Sierra? Nós simplesmente a deixaremos lá?

Sei que isso soa um tanto patético e repetitivo. Ninguém tem ideias novas. Ninguém sabe o que dizer. Casey faz aquela coisa que as meninas sempre fazem para parecer solidárias: ela aperta minha mão. É como se ela quisesse dizer: *estou com você, Jam*. E eu gosto disso, mas a única forma de ela realmente estar comigo é me ajudando a trazer Sierra de volta. E nenhum de nós sabe como.

Por fim, todos saímos da sala de aula. Na sua cadeira de rodas, Casey estende a mão e aperta o interruptor de luz. Apesar de todos ainda termos mais um semestre pela frente no Celeiro, a turma de Tópicos Especiais em Inglês está terminada. Toda essa experiência se fechará como uma fenda na terra, e será como se essa coisa importantíssima jamais tivesse existido de verdade.

Seremos apenas quatro jovens que cursaram a mesma matéria no primeiro semestre. Talvez nos encontremos de vez em quando, ou passemos um pelo

outro e digamos coisas do tipo: “Ei, como vai?”, “Que tal a aula de História?”, “Como estão as Meninas Cantoras?”, “Você está ensaiando para a peça?”. Mas não será a mesma coisa.

Até mesmo Griffin e eu: não há como saber o que acontecerá conosco. Tudo é muito novo e provisório, e muito ainda não nos foi revelado. Somos bons um para o outro? Somos compatíveis? Quem sabe? No entanto, adoramos estar juntos; no momento, essa é uma verdade indiscutível.

No caminho diante do prédio da sala de aula, depois de todo mundo ter ido embora, eu e ele ficamos juntos mais algum tempo e eu baixo minha cabeça sobre seu ombro.

— Vá na frente — digo afinal. — Vou caminhar um pouco.

Ele não me contesta. Em vez disso, me beija, balança a cabeça e segue seu caminho. Ele ainda saltita enquanto caminha, como se estivesse prestes a começar a correr. Eu poderia ficar olhando para ele por um longo tempo. Mas há coisas em que devo pensar agora.

Além da lista que enumerei na cabeça, o que mais aprendi com Tópicos Especiais em Inglês? As pessoas estão sempre dizendo que não há necessidade de ler literatura, que isso não vai melhorar o mundo. Parece que todos devem aprender a falar mandarim e a escrever códigos para computadores. Os mais jovens devem entrar para o campo da ctem: ciência, tecnologia, engenharia e matemática.

E tudo isso soa verdadeiro e razoável. Mas você não pode dizer que o que aprende na aula de Literatura não importa. Que a ficção não faz diferença.

Eu estou diferente. É difícil expor em palavras, mas é a verdade.

As palavras são importantes. Basicamente, é isso que a sra. Q vem nos dizendo desde o início. As palavras são *importantes*. Durante todo o semestre, procuramos palavras para dizer o que precisávamos dizer. Estávamos todos à procura das nossas vozes.

Paro no caminho frio e olho para as árvores nuas e magras contra o céu claro. Despojadas, penduradas até o grande momento em que brotarão as folhas, o que só acontecerá daqui a alguns meses. É como se estivessem hibernando agora, esperando a primavera. Ausentes em algum tipo de espera, assim como Sierra.

Ela também precisa ser capaz de brotar, voltar a ficar verde, ter uma vida. Ela precisa disso tanto quanto o resto de nós. Mas como posso dar isso para ela? Como encontrar as palavras?

Quando pedi que a enfermeira do hospital local gritasse para que Sierra voltasse da Redoma, desejei muito que tivesse funcionado do modo como funcionou quando Griffin me chamou, permitindo que eu saísse daquela louca versão caprina da Redoma e voltasse para ele. Mas é claro que isso não funcionou com Sierra.

No Celeiro, descobri o que precisava dizer. Mas talvez não sejam apenas as palavras que são importantes e, sim, aquela outra coisa que a sra. Q nos disse hoje. A voz. Não importa apenas *o que* você diz. Importa *quem* o diz.

Importa de quem é a voz.

Dou meia-volta e me encaminho para o dormitório o mais rápido possível, minha respiração visível no ar, meus pés batendo com força no chão. Felizmente, ninguém está usando o telefone público. Aquele mesmo maldito telefone no qual falei muito tempo atrás, implorando para que minha mãe me deixasse voltar para casa. Na época, eu não sabia de nada. Eu não sabia que se você aguentar, se você se esforçar ao máximo para ter um pouco de paciência em meio a toda a sua ansiedade, as coisas podem mudar. É algo difícil e sempre bastante confuso. Mas não há maneira de evitar a desorientação.

Tenho o número da casa de Sierra, que ela havia escrito para mim num pedaço de papel antes do feriado de Ação de Graças. Digito os números e o telefone toca por um longo tempo antes de alguém atender. É um homem. Cansado, na defensiva. Com certeza, a família Stokes tem recebido muitos telefonemas de jornalistas e malucos desde que André foi encontrado.

— É o sr. Stokes? — pergunto, apressada. — Sou Jam, amiga de Sierra no Celeiro, em Vermont. Talvez ela tenha lhe falado a meu respeito.

Ouço um suspiro.

— Sim — diz ele. — Sei quem você é. Ela gostava de você.

— Sr. Stokes, estou incrivelmente feliz por André ter voltado. Quero dizer, essa é a melhor notícia do mundo. Mas sei que é como se Sierra também tivesse partido. E talvez você acredite que ela foi embora para sempre. Mas eu tive uma ideia. Não posso explicar, seria muito complicado, mas eu gostaria de saber se

podemos dizer algo para Sierra e ver se isso chega até ela. Bem, não seria *eu* quem teria que dizê-lo.

— O que você está falando? — indaga o sr. Stokes.

— Poderia chamar André ao telefone?

Há uma longa pausa e ouço uma discussão murmurada ao fundo. Por fim, o sr. Stokes volta e diz que sabe que Sierra gosta muito de mim e que, então, tudo bem, espere.

Então o telefone é baixado, e passa um longo tempo até alguém pegá-lo de novo e a voz de um menino adolescente dizer:

— Alô.

— André, aqui é Jam, amiga de escola de Sierra. Estou tão incrivelmente feliz que você esteja em casa. — Falo rápido, certificando-me de que terei oportunidade de dizer tudo. — Veja, você não me conhece, mas eu tenho um favor muito estranho a lhe pedir. É importante. Eu sei que vai parecer loucura. Mas eu preciso que você saiba que eu *não* sou louca.

— Espere. Você não estuda na mesma escola em Vermont para a qual minha irmã foi enviada? A escola de loucos?

— Sim, estudo no Celeiro. A maioria de nós na escola tem *problemas*, só isso. Estou ligando para você porque sei de uma coisa. Algo importante que talvez possa ajudar. — Ele fica em silêncio e eu continuo a falar. — Você precisa ir até ela, André, e dizer uma coisa. Por favor. Ela acha que é melhor ficar onde está. Mas não é. Não pode ser melhor apenas… você sabe… estagnar. Quero dizer, mesmo se você não tivesse sido encontrado… e, ó meu Deus, graças a Deus você foi… ainda assim ela deveria ter voltado e enfrentado o mundo. É melhor assim. Sei disso por experiência própria. Sim, eu sei que se ela voltar tudo parecerá incerto, às vezes aterrorizante, mas há outras coisas também. E ela tem você. Vocês têm um ao outro. E o que mais lhe reserva o futuro.

Faço uma pausa. Ele não diz nada. Tenho certeza de que ele não faz ideia do que estou falando.

— André, você tem papel e lápis à mão? — pergunto. — Porque você precisa saber a palavra exata. Ela precisa *ouvir* claramente cada palavra. Apenas vá até seu leito no hospital, quando você estiver sozinho com ela. Faça isso logo, está bem? Tipo, assim que puder? Tipo logo *mesmo*? E diga as seguintes

palavras: “Sierra, sou eu, André. Estou aqui. Saia da Redoma”.

Seu terrível silêncio continua.

— Você entendeu, André? Você poderia repetir para mim para que possamos ter certeza de que você entendeu direito?

O silêncio se prolonga por tanto tempo que finalmente preciso dizer:

— Alô? Você ainda está aí? André?

Mas não há nenhuma resposta. Ele se foi, e não sei quando ele desligou, ou se ouviu o que eu disse.

22

Acontece rápido. na manhã seguinte, no dia em que todos deveríamos sair para as nossas férias de inverno, alguém bate à minha porta às seis horas. Quando abro, vejo Jane Ann chorando, vestindo seu curto roupão cor-de-rosa.

Tudo o que consigo pensar é: e agora? O que mais pode ter acontecido?

— Eu queria que você fosse a primeira a saber — diz ela. — Sierra acordou ontem, tarde da noite.

Jane Ann está chorando, mas também está rindo.

André conseguiu. Ele conseguiu.

Tenho permissão para dar a notícia sobre Sierra durante o café da manhã. Há gritos e aplausos por toda parte. Estou desesperada para falar com ela, é claro, mas não quero forçar. Imagino que em breve ela entrará em contato comigo, embora eu não saiba quanto tempo terei que esperar. Imagino a família Stokes reunida na sua casa em Washington, não querendo se separar nunca mais.

Ainda hoje, estarei com minha própria família. Tento tomar o café da manhã, mas estou tão emocionada com a notícia sobre Sierra, isso para não mencionar tudo o mais que aconteceu comigo e com todos da nossa classe, que mal consigo comer. Fiz Jane Ann jurar que a sra. Quenell seria informada sobre o despertar de Sierra antes de ir embora de casa para sempre.

Fico sentada no refeitório me sentindo da mesma maneira que me senti no primeiro dia em que cheguei ao Celeiro. Ao meu redor ouço o tilintar de pratos, copos, colheres e o som característico que ouvi em dezenas de desjejuns, o da torradeira industrial ejetando seis fatias de pão. A sala cheira a ovo, manteiga e café. Tanto estímulo e brilho é demais para mim, exige muito da minha mente, de modo que fico sentada, vestindo o casaco de Griffin com o capuz erguido e segurando uma caneca de chá forte.

Percebo que estou ansiosa com a chegada dos meus pais. Eles logo estarão aqui para me buscar, eu sei, e Griffin planeja passar no meu quarto para conhecer minha mãe, meu pai e Leo.

— Acho que eles deveriam saber quem eu sou — ele explicou, e eu

concordei, apesar de ter motivos para estar nervosa.

E se eles acharem que eu *exagerei* seu interesse por mim? E se não acreditarem que estamos envolvidos?

Não, estou diferente agora. Tudo o que eles precisam fazer é passar cinco minutos comigo e com Griffin, ver o enorme casaco com capuz que eu gosto de usar, observar o modo como Griffin e eu trocamos olhares que nada têm a ver com qualquer outra pessoa no quarto. Eles verão.

Na noite anterior, minha mãe me disse ao telefone que, se eu quisesse voltar para Crampton na primavera, talvez valesse a pena tentar. Mas não, respondi, realmente quero continuar no Celeiro, ao menos até o fim do ano letivo. Meus amigos estão aqui; minha vida está aqui. Já recebi minha grade para o próximo semestre, e algumas das minhas matérias parecem ser muito interessantes, incluindo uma aula de teoria musical com um novo e jovem professor. E, claro, Griffin estará aqui.

Talvez eu volte para casa no último ano; isso é possível. O Celeiro é um lugar um tanto isolado. Desde que vim para cá, não pensei muito sobre o que está acontecendo no mundo.

Também sinto falta de navegar pela internet tarde da noite e de trocar torpedos com minhas amigas. Chego a sentir falta daquelas amigas. Nunca soube por que Hannah e Ryan se separaram. Espero que ela esteja bem, e sinto muito por não estar ao seu lado quando isso estava acontecendo na sua vida. Eu não sei se ela realmente vai superar o fato de eu ter distorcido tudo. Eu não a culparei se ela nunca perdoar o que fiz. Mas talvez, de algum modo, possamos voltar a nos tratar de modo amigável, isso se não voltarmos a ser amigas de verdade.

Não será fácil voltar a Crampton no último ano. Dana Sapol ainda estará lá, e Danny Geller, e todos os outros, exceto Reeve, é claro, que já voltou para a Inglaterra. Ninguém jamais esquecerá como desmoronei publicamente por causa de um garoto que eu mal conhecia. E nunca serei capaz de explicar isso para eles.

Mas, talvez, se eu voltar e alguém me perguntar o que aconteceu, posso interromper a conversa dizendo com tranquilidade: “As pessoas mudam”.

Sim, eu definitivamente terminarei o ano letivo no Celeiro, mas no próximo ano terei que pensar o que fazer.

dj voará para casa na Flórida no fim da tarde. Agora, ao meio-dia, estamos esparramadas na cama, tentando nervosamente passar o tempo. Minha mala está feita e fechada, e estou esperando o carro dos meus pais estacionar do lado de fora do dormitório. Espero como um cão o ruído dos pneus sobre a neve.

— Então, o que você vai fazer nas férias? — pergunta dj.

— Dormir até tarde, para começo de conversa.

— Ah, eu também — diz ela.

— E comprar roupas que não sejam de flanela — acrescento. — Ficar com meu irmão mais novo: Leo, o viajante do outro mundo. Conversar com Griffin e Sierra. Comer pizza. Esse tipo de coisa.

— Parece legal — diz dj. — Por falar em pizza, estou morrendo de fome.

— Isso é código para "estou prestes a ter uma emergência alimentar"?

— Não, é código para "estou morrendo de fome". Mal tomei o café da manhã.

— Nem eu.

— Estou um pouco alterada — confessa dj. — Rebecca e eu tivemos uma despedida emocionada. Eu sei que seus pais tentarão fazer uma lavagem cerebral quando ela voltar para casa. Dirão que ser gay é apenas uma fase. Só espero que ela continue forte. Forte e gay.

— Ela vai continuar.

— De qualquer modo, meu estômago estava embrulhado durante o café da manhã, motivo pelo qual quase não comi.

— Você tem bolachas escondidas em algum lugar, dj?

— Sim.

— Então vá buscá-las.

Ela pega uma caixa de bolachas do fundo de uma gaveta da sua escrivaninha, e eu vou até a gaveta da minha cômoda e tiro dali o pote de geleia Tiptree Little Scarlet Strawberry que decidi que jamais abriria enquanto vivesse.

Examino o rótulo e sinto a superfície de vidro fria e lisa do pote.

— Parece que esse negócio é muito bom — digo.

Tentando parecer casual, seguro a tampa do pote e a giro. A tampa emite um estalo surpreendentemente forte, como se estivesse liberando não apenas ar, mas alguma outra coisa que havia muito tempo estava louca para ser liberada.

Então, sento de pernas cruzadas na cama, encostada no *study buddy*, de frente para dj, e com uma faca um tanto curva que roubei do refeitório espalho um pouco daquela geleia vermelho-escura sobre duas bolachas, uma para ela, outra para mim. Quando levo minha bolacha à boca, o gosto doce me surpreende. Eu saboreio lentamente.

Agradecimentos

Tive a sorte de estar cercada de pessoas sábias e generosas enquanto escrevia este livro. Considero-me particularmente uma pessoa de sorte por contar com os conselhos e com a competência de Courtney Sheinmel, maravilhosa escritora, leitora e amiga. Foi Courtney quem me apresentou à sua amiga, a escritora Julia DeVillers, que não apenas fez sugestões muito úteis, como também me apresentou sua maravilhosa filha, Quinn DeVillers, que tinha coisas incrivelmente inteligentes e úteis a me dizer.

Emma Kress, extraordinária professora e escritora, ofereceu sua sabedoria; Adele Griffin, escritora a quem admiro muito, foi uma das primeiras leitoras e muito cuidadosa. Agradeço a Delia Ephron por sua perspicácia, apoio e amizade; e a Kaye Dyja, por me dar uma perspectiva honesta e completa de um adolescente. A Jennifer Gilmore, por seu olhar sensível, gentileza e tudo o mais. A Marta Parker, por estar presente em cada passo do caminho. E à minha mãe, Hilma Wolitzer, por me ensinar tudo o que sabe sobre redação de romances. E, é claro, ao meu marido, Richard Panek, por seu amor e apoio. Agradecimentos também para Laura Bonner, da agência wme, por seu excelente trabalho e incansável entusiasmo.

Agradeço também a Michelle Kutzler, PhD em veterinária, que cedeu parte do seu tempo para me esclarecer a respeito de delicados aspectos referentes ao parto de cabras. Minha agente, Suzanne Gluck, que, embora não seja versada nesse campo específico (pelo que eu saiba), entende tudo a respeito de como ajudar um escritor a trazer um livro ao mundo. Através de Suzanne, encontrei um lar muito feliz na Dutton e na Penguin Young Readers, onde fui beneficiada pela grande bondade e pelos cuidados do fantástico Don Weisberg.

Por fim, tenho uma grande dívida de gratidão para com minha editora, Julie Strauss-Gabel, a quem não posso agradecer o bastante por suas sugestões, paciência e brilho em geral. Sem os conselhos de Julie, não existiria a Redoma nem *Redoma*.

[1] “Colega de estudos”, em inglês. Tipo de travesseiro com braços para estudar na cama. (N. T.)
[2] “Jam” em inglês. (N. T.)
[3] Data comemorada no Reino Unido em 26 de dezembro onde diversas lojas queimam seus estoques em grandes liquidações. Nessa data, também acontecem rodadas de todas as ligas de futebol. (N.R.)
[4]*Spotted dick*, em inglês. Tipo de bolo contendo frutas secas. (N. T.)
[5]*Jam*, em inglês. (N. T.)